

CRISTIANE JUSSARA ROMANATTO

**DA ORTOGRAFIA PARA A FONÉTICA E A FONOLOGIA NOS
SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA**



CRISTIANE JUSSARA ROMANATTO

DA ORTOGRAFIA PARA A FONÉTICA E A FONOLOGIA NOS SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: História da ortografia da língua portuguesa (análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática)

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – SP
2011

Romanatto, Cristiane Jussara
Da ortografia para a fonética e a fonologia nos Sermões do Padre
Antônio Vieira / Cristiane Jussara Romanatto. – 2011
233 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus
de Araraquara

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

1. Linguística. 2. Língua Portuguesa – Histórica. 3. Vieira, Antônio,
1608-1697. I. Título.

CRISTIANE JUSSARA ROMANATTO

DA ORTOGRAFIA PARA A FONÉTICA E A FONOLOGIA NOS SERMÕES DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Linguística, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: História da ortografia da língua portuguesa (análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática)

Orientador: Luiz Carlos Cagliari

Bolsa: CNPq

Data da defesa: 22/03/2011

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Cagliari

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho

Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Marília

Membro Titular: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Neusa e Nelson, pelo constante incentivo aos estudos e pela incondicional dedicação e zelo. Sem o apoio deles, não sei se chegaria até aqui...

À minha irmã, Jessica, por sempre ouvir minhas dúvidas, meus anseios, meus medos e sempre ter uma palavra amiga, incentivadora e reconfortante... Obrigada, também, por me auxiliar na diagramação dos textos.

Ao meu orientador, Cagliari, pela confiança e, acima de tudo, amizade. Agradeço muito sua disponibilidade ao me aceitar como orientanda, ainda na graduação e me incentivar a prosseguir os estudos no mestrado. Agradeço o fato de ele ser esta pessoa maravilhosa, que respeita nossas ideias, valoriza nossas iniciativas, está sempre aberto ao diálogo, enfim, nos prepara, de fato, para a autonomia acadêmica. Muito obrigada por tudo, mesmo!

Ao professor Chacon e à professora Cristina, pela leitura atenta deste trabalho e pelos comentários e sugestões enriquecedores.

Ao CNPq, por financiar este projeto.

A todos os envolvidos com o sucesso da UNESP/FCL-Ar, enquanto instituição de ensino superior preocupada com uma formação sólida de todos os seus alunos, tanto da graduação quanto da pós-graduação. Obrigada pelas oportunidades oferecidas.

RESUMO

Este trabalho procurou estudar e descrever a ortografia utilizada pelo Padre Antônio Vieira, nos sermões "Sermão da Sexagésima" (1679) e "Sermão da Rainha Santa Isabel" (1682). Partindo da ideia de que ortografia está intimamente associada aos sistemas de escrita e que, em decorrência disso, ela possui uma função **neutralizadora** (ou seja, barra, na escrita, a transposição das variações linguísticas), não sendo, então, sinônimo apenas de um conjunto de formas gráficas empregado em um determinado período (caso das periodizações), ou apenas um conjunto de preceitos para a escrita correta das palavras, procuramos mostrar que a ortografia dos sermões representa um sistema ortográfico próprio e coerente. As flutuações ortográficas registradas não são, necessariamente, erros, mas tentativas de adequações da fala pela escrita e acabam revelando marcas fonéticas e fonológicas da língua. Então, a partir das palavras com flutuações ortográficas, estabelecemos os contextos de ocorrência das letras nas palavras e fizemos hipóteses fonético-fonológicas sobre elas. Para legitimar as hipóteses, consultamos, sempre, os comentários dos ortógrafos Duarte Nunes de Leão (1576), Bento Pereira (1666), Franco Barreto (1671) e Madureira Feijó (1734), importantes autores preocupados com a sistematização da Língua Portuguesa e que, em suas ortografias, fazem observações sobre a pronúncia do Português de épocas próximas à de Vieira. Através da comparação entre dados coletados e preceitos dos ortógrafos, evidenciamos que as flutuações eram comuns, já que não havia consenso entre as pessoas, inclusive entre os doutos da época, sobre a melhor forma de se representar a escrita portuguesa. Desta forma, as flutuações, nos sermões, são justificáveis. Além do estabelecimento das preferências ortográficas nestes dois sermões do século XVII, esperamos contribuir, também, com o estudo e construção da História da Língua Portuguesa, na medida em que os dados apurados nesta pesquisa revelam-se opções ortográficas viáveis e produtivas na época de produção dos textos. O estudo de obras e textos específicos favorece a caracterização mais precisa de tendências gráficas e ortográficas e, por extensão, fonéticas e fonológicas de uma determinada época.

Palavras-chave: Escrita. Ortografia. Variação linguística. História da Língua Portuguesa. Sermões do Padre Antônio Vieira.

RÉSUMÉ

Ce travail a cherché étudier et décrire l'orthographe employée par le Père Antônio Vieira, dans les sermons "Sermão da Sexagésima" (1679) et "Sermão da Rainha Santa Isabel" (1682). En partant de l'idée que l'orthographe est étroitement associée aux systèmes d'écriture et que, à cause de ça, elle a une fonction de **neutralisation** (c'est à dire, elle barre la transposition des variations linguistiques dans l'écrit), de manière que l'orthographe, alors, n'est pas synonyme d'un ensemble de formes graphiques employé dans une période déterminée (cas des périodisations) ou tout simplement un ensemble de préceptes pour l'écrit correcte des mots, nous avons essayé montrer que l'orthographe des sermons constitue un système orthographique propre et cohérent. Les fluctuations orthographiques enregistrées ne sont pas, nécessairement, des erreurs, mais elles sont tentatives d'adéquation de la parole par l'écriture et elles finissent par révéler des marques phonétiques et phonologiques de la langue. Alors, à partir des mots qui ont des fluctuations orthographiques, nous avons établi les contextes d'apparition des lettres dans les mots et nous avons fait des hypothèses phonétique-phonologiques à propos d'elles. Pour légitimer les hypothèses, nous avons consulté, toujours, les commentaires des orthographes Duarte Nunes de Leão (1576), Bento Pereira (1666), Franco Barreto (1671) et Madureira Feijó (1734), auteurs importants préoccupés avec la systématisation de la Langue Portugaise et qu'ils font, dans leurs orthographes, des observations sur la prononciation du Portugais de l'époque prochaine à de Vieira. En comparant les données recueillis et les préceptes des orthographes, nous avons constaté que les fluctuations étaient communes, car il n'y avait pas de consensus parmi les gens, même parmi les savants de l'époque, sur la meilleure forme de représenter le Portugais écrit. Ainsi, les fluctuations, dans les sermons, sont justifiables. Au-delà de l'établissement des préférences orthographiques dans ces deux sermons du siècle XVII, nous espérons contribuer à l'étude et la construction de l'Histoire de la Langue Portugaise, car les données analysées dans cette recherche se révèlent options orthographiques viables et productives dans l'époque de production des textes. L'étude d'oeuvres et de textes spécifiques favorise la caractérisation plus précise de tendances graphiques et orthographiques et, par extension, phonétiques et phonologiques d'une déterminée époque.

Mots-clés: Écriture. Orthographe. Variation linguistique. Histoire de la Langue Portugaise. Sermons du Père Antônio Vieira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Padre Antônio Vieira</i> , por Arnold Van Westerhout, séc. XVII.....	23
Figura 2 – <i>Padre Antônio Vieira pregando aos índios</i> , por C. Legrand, 1841	28
Figura 3 – Página de abertura do SS	53
Figura 4 – Página final do SS	55
Figura 5 – Página de abertura do SRSI	57
Figura 6 – Página final do SRSI.....	59
Figura 7 – Página das Erratas, do volume onde está contido o SS.....	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características fonético-fonológicas das vogais com acentuação gráfica.....	79
Quadro 2 – Estruturas silábicas que ocorrem na Língua Portuguesa.....	86
Quadro 3 – Estruturas silábicas encontradas nos sermões	87
Quadro 4 – Ocorrências de palavras com flutuação no emprego de <y> e <i>.....	90
Quadro 5 – Ocorrências de palavras com <y> como núcleo silábico.....	93
Quadro 6 – Ocorrências de palavras onde o <u> é substituído por <v>.....	98
Quadro 7 – Ocorrências de palavras com flutuação gráfica na escrita do som nasal	103
Quadro 8 – Ocorrências de palavras que apresentam flutuação no emprego do til	112

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	14
1.1 A Europa no século XVII	14
1.2 Portugal no século XVII	17
1.3 Brasil no século XVII	20
1.4 Vida e obras de Antônio Vieira	23
2 O LIVRO IMPRESSO	35
2.1 O livro impresso em Portugal	37
2.2 A tipografia e as línguas nacionais	38
3 ESCRITA E SEU ESTUDO	40
3.1 Ortografia e sistemas de escrita	41
3.2 Escrita alfabética e questões ortográficas	42
3.3 O Português como sistema de escrita alfabética: intervenções ortográficas	44
3.4 Considerações sobre periodização	48
4 OS SERMÕES	52
4.1 Aspectos tipográficos gerais	52
4.2 A escrita	59
4.3 As Erratas	61
5 ANÁLISE DA ORTOGRAFIA DOS SERMÕES	63
5.1 Acentos e sinais de pontuação	63
5.1.1 Acento agudo (´)	64
5.1.2 Acento Grave (`)	72
5.1.3 Trema (¨)	80
5.1.4 Til (~)	80
5.1.5 Sinais de pontuação	82
5.2 Abreviaturas	83
5.3 Estruturas silábicas: vogais e consoantes	85
5.3.1 Vogais	87

5.3.1.1	Uso de <I>, <i> e <y>	88
5.3.1.2	Uso de <U>/<V> e <u>/<v>	94
5.3.1.3	Uso de vogais dobradas	98
5.3.1.4	Uso de <am>, <ão> e <aõ>	103
5.3.1.5	Flutuação no emprego do til (~) no segmento	109
5.3.1.6	Flutuação no emprego de <eo>/<eos> e <eu>/<eus> e <ua> e <oa>	112
5.3.1.7	Uso de <e> e <i>/<y>.....	115
5.3.1.8	Flutuação no emprego de <i>/<y> e nulo em certos contextos.....	117
5.3.1.9	Flutuação na escrita da palavra <i>assim</i>	118
5.3.2	Consoantes.....	118
5.3.2.1	Uso de <J>, <I> e <j>.....	120
5.3.2.2	Uso de <V>, <v> e <u>.....	122
5.3.2.3	Uso de <ç>.....	126
5.3.2.4	Uso de consoantes duplicadas	128
5.3.2.5	Uso de grupos consonantais gregos (ch, ph, th, rh) e latinos (ct, gm, mn, pt)	138
5.3.2.6	Uso de <h>: visão geral	145
5.3.2.7	<x> com valor fonético de [is]	148
5.3.2.8	Flutuação entre <l> e <r>	150
5.3.2.9	Flutuação entre <c> e <qu>	150
5.3.2.10	Flutuação entre <c> e <sc>	151
5.3.2.11	Flutuação entre <s> e <z>	151
5.3.2.12	Flutuação entre <ç> e <cç>	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		154
REFERÊNCIAS		157
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA		161
ANEXO A – Sermão da Sexagésima (1679)		154
ANEXO B – Sermão da Rainha Santa Isabel (1682).....		197

INTRODUÇÃO

O estudo da ortografia portuguesa, ao longo de sua história, traz contribuições valiosas para o estabelecimento dos variados processos fonético-fonológicos e, por consequência, morfológicos, sintáticos e semânticos que interferiram (e ainda interferem) no sistema da língua, de modo a torná-la produtiva e singular, enquanto expressão linguística de um povo.

São significativamente importantes os estudos que, voltados para um período específico da história da Língua Portuguesa (por exemplo, o período medieval), ressaltam as características recorrentes e comuns atestadas em um conjunto de documentos e textos históricos e que acabam servindo para a demarcação dos processos fonético-fonológicos, com reflexo na ortografia, próprios deste período.

Contudo, quando falamos de **Ortografia**, não devemos apenas pensar em um conjunto de formas gráficas empregado em um determinado período (caso das periodizações), ou, ainda, apenas um conjunto de preceitos para a escrita correta das palavras. Ela é muito mais do que isto.

Associada aos sistemas de escrita, que, por sua vez, se relacionam com a fala (são a representação dela), a história da ortografia "[...] é um conjunto de ocorrências que podem ser encontradas, analisadas e classificadas em função do tempo e do lugar onde ocorreram." (CAGLIARI, 2009a, p. 18) As flutuações ortográficas não são meros erros, mas tentativas de adequação representativa de tudo aquilo que é pronunciado. As especificações do uso de cada letra só ocorrem porque, primeiramente, refletem a função neutralizadora da ortografia (para barrar transposição das variações linguísticas na escrita) e também devido à tradição, já que a escrita, como uma marca cultural, deve ser transmitida, padronizadamente, a todos os seus usuários (caso das ortografias oficiais).

Desta forma, podemos falar não em uma única ortografia, mas em várias, conforme textos, documentos, escritores, momento histórico etc.

Este trabalho, sob esta perspectiva de ortografia, nasceu de uma proposta de estudo sugerida por Luiz Carlos Cagliari, no artigo "A ortografia nos Sermões do Padre Antônio Vieira"¹. Interessado no estabelecimento de ortografias usadas em diferentes documentos, Cagliari também orientou o estudo detalhado da *Carta de Pero Vaz de Caminha* e do clássico *Os Lusíadas*, ambos os estudos (frutos, respectivamente, de mestrado e de doutorado) feitos por Nazarete de Souza.

¹ Ver indicação completa em **Referências**, no final da dissertação.

A partir do estudo detalhado de dois textos do Padre Antônio Vieira, procuramos descrever a ortografia empregada pelo jesuíta, destacando, principalmente, as flutuações ortográficas encontradas. Para isso, detivemos nosso olhar:

- a) nas flutuações relacionadas às vogais,
- b) nas flutuações relacionadas às consoantes.

Por meio destas observações, foi possível detectarmos que ambas as flutuações, na maioria de suas ocorrências, acarretam mudanças fonético-fonológicas e estas, por sua vez, podem ter relação com questões morfológicas/sintáticas.

Primeiramente, decidimos trabalhar dois sermões de Padre Vieira porque ele foi uma pessoa muito importante no campo cultural, social, político e literário português do século XVII. Além disso, devido à sua forte influência, seus escritos foram, sem dúvida, objetos de prestígio e, sua escrita, modelo a ser seguido. E, embora os textos sejam impressos (logo, havendo interferência de um impressor), para a publicação dos volumes de seus sermões, Vieira teve o cuidado de selecioná-los e prepará-los.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram tomados, aleatoriamente, os sermões "Sermam da Sexagesima" e "Sermam da Rainha Santa Isabel". O primeiro, publicado em 1679, no primeiro volume, impresso pela Officina de Ioam da Costa, é o texto que inicia a coletânea e, sem dúvida, é uma das mais famosas e importantes criações literárias do jesuíta. O segundo sermão, impresso pela Officina de Miguel Deslandes em 1682, é o texto que encabeça o segundo volume.

Preocupados com a descrição da ortografia de Vieira nestes sermões específicos, principalmente para o levantamento dos principais casos de flutuações ortográficas encontrados, nos pautamos nas versões facsimiladas dos dois primeiros volumes, disponibilizadas pela Biblioteca Nacional de Lisboa, no seu acervo digitalizado², bem como as edições também facsimiladas dos sermões feitas pela Ed. Anchieta³. A partir destas reproduções, fizemos uma nova edição dos textos selecionados (foram passados para o programa Word), que serviu de base para a coleta dos dados relevantes.

A princípio, foi feito um levantamento das letras, dos sinais de pontuação e demais marcas gráficas empregados nos textos. Depois, a fim de serem identificadas as palavras com flutuações ortográficas (pois são exatamente as flutuações gráficas que permitem levantar

² Ver indicações em **Referências**.

³ Ver indicações em **Referências**.

hipóteses que ligam a ortografia à fonética e à fonologia), cada palavra foi pesquisada em todo o documento editado.

Também procuramos observar, nos textos, características ortográficas apontadas como recorrentes na época do século XVII por estudiosos como Williams (1975), Castro (1991), Coutinho (1974), Teyssier (1994).

A partir das flutuações, foram estabelecidos os contextos de ocorrência das letras nas palavras e feitas hipóteses fonético-fonológicas sobre as ocorrências. Para legitimar as hipóteses, consultamos, sempre, os comentários dos ortógrafos Duarte Nunes de Leão, Bento Pereira, Franco Barreto e Madureira Feijó, importantes autores preocupados com a sistematização da Língua Portuguesa e que, em suas ortografias, fazem observações sobre a pronúncia do Português de épocas próximas à de Vieira.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, pudemos constatar que, embora haja uma (pequena) distância temporal entre a impressão dos sermões (3 anos) e embora as tipografias responsáveis pelas impressões sejam distintas (mas não menos importantes, para a época)⁴, a ortografia, em ambos os textos, é constante e grande parte dos casos de flutuações encontrados ocorrem nos dois sermões (em alguns casos, a palavra ocorre apenas em um dos sermões). Em função disso, em alguns casos, não nos preocupamos em listar exaustivamente todas as ocorrências com flutuações, mas apenas registrá-las e exemplificá-las com palavras de ambos os sermões. Mas, nos casos de ocorrências limitadas, indicamos todas elas.

Os exemplos foram retirados diretamente dos textos facsimilados, apresentados no final da dissertação. Para auxiliar na procura dos exemplos, inserimos, nos facsímiles, numeração de linha e numeração das colunas.

No corpo da dissertação, os exemplos foram indicados da seguinte forma:

palavra (SS C2, 112)

palavra (SRSI, C2, 112)

em que **SS** corresponde a **Sermão da Sexagésima**, **SRSI** corresponde a **Sermão da Rainha Santa Isabel**, **C** corresponde à **coluna** e **I** corresponde à **linha**.

⁴ Embora Vieira tenha cuidado minuciosamente da preparação dos sermões para a impressão, não podemos descartar intervenções dos tipógrafos, já que deviam manter certo padrão nas suas publicações.

Uma vez estabelecidas as flutuações⁵ ortográficas e feitos os comentários e observações pertinentes, a dissertação foi organizada em cinco seções.

Na primeira seção, fizemos uma contextualização histórica do período em que Vieira se insere (destacando aspectos políticos e socioculturais da Europa e, mais especificamente, de Portugal e do Brasil), bem como uma explanação da vida particular de Vieira, de suas ideias e de suas ações.

Na segunda seção, abordamos aspectos relativos ao livro impresso. Uma vez que esta pesquisa teve por material de análise textos impressos do século XVII, achamos pertinente comentar e destacar a relevância dos tipógrafos portugueses, principalmente os responsáveis pela impressão dos dois sermões, como também destacar a importância da tipografia, enquanto arte e meio difusor de conhecimento e cultura, e sua influência na formação e consolidação das línguas nacionais.

Na terceira seção, apresentamos as bases teóricas que norteiam esta pesquisa. Definimos o que é a ortografia, sua relação com os sistemas de escrita e, principalmente, seu uso na Língua Portuguesa.

Na quarta seção, apresentamos descrições de aspectos tipográficos gerais dos dois sermões analisados.

Na quinta seção, temos os usos ortográficos gerais, bem como as flutuações ortográficas encontradas, seguidas por hipóteses e pelos comentários dos ortógrafos supracitados.

Finalmente, em Anexos, encontram-se os dois sermões facsimilados, adequados com a indicação de colunas e linhas e, em Referências e Bibliografia Consultada, os textos, artigos e livros que nortearam e enriqueceram esta pesquisa.

⁵ Poderíamos, também, empregar o termo **variação**. Assim, **flutuação** e **variação** indicam elementos que podem mudar, que podem se apresentar de outra forma. Contudo, por tratarmos de aspectos linguísticos, optamos por utilizar, exclusivamente, **flutuação**, já que ao termo variação (e aos seus derivados) estão associadas questões de natureza sociolinguística. Evidentemente, as flutuações encontradas podem remeter a variações linguísticas.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA⁶

1.1 A Europa no século XVII

Os séculos XV e XVI representam o período de desenvolvimento, expansão e consolidação de poderes por toda a Europa. É o momento de pioneirismos marítimos, efetivação do comércio, crescimento das cidades e florescimento e fortalecimento do espírito nacional. Como consequência, também é um momento marcado por conflitos religiosos, estando estes associados às mudanças de pensamento sobre Deus, o mundo e, principalmente, sobre o homem (e, desta forma, sobre suas competências e responsabilidades). Com efeito, passados os tempos em que tudo se resumia e se bastava nas vontades e disposições divinas, cujas representações terrenas cabiam à figura do papa, o foco volta-se para o homem, enquanto indivíduo dotado de potencialidades; assim, passa a ser valorizado tudo aquilo que com ele se relaciona. É, pois, a época do Renascimento.

No feudalismo, o sistema bastava-se em relações servis, em que não havia mobilidade entre os estamentos e, principalmente, no poder exercido de forma descentralizada, uma vez que cada feudo era protegido e dirigido por seu senhor. Nessa época, tudo o que era produzido destinava-se somente ao consumo próprio. Contudo, com o passar do tempo, o sistema acabou entrando em crise, pois, com o aumento da população, a demanda por alimentos, habitação e trabalho exigiu uma reorganização do sistema. As saídas encontradas para tal crise foram, de um lado, as Cruzadas, como meio de ampliação de território (embora o caráter religioso não deva ser negado – já que o homem medieval era, antes de tudo, um servidor de Deus) – e, de outro, o início e desenvolvimento das relações comerciais, baseadas na troca e na moeda. Nasceu, assim, o pré-capitalismo, incutindo nos espíritos o racionalismo econômico, pautado, sobretudo, nas vantagens do lucro.

Com esse processo, o isolamento dos feudos cedeu lugar à formação dos povoados e cidades. Surgiu a classe burguesa, formada pelos artesãos e pequenos comerciantes, que se agrupavam nas corporações ou grêmios. O comércio, por sua vez, tomou proporções internacionais. Passaram, pois, a ser estabelecidas rotas marítimas e terrestres ligando as diversas regiões europeias, orientais e também da América. Para auxiliar essa

⁶ Esta seção, escrita com base nos trabalhos de Fausto (2006), Saraiva (1978) e Arruda; Piletti (1995), é um resumo dos principais acontecimentos que marcaram/prepararam a vida social, política e cultural da Europa e, especificamente, de Portugal e do Brasil do século XVII.

expansão comercial, foram aperfeiçoados e criados aparelhos e melhores transportes. Surgiram as companhias mercantis⁷, como também uma política protecionista e a exploração colonial.

Por sua vez, a Igreja perdeu o poder e a influência que exercia sobre seus fiéis. O novo sistema econômico e social que se desenvolvia demandava valores outros do que os propagados pela Igreja, principalmente quando referentes ao lucro – associado à prática da usura. Além disso, certas práticas e atitudes do clero, calcadas, sobretudo, em valores mundanos (como o luxo exagerado, a venda de objetos sagrados, a quebra do celibato etc.) levantavam questionamentos de seus fiéis. Não foi, pois, por acaso, que, no século XVI, ocorreram as grandes Reformas Religiosas, preocupadas, sobretudo, com a liberdade do indivíduo de ler e interpretar as Escrituras por si só, de modo racional. Obviamente, fatores políticos também foram cruciais para a propagação das ideias da Reforma.

Ora, durante o período medieval, o poder papal estava acima de qualquer outro poder. Com o novo sistema, passou a assumir importância a figura do rei e a ele coube o controle e subserviência de tudo e de todos os que estavam em seus domínios. Dessa forma, para que a centralização do poder fosse efetivada, o rei deveria submeter a si inclusive a Igreja. Como consequência, na figura do rei, o poder se tornava absoluto.

O crescente contato entre regiões distintas, por causa do comércio, favoreceu a criação dos Estados Nacionais, dirigidos pelos monarcas. De fato, em termos econômicos, a unificação nacional representava a uniformização de leis, pedágios alfandegários, moedas etc., para a conquista de novos mercados, além de somente o monarca ter o poder e competência para reunir recursos de toda a nação para financiar empreendimentos de expansão marítima e comercial⁸.

Sob o espírito do lucro, os homens do Renascimento orientavam-se pela ótica do racionalismo (em oposição ao misticismo e teocentrismo do período anterior): somente através da racionalização é que as diferenças poderiam ser notadas e as coisas poderiam ser provadas. Voltando suas preocupações para si próprios, os renascentistas passaram a valorizar tudo o que lhes era inerente: a língua vernácula (que passou a ser o símbolo da identidade nacional); a cultura greco-latina, tendo-se a preocupação de traduzir os textos antigos, o

⁷ União de comerciantes que monopolizavam determinados produtos para se evitar concorrência.

⁸ Por exemplo, em 1492, Cristóvão Colombo, com o apoio da Espanha, atingiu as ilhas Lucaias, Cuba e São Domingos; os portugueses atingiram Ceuta em 1415, Madeira, Açores, cabo Bojador, cabo Branco, Cabo Verde, golfo da Guiné em 1471; em 1487, Bartolomeu Dias atravessou o Cabo das Tormentas; em 1498, Vasco da Gama chegou a Moçambique e Melinde antes de atingir Calicut, na Índia, estabelecendo a primeira ligação direta por mar entre a Europa ocidental e o Oriente, e, em 1500, Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil.

espírito crítico. Logo, houve a criação de grandes invenções (como a imprensa⁹, por Gutenberg), o desenvolvimento de variadas ciências (como a Medicina, a Astronomia), da Filosofia e das artes.

Como resposta ao avanço do protestantismo, a Igreja Católica lançou-se na Contra Reforma, em meados do século XVI. Sua principal arma foi a atuação dos tribunais da Inquisição, que se fazia de forma violenta e autoritária. Também foi importante o surgimento da Companhia de Jesus, sob o comando do padre Inácio de Loyola, cuja função era propagar a fé cristã, através da educação (catequese).

Todo esse quadro de acontecimentos inter-relacionados culminou, entre os séculos XV e XVIII, na total consolidação e burocratização do Estado (com suas próprias instituições e regimentos)¹⁰. Já nesse momento, as bases sociais encontravam-se modificadas. A sociedade dividia-se em três principais camadas (e estas se subdividiam conforme a função desempenhada por cada indivíduo): clero (alto e baixo clero; com seus próprios representantes, tribunais e assembleias), nobreza (dispondo de privilégios e favores reais, subdividindo-se em nobreza cortesã – favorecida pelo rei –, togada – de origem burguesa e assumindo cargos da magistratura – e a provincial – sobrevivendo à custa de casamentos arranjados e aparências) e plebe, sem privilégios (essa classe abarcava os demais burgueses – industriais, comerciantes, advogados, médicos etc. – e artesãos e camponeses – sobre quem, de fato, recaíam todos os impostos e obrigações da nação). Ao apoiar todos os níveis dessa divisão social, amenizando conflitos e possibilitando a mudança de estamentos, o rei administrava a nação e fortalecia-se cada vez mais, apoiado, sobretudo, pelas duas classes mais poderosas: a nobreza e a burguesia. Creditava-se, assim, à figura do rei a teoria de que ele era o representante de Deus na terra, preocupado sempre com os interesses da nação e que era o defensor da Igreja, das artes e da pátria.

Precisamente no século XVII, a hegemonia europeia era exercida pela França: o poder real, aí, foi progredindo aos poucos durante todo o século XVI. O auge do poder absoluto se deu na segunda metade do século XVII, com Luís XIV, que assumiu o poder, efetivamente, em 1661¹¹. Chamado de Rei-Sol (por prezar adulações e requintes), conseguiu exercer um poder centralizado, acumulando para si as funções de rei e ministro: promoveu a ascensão da burguesia, controlou a nobreza e promoveu uma política externa expansionista, envolvendo a

⁹ E, a partir dela, houve intensa difusão de obras literárias.

¹⁰ Contudo, o estabelecimento de Estados Absolutistas não foi uniforme. A França representa o modelo mais acabado de absolutização do poder - principalmente sob o reinado de Luís XIV (1661-1715). Na Itália, por sua vez, dada a autonomia de suas cidades, a unificação só aconteceu no século XIX.

¹¹ Em 1643, com a morte de Luís XIII, sobe ao trono Luís XIV, mas sob regência da rainha-mãe, Ana da Áustria e do cardeal Mazzarino, que governou até 1661.

nação em numerosas guerras. Com a morte do Rei-Sol (1715), a hegemonia europeia passou para a Inglaterra (que durante fins do século XVI e início do XVII foi regida soberanamente por Elizabeth, que proporcionou o crescimento de suas indústrias e o comércio internacional).

Por volta da metade do século XVII, as monarquias (ou, segundo historiadores, o Antigo Regime) entram em crise. Uma série de revoltas (destacando-se, principalmente, a Guerra dos Trinta Anos¹²) marca esse momento. Contudo, como observa o historiador Trevor-Roper (2007, p. 141-143), essa crise generalizada por toda a Europa ocidental, acima de qualquer outro motivo (constitucional ou econômico), foi fruto do problema entre Estados e sociedade. De fato, a excessiva burocratização dos Estados e a manutenção dos conselhos e corpo de funcionários da monarquia demandavam altas somas da nação. Logo, impostos e taxas sobrecarregaram a maior parte da população, sem privilégios, gerando insatisfações. Com as guerras, essa situação se agravava ainda mais, pois, para financiá-las, os monarcas necessitavam de maiores expedientes financeiros. Ao mesmo tempo, a nobreza tornou-se parasitária, uma vez que também mantinha-se à custa do povo.

Então, para superar esses problemas, as diversas nações passaram a buscar o apoio da burguesia mercantil, então em ascensão. Entraram, pois, em cena, seus novos valores e interesses, pautados exclusivamente no capitalismo.

1.2 Portugal no século XVII

Se no século XV e início do XVI Portugal viveu um período de glórias marítimas e comerciais (com o monopólio do Oriente), ampliando seus domínios com novos descobrimentos, em fins do século XVI passou por conflitos e dificuldades, que o levou à perda de sua independência, em 1580.

O fato mais marcante de toda a história portuguesa foi a morte precoce do rei D. Sebastião, o "Encoberto", que, no governo de Portugal, levaria a cristandade e a salvação ao mundo.

¹² Denominação genérica para uma série de batalhas travadas de 1618 a 1648 entre várias nações europeias, iniciadas por questões religiosas, mas, em pouco tempo, transformando-se em conflitos políticos, principalmente movidos pelo desejo de acabar com a soberania dos reis da Áustria.

Assumindo o trono em 1568, aos 14 anos de idade¹³, foi criado e educado para reinar, acreditando no heroísmo militar e no caráter quase divino do poder real. Passou, então, a organizar armadas para combater hereges. Fatalmente, na armada de 1578, para combater o rei do Marrocos, terminou sua existência numa batalha desastrosa, nas proximidades de Alcácer Quibir. Sem descendência, o trono foi passado para D. Henrique, já idoso e adoentado. Na disputa pelo trono português, entraram, então, Felipe II da Espanha, D. Antônio, prior do Crato (filho bastardo do Infante D. Luís) e D. Catarina, duquesa de Bragança. O primeiro representava a união ibérica, já os dois últimos, a independência portuguesa. Após períodos de conflitos políticos (já que a nobreza portuguesa era a favor da união das Coroas, mas o povo, incitados por D. Antônio, era contra), Felipe foi declarado legítimo rei de Portugal em 1580.

A princípio, a união trouxe paz e estabilidade para os portugueses, já que grande parte dos gastos da Coroa portuguesa fora assumida pela Espanha. Por outro lado, com a incorporação de Portugal e de seus domínios, o poder marítimo espanhol atingiu seu auge. Contudo, essa fase de estabilidade e expansão começou a se decompor quando a situação econômica espanhola entrou em declínio, no reinado de Felipe III (1598 a 1621): as guerras contra Inglaterra, França e Holanda consumiram todos os recursos do Estado e, para agravar mais a situação, as colônias americanas já davam sinais de esgotamento de seus recursos. Como consequência, o rei espanhol aumentou impostos, causando, entre os portugueses, violentas reações e desgosto. Em 1637, ocorreu, então, em Évora, a primeira revolta dos portugueses contra os espanhóis¹⁴.

Já nesse período, falava-se na completa unidade política peninsular, que acabaria com a parcial independência de Portugal. Em função disso, membros da nobreza começaram a se unir e a conspirar contra o jugo espanhol. Assim, a revolta de 1640, iniciando a Restauração¹⁵, levou ao trono português D. João IV (1640-1656).

Com a morte de D. João IV, o trono foi passado a D. Afonso VI, jovem inválido de apenas 13 anos. Então, a rainha-mãe, D. Luísa de Gusmão, subiu ao trono, conservando o

¹³ Herdeiro único de D. João III, que faleceu em 1557, deixou o reino sob a regência da rainha viúva, Catarina da Áustria, irmã de Carlos V. Abdicou em 1562, deixando o reino nas mãos do cardeal D. Henrique, único irmão vivo do falecido rei.

¹⁴ Devido lançamento de novas sisas (impostos) para o pagamento de tenças de fidalgos e vencimentos em atraso. Indignado, o povo tomou o palácio onde se encontrava o corregedor, saqueando e ateando fogo em tudo. O movimento, então, propagou-se pelo Alentejo e Algarve. Finalmente, forças militares espanholas intervieram, amenizando a situação.

¹⁵ Os conspiradores desejaram restaurar a legítima linha de sucessores do trono português. Para eles, efetivamente, em 1580, o direito à Coroa pertencia à D. Catarina. Dessa forma, o herdeiro do reino deveria ser o neto da duquesa, D. João, duque de Bragança.

poder até 1667, ano em que o Conde de Castelo Melhor, manipulando o jovem rei, assumiu o poder. Defensor da independência da nação, Castelo Melhor conduzia energicamente a guerra, como também buscava, diplomaticamente, apoios. Propôs, assim, à França, o casamento do rei português com uma princesa francesa (Maria Francisca Isabel de Sabóia). A união ocorreu em 1666 e, no ano seguinte, foi firmada uma aliança militar entre os dois reinos. Ainda no ano de 1667, os nobres e a própria rainha executaram um golpe: já fartos da atuação de Castelo Melhor e pela possibilidade da perda da independência (pois o rei não podia ter herdeiros), o irmão do rei, D. Pedro, e a rainha obrigaram D. Afonso VI a demitir Melhor. Depois, a rainha fugiu para um convento, exigindo a anulação do casamento. D. Afonso, então, foi obrigado a assinar um documento, deixando o trono para seu irmão que, por sua vez, casou-se com a rainha D. Maria. Finalmente, negociações foram feitas e, em 1668, Espanha reconheceu a independência de Portugal, estabelecendo-se a paz entre as duas Coroas.

Durante esses anos da Restauração, Portugal, para manter sua soberania, teve de buscar alianças e isso ocasionou muitas perdas coloniais e crises. Para opor-se à Espanha, foram firmadas alianças com Holanda, Inglaterra e França, mas mediante verdadeiras batalhas diplomáticas (já que, para esses países, era melhor ter Portugal por inimigo – por causa de suas possessões – do que por aliado), nas quais Portugal acabou perdendo colônias, o monopólio comercial e vantagens alfandegárias.

Enquanto, na Europa, fortalecia-se o poder absolutista, em Portugal, a monarquia absolutista só foi exercida, de fato, em meados do século XVIII, no governo do Marquês de Pombal que, com sua energia e autoridade, acabou com os limites impostos ao poder real, em decorrência do processo político-histórico pelo qual passara a Coroa portuguesa¹⁶. Além disso, a Inquisição também foi uma instituição que atuou de modo autoritário e independente na vida portuguesa, impenetrável ao poder real¹⁷.

Em termos culturais, enquanto nas outras nações desenvolviam-se o pensamento, a ciência moderna e as artes¹⁸, em Portugal, sob o julgo da Inquisição e dos problemas políticos, as manifestações culturais foram apagadas, uma vez que não podiam despertar o olhar

¹⁶ No reinado de D. Sebastião, o rei já era visto como representante do poder divino e detentor absoluto do poder sobre a nação. Contudo, sob o domínio espanhol, foram firmados acordos em que Felipe II garantia a autonomia administrativa e financeira de Portugal. Assim, o poder real limitava-se às forças políticas portuguesas. Depois, quando a monarquia foi reestabelecida por D. João IV, sua forma não poderia ser a absolutista, principalmente pelo fato de o monarca não ser de descendência real, mas ter sido escolhido pelos restauradores. Não se verificavam, pois, os princípios que regiam o sistema absolutista.

¹⁷ Foi também só durante o período pombalino que ela se submeteu ao Estado, perdendo a autonomia.

¹⁸ Foi o século de Galileu, Descartes, Pascal, Bacon, Newton, Rembrandt, Van Dyck, Vélazquez, Shakespeare, Corneille, Molière, Racine, entre outros.

condenador dos inquisidores portugueses ou do governo espanhol. Contudo, foi de considerável importância a ação da Companhia de Jesus. Com o intuito de combater as ideias da Reforma, os jesuítas incumbiram-se do ensino do dogma cristão, bem como de filosofia, Latim, gramática e retórica. É preciso salientar também que, dada toda a situação pela qual passava Portugal, a mentalidade da época apegava-se a milagristas, messianismos e ocultismos (principalmente a cabala) e ao patriotismo, instaurado sempre na literatura (cujos romances baseavam-se no passado glorioso) e no estudo da língua nacional (principalmente com a publicação de ortografias).

1.3 Brasil no século XVII

A conquista do Brasil pelos portugueses ocorreu em 1500, pela frota comandada por Pedro Álvares Cabral, com destino às Índias. Ocasionalmente (ou não)¹⁹, a frota desviou-se de seu rumo, chegando, em 21 de abril, na costa brasileira.

Apesar de sua riqueza, então desconhecida pelo governo português, as novas terras foram efetivamente valorizadas e, então, ocupadas e exploradas, em 1530, com a expedição de Martim Afonso de Sousa. Tal expedição só foi organizada porque, nesse momento, a possessão do Brasil pelos portugueses estava ameaçada por franceses, que comerciavam o pau-brasil.

Com o intuito de centralizar a administração da colônia, garantindo as rendas da Coroa (já que os negócios das Índias estavam entrando em crise e as derrotas militares no Marrocos se sucediam), D. João III mandou, em 1549, Tomé de Sousa, o primeiro governador-geral do Brasil, acompanhado de alguns jesuítas, dentre eles Manuel da Nóbrega, para catequizar os índios e disciplinar aqueles que na terra se encontravam.

De fato, o Estado e a Igreja Católica foram as duas instituições que cuidaram de organizar a vida na colônia, baseadas numa relação de subordinação e cumplicidade. Conforme salienta Fausto (2006, p. 29),

¹⁹ Conforme Fausto (2006, p. 14): "Desde o século XIX, vem-se discutindo se a chegada dos portugueses ao Brasil foi obra do acaso, sendo produzida pelas correntes marítimas [pois, passando Cabo Verde, a frota seguiu para oeste, distanciando-se da costa africana], ou se já havia conhecimento anterior do Novo Mundo e uma espécie de missão secreta para que Cabral tomasse o rumo do ocidente. Tudo indica que a expedição de Cabral se destinava efetivamente às Índias. Isso não elimina a probabilidade de navegantes europeus, sobretudo portugueses, terem freqüentado a costa do Brasil antes de 1500."

No caso português, ocorreu uma subordinação da Igreja ao Estado através do mecanismo conhecido como padroado real. O padroado consistiu em uma ampla concessão da Igreja de Roma ao Estado português, em troca da garantia de que a Coroa promoveria e asseguraria os direitos e a organização da Igreja em todas as terras descobertas. O rei de Portugal ficava com o direito de recolher o tributo devido pelos fiéis, conhecido como dízimo, correspondente a um décimo dos ganhos obtidos em qualquer atividade. Cabia também à Coroa criar dioceses e nomear os bispos.

Contudo, essa relação foi alterando-se consideravelmente com o tempo. Ainda segundo Fausto (2006, p. 30),

O controle da Coroa sobre a Igreja foi em parte limitado pelo fato de que a Companhia de Jesus até a época do marquês de Pombal (1750-1777) teve forte influência na corte. Na colônia, o controle sofreu outras restrições. De um lado, era muito difícil enquadrar as atividades do clero secular, disperso pelo território; de outro, as ordens religiosas conseguiram alcançar maior grau de autonomia. A maior autonomia das ordens dos franciscanos, mercedários, beneditinos, carmelitas e principalmente jesuítas resultou de várias circunstâncias. Elas obedeciam a regras próprias de cada instituição e tinham uma política definida com relação a questões vitais da colonização, como a indígena. Além disso, na medida em que se tornaram proprietárias de grandes extensões de terra e empreendimentos agrícolas, não dependiam da Coroa para sua sobrevivência.

Realmente, com a autonomia das ordens religiosas e com a interferência delas nas questões de colonização, diversos conflitos foram se sucedendo entre os religiosos, no Brasil, e os portugueses, principalmente relacionados à exploração de mão-de-obra nativa.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, verificaram que a terra já era habitada pelos índios²⁰. Com a exploração da nova terra, os portugueses passaram, então, a escravizá-los. Contudo, a intervenção das ordens religiosas, preocupadas com a educação religiosa dos nativos (pois queriam transformá-los em bons cristãos), passou a incomodar os colonizadores. O principal período de conflitos foi o século XVII, marcado, sobretudo, pelas bandeiras. Com o intuito de achar metais preciosos e de aprisionar índios, grandes expedições foram organizadas, seguindo por várias regiões²¹. O período de maior aprisionamento indígena foi entre 1625 e 1650, em que houve forte intervenção holandesa.

Além de mão de obra nativa, os portugueses aderiram ao uso de escravos africanos. Os índios, dados seus hábitos e cultura, não ofereciam muitas vantagens para a exploração: muitos morriam (por doenças, principalmente, das quais não possuíam defesa imunológica),

²⁰ Embora de vários grupos, costumava-se agrupá-los em dois grandes blocos: os tupi-guarani – grupos com semelhanças culturais e linguísticas – e os tapuias – palavra genérica, significando índios que falavam línguas distintas das dos tupi-guarani.

²¹ Inclusive alcançando as missões espanholas, que foram invadidas, saqueadas e destruídas pelos bandeirantes.

fugiam (já que conheciam bem sua terra) ou guerreavam. Então, a Coroa portuguesa começou a incentivar o uso de escravos africanos, mesmo porque, nessa época, o tráfico de negros era uma prática muito rendosa. De habilidades para o trabalho superiores às dos indígenas, os escravos africanos foram obrigados a se adaptar à nova terra e a novos hábitos²². Contribuiu, também, para o estabelecimento dessa situação, o fato de, quer para a Igreja, quer para o Estado, os negros escravos serem considerados racialmente inferiores e, judicialmente, coisas²³.

Durante o período da união ibérica, Portugal assumiu as rivalidades comerciais e políticas existentes entre Espanha e os Países Baixos. Como consequência, o Brasil tornou-se alvo de disputas e invasões, principalmente por parte da Holanda. As primeiras invasões começaram em 1604, na cidade de Salvador. Passada a Trégua dos Treze Anos entre a Espanha e os Países Baixos (1609-1621) e com a criação da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, as invasões recomeçaram. Em 1624, novamente Salvador foi tomada pelos holandeses, que aí permanecem até 1625. Em Pernambuco, os ataques começaram em 1630, com a ocupação de Olinda. Até 1637, foram travadas batalhas, que resultaram na afirmação do poder holandês na região. Sob o governo de Maurício de Nassau, Pernambuco viveu tempos de paz e prosperidade. Contudo, em 1644, o príncipe retornou à Holanda. A partir daí, os colonos empreenderam a luta de reconquista, cujo término ocorreu em 1654, com a expulsão dos holandeses.

Inaugurando um novo período da história da colônia portuguesa, em fins do século XVII, o bandeirante Borba Gato descobriu as primeiras minas de ouro no Rio das Velhas, em Minas Gerais.

²² Mas não foram passivos. Conforme Fausto (2006, p. 25), "Seria errôneo pensar que, enquanto os índios se opuseram à escravidão, os negros a aceitaram passivamente. Fugas individuais ou em massa, agressões contra senhores, resistência cotidiana fizeram parte das relações entre senhores e escravos desde os primeiros tempos. Os quilombos, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial. Palmares - uma rede de povoados situada em uma região que hoje corresponde ao Estado de Alagoas - foi um destes quilombos, e certamente o mais importante. Formado no início do século XVII, resistiu aos ataques de portugueses e holandeses por quase cem anos, vindo a sucumbir em 1695."

²³ "Ordens religiosas como a dos beneditinos estiveram mesmo entre os grandes proprietários de cativos. Vários argumentos foram utilizados para justificar a escravidão africana. Dizia-se que se tratava de uma instituição já existente na África, e assim apenas se transportavam os cativos para o mundo cristão onde seriam civilizados e salvos pelo conhecimento da verdadeira religião. Além disso, o negro era considerado um ser racialmente inferior. No decorrer do século XIX, 'teorias científicas' reforçaram o preconceito: o tamanho e a forma do crânio dos negros, o peso de seu cérebro etc. 'demonstravam' que se estava diante de uma raça de baixa inteligência e emocionalmente instável, destinada biologicamente à sujeição." (FAUSTO, 2006, p. 26)

1.4 Vida e obras de Antônio Vieira

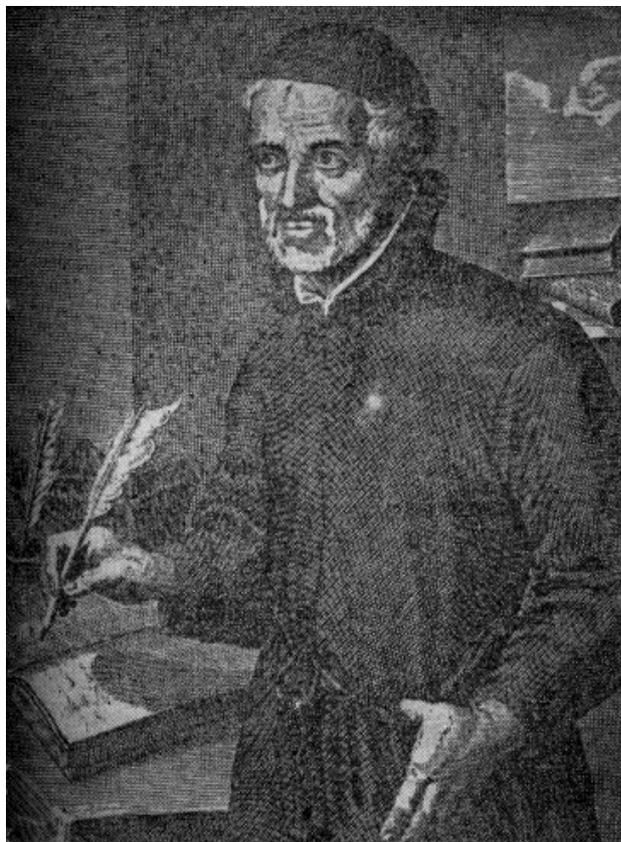


Figura 1 – *Padre Antônio Vieira*, por Arnold Van Westerhout, séc. XVII.

Fonte: Barros apud Neves [199-].

Filho de Cristóvão Ravasco e Maria de Azevedo, Antônio Vieira nasceu em Lisboa, aos 6 de fevereiro de 1608.

Em 1614, aos seis anos de idade, Vieira e sua família vieram para o Brasil, residir na Bahia, local onde o pai fora nomeado para exercer a função de secretário de estado. Ingressou, então, no colégio dos jesuítas.

Numa noite de 1623, Vieira fugiu de sua casa e, sendo recebido pelo então reitor do colégio, Padre Fernão Cardim, entrou no noviciado. Por destacar-se nos estudos²⁴, logo alcançou o apreço dos jesuítas.

²⁴ Sobre a brilhante inteligência de Vieira, o biógrafo J. Lúcio de Azevedo (1931, p. 15) retoma um testemunho ouvido do próprio Vieira, citado pelo Padre André de Barros: "Não foi Vieira, como podem supor muitos, um precoce gênio: nos primeiros tempos de estudante, compreendia mal, decorava a custo, fazia com dificuldade as composições; em tudo aluno medíocre, com o que, já então pundonoroso, muitas vezes se afligia. É de imaginar que orando à Virgem das Maravilhas [imagem que se encontrava na sé da cidade, ainda em construção, e que era venerada por Vieira] lhe suplicasse de o tornar mais hábil para os estudos. Em um de tais lances, a meio da súplica, sentiu como estalar qualquer cousa no cérebro, com uma dor vivíssima, e pensou que morria; logo o que parecia obscuro e inacessível à memória, na lição que ia dar, se lhe voltou

Foi transferido para a aldeia do Espírito Santo, onde os jesuítas catequizavam os indígenas, para afastar-se da família, inconformada com sua decisão. Lá, Vieira envolveu-se consideravelmente com o espírito missionário e empenhou-se no estudo das línguas indígenas²⁵.

Com a invasão da Bahia pelos holandeses, em 1624, Vieira teve seus estudos interrompidos. Foi escolhido para redigir a *Charta Annua*²⁶ de 1626, onde falou sobre os ataques sofridos pelo Brasil nos dois anos anteriores. Aos 18 anos foi nomeado professor de retórica no Colégio de Olinda. Em 1627, ingressou nos estudos teológicos, ordenando-se presbítero em 1634²⁷. Contudo, já havia pronunciado seu primeiro sermão na Quaresma de 1633, novamente subindo a púlpito no dia de São João.

Em 1640, Portugal conquistou sua independência. No Brasil, Vieira destacou-se ao pregar, no dia de Reis, ao então vice-rei do Brasil, Marquês de Montalvão. Por isso, foi incumbido de acompanhar D. Fernando de Mascarenhas, filho do marquês, à metrópole, para saudar o novo rei português, D. João IV, e notificá-lo da total obediência da colônia ao seu poder.

Durante a viagem, foram vítimas de uma terrível tempestade. Então, tiveram que desembarcar em Peniche, onde, por equívoco, foram tomados por inimigos de Portugal, sendo, então, perseguidos e presos. Somente no dia seguinte a confusão foi desfeita e puderam seguir viagem.

Na Corte, logo Vieira tornou-se famoso, adquirindo o apreço de todo o povo português. Por isso, em 1642, pregou, pela primeira vez, no púlpito da Capela Real, no dia de Ano Bom.

Sendo porta-voz da Restauração, confiando no novo monarca e estimulando também a confiança e esperança do povo em D. João IV, através de seu discurso, calcado nas verdades das Sagradas Escrituras, Vieira conquistou a estima e amizade do monarca.

lúcido e fixo na retentiva. Dera-se-lhe na mente uma transformação de que tinha consciência. Chegado às classes pediu que o deixassem argumentar, e com pasmo dos mestres venceu a todos os condiscípulos. Daí por diante foi êle o primeiro e mais distinto em tôdas as disciplinas."

²⁵ Desse período da vida do jovem noviço, Azevedo (1931, p. 17) traz mais um testemunho de fato prodigioso: "Mandado à aldeia sem guia, perdeu-se no caminho [Vieira] e, muito entrada a noite, achava pela frente um rio, o Joanes, ou algum dos confluente que ao Sul ou Oeste defendem o passo para a povoação. Não vendo meio de transpor o obstáculo pensou em retroceder; mas atemorizava-o a treva, e o dificultoso de buscar nela o trilho incerto da mata. Como só recurso encomendou-se ao anjo da guarda, e com poucas passadas, eis lhe salta da escuridão um menino envolto em luz: era êle que baixava a acudir-lhe, e então caminhando adiante o conduziu à aldeia onde chegados desapareceu."

²⁶ Espécie de relatório, escrito em latim que, anualmente, a província mandava ao Geral da Companhia.

²⁷ Contudo, Vieira só professou seu último voto, o de obediência ao Papa, em 1644.

Perspicaz e de inteligência aguçada, o grande orador, dentro de pouco tempo, assumiu importantes funções na Corte Real. Inicialmente, o monarca tornou-o seu confessor e orador.

Como monarca, D. João IV nunca fora seguro de suas ações. Por ser apenas um nobre escolhido pelos conspiradores portugueses para ocupar o trono real, ele nunca teve pulso forte para conduzir o reino²⁸. Por isso, as ideias e intervenções de Vieira sempre foram bem acolhidas por ele.

Obviamente, a pessoa do jesuíta passou a destacar-se mais do que os conselhos e a nobreza portugueses. Crescente destaque, então, começou a despertar invejas e inimizades, principalmente de outras ordens religiosas.

Com visão clara sobre questões políticas e econômicas do Estado, Vieira assumiu para si as qualidades de conselheiro político e diplomata. De um modo geral,

Nestes diversos encargos e situações, apenas se encontrará assunto de administração e governo, e regime civil, político e religioso que o P. Vieira não discutisse, tratasse e praticasse, ou nos seus opúsculos e pareceres, ou nas conferências verbais, ou nos púlpitos, ou executando e obrando pessoalmente. Questões de economia, política, impostos, empréstimos, instituição de comércio (marinha, guerra, cessões de territórios, tratados, alianças, casamentos reais, reforma das ordens regulares, e ainda a da própria Companhia, e da Inquisição, tolerância religiosa, tudo lhe passa pelas mãos, nada escapa à sua indefessa actividade, e à admirável fecundidade do seu espírito neste período brilhante da sua carreira. (LISBOA, 1960, p. 25)

Para tanto, valia-se de suas prédicas para colocar-se a serviço do rei, ora exaltando o patriotismo, ora analisando os negócios do governo. Quando necessário, não poupava admoestações e censuras a figuras públicas, acusadas de extravagâncias e abusos de poder.

Engajado em missões diplomáticas na Holanda, França e Itália, Vieira saboreou sucessivos fracassos. Dentre eles, o mais significativo foi o de Holanda.

Os conflitos com Holanda já vinham ocorrendo há tempos. Embora os dois países estabelecessem acordos, estes não eram respeitados. Contudo, um efetivo rompimento com Holanda significaria a perdição para Portugal. Então, Vieira propôs à Holanda a compra de Pernambuco²⁹, bem como ofereceu vantagens comerciais para seus produtos em Portugal e no Brasil. Como Holanda recusou-se a aceitar tal proposta, Portugal restituiu todas as posses holandesas que possuía, além de pagar uma indenização pecuniária exorbitante. De fato, o acordo de paz só foi feito em 1648.

²⁸ De fato, para assumir o trono, teve de ser ameaçado pela nobreza.

²⁹ Na realidade, a ideia de venda já havia sido proposta por Gaspar Dias Ferreira, em 1645.

Contrário à paz com Holanda, o então ministro Pedro Fernandes Monteiro (apoiado por mais alguns ministros reais), propunha a guerra e, em virtude da posição de Vieira, redigiu uma carta (em 1648) defendendo seu ponto de vista. Por sua vez, Vieira também escreveu uma carta, defendendo suas ideias, justificando-as, sobretudo, através dos perigos de uma eminente guerra. Tal carta foi cunhada pelo rei português de *Papel Forte*.

Sempre preocupado com a situação de Portugal, Vieira, inspirado nas soluções financeiras e comerciais das grandes potências europeias (como Holanda e Inglaterra), incentivou, em 1641, a criação de uma Companhia do Comércio, a fim de arrecadar fundos para reerguer e manter o reino. Para isso, propôs uma posição do Estado menos agressiva para com os cristãos-novos, únicos detentores de renda para financiar o grande projeto comercial. Pediu, também, maior tolerância do Santo Ofício.

Por sua vez, a Companhia de Jesus julgou demasiado imprudente e comprometedora a atuação de seu principal servo nestas questões. Na realidade, ela não queria envolver-se em atritos com o Santo Ofício. Para amenizar a situação de Vieira, o rei escreveu, em 1644, uma carta ao Provincial da Companhia, pedindo que ele não julgasse severamente o jesuíta, uma vez que suas ideias eram acertadas.

A 6 de fevereiro de 1649, D. João redigiu um alvará, instituindo a Companhia Ocidental. Dentre as recomendações do documento, fixou-se que não mais seriam confiscados os bens dos judeus em Portugal (na verdade, D. João se comprometia a devolver aos cristãos-novos aquilo que lhes fosse tomado, pois embora a condenação fosse feita pela Igreja, os bens destinavam-se ao Estado, deduzido pela Inquisição o necessário para seu sustento). A Inquisição de Lisboa protestou contra tal abolição perante o rei e recorreu ao Papa, que, por sua vez, elaborou um breve pontifício, que cancelou a validade do alvará. Quando o documento foi apresentado a D. João IV, ele simplesmente argumentou que, como quem ficava com os bens confiscados era o monarca, ele podia perfeitamente, como proprietário, devolvê-los a seus donos. Assim, conseguiu manter a resolução.³⁰

Por seus atos e ideias, Vieira envolveu-se em escândalos, principalmente disseminados por seus inimigos, que não eram poucos. Conquistou a inimizade de vários ministros e nobres, de padres de outras ordens religiosas, inclusive de companheiros jesuítas. A partir de então, tornou-se alvo de intrigas e calúnias, sendo apontado ora como traidor, por querer entregar Pernambuco aos holandeses, ora como herético, por promover a volta de judeus e de seus costumes ao reino.

³⁰ Apesar de todos os esforços, a Companhia teve cada vez mais suas regras limitadas e revogadas, extinguindo-se, assim, em 1720.

Ainda em 1649, devido a investidas da Inquisição e também devido a hostilidades dos próprios padres, que acusavam Vieira de esquecer-se dos votos religiosos, já que encontrava-se deslumbrado com seu novo estilo de vida, o Geral da Companhia determinou a sua expulsão da Ordem. Contudo, ele voltou atrás na sua decisão quando foi notificado de que o rei afastaria o jesuíta da Corte (logo, da política).

De fato, no período de 1641 a 1650, o ilustre pregador ocupou-se somente de política³¹. Contudo, o retorno de Vieira ao Brasil não foi feito rapidamente. Planejado seu embarque em 1651, só conseguiu efetuar-lo em fins de 1652, após várias tentativas frustradas, desembarcando em São Luís do Maranhão em janeiro de 1653, como superior dos missionários jesuítas. Antes, porém, de chegar ao Brasil, passou um mês em Cabo Verde, doutrinando os gentios que lá habitavam.

No Brasil, a situação, nesse período, foi marcada por uma série de conflitos (iniciados desde 1549, com a vinda do primeiro jesuíta ao Brasil) entre colonos e jesuítas, uma vez que a captura e exploração dos índios eram praticadas pelos primeiros e condenadas pelos inicianos. De fato, por haver falta de escravos negros na colônia (devido à disputa e à pressão entre as nações que traficavam os africanos), os colonos escravizavam os índios para trabalharem nos engenhos de açúcar, nas plantações de cana e tabaco. Contudo, a publicação de uma lei que garantia a liberdade dos índios indignou extremamente os colonos, que se viram destituídos dos únicos meios para garantir a manutenção da economia da província. Por isso, revoltaram-se ainda mais contra os jesuítas.

Habilmente, Vieira conseguiu acalmar os ânimos: propôs que fossem estabelecidas diferentes formas de cativeiro, variando segundo a forma de captura dos índios (os legalmente escravos, assim permaneceriam; os ilegalmente mantidos, deveriam ser libertos e ter o trabalho pago). Os colonos aceitaram a solução, contudo, não a praticaram.

Ao organizar missões, com o intuito de percorrer grandes territórios, Vieira contou com o auxílio dos capitães de entrada. Porém, estes interferiam nas atividades religiosas, já que aprisionavam índios para a lavoura do tabaco. Indignado, Vieira escreveu a D. João pedindo uma reforma quanto ao tratamento dos índios, sobretudo delegando às missões total independência em relação à jurisdição temporal dos governadores e de outros poderes. Como não obteve resposta e, em fins de maio de 1654, o procurador do estado apresentou um

³¹ Nos dizeres de Azevedo (1931, p. 115): "Em todo êste período só o vemos ocupado na política, e só a política o domina. Que tempo lhe restaria para os estudos, para o ensino, para o mister de confessar, objectos primaciais de actividade do jesuíta? Nos dois anos de 46 e 47 pouco freqüenta o púlpito; pelo menos não foram senão poucos Sermões dêsse tempo escolhidos para a estampa."

documento que modificava as disposições favoráveis à liberdade dos índios, resolveu ir a Portugal, tratar as questões com o rei.

A viagem foi muito conturbada. O navio que levava Vieira naufragou, perto de Açores, devido à forte tempestade. Por milagre, salvou-se toda a tripulação. Todos foram acudidos por um pirata holandês que, embora confiscando a carga de açúcar, levou-os até o porto de Graciosa, Aí permaneceram por mais de dois meses, seguindo, finalmente, para Lisboa, em um navio inglês.

Em Lisboa, o jesuíta conseguiu do rei o poder exclusivo da Companhia sobre as missões e ele próprio foi declarado superior, com poder quase ilimitado. Voltou, então, ao Maranhão, em abril de 1655, apesar de o monarca insistir para que permanecesse na Corte.

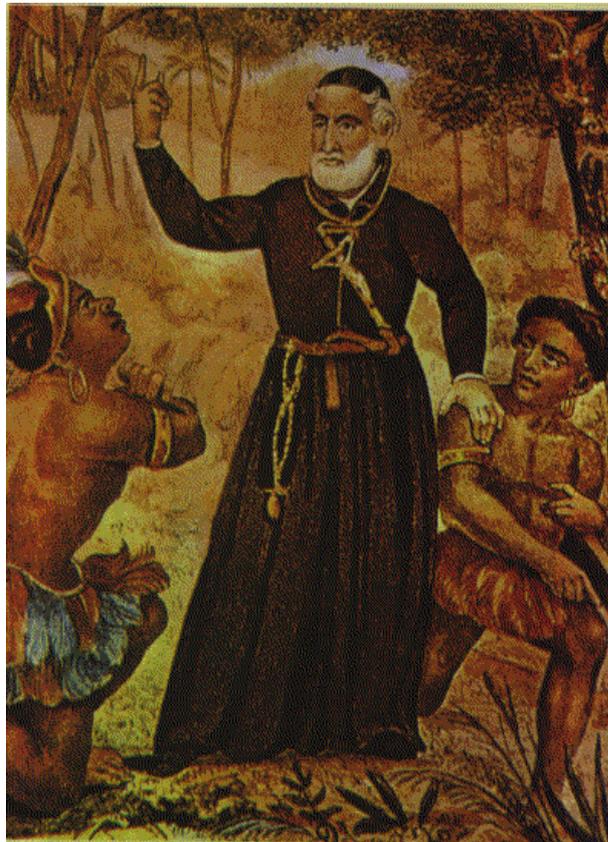


Figura 2 – *Padre Antônio Vieira pregando aos índios*, por C. Legrand, 1841.

Fonte: Neves [199-].

De volta ao Brasil, Vieira empreendeu variados trabalhos no meio indígena. Conforme Lisboa (1960, p. 322-323):

Percorreu seiscentas léguas, ora a pé, ora embarcado, desde a serra de Ibiapaba até o Tapajós, não havendo rio, baía, costa e sertão que não devassasse; levantou dezesseis igrejas em diversas paragens; compôs

formulários e catecismos em sete línguas diferentes com o português ao lado; e pacificou, converteu e civilizou inumerável gentilismo das nações tapuias tabajaras (de Ibiapaba), nheengaíbas, cambocas, mapuás, mamainases, aroãs, anaiás, gujarás, pixipixis, tupinambás, poquiguaras, catingas, boseas, jurunas, pazaís, nondanas, tapajós, arnaquizes, tricujus e outros, cujos nomes encontramos nas suas cartas, muitos dos quais desceram em copiosa multidão para as povoações portuguesas.

Essa fervorosa atuação rendeu-lhe a afeição e a confiança dos índios, que o chamavam de Paiáçu – o Padre Grande.

Quanto aos colonos e senhores de engenho, não se encontravam satisfeitos com a situação e, mesmo com as novas condições trazidas por Vieira, não deixaram de escravizar os indígenas. Como os jesuítas sabiam das necessidades e vantagens do trabalho escravo para a colônia, e visando à liberdade dos índios, eles começaram a incentivar o trabalho de escravos africanos nas tarefas então desempenhadas pelos índios.

O ano de 1661 marcou a expulsão dos jesuítas do Maranhão. Com efeito, o poder exercido pela ordem inaciana na província era dominante e desagradava muito aos colonos. Por isso, em 15 de janeiro, entregaram a Vieira uma representação que expunha as dificuldades econômicas da província e pedia, com urgência, a volta da escravização indígena. De praxe, o grande missionário retrucou que os problemas da província eram devidos não à falta de escravos, mas à incompetência e à extravagância de seus administradores. Irritados, os colonos começaram a acusar os padres de tirarem lucros sobre o trabalho dos índios. Para aumentar o descrédito nos jesuítas, somou-se a exploração de uma atitude, um tanto comprometedora, de Vieira: a fim de punir um chefe da aldeia de Maracaná, que vivia em concubinato com uma índia, o missionário atraiu-o à cidade, por meio de uma carta amigável; já no Colégio, fez com que o índio fosse punido, preso em ferros. Tomaram partido desta situação, além dos colonos, prelados de outras ordens, como a do Carmo, de Santo Antônio e Mercês.

Para agravar ainda mais a situação conflituosa, foi divulgado o conteúdo de uma carta de Vieira ao bispo do Japão, que comentava a entrega da jurisdição sobre os índios aos jesuítas, excluindo, portanto, as outras ordens.

Então, depois de muita confusão e atritos, os jesuítas foram presos e mandados para a Europa. Lá, responderam às acusações enviadas pelos colonos e ficou decidido que os jesuítas não mais teriam a jurisdição temporal dos índios, e, em relação à espiritual, todas as outras ordens seriam admitidas. Os jesuítas puderam retornar às missões, com exceção de Vieira.

Na Corte, Vieira reencontrou o ambiente de outrora, embora não mais sob a regência de D. João IV (que falecera em 1656), mas, sim, sob a regência da rainha D. Luísa de Gusmão. Ela, como o marido, valia-se consideravelmente dos auxílios e conselhos do jesuíta para tomar decisões sobre o reino.

Contudo, em 1662, subiu ao trono o príncipe herdeiro que, por sua vez, puniu os partidários da rainha regente, dentre eles, Vieira, que foi desterrado, então, para o Porto. Enclausurado, o jesuíta retomou seu trabalho intelectual, já iniciado na sua estadia no Brasil. Em pouco tempo a prisão foi transferida para o Colégio da Companhia, em Coimbra.

Em 1663, a Inquisição retomou suas investigações sobre o grande orador. Há tempos os inquisidores preparavam um processo contra ele. As principais acusações giravam em torno:

a) da defesa e crença de um reino universal, o Quinto Império, que seria regido por D. João IV, ressuscitado (exposto n'*As Esperanças de Portugal*, escrito em fins de 1659).

Na realidade, esse misticismo de Vieira estava associado às profecias de Bandarra, que se tornaram uma superstição coletiva sob a forma do sebastianismo.

Gonçalo Anes Bandarra era um sapateiro de Trancoso que gostava de ler a Bíblia, em Português, e que recorria a amigos cristãos-novos para lhe explicarem os simbolismos lá encontrados. Encantado e impressionado com as leituras, começou a compor versos, misturando fragmentos bíblicos com elementos da cultura popular. De modo geral, seus versos retratavam o desgosto pela decadência do mundo e a esperança em tempos de felicidade. Entre os cristãos-novos, que viram nas trovas sinas da vinda do Salvador, Bandarra conquistou muita popularidade. Justamente por isso, em 1450, foi preso pela Inquisição. Contudo, por ser inocente e estar alienado aos acontecimentos, foi posto em liberdade, mas com a condição de não mais compor trovas.

Com a morte de D. Sebastião em Alcácer Quibir, em condições misteriosas³², atribuiu-se às trovas de Bandarra a evidência de que o rei desaparecido era o Messias esperado. A

³² "O rei morreu durante a batalha, mas ninguém afirmava tê-lo visto morrer, embora muitos o tivessem visto já depois de morto. (Segundo a ética cavaleiresca, confessar que se tinha visto morrer o rei, sem dar a vida por ele, seria uma infâmia. Isto explica em grande parte o mistério. Uma fonte da época, a *Carta do Abade da Beira*, dá outra explicação: a morte do rei nunca foi bem explicada para impedir a indignação popular, deixando a evasiva de um regresso possível.) Entre o povo dizia-se que o rei conseguira escapar e ia regressar ao País. Há notícia de vários aventureiros que exploraram essa crença popular e procuraram fazer-se passar pelo Desejado; um jovem, filho de um oleiro de Alcobaça, que acabou por ser preso e condenado às galés; Mateus Álvares, açoriano, que conseguiu sublevar muitos camponeses na região da Ericeira e Torres Vedras e foi enforcado em Lisboa; o pasteleiro do Madrigal, que fez o papel de D. Sebastião num enredo urdido por um frade que pretendia servir-se dele para desencadear a revolta contra Felipe II; e, finalmente, um

partir disso, o mito manteve-se na consciência popular, reaparecendo sempre em épocas de sofrimento coletivo (como em tempos de guerra).

Em relação à Vieira, temos, nos dizeres de Saraiva (1978, p. 155):

Mas o mito não foi só popular e serviu de base a especulações irracionais que chegaram a empolgar espíritos cultos. O melhor expoente do sebastianismo erudito foi o padre António Vieira, que procurou nas trovas de Bandarra argumentos para o seu grandioso projecto de um império universal, no qual judeus e cristãos aparecem reunidos numa Igreja nova e purificada dos antigos pecados. O imperador seria D. João IV, porque isso resultava necessariamente, pensava Vieira, das trovas. Aconteceu porém que D. João IV morreu sem que a profecia se tivesse realizado. A certeza de Vieira era tão firme que, dessa morte só tirou uma conclusão: a de que D. João IV iria ressuscitar para que a profecia se cumprisse.

Contudo, o que mais incomodou e gerou suspeitas da Inquisição foi o fato de o misticismo de Vieira estar associado ao judaísmo.

b) das divergências doutrinárias entre as ordens inacianas e dominicanas (que sustentavam o Santo Ofício).

Apesar de não ser encontrada falta grave em seus atos, Vieira foi preso no cárcere do Santo Ofício, permanecendo recluso até fins de 1667. Pouco tempo depois, o Provincial da Companhia requereu que as penas do jesuíta fossem perdoadas; sendo atendido o pedido, apenas cuidou-se que ele não mais tratasse de tais assuntos comprometedores.

Desgostoso de sua sentença, Vieira partiu, em 1669, para Roma, para tentar conseguir do Papa a revisão de seu processo condenatório. Lá, foi recebido com pompas. Era do desejo do Geral João Paulo Oliva que Vieira pregasse perante os grandes cardeais e nobres italianos. Para isso, o jesuíta dispôs-se a aprender o italiano. Então, em outubro de 1672, pregou, pela primeira vez, em italiano. Nesse mesmo ano, recebeu do Geral a proposta de tornar-se pregador do papa e Assistente de Portugal em Roma.

Dada sua notoriedade, passou também a frequentar os salões de Cristina da Suécia, rainha que renunciara ao trono e que cultuava as artes e as ciências³³. Pregou especialmente para a rainha na Quaresma ainda de 1669. Em pouco tempo, tornou-se orador de sua corte.

aventureiro italiano, Marco Túlio, que chegou a convencer alguns exilados nobres portugueses e acabou também a aventura na forca." (SARAIVA, 1978, p. 154)

³³ Dentre seus amigos intelectuais, encontra-se René Descartes.

Em Portugal, nesse mesmo período, reiniciaram-se as perseguições aos judeus, e, finalmente, acabou sendo decretada a expulsão deles do reino.

Após inúmeras insistências do rei português para que o jesuíta retornasse à Corte, este resolveu voltar, contudo, somente depois de conseguir da Cúria Romana um Breve (de 17 de abril de 1675) que o isentava de qualquer poder do Santo Ofício português, exceto da Congregação Romana, e o absolvía de qualquer censura ou pena a que estivesse submetido até então.

De volta a Portugal, e durante os cinco anos que permaneceu no reino, Vieira não mais teve a vida agitada e o desempenho político de outrora. Já com idade avançada, decidiu voltar ao Brasil em 1681, acompanhando missionários que iam para a Bahia.

Ao chegar à província, recebeu a notícia de que uma esfinge sua havia sido queimada por estudantes, em Coimbra. Contrariamente, tempos depois (1683), é avisado de que, na Universidade do México, haviam dedicado uma tese à sua obra.

Recolheu-se, então, na Quinta do Tanque, propriedade dos jesuítas, onde pretendia permanecer em retiro, a fim de poder dar continuidade à organização e à revisão de seus sermões e concluir outros trabalhos literários desenvolvidos em épocas anteriores. Com a renda de seus Sermões, que eram enviados a Portugal para serem publicados, Vieira garantia a sua manutenção, bem como a de um seu secretário; o restante empregava nas missões, para socorrer as necessidades dos índios.

Por encontrar-se distante da Europa, o jesuíta, nesse período final, trocou continuamente cartas com seus amigos, que pediam novas dele e o informavam sobre os acontecimentos na Corte.

Um fato ocorrido com o irmão e com o sobrinho do jesuíta o obrigou a se retirar de sua reclusão, e, mais uma vez, ele viu-se envolvido em uma intriga. Aconteceu que o alcaide da província, Francisco Teles de Meneses, fora assassinado por alguns homens mascarados, nas redondezas do Colégio. Para se verem livres da culpa, lá se esconderam os homens. Contudo, já se encontrava no local, também escondido, Gonçalo Ravasco, sobrinho de Vieira, por ter brigado com um meirinho. Então, suspeitou-se que Gonçalo participara do assassinato que, por sua vez, teria sido tramado no interior do Colégio. Como Gonçalo conseguiu escapar e fugir para Lisboa, as autoridades puniram seu pai, Bernardo Ravasco, arbitrariamente encarcerado. Vieira, então, partiu na defesa de seus parentes, tanto para honrar sua família quanto para provar a inocência deles.

Em 1688, Vieira foi nomeado Visitador da Província pelo novo Geral da Companhia.

Com a idade avançada e, conseqüentemente, com debilidades físicas (agravadas com uma queda de escada), Vieira escreveu, em 1694, uma carta circular a todos os seus amigos, em que se despedia e os notificava de sua decisão de suspender a troca de correspondência com eles.

Ainda no ano de 1694, o jesuíta interferiu nas questões indígenas, ao votar contra a pretensão dos administradores paulistas de tomarem para si a jurisdição dos índios, até então sob a custódia dos missionários.

Finalmente, em 1697, o grande pregador falece, com 89 anos de idade.

Sendo homem de ação (política e apostólica), Vieira, hábil orador, valeu-se sempre da palavra, moldada segundo suas intenções, para influenciar e defender decisões, criticar hábitos e costumes dos nobres e educar (sobretudo por meio dos sermões, objetos retóricos que lhe conferiram prestígio não só em Portugal, mas em diversas Cortes europeias).

Em todos os trabalhos do pregador, podemos observar "belos espetáculos verbais"³⁴, exemplos de habilidades retóricas, repletos de alegorias e figuras pautadas, sobretudo, nas Sagradas Escrituras, para melhor persuadir e conquistar a afeição de seus interlocutores, ávidos de ensinamentos do sábio religioso. Ao servir-se das palavras para criar jogos de engenho, produziu as mais belas obras literárias que, hoje, são tomadas como exemplares de sua época.

Para além do púlpito, palco de suas peripécias discursivas, Vieira preocupou-se em organizar e editar suas prédicas, que eram muito apreciadas por todos.

Alguns de seus sermões foram publicados em folhetos, contudo, a grande maioria permaneceu guardada sob a forma de rascunhos e anotações, que, ao longo de vários anos, foram sendo organizados e reformulados por seu criador.

O primeiro tomo dos sermões organizado por Vieira saiu em 1679, juntamente com o anúncio de que pretendia formar uma coleção de doze volumes.

Os sermões foram sendo, então, organizados sem seguirem, necessariamente, uma ordem cronológica de apresentação ou conforme o assunto. Na verdade, Vieira os recolhia segundo a ocasião e comodidade.

No ano de 1682, então recluso na Bahia, Vieira publica o segundo volume. Os demais foram sendo impressos, ora em anos seguidos, ora com intervalos, até que, em 1697, sai o último volume, pouco tempo depois da morte do jesuíta.

³⁴ Nos dizeres de Saraiva (1978).

Além dos Sermões, Vieira deixou vários outros escritos. São abundantes as cartas endereçadas à realeza e a amigos, algumas das quais de grande importância, como as enviadas ao Marquês de Nisa, embaixador na França, tratando da causa dos judeus ou a carta datada de fins de 1659, nomeada de *Esperanças de Portugal, Quinto Império do Mundo*, enviada (por intermédio do bispo André Fernandes) à rainha D. Luísa e que serviu de pretexto para a Inquisição levantar-se contra o jesuíta.

Grande parte de sua vida dedicou o jesuíta na elaboração do livro que seria sua grande obra, síntese de todo o seu pensamento: o *De regno Christi in terris consummato* ou *Clavis prophetarum*. Chegou a anunciar sua produção em 1679. Contudo, tal obra não chegou ao fim, permanecendo inédita. Escreveu, ainda, *História do Futuro* (escrito em 1664, mas publicado em 1718).

2 O LIVRO IMPRESSO

A "arte de imprimir", como pondera Martins (2002, p. 127), "[...] tem uma história imemorial e surgiu, por assim dizer espontaneamente onde quer que existissem homens."

Contudo, a tipografia e a imprensa moderna não se bastaram apenas em sinais ou marcas quaisquer sobre papiro, pergaminho ou papel, "[...] mas também e sobretudo na reprodução rápida e ilimitada da escrita ou da palavra." (CHRISTIAN apud MARTINS, 2000, p. 127). Dessa forma, costuma-se, convencionalmente, datar a invenção da imprensa no ano de 1455, quando Gutenberg imprimiu a *Bíblia de 42 linhas*³⁵. A partir desse momento, a reprodução de um livro tornou-se fácil e abundante, embora nem sempre barata.

Inicialmente, o livro impresso concorreu com os manuscritos, chegando mesmo a imitá-los. Contudo, devido a melhoras de sua qualidade, o livro impresso, em pouco tempo, adquiriu prestígio e tornou-se critério de diferenciação social. Tornou-se, assim, "[...] objeto de beleza, completado pela perfeição técnica." (MARTINS, 2002, p. 175) A concorrência das duas formas de produção escrita, a manuscrita e a impressa, durou muito pouco tempo. Como assinala Martins (2002, p. 176)

Entre os fins do século XV e os começos do século XVI, a tipografia marcou definitivamente a sua vitória: não somente aumenta o número de adeptos do livro impresso, mas, conseqüentemente, verifica-se um declínio na própria arte do copista, do miniaturista. Muitos dos antigos calígrafos se transformaram em impressores ou gravadores, convertendo, assim, a sua arte numa técnica, ou tentando metamorfosear uma técnica numa arte, o que, de resto, se conseguiu em grande número de casos. O valor do manuscrito medieval continuou a crescer, mas já agora por motivos diferentes; é hoje a sua raridade que o determina, não mais o seu conteúdo, nem qualquer idéia de sua superioridade intrínseca sobre o impresso. O manuscrito está agora definitivamente reduzido a mercadoria, a objeto.

Embora sendo uma arte predominantemente alemã, a tipografia expandiu-se rapidamente por toda a Europa ocidental, uma vez que houve o aumento do número de impressores ambulantes, que atendiam, principalmente, estabelecimentos eclesiásticos sem

³⁵ Como salienta Martins (2002, p. 135), "[...] temos de retificar os dois lugares comuns que atribuem a Gutenberg seja a invenção da imprensa, seja a invenção dos caracteres móveis: uma coisa como outra já existiam na Europa quando ele começou a trabalhar em tipografia. Foi outra [...] a invenção de Gutenberg: ela abriu, na verdade, o caminho para a grande imprensa." O grande impressor aperfeiçoou a fabricação dos caracteres, tornando-os não mais fixos em planchas de madeira, mas móveis, isolados, fundidos em relevo em metais. Na verdade, até o século XV, o incunábulo (todo documento impresso antes de 1500) imitava os manuscritos.

recursos para sustentar oficinas tipográficas e também a multiplicação de oficinas tipográficas, instaladas em diversas cidades, para fugir de concorrências.

O primeiro país que acolheu os tipógrafos alemães, por volta de 1464, foi a Itália (MARTINS, 2002). Lá, houve uma mudança importante para a imprensa: a substituição dos tipos góticos³⁶ por romanos³⁷. Depois (por volta de 1470), a tipografia instalou-se na França, onde foi aprimorada.

Já no século XVI, em meio ao furor das grandes descobertas e no esplendor da Renascença, a imprensa respondia perfeitamente à ânsia de liberdade e curiosidade dos novos espíritos, voltados para o próprio homem – visto como o centro de tudo – e amparados pela capacidade do livre exame. Conforme Martins (2002, p. 198)

Enfim, o 'espírito de livre exame' sendo condição essencial de toda vida intelectual, é também um fator de primeira importância no desenvolvimento do livro. Ele repousa na consulta pessoal, no manuseio direto das fontes; ele pressupõe a existência da circulação impressos, a sua fácil obtenção, e os multiplica, por assim dizer, por si mesmos. Ler e não mais ouvir torna-se o gesto essencial da inteligência; surge então, a cultura, porque ler será a atividade de um número cada vez maior de homens, e, em todo caso, atividade indistintamente acessível a todos eles. A Renascença teve, a princípio, um sentido tão nitidamente antimidieval, que essa liberdade de leitura e de crítica só foi empregada na luta religiosa: há um momento da história em que 'Reforma' e 'Humanismo' são sinônimos, em que o liberalismo da vida espiritual só se emprega para a emancipação dos dogmas e dos intermediários. Ou melhor: de então por diante, só um intermediário será admitido – o livro. A civilização moderna, no que ela tem de mais característico e de mais imprescindível (porque mesmo os seus aspectos mecânicos, tão censurados, repousam sobre o livro, sobre os conhecimentos que o livro transmite e multiplica) – a civilização moderna nascia. E com ela também o livro, em sua história propriamente dita.

A tipografia adquiriu, também, um lado artístico, já que a "beleza da forma" era muito prezada pelos renascentistas. Assim, a apresentação material dos livros – ilustrações, encadernação em couro, excesso de dourado etc. – torna-se muito importante e atrativa.

Pertencem, pois, aos séculos XV e XVI os grandes tipógrafos, cujas dinastias perpetuaram a tradição da perfeição tipográfica aliada a inovações, no decorrer dos séculos

³⁶ "O gótico derivou da minúscula carolíngia do século VIII, a partir da posição oblíqua da pena, o que permitia, pela compressão lateral das letras, maior rapidez e economia de espaço por via da redução da altura dos caracteres. Em sua maturidade, entre fins do século XIII e meados do XV, essa letra era conhecida como *Textur* (os franceses chamavam-na de *lettre de forme*), utilizada para imprimir as grandes bíblias e os livros litúrgicos; foi a escolhida por Gutenberg para sua Bíblia de 42 linhas." (ARAÚJO, 2008, p. 314)

³⁷ Também chamada de *littera antiqua* ou redonda. Base para a escrita humanística, a letra romana derivou da minúscula carolina. "E, a esta redonda, pode acrescentar-se uma escrita cursiva, a *chancelaresca*, que dará origem ao itálico, que a chancelaria vaticana adopta em meados do século XV, e que passará, em seguida, para as chancelarias de Florença, Ferrara e Veneza." (MARTIN; FEBVRE, 2000, p. 104)

seguintes, como os Aldo (Itália), os Elzevir (Holanda), os Estienne (França), os Didot (França).

No século XIX, surge a indústria tipográfica, "[...] uma expressão que nos é justificada pela mecanização da imprensa." (MARTIN; FEBVRE, 2000, p. 32)

2.1 O livro impresso em Portugal³⁸

Portugal, no século XV, foi um importante centro da vida intelectual hebraica³⁹. Foram os judeus, inclusive, os responsáveis pela implantação dos processos tipográficos na nação.

O primeiro incunábulo impresso em território português, o *Pentateuco*, foi produzido por Samuel Gacon, em sua oficina, em Faro, no ano de 1487. Relevante importância para a arte tipográfica portuguesa, em seus primórdios, tiveram também Eliezer Toledano (com oficina em Lisboa) e Samuel d'Ortas (Lieira).

Praticamente mais da metade dos incunábulos impressos em Portugal, no período, foram executados em hebraico. Embora não haja provas efetivas, estudiosos consideram que *Sacramental*⁴⁰, obra religiosa do clérigo leonês Clemente Sánchez de Vercial, tenha sido o primeiro livro impresso em Português, em Chaves, no ano de 1488⁴¹.

Já no ano de 1495, o impressor alemão Valentim Fernandes obtém o privilégio de impressão em Portugal, servindo D. Leonor. Ele foi o primeiro a imprimir livros ilustrados no reino português⁴².

O trasmontano Rodrigo Álvares foi o primeiro tipógrafo português, publicando, no Porto, no ano de 1497, a obra *Constituições que fez o Senhor Dom Diogo de Sousa, Bispo do Porto*, além de *Evangelhos e Epístolas*.

Com a crescente expansão da arte tipográfica em Portugal, merecem destaque os seguintes impressores:

³⁸ Esta subseção foi escrita com base nas informações disponibilizadas por Heitlinger. Ver indicações em **Referências**.

³⁹ Entre os grandes sábios da época que viveram em Portugal, destaca-se Isaac Aboab, líder espiritual da comunidade judaica da Península Ibérica. Contudo, em fins do século XV, os judeus tiveram de abandonar o reino devido à pressão exercida sobre D. Manuel I pelos reis católicos da Espanha.

⁴⁰ Livro mais lido durante o século XV, sendo proibido pela Inquisição no século XVI. São conhecidas treze edições em castelhano, uma em catalão e quatro em português.

⁴¹ Há quem considere o *Tratado de Confissom* o primeiro livro impresso em Português (1489, Chaves).

⁴² *Vita Christi* (1495), *Estoria de muy noble Vespesiano emperador de Roma* (1496), *Grammatica Pastrane* (1497).

João Blávio – alemão natural de Colônia, que se estabeleceu em Lisboa, tornando-se Impressor Régio de D. Sebastião.

Miguel Deslandes – tipógrafo francês que se instalou em Portugal em 1669, conseguindo a naturalização em 1684. Casado com a filha de *João da Costa* (famoso impressor, livreiro e editor), acabou herdando o material tipográfico do sogro. Em 1687, com a morte do Impressor Real, é escolhido para o cargo. Em 1703, com sua morte, deixa na direção da régia oficina Valentim da Costa Deslandes, seu filho.

German Gaillard – estabelecido em Lisboa em 1519, o impressor francês foi, em 1530 e 1531, impressor do Mosteiro de Santa Cruz. Ainda em 1530, recebeu privilégios de D. João III. Em 1534 imprimiu a *Cartinha para ensinar a ler* de Diogo Ortiz de Vilhegas e, em 1536, a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira.

2.2 A tipografia e as línguas nacionais

A tipografia foi fundamental na formação e fixação das línguas nacionais. Embora questões políticas e culturais, como a criação das nações (logo, do espírito de identidade nacional), e a Reforma também tenham desempenhado papel essencial nas transformações linguísticas pelas quais passaram as línguas ocidentais, foi, sem dúvida, com a criação e expansão da tipografia que as línguas vulgares tornaram-se línguas literárias, de cultura, e acessíveis a todos os seus falantes. Gradativamente, foram substituindo o latim. Como mostram Martin; Lefebvre (2000, p. 407),

Assim, o século XVI, época de renovação da cultura antiga, é também aquele em que o latim começa a perder terreno. A partir de 1530, sobretudo, esta tendência manifesta-se com nitidez, o que não deve surpreender-nos. O público das livrarias [...] torna-se cada vez mais um público de leigos – frequentemente de mulheres e de burgueses, muitos dos quais pouco familiarizados com a língua latina. É por isso que os Reformistas empregam sistematicamente as línguas vulgares modernas. Os próprios humanistas não hesitam, então, em recorrer a essas línguas para conquistarem um público mais vasto. Desde há séculos, aliás, não acontece o mesmo em Itália? O exemplo de Petrarca não está aí para fazer com que os hesitantes vençam os seus escrúpulos? [...] Mais ainda, o regresso às letras antigas contribui para

fazer do latim uma língua morta: como sublinha Brunot, o ciceronismo, o gosto pela bela língua latina, expulsando solecismos e, sobretudo, barbarismos tradicionais, obrigando a recorrer a perífrases complicadas para exprimir uma ideia ou para designar um objecto novo, começa a afastar os escritores do uso do latim.

Não surpreende, por isso, que a percentagem das obras publicadas em língua vulgar tenha aumentado. É impossível fornecer a este respeito números exactos. Contudo, é significativo, por exemplo, o facto de, em 2254 obras publicadas em Antuérpia, entre 1500 e 1540, terem sido escritas 787 em flamengo, 148 em francês, 88 em inglês e umas vinte em dinamarquês, em espanhol ou em italiano – quase a metade. É evidente que a clientela dos impressores de Antuérpia, cidade comercial, era constituída, em parte, por burgueses recentemente enriquecidos e ainda pouco cultos. Mas quase em toda a parte se fazem comprovações análogas e o progresso das línguas nacionais é geral. Em Aragão, 25 livros em latim contra 15 em castelhano, entre 1501 e 1510; durante os trinta anos seguintes, 115 em latim contra 65 em castelhano. Mais tarde, entre 1541 e 1550, somente 14 em latim e 72 em castelhano.

Inevitavelmente, a partir do momento em que as línguas vernaculares passam a ser escritas, surgem questões relativas ao uso ortográfico dessas novas línguas.

Se, nos períodos anteriores, os textos reproduzidos do Latim sofriam a ação dos copistas, ficando, assim, os textos entregues às suas vontades, apresentando inúmeras flutuações gráficas, com a tipografia, surge uma tendência de fixação das grafias, dando aos livros impressos um carácter estável⁴³.

Ao mesmo tempo, surgem as primeiras gramáticas e tratados ortográficos⁴⁴, tentativas de descrição e regulamentação das novas línguas. Certamente, muitos tipógrafos procuraram se pautar nas prescrições desses gramáticos e ortógrafos. Contudo, não deve ser descartada a hipótese de interferências ortográficas dos impressores, com o intuito de facilitar o seu trabalho no manuseio dos tipos para a composição dos livros e, também, de uniformizá-los graficamente. Da mesma forma, não pode ser aceita sem ressalvas a ideia de que as formas (orto)gráficas impressas de uma obra correspondam fidedignamente às formas da obra manuscrita confiada ao tipógrafo por seu autor⁴⁵.

⁴³ "Por outro lado, a tipografia garante às publicações um carácter estável. Estas «escapam doravante à acção dos copistas que, até então, em parte voluntariamente, em parte sem nisso pensarem, modernizavam os textos à medida que os reproduziam» (A. Meillet); e, doravante, os seus sucessores, os tipógrafos, têm tendência para eliminar as fantasias ortográficas e as expressões dialectais que corriam o risco de tornar o livro menos facilmente acessível a um público vasto." (MARTIN; LEFEBVRE, 2000, p. 406)

⁴⁴ António de Nebrija publica, em 1492, sua *Gramática da língua castelhana*. Em 1536, Fernão de Oliveira publica a *Gramática da linguagem portuguesa*.

⁴⁵ Sobre esta questão, Martin; Lefebvre (2000, p. 411) fazem algumas considerações sobre a língua inglesa: "E, enquanto as gramáticas da língua inglesa se multiplicam, a ortografia tende a normalizar-se, em virtude da acção dos tipógrafos, que, por vezes sistematicamente, eliminam as fantasias ortográficas mais embaraçosas dos manuscritos que os autores lhes confiam. Este esforço de uniformização torna-se evidente quando se

3 ESCRITA E SEU ESTUDO

Dada sua complexidade, a escrita tornou-se objeto de estudo de vários e renomados estudiosos da linguagem. Contudo, como lembra Cagliari (2009a), cada estudioso fará sua análise de acordo com as concepções de linguagem que considera corretas (não sendo excluídas, assim, possibilidades de equívocos).

Com o estruturalismo, que inaugurou a Linguística Moderna, questões fonológicas e, por extensão, ortográficas, ocuparam a atenção de alguns linguistas, preocupados em estabelecer propostas eficazes para a descrição e sistematização das línguas⁴⁶. Contudo, foi na Europa que linguistas empreenderam pesquisas voltadas para reformas ortográficas orientadas exclusivamente pela fonologia estruturalista. Merece destaque a linha de pesquisa francesa, liderada por Nina Catach.

Ela foi uma pesquisadora preocupada com os aspectos teóricos e históricos da ortografia da Língua Francesa. Para a linguista, o sistema ortográfico mais eficaz seria aquele mais próximo do sistema fonológico. Em função disso, desenvolveu um sistema cuja unidade básica da escrita é o grafema, equivalente ao fonema para a fonologia.

Com o desenvolvimento da pesquisa, Catach criou um complexo emaranhado de subsistemas, culminando, por fim, no sistema chamado **Língua L**, único capaz de explicar certas particularidades da escrita.

Embora Nina Catach seja uma figura importante para estudos sobre escrita e ortografia, não haverá, na presente dissertação, um aprofundamento de suas ideias⁴⁷. Como o intuito da presente pesquisa é analisar e descrever a ortografia de Vieira, servirão de apoio teórico ideias desenvolvidas por Luiz Carlos Cagliari, estudioso que tem orientado várias

compara os originais manuscritos que chegaram até nós com os textos impressos. Eis, por exemplo, o resultado de tal confrontação no caso de uma tradução de Ariosto por Harington:

<i>Manuscrito</i>	<i>Texto impresso</i>
bee	be
on	one
greef	grief
thease	these
swoord	sword
noorse	nurse
skolding	scolding
servaunt	servant"

⁴⁶ Por exemplo, Kenneth Lee Pike, linguista norte-americano, valeu-se de modelos fonológicos estruturalistas para desenvolver seu modelo, denominado fonêmica, para a descrição de línguas indígenas das Américas e de outros lugares. Sua intenção não se bastava apenas nisso: queria elaborar sistemas de escritas para as línguas ágrafas.

⁴⁷ As informações aqui expostas foram tomadas de Cagliari (2006). Para maior aprofundamento, consultar Catach (1978, 1996).

pesquisas sobre sistemas de escrita e, especificamente, sobre a ortografia da Língua Portuguesa, além de ter produzido vários trabalhos sobre esses temas⁴⁸.

3.1 Ortografia e sistemas de escrita

A escrita surgiu de necessidades comunicativas específicas do homem, conforme os contextos histórico, social e cultural em que se encontrava. Nesse sentido, deve ser considerada a criação de **sistemas de escrita**, já que cada povo buscou a expressão de sua linguagem através de elementos gráficos que melhor atendessem suas necessidades expressivas.

De forma geral, sem serem levados em conta dados cronológicos e espaciais, Cagliari (2007) distingue três fases principais da escrita:

- **pictórica:** escrita com desenhos ou pictogramas que "[...] não estão associados a um som, mas à imagem do que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade." (CAGLIARI, 2007, p. 108)
- **ideográfica:** escrita através de ideogramas, desenhos especiais que "[...] foram ao longo de sua evolução perdendo alguns dos traços mais representativos das figuras retratadas e tornaram-se uma simples convenção de escrita." (CAGLIARI, 2007, p. 108)
- **alfabética:** escrita por letras. "Estas tiveram sua origem nos ideogramas, mas perderam o valor ideográfico, assumindo uma nova função de escrita: a representação puramente fonográfica. O ideograma perdeu seu valor pictórico e passou a ser simplesmente uma representação fonética." (CAGLIARI, 2007, p. 109)

A partir destas três fases específicas, evidenciam-se dois sistemas essenciais de escrita: o ideográfico – registro da linguagem através das ideias/significados – e o fonográfico – registro através dos sons⁴⁹.

⁴⁸ Consultar, ao final da dissertação, **Referências**. Dentre todos os trabalhos, merece destaque *Aspectos Teóricos Lingüísticos da Ortografia* (2006), ainda não publicado.

No caso específico da escrita fonográfica, ela pode ser⁵⁰:

- **silábica:** feita através de um silabário, ou seja, conjunto de símbolos representando todas as sílabas possíveis de uma língua;
- **consonantal:** representando as palavras apenas com seus sons consonantais (escrita criada para representar, principalmente, algumas línguas semíticas, como o árabe e o hebraico),
- **fonética ou alfabética:** com o objetivo de representar os sons da fala exatamente como foram pronunciados. Baseada no princípio da acrofonia, que estabelece para cada nome de letra o som que ela representa, passou, no decorrer do tempo, por algumas modificações, devidas às mutações fônicas permitidas por qualquer sistema linguístico, desde que respeitadas suas regras internas. De fato, se fossem representadas, na escrita, todas as possibilidades fônicas das palavras – devido à variação linguística –, haveria um enorme impasse, na medida em que uma mesma palavra poderia ser representada de muitas formas. Isso prejudicaria significativamente a comunicação entre os indivíduos dentro de um mesmo sistema linguístico. Então, o problema foi resolvido com a criação da ortografia, que estabelece, por meio de uma tradição, o uso das letras na escrita de palavras.

3.2 Escrita alfabética e questões ortográficas

Todo sistema de escrita visa a representar a linguagem oral, por meio da leitura. Para isso, adota, como unidade básica, a palavra que, graficamente, é bem definida por meio de espaços em branco. Como afirma Cagliari (2009a, p. 18),

Com relação aos sistemas de escrita, é preciso sempre partir da ideia de que eles foram criados para permitir a leitura. Todas as outras funções e usos são derivados daquela ideia inicial e fundamental. Ora, se o sistema de escrita permite a leitura, ele é a representação da linguagem oral e só faz sentido se associado à linguagem oral; não é uma linguagem independente, não vale

⁴⁹ Divisão ancorada no signo linguístico: "Desde Saussure, a ciência lingüística estabeleceu que a linguagem humana se realiza por meio de SIGNOS lingüísticos. Cada um desses signos é a união de 'sons' e 'idéias'. Os *sons* constituem o que chamamos de SIGNIFICANTE do signo lingüístico; as *idéias* constituem o SIGNIFICADO que o signo veicula." (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 21)

⁵⁰ Adaptado de Massini-Cagliari (1999).

por si. A escrita nunca é uma representação direta do pensamento, porque esta só existe na linguagem oral. Assim, como alguém pode ver uma pedra e chamar aquela coisa de *pedra*, do mesmo modo, alguém pode ver a palavra escrita *pedra* e chamar aquela coisa de *pedra*. Alguém só pode reconhecer que uma forma gráfica é uma palavra se puder associar àquela forma uma palavra da língua, e todas as palavras estão armazenadas na linguagem oral. Fora daí, nada faz sentido.

Contudo, é sabido que a expressão oral da linguagem admite variações, previstas pelo sistema linguístico. De fato, cada indivíduo imprime à sua fala características advindas de sua própria pessoa – marca pessoal ou idioleto⁵¹, do grupo social do qual faz parte, da sua faixa etária, da região onde mora etc⁵². Na escrita, tais variações, se registradas, gerariam enormes problemas, já que cada indivíduo escreveria conforme seu dialeto⁵³, tornando a decifração da escrita muito complexa e desgastante. Uma mesma palavra seria escrita de muitas formas: milho/mio/milio; melhor/meió/mió; dentro/drento...

Então, para que não ocorresse a saturação dos sistemas de escrita, foi criada a **ortografia**, que age neutralizando as variações linguísticas na escrita e atinge, assim, seu princípio básico: **permitir a leitura**.

Esse princípio só é possível porque a ortografia estabelece parâmetros gráficos e funcionais para as letras.

Graficamente, as letras admitem vários modos de apresentação (*design*). Por exemplo, a letra pode ocorrer nas formas: B b B b **B** B b B b⁵⁴. Contudo, subjaz ao aspecto gráfico uma noção abstrata de letra dada, justamente, pela ortografia. Esta associa à grafia um valor funcional que determina o som que uma letra terá em um contexto específico de palavra. Como explica Cagliari (2009a, p. 20-21),

A ortografia age na parte gráfica e funcional da escrita. É a ortografia que define os sons das letras. Desse modo, uma letra como o A, em português,

⁵¹ "Nome dado pelos lingüístas norte-americanos à língua tal como é observada no uso de um indivíduo. Podem, pois, aparecer num idioleto traços lingüísticos que divergem da norma e são sistemáticos e centrípetos dentro do discurso individual. Do ponto de vista da correção e da disciplina gramatical esses traços idioletais constituem os erros individuais. Nem sempre eles são exclusivamente individuais, pois as tendências que os criam podem atuar de maior ou menor número de indivíduos." (CÂMARA JR., 1986, p. 141)

⁵² São as variações linguísticas.

⁵³ "Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece, por sua vez, uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, pode dividir-se em SUBDIALETOS, quando há divergência apreciável de traços lingüísticos secundários entre zonas desse território [...]

Entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extralingüístico de ordem psíquica, social ou política [...] Quando se verificam essas condições extralingüísticas, mas não a coincidência dos traços lingüísticos essenciais, já não se têm dialetos, mas línguas distintas." (CÂMARA JR., 1986, p. 95)

⁵⁴ Esses efeitos gráficos podem ser melhor observados nas fontes de letras dos computadores.

tem muitos sons diferentes, dependendo de como as pessoas pronunciam as palavras. Por exemplo, a letra A tem som de A em *ficamos*; tem o som de E em *fiq^uemo*; tem o som do U em *acharu*; tem o som nasalizado de ã em *cano*; mas pode variar A com ã na primeira sílaba da palavra *banana*. As letras AI têm o som de AI ou de A em *caixa*, mas não na palavra *saída*. Do alfabeto, pegamos apenas o nome das letras e uma unidade abstrata de representação fonográfica na escrita, que será definida exatamente pela ortografia em função da pronúncia que os falantes da língua usam em seus dialetos. Do mesmo modo, diante de uma escrita cursiva, principalmente mal escrita, conseguimos decifrar o que está escrito não porque reconhecemos as letras, mas porque as informações que podemos obter naquele caso nos permitem fazer uma hipótese sobre qual palavra está escrita. Essas hipóteses vêm da identificação das formas gráficas com letras que esperamos encontrar na palavra em função de sua ortografia. Se não fosse a ortografia seria quase impossível ler muitas formas de escrita cursiva.

E é justamente pelo fato de a letra ser uma abstração, regida pela ortografia, que, para a leitura, cada indivíduo pode atualizar oralmente a escrita conforme seu dialeto⁵⁵.

3.3 O Português como sistema de escrita alfabética: intervenções ortográficas

As primeiras tentativas da Língua Portuguesa como língua escrita aparecem no início do século XIII (GONÇALVES, 1992), período em que ocorre, definitivamente, a delimitação do reino português⁵⁶.

Derivada da Língua Latina, o Português, com suas particularidades, buscou suas fontes gráficas justamente no alfabeto latino. Contudo, como salienta Gonçalves (1992, p. 37), nem sempre foi possível conciliar os sons da nova língua com os caracteres latinos:

[...] é ao latim, a única língua com pergaminhos de antiguidade, nobreza e excelência, que os escribas ou os copistas vão procurar soluções gráficas, que se nos apresentam por vezes manifestamente insuficientes ou inadequadas, perante realidades fônicas mais recentes e desconhecidas da língua latina.

⁵⁵ Sobre a questão da relação entre variação linguística e sistema alfabético, salienta Cagliari (2007, p. 116): "A variação linguística histórica levou os sistemas ideográficos ao alfabético, mas a variação sociolingüística puxa os sistemas alfabéticos para se tornarem mais ideográficos. Observando hoje a forma ortográfica do português, por exemplo, notamos que as relações entre letra e som (base de qualquer escrita alfabética) são muito complexas em diversos pontos. Porque quem lê, lê no seu dialeto, e os dialetos vão se diferenciando com o tempo, as formas ortográficas passam a ser lidas de maneiras diferentes e o sistema de escrita vai se tornando cada vez menos alfabético e mais ideográfico."

⁵⁶ Conforme Câmara Jr. (1975, p. 20), "Na segunda metade do séc. XIII, Portugal firmou o seu território definitivo com a conquista do Algarve, aos Mouros, no extremo sul do litoral Atlântico." Para mais informações sobre a formação do reino português, ver a **seção 1** da presente dissertação.

Depreendemos, então, que ocorre, para a escrita da Língua Portuguesa, uma fase de experimentação por parte dos escribas, ao lado, contudo, do amparo na tradição latina. Como afirma Gonçalves (1992, p. 39),

[...] é que o esforço de codificação gráfica da língua portuguesa só chegará com o século XVI e as primeiras descrições gramaticais da nossa língua. Durante o tempo que vai dos primeiros textos conhecidos (século XIII) às primeiras gramáticas, o português escrito estará (como no-lo demonstram os manuscritos), mais ou menos entregue ao livre alvedrio dos escribas e copistas incumbidos de escrever em *linguagem*. Não há que esquecer também que esses indivíduos eram os mesmos que, por ofício, escreviam ou copiavam, em latim, textos de carácter notarial ou outro.

Com a crescente produção de textos escritos em Português, inevitavelmente, foram se consolidando tendências gráficas que, com o tempo, tornaram-se parâmetros para o sistema ortográfico da língua. Cagliari (1994) aponta, dentre os vários empregos:

a) o uso de vogais duplas para indicar a qualidade vocálica de certos segmentos em certos contextos (como em avoo);

b) o uso do til (antigo símbolo de abreviação), usado para indicar a nasalidade de vogais sem a necessidade de indicar uma consoante nasal imediatamente após seu uso (como em quebrâtado);

c) a aversão ao uso de consoantes duplas, com exceção de <ss> e <rr>;

d) o uso do <j> para indicar a fricativa, como em monja, embora continue, por certo tempo, o uso do <j> seguindo <i> ou <u> para facilitar a leitura;

e) não era comum o uso de formas ortográficas que acrescentassem letras "sobrando", como thirar;

f) o uso do <lh> para indicar a lateral palatal: olhos. Formas com <ll> representam apenas a lateral alveolar (não assumindo, assim, o valor da forma espanhola <ll>, como lateral palatal);

g) são comuns as formas de escrita com <nh> para a nasal palatal (Senhor, Rainha);

h) é comum o uso do <ch> (Sancho, chegou) para indicar a fricativa alveolopalatal;

i) os pronomes oblíquos em posição proclítica não se juntavam aos verbos (quando os vyo), em posição enclítica, eram ligados aos verbos (qujsea auer);

j) o uso do <ç> para a fricativa [s], em certas palavras (como em naçiam, çidade);

k) a diminuição do uso de abreviaturas,

l) o uso mais simplificado da escrita, procurando uma correspondência de letras e sons a partir de um valor fonético atribuído às letras do alfabeto. Esta regra vai se mostrando importante, mas não encontra concordância entre os escritores, o que acabará obrigando os gramáticos, a partir do século XVI, a propor regras ortográficas para a língua.

Com o fortalecimento da nação portuguesa, suas conquistas, seu enriquecimento material e cultural, novos valores são atribuídos à língua. A partir do século XVI, com o Renascimento

[...] as línguas modernas (românicas) – e o português entre elas – passam a ser, pela primeira vez, objecto de descrições gramaticais, ou melhor, de moldes normativos, que se aplicam até ao domínio da (orto)grafia. A norma linguística até então conhecida era a do latim, enquanto as línguas vulgares, essencialmente orais, eram consideradas instrumentos relativamente grosseiros, não merecendo qualquer descrição ou atenção por parte da gente culta. (GONÇALVES, 1992, p. 41)

Surgem, então, as primeiras gramáticas e tratados ortográficos, com o intuito de descrever e normalizar linguisticamente e graficamente a Língua Portuguesa:

Gramática da Linguagem Portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira

Gramática da Língua Portuguesa, Seguida de Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem (1540), de João de Barros.

Regras que ensinam a maneira de escrever (1574), de Pero Magalhães de Gândavo

Ortografia da língua portuguesa (1576), de Duarte Nunes de Leão

De modo geral, podemos dizer que esses primeiros documentos regulamentadores preocupavam-se, essencialmente, com duas questões binômicas: latim/vulgar e português/castelhano,

O primeiro – latim/vulgar – estabelecia uma relação de proximidade do vulgar com o latim, ainda que esta proximidade não realçasse apenas as semelhanças. Isso porque, ao exaltarem as semelhanças da língua vernácula com o latim, os intelectuais portugueses queriam, com isso, também explicitar as diferenças entre as duas línguas.

Já o segundo binômio – português/castelhano – caracterizava-se como uma oposição também de cunho político, pois o castelhano era a língua de uma nação forte com a qual Portugal tinha rivalidade tanto na política interna como na política externa (expansionista). Fazia-se necessário, então, anular a oposição entre as duas línguas vulgares, até mesmo como afirmação da

autonomia de Portugal frente a sua rival. Para isso, enfatizar o binômio latim/vulgar tornava-se viável, na medida em que, ao se estreitarem os laços com a língua-mãe, enfraquecia-se, ou neutralizava-se, o confronto português/castelhano. (SOUZA, 2009, p. 33)

Assim, os intelectuais ou tentavam aproximar o Português da Língua Latina (portadora de perfeição e pureza), via recuperação da etimologia (como Duarte Nunes de Leão) ou salientar seus traços vernaculares, baseados na ideia de que seria possível relacionar fielmente grafia e pronúncia/fonética (como Fernão de Oliveira, João de Barros, Gândavo).

Embora, nesse período, o esforço de sistematização fosse muito forte, a prática gráfica, continuava a ser escolha individual. E, conforme Gonçalves (1992, p. 43),

[...] em muitos textos impressos a partir do século XVI, se torna difícil saber se as opções (orto)gráficas neles patenteadas foram fruto dos critérios do gramático ou ortografista ou se, pelo contrário, deverão atribuir-se à mão do impressor ou do revisor que, de acordo com os meios técnicos, a sua formação ou a moda, manipulava a grafia dos textos. Conclui-se, pois, que não é lícito falar-se de uma ortografia mas, sim, de várias ortografias.

Dentre essas ortografias, convém ser destacada a empregada por Camões, na obra fundamental da literatura portuguesa, *Os Lusíadas* (1572). Como assinala Souza (2009, p. 52),

[...] a obra de Camões não veio com uma ortografia chocante para as demais em uso, mas baseia-se, em geral, em usos vigentes. Sua característica principal com relação às demais é a tendência à simplificação da escrita. Trezentos anos depois, após muitas grafias cheias de dígrafos e de 'y', Gonçalves Viana lembra a ortografia de Camões como uma contribuição importante para a Língua Portuguesa ter um sistema ortográfico mais simplificado do que vinha sendo usado na segunda metade do século XIX.

Ao longo do tempo, muitas outras obras importantes, dedicadas ao estudo da Língua Portuguesa foram sendo produzidas, sem, contudo, ser alcançada uma uniformização e fixação de sua ortografia, como, por exemplo:

Methodo grammatical para todas as línguas (1619), de Amaro de Roboredo;

Regras geraes e breves da melhor orthografia (1666), de Bento Pereira;

Orthographia da língua portugueza (1671), de João Franco Barreto;

Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a Língua Portugueza (1734), de Madureira Feijó,

Gramática Filosófica, de Jerônimo Soares Barbosa (publicada somente em 1822).

De relevante importância são, também, as obras lexicográficas, que, de certa forma, contribuíram para a cristalização de algumas formas gráficas. O primeiro dicionário data de 1562: o *Dictionarium Latinolusitanicum & vice versa Lusitanicolatinum*, de Jerônimo Cardoso. No século XVII, Bento Pereira publica o *Thesouro da lingua portuguesa ou Prosódia* (1647) e, em princípios do século XVIII (1712-1727), D. Rafael Bluteau publica seu *Vocabulario Portuguez e Latino*.

Com essa grande profusão de obras metaortográficas e gramaticais, tem-se, em inícios do século XIX, uma grande imprecisão quanto às formas gráficas, já que cada sistema ortográfico adotado podia ser justificado pela autoridade de alguma obra ou autor. Mas, sob a influência de estudos pioneiros na área da Linguística, sobretudo no campo da dialetologia, novas ideias de reforma ortográfica vão surgindo entre os estudiosos europeus.

Em Portugal, uma comissão formada por renomados filólogos e gramáticos (Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, Carolina Michaelis, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, Borges Grainha, Gonçalves Guimarães, Júlio Moreira e Ribeiro Vasconcelos) lança as bases para a reforma ortográfica portuguesa, tendo como parâmetro as propostas simplificadoras já estabelecidas em 1904, por Gonçalves Viana, em sua *Ortografia Nacional* (SOUZA, 2009). Apesar de todos os esforços para a simplificação e unificação ortográfica, houve resistência de aceitação por parte de muitos intelectuais. Então, ao longo do tempo, a ortografia portuguesa tornou-se preocupação não só linguística, mas também política, envolvendo todos os países cuja língua oficial é o Português⁵⁷. De fato, a unificação ortográfica ocorrerá com o *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* (de 1990, mas, entrando em vigor somente em 2009)⁵⁸.

3.4 Considerações sobre periodização

Um dos temas caros aos estudiosos da Língua Portuguesa é o da periodização da língua. Como salientam Ilari; Basso (2007, p. 20),

As periodizações ajudam-nos a organizar nossos conhecimentos de como a língua foi mudando ao longo do tempo e têm um caráter de síntese, pois

⁵⁷ Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Timor Leste e São Tomé e Príncipe

⁵⁸ Para um quadro mais detalhado do processo de unificação ortográfica do português, ver Souza (2009).

levam em conta não só as mudanças estruturais (isto é, as mudanças que aconteceram na fonética, na morfologia e na sintaxe), mas ainda as funções sociais que a língua foi assumindo (por exemplo, a capacidade de servir de veículo para novos gêneros, literários ou não) e os graus de standardização pelos quais passou (por exemplo, na ortografia e no modo de apresentação dos textos).

Assim, ao encararmos a história externa da língua (relações entre o Português – cultura – sociedade – política), temos por seus marcos delimitativos os períodos arcaico (de suas origens até o século XVI), clássico (do Renascimento até o século XIX) e moderno (século XX até a atualidade). Já do ponto de vista da escrita, logo, da ortografia, são considerados os períodos fonético, etimológico ou pseudo-etimológico e simplificado⁵⁹.

Para o primeiro período ortográfico, o fonético, compreendido desde o início da escrita em Língua Portuguesa até o século XVIII (conforme Cagliari, 2006), é comum a ideia de que a escrita tentava representar a pronúncia das palavras⁶⁰. Coutinho (1974) elenca como características desse período:

- **para as vogais** (embora representadas como hoje, com algumas particularidades):
 - a) <i> pode ser representado por <y> e <j> (y = hi, mjnas = minhas); se semivogal⁶¹, era substituído por <h> (cabha = cabia);
 - b) formavam hiato, inicialmente, devido à queda de consoante medial (maa < mala), depois, para indicar vogal tônica (ceeo = céo);
 - c) a nasalização das vogais era feita por meio do til (~), dois acentos (``) que, por sua vez, também podia indicar vogal oral, como em Bragáá (Braga), <m> e <n> (que mantinham mesmo valor fonético: omrra, senpre).

- **para as consoantes**:
 - a) , trocado por <v> (influência latina ou espanhola): aber = haver;
 - b) <c>, com valor da fricativa surda [s] antes de <o> e <u> (particon = partiçom, cunucuda = cunuçada); às vezes cedilhado antes de <e> e <i> (reçebi); usado antes de <z>

⁵⁹ Embora vários estudiosos tenham sugerido delimitações para os períodos da língua, não há coincidência entre as diversas propostas. Ilari; Basso (2007) apresentam, à página 21, um quadro comparativo de algumas das principais propostas de periodização do Português. Nele, fica evidente a falta de correspondência entre datas e denominações. Veja, também, Souza (2009).

⁶⁰ Nos dizeres de Coutinho (1974, p. 71), "Apesar de certa flutuação gráfica que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido."

⁶¹ Possivelmente, o linguísta refere-se à adaptação latina da letra grega <y>. No Grego, essa letra podia ser parte de ditongo (logo, **semivogal**). Assim, não devemos tomar a classificação dada pelo autor em termos fonético-fonológicos.

para indicar o som [ks] (faczo = faço); com ou sem cedilha, assumia valor de [z] (doncela, fecerom); usado antes de <t>, com valor de vogal (directo); usado juntamente com <h>, assumia valor da velar [k] (nuncha = nunca);

c) <f>, de uso dobrado no início ou interior dos vocábulos (ffreima);

d) <g>, antes de <e> e <i>, representa o som velar [g] (aprouge = aprougue); já antes de <a>, <o> e <u>, assumia valor da alveopalatal [ʒ], às vezes acompanhado de <i> (mangar = manjar, agia = aja); para ter o som da velar [g] antes de <a>, era seguido por <u> (Guabriel = Gabriel); como latinismo, com valor [i] no grupo <gn> (regno = reino);

e) <h>, usado em início de palavra devido à etimologia, mas, às vezes, esse princípio era omitido ou não era justificado (hordenar, por exemplo); podia indicar vogal aberta ou monossílabo tônico (he, hi); quando no meio de palavras, para indicar separação de hiato (sahir) ou a semivogal <i> ou a nasal <ĩ>;

f) <j>, podia substituir o <g> (jente = gente); entre vogal, podia ser representado por <i> e <y> (aia = aja, oye = oje);

g) <ll>, utilizado no meio da palavra (por influência latina) ou no fim, para distinguir valor de velar do valor de alveolar; entre vogais, para indicar o som da palatal [ʎ] (vallam = valham), que também podia ser representado por (filia = filha);

h) <m>, quando antecedia consoante, indicava nasalação da vogal precedente, era usado inclusive antes de alveolar ou dental (emsinar, aquemtar);

i) <n>, antecedendo uma consoante, mesmo que labial, indicava nasalação da vogal anterior (linpo, anbos); podia ter valor da palatal nasal [ɲ] (tenio = tenho, vena = venha); quando geminado, assumia também o valor de [ɲ] (por influência espanhola): aranna = aranha;

j) <p>, entre vogal nasal e <n>, não possuía valor fonético (selepne)

k) <q>, antes de <e> e <ẽ>, assumia som [k] (aqela, qẽn); o mesmo som podia ser representado pelo grupo <qu>, quando antecedia <a> e <o> (quada = cada, riquo = rico);

l) <r>, geralmente, ocorria geminado no início e meio de palavras para diferenciar o som fricativo velar [x] do tepe, contudo, na forma simples, também podia representar o som [x] (tera = terra, recorer = recorrer);

m) <s>, podia substituir <c> e <ç> (cima = sima, composisom = composição); podia iniciar palavras sozinho (star = estar, screver = escrever); simples, podia representar o som da

fricativa surda [s] (poso = posso), dobrado, podia representar o som da fricativa sonora [z] (cassado = casado), dobrado, podia ocorrer no início e no meio das palavras (sseo = seu);

n) <v>, substituído por <u>;

o) <x>, representava o som [s] (dixe = disse); em fim de palavra, por influência latina, podia ter valor de [is] (rex = reis),

p) <z>, com valor de [s], podia iniciar palavras ou vir no seu interior (zapateiro = sapateiro, lanzar = lançar).

No período etimológico ou pseudo-etimológico, há a influência e recuperação de grafias latinas e gregas, devido ao movimento renascentista, que redescobriu a cultura clássica. Contudo, nem todas as grafias de palavras empregadas nesse período justificam-se pela etimologia: ao lado dos empréstimos puramente latinos (lúcido, flutuar, trêmulo), o pedantismo fazia com que ocorressem "travestimentos etimológicos"⁶² de palavras vulgares, como também o uso equivocado de muitas grafias, devido a pouco ou nenhum conhecimento das línguas clássicas. Para este período, destaca Coutinho (1974) as seguintes características:

- uso de consoantes geminadas e insonoras;
- uso de grupos consonantais imprópriamente chamados gregos (th, ph, rh),
- emprego de letras como <y>, <k> e <w> sempre que ocorressem nas palavras originárias.

Finalmente, o período simplificado, iniciado em inícios do século XX, com as primeiras ideias de reforma ortográfica (especialmente, com a *Ortografia Nacional* – 1904, de Gonçalves Viana), buscou conciliar princípios fonéticos e etimológicos, com o intuito de se chegar a um padrão uniforme da ortografia.

⁶² Nos dizeres de Coutinho (1974).

4 OS SERMÕES

Por serem impressos, os textos dos sermões obedecem a rigores formais e técnicos próprios de cada impressor. Estes rigores revelam, em última análise, o cuidado estético do livro, vinculado à sua perfeita legibilidade. Como bem lembra Araújo (2008, p. 384),

Da tradição manuscrita o livro recolheu, naturalmente com adaptações e ampliações, uma certa injunção estética que atende, em absoluto privilégio, à legibilidade do texto. Trata-se, com efeito, daquela busca de uma disposição harmônica dos elementos graficamente acomodados em qualquer suporte de escrita, cuja distribuição nesse espaço sempre levou em conta o formato da *materia scriptoria*, o equilíbrio entre tal formato e a simetria interna da página, a proporção entre massa de texto e ornamentos, títulos, notas etc., e por fim o inequívoco ordenamento das partes distintas que integram o corpo da obra. Assim, o exame da organização da página impressa não pode prescindir, em grande número de pormenores, do exame dos princípios que orientaram a constituição da página manuscrita, norteadores, em última instância, da própria diagramação do livro tal como se mostra até hoje.

Assim, nesta seção, abordaremos estas questões estéticas, presentes na elaboração gráfica dos dois sermões de Vieira.

4.1 Aspectos tipográficos gerais

O "Sermão da Sexagesima", na edição de 1679, ocupa 43 páginas⁶³. O texto está disposto em colunas. Cada página abriga duas colunas, todas numeradas, totalizando, assim, 86 colunas. A numeração encontra-se no alto das margens externas das colunas.

A página inicial possui disposição gráfica um pouco diferente⁶⁴: no alto, uma iluminura ocupa praticamente toda a largura da página. Abaixo dela, centralizado, em negrito e em maiúsculo, está o título do sermão, em 3 linhas (uma para cada palavra). Logo em seguida, depois de um pequeno espaço e, em itálico e minúsculo, mas também centralizado, encontram-se informações que contextualizam o sermão. Finalmente, após outro espaço, há uma pequena citação latina. Depois de todas estas informações, seguem as colunas.

⁶³ Ao todo, esse volume dispõe de 689 páginas, com 15 sermões.

⁶⁴ Conforme Araújo (2008), a **ornamentação** das páginas de rosto ou das páginas iniciais ou finais de capítulos era prática da tradição manuscrita que passou para a arte gráfica.

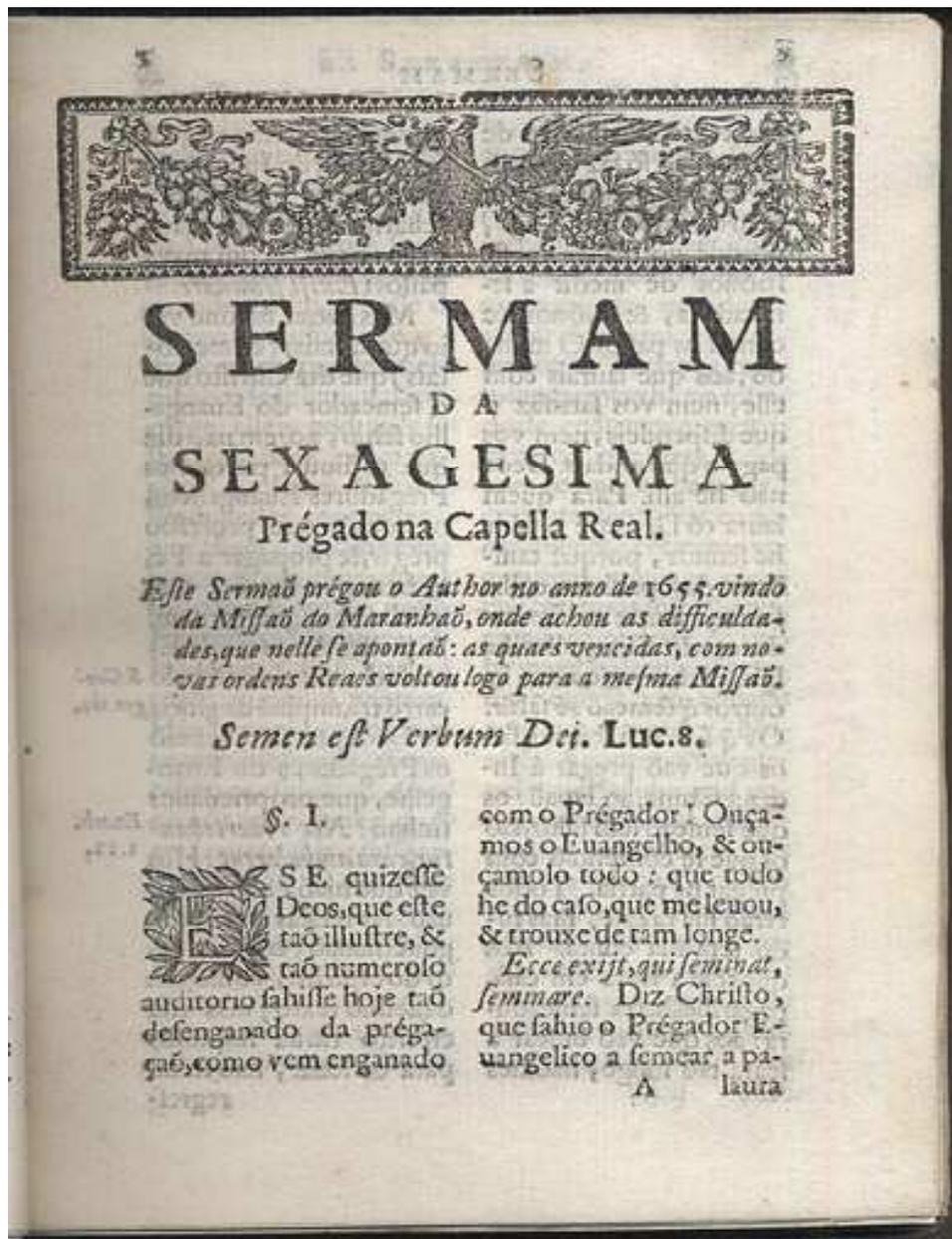


Figura 3 – Página de abertura do SS.
Fonte: Vieira (1679, paginação irregular).

Cada parte do discurso de Vieira é marcada por um sinal de parágrafo (§) seguido por um número romano. Ao todo, há 10 partes. A introdução (ou § 1) é marcada por uma letra maiúscula iluminada. Dentro de cada parte, há parágrafos, marcados por pequenos espaços entre a margem da coluna e o início da escrita.

Ao final de cada página, há o **reclamo**, isto é, a indicação da sílaba ou da próxima palavra que encadeia o discurso. Também ocorre, em algumas páginas, a **assinatura tipográfica** (letras maiúsculas, em ordem alfabética, seguidas por minúsculas, usadas para

assinalar a sequência dos cadernos, facilitando o trabalho do encadernador: A, Aij, Aiiij, B, Bij, Biiij, etc.). No texto, essas marcas chegam até Fij⁶⁵.

Na página final do sermão, após o término do texto (um pouco antes da metade da página), encontra-se uma iluminura de anjos e as iniciais IHS. É importante também ser ressaltado que o título do sermão é tomado por cabeçalho: a partir da página que contém as colunas 3 e 4, tem-se, em maiúsculo, a escrita **Sermam**, e, na seguinte, **da Sexagesima.**, e, assim, sucessivamente.

⁶⁵ Na realidade, essas marcas são também formas de numeração. Como explica Acioli (1994), a numeração romana assumiu certas particularidades ao ser usada em Portugal (daí, caracterizar o sistema de numeração de romano-lusitano). Uma das principais características foi atribuir valores também às letras minúsculas, por exemplo: i = I = 1, x = X = 10, c = C = 100. Cada letra podia ser repetida até quatro vezes, e, quando a letra <i> era repetida, a última tornava-se <j>.



Figura 4 – Página final do SS.
Fonte: Vieira (1679, paginação irregular).

No interior do texto, Vieira emprega citações latinas para legitimar suas palavras. Quando as passagens são empregadas, há uma diferenciação gráfica que as distingue das demais: ocorrem em itálico. Em algumas páginas, nas margens externas das colunas, são indicadas, em itálico, com letras um pouco menores e de forma abreviada, as passagens bíblicas que embasam as citações, no corpo do texto, ou também nomes citados de santos, pessoas importantes ou mesmo trechos latinos.

O segundo sermão, apesar de ser impresso em data diferente e também por outro impressor, apresenta poucas diferenças.

O texto abrange 26 páginas das 533 que compõem o volume⁶⁶. Na página inicial, como no sermão anterior, há uma iluminura no topo da página, centralizado. Abaixo, segue o título do sermão, em letras maiúsculas, disposto em 3 linhas. Outras informações do texto seguem também centralizadas, mas não em itálico. Logo a seguir, há uma linha contínua separando esse cabeçalho do sermão e uma longa citação (de 3 linhas) em Latim, escrita em itálico e em minúsculo. Então, o texto inicia-se também em duas colunas, tendo as partes que o compõem separadas por <§> e o número correspondente (no total, o sermão divide-se em 7 partes). A primeira letra do texto é ornamentada.

⁶⁶ Volume também formado por 15 sermões.



Figura 5 – Página de abertura do SRSI.

Fonte: Vieira (1682, p. 1)

Neste sermão, as colunas não recebem numeração, mas sim as páginas: os números encontram-se no canto superior de cada página. Recebem numeração, também, os parágrafos que compõem as partes do texto (em um total de 30 parágrafos).

Também na parte superior das páginas, o título do sermão é tomado por cabeçalho, a partir da página 2, sendo escrito **Sermão da** em uma página e **Rainha Santa Isabel.**, na outra, de modo sucessivo.

Ao final de cada página, há o reclamo. Também é inserida a assinatura, chegando até à letra D.

As citações latinas existentes também são escritas em itálico e, nas margens de algumas páginas, encontram-se as passagens bíblicas que embasam as citações, no corpo do texto, ou nomes citados de santos ou pessoas importantes.

Na página final⁶⁷, como o texto acaba um pouco abaixo de sua metade, há uma outra iluminura, de uma flor ramificada.

⁶⁷ Na parte inferior, como já dito, há a indicação da palavra que ocupa o início da página seguinte. Como esta é a página final, é indicada a primeira sílaba do título do sermão seguinte (no caso, SER-, de SERMAM). Contudo, as letras encontram-se invertidas: SRE- (possível erro tipográfico).

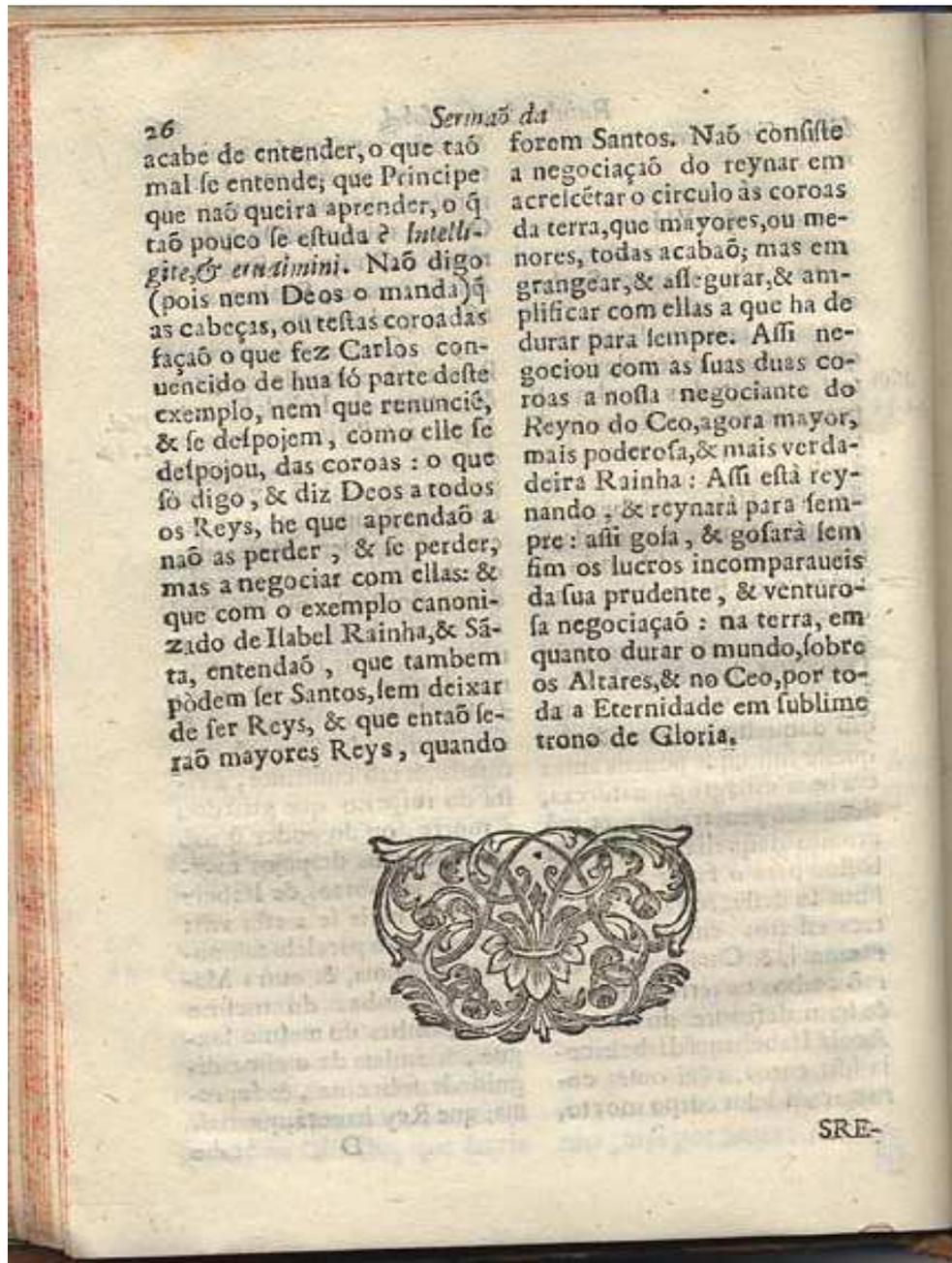


Figura 6 – Página final do SRSI.

Fonte: Vieira (1682, p. 26)

Em ambos os textos, são empregados números: os que separam as partes dos sermões são romanos; os demais, que indicam o número de colunas, páginas ou de parágrafos, bem como as passagens bíblicas (nas margens), são decimais.

4.2 A escrita

A escrita dos sermões é assentada⁶⁸ e do tipo romana. Nas citações latinas, nas indicações feitas nas margens e nos trechos que contêm informações sobre o sermão (nas páginas iniciais, abaixo do título), é também utilizado o itálico. No título dos sermões, nos nomes próprios e no início de frases, empregam-se letras maiúsculas. No restante, predomina o uso de letras minúsculas.

As letras maiúsculas utilizadas são: A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z.

As letras minúsculas utilizadas são: a b c ç d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z y.

Na escrita de algumas palavras em Latim, ocorre a ligação de duas letras por um sinal específico – a ligadura⁶⁹:

- <ct>, sempre no interior da palavra (exemplos: SRSI C44, 1747; SRSI C46, 1762; SRSI C7, 1105; SRSI C26, 1423; SS C15, 1224; SS C81, 11328; SRSI C49, 1825; SS C62, 1999; SS C 84, 11360)

sanctum

(SRSI C49, 1825)

- <st>, em final de palavra ou no interior dela (exemplos: SS C8, 1112; SS C64, 11025; SS C61, 1992; SRSI C38, 1637; SS C6, 156; SS C29, 1461; SS C21, 1319)

justos

(SS C21, 1319)

est

(SRSI C38, 1637)

- **vogal + <s>**, no final de palavra (exemplos: SS C29, 1461; SRSI C39, 1662; SRSI C37, 1633; SRSI C37, 1619; SRSI C35, 1590; SRSI C30, 1494; SRSI C33, 1579; SS C39, 1643; SS C63, 11011)

prorsus

(SRSI C35, 1590)

⁶⁸ As letras são traçadas isoladamente, bem legíveis.

⁶⁹ Conforme Araújo (2008), as ligaduras eram obtidas pela fundição de duas letras reunidas por ligamento numa mesma matriz, com o intuito de se imitar a escrita manuscrita. Tal prática era muito comum no século XV e inícios do XVI, principalmente nas abreviaturas.

Ocorrem estilizações gráficas, também, nos seguintes casos:

- no início de algumas palavras, a letra <s> é impressa da seguinte forma:



(SS C59, 1952)

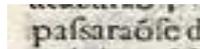
- o grupo vocálico <ae> é grafado unido (exemplos: SS C6, 157; SRSI C35, 1585)
- a conjunção e (*et*) é representada por



(SS C6, 156; SRSI C44, 1747)

Em relação à escrita portuguesa, cabem, somente, as seguintes observações quanto a estilizações gráficas:

- é frequente, para a representação do som fricativo [s], o uso das formas gráficas <s> e <ʃ>⁷⁰. Contudo, a forma <ʃ> não ocorre em fim de palavra. E, no caso da palavra abaixo, o redobro da consoante <s> é feita por meio do emprego das duas grafias possíveis:



(SS C74, 11182)

- a letra <e>, nas funções de preposição e conjunção, nos sermões, é grafada por meio da nota tironiana &. Somente nos casos de início de frase é empregado <E> maiúsculo.

4.3 As Erratas

⁷⁰ Para a escrita manuscrita, Megale et al. (2007) denominam de "alógrafos" os traçados diferentes, conforme o contexto da palavra, para uma mesma letra.

Padre Vieira, ao compor o primeiro volume de sermões, apresenta, logo no início do livro, uma lista contendo as erratas.

A maioria das palavras a ser corrigida é em decorrência da troca de uma palavra por outra⁷¹, cujo significado altera o sentido global do enunciado.

São pertinentes ao SS apenas as duas primeiras palavras listadas e elas, por sua vez, não interferem em nada nas análises feitas na seção subsequente.

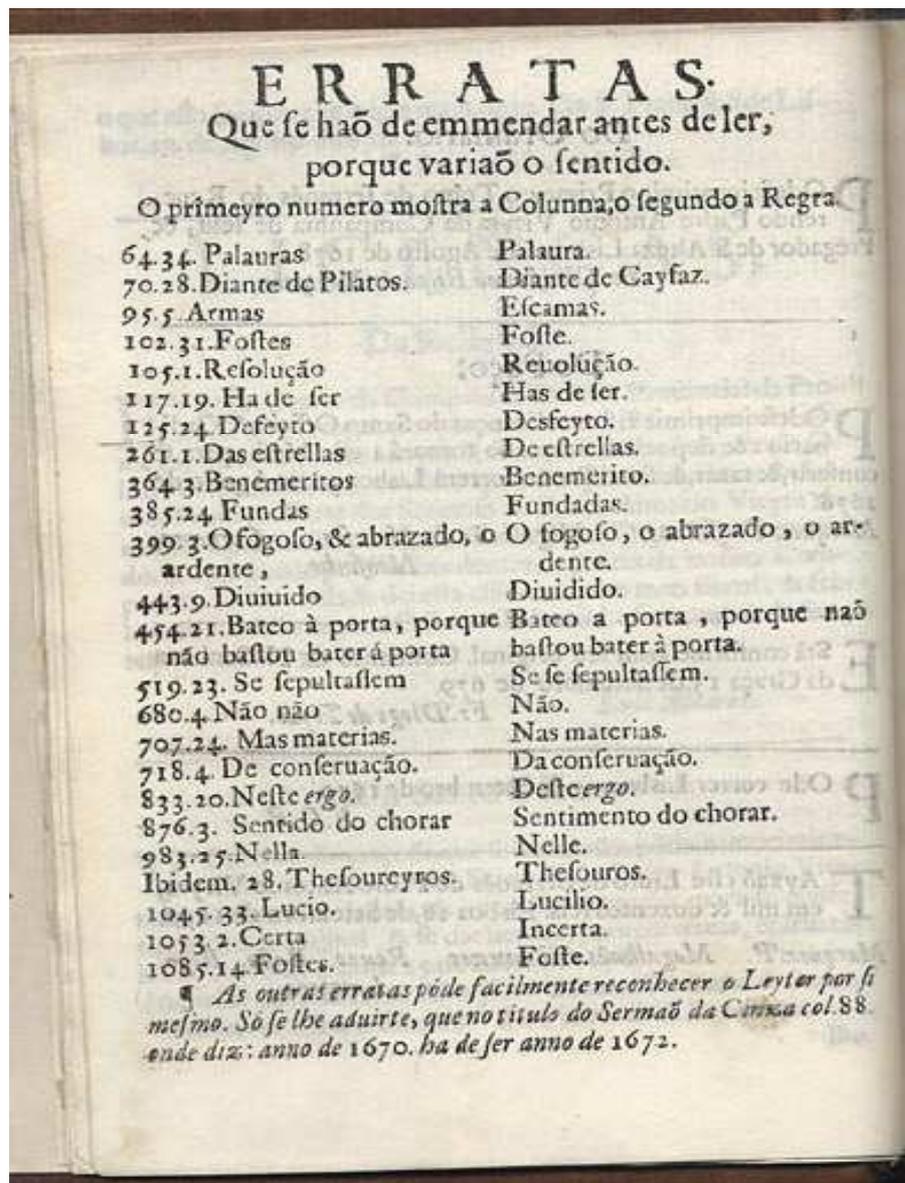


Figura 7 – Página das Erratas, do volume onde está contido o SS.

Fonte: Vieira (1679, paginação irregular).

⁷¹ Conforme Araújo (2008), esse tipo de erro é denominado **gato**.

5 ANÁLISE DA ORTOGRAFIA DOS SERMÕES

Sendo uma forma da escrita fonográfica, o alfabeto, a princípio, sob a influência da acrofonia⁷², tentou facilitar a escrita das palavras mediante a transposição dos sons pelas letras correspondentes. Para isso, foram criados caracteres – as letras – para sua representação.

A Língua Portuguesa, herdeira da Língua Latina, adotou o alfabeto latino como sistema de escrita, porém, introduzindo nele algumas modificações para a representação de seus sons.

De modo geral, o alfabeto latino compunha-se por 23 letras: Aa Bb Cc Dd Ee Ff Gg Hh Ii Kk Ll Mm Nn Oo Pp Qq Rr Ss Tt Vu Xx Yy Zz. Ao ser empregado no Português, o <h> adquiriu valor fonético ao combinar-se, em sílabas, com <c> (ch = [ʃ]), <n> (nh = [ɲ]) e <l> (lh = [ʎ]); foram criadas as letras <j> e <v> para representarem os valores consonantais de <i> e <u>, foi criado o til (~) e o <ç>.

De grande importância, também, para a escrita, são os diacríticos, elementos que modificam o segmento no qual atuam.

5.1 Acentos e sinais de pontuação

Utilizados conjuntamente com as vogais, podem indicar a qualidade vocálica (vogal aberta ou fechada) como também a tonicidade silábica, adquirindo, assim, funções distintivas morfofonológicas e prosódicas. Os primeiros ortógrafos já percebiam tais atribuições dos acentos. Contudo, não havia, entre eles, uniformização rigorosa quanto ao emprego dos acentos⁷³. Franco Barreto (1671, p. 201-202) diz que esta matéria

[...] he das mays dificeys da ortografia, como sentem todos os que della escrevem & assi poucos a tẽ acertado: màs he tã importante, que uma das principaes causas, porque a pronunciaçã da lingua se faça eterna, & mays facilmente se conserve inviolada entre as barbaras nações são os acentos [...]

⁷² Princípio que estabelece a relação direta entre som e o nome da letra.

⁷³ Inclusive, na escrita das próprias ortografias encontramos muitas flutuações.

De um modo geral, para os primeiros ortógrafos, o acento agudo sinaliza a qualidade vocálica aberta (que, segundo eles, era um som mais "agudo" ou "levantado") e o acento grave indica a qualidade vocálica fechada (som "grave" ou "baixo").

Além da qualidade vocálica, os ortógrafos destacam a marcação tônica (geralmente o acento agudo para as sílabas fortes e o grave para as fracas) e distinção das palavras propiciadas pelos acentos. Pereira (1666, p. 61-62) diz que os acentos, em Língua Portuguesa, devem ser usados

[...] nas palavras, que sendo diversas se escrevem com as mesmas letras, para com elles significarmos haver diversidade: v. g. escreveremos com accento agudo na penultima, a pessoa de preterito plusquam perfeyto: *amára, léra, ouvíra*, & quando for futuro, lho poremos na ultima: *amará, lerá, ouvirá*. O mesmo usaremos nos nomes onde for necessario distinguir, como nesta palavra, *cór*, por vontade, qual notaremos com accento agudo, para distingam de *cor*, id est, *colore*. Assim mesmo no verbo, *fazer*, quãdo usarmos da terceyra pessoa do preterito, fez, distinguindo-o do nome, *féz*, por borra.

5.1.1 Acento agudo (´)

Nos sermões, o acento agudo ocorre sobre as vogais <a>, <e> e <o>.

<á>

a) em nomes, ocorre somente no adjetivo **má** (SS C22, 1335) e no substantivo próprio **Judá** (SRSI C13, 1210).

b) em **formas verbais**, indicando tonicidade silábica, ocorre:

- na última sílaba, indicando a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo dos verbos **dar** e **estar** (no total de 26 ocorrências, nos dois sermões)

"Oh que grandes esperanças me **dá** esta sementeyra! oh que grãde exêplo me **dá** este sementeador!" (SS C12, 1153; SS C12, 1155)

"Que bem leuantado **está** aquillo! Não **está** a cousa no leuantar: **está** no cahir: *Cecidit.*" (SS C38, 1602; SS C38, 1603; SS C38, 1604)

"A todos **dá** Deos o cabedal, a todos offerece a vêtura, & a todos pede a diligêcia." (SRSI C4, 135)

"Mas ainda não **está** ponderado o fino da maravilha." (SRSI C43, 1740)

- na última sílaba, indicando a 3a pessoa, singular, do Futuro do Indicativo (28 ocorrências no SS e 10 no SRSI)

"(...) esta quarta, & vltima parte, este vltimo quartel da vida, porque se **perderá** tambem? porque não **dará** fructo? porque não teraõ tambem os annos o que tem o anno?" (SS C12, 1178; SS C12, 1179)

"Examine Pilatos diligentemente a causa, & **achará**, ã não he totalmente falsa a accuzaçaõ." (SRSI C34, 1573)

- na penúltima sílaba, para indicar a 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo (assim, indicando a tonicidade silábica que diferencia este tempo do tempo Futuro, cuja sílaba tônica é a última), somente no SRSI.

"E Santa Isabel em particular foi nascida, & criada nos braços delRey Dom Jayme de Aragão, por sobrenome o Conquistador: o qual & seu filho ElRey Dom Pedro pay de Isabel, forão os que **conquistárão**, em Hespanha o Reyno de Valença, em Italia o Reyno de Sicilia, no Mediterraneo as Ilhas de Evisa, & Malhorca. E não **paráraõ** aqui os despojos." (SRSI C8, 1108, 112, 113)

"Finalmente desde o principio do mûdo até Christo, em que **passáraõ** quando menos quatro mil annos, em todos os Reynos, & todas as naçoens não achareis Rainha Santa mais que unicamente Esther." (SRSI C14, 1200)

Em apenas um caso, o uso do acento, nesta posição, serve para indicar a 1ª pessoa, plural, do Pretérito Perfeito:

"Fomos á guerra, & della **escapámos** desta maneira." (SRSI C36, 1606)

Uma hipótese sobre esta ocorrência é a de indicação de abertura vocálica, pois, para esta forma verbal, não há necessidade de qualquer marca que auxilie na distinção do tempo verbal. Prova disso é que nenhuma outra forma verbal com as mesmas flexões recebe qualquer acento.

- na penúltima sílaba, sendo único caso, no SRSI, para indicar a 3ª pessoa, singular, do Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo (diferenciando-se, assim, da 3ª pessoa, singular do Futuro, com tonicidade na última sílaba).

"Se Isabel renunciàra a Coroa, & **dexára** de ser Rainha, então disseramos justamente, ã com a coroa da terra comprou, & negociou a coroa do Ceo [...]" (SRSI C16, 1247-248)

Se compararmos os dois primeiros verbos, observamos que ambos possuem as mesmas flexões. Contudo, o primeiro verbo apresenta o <a> com acento grave. Podemos, então, supor que, na escrita do segundo verbo, ocorreu uma falha gráfica, por isso, temos o uso de <á>.

- na penúltima sílaba do verbo **parar**, indica a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo (diferenciando-se, assim, da preposição *para*)

"O que sahe só da bocca, **pára** nos ouuidos: o que nace do juizo penetra, & conuence o entendimento." (SS C56, 1901)

"**Pára** o Rio Jordaõ á vista da Arca do Testamento (cabeça tambem coroada: *Faciesque supra coronam aureum per circuitum*) [...]" (SRSI C38, 1631)

b) <á> isolado, desempenha a função de crase (12 ocorrências no SS e 7 no SRSI):

"Os ã sahem a semear, são os que vão pregar á India, á China, ao Iapaõ [...]" (SS C3, 141, 42)

"Fecharão os ouvidos á verdade, & abriloshão ás fabulas." (SS C73, 11192; SS C73, 1193)

"Que Deos visto refree a corrente dos rios, isso he ser Deos: mas que á presença de Isabel lhe fação os rios a mesma reverencia: vede se he ser Rainha mais ã Rainha?" (SRSI C40, 1678)

"[...] mandou que todos os animaes viessem á presença do mesmo Adaõ, para que elle lhe puzesse os nomes (...)" (SRSI C45, 1788)

Sobre o fenômeno da crase, Leão (1576) afirma que é decorrente da junção de artigo e preposição. Assim,

[...] quando dizemos ao, a, he preposição. & o, he articulo. E quando dizemos aa, da mesma maneira o primeiro, a, he preposição, & o segundo articulo feminino. Donde se segue, ã necessariamente, quando a preposição se ajunta ao articulo feminino, que he no caso dativo, screueremos per dous, aa. (LEÃO, 1576, p. 63v)

Para o ortógrafo, então, a crase deve ser assinalada pela escrita <aa>. Contudo, ele não diz nada sobre a duração do som vocálico.

Franco Barreto (1671) também acredita que, no caso dativo, ocorre a junção de "a" artigo com "a" preposição, porém, discordando de Leão, sugere a escrita de <à>:

De maneyra que quando dizemos ao a, he preposiçã o articulo, & quando dizemos à incluimos ali pola sinalefa, a preposiçã cõ o articulo feminino; & nã he necessário, que quando a preposiçã se ajunta ao articulo feminino, que he no caso dativo, escrevamos por dous aa, como quer o Licenciado Duarte Nunes, & seus sequazes. (BARRETO, 1671, p. 63)

Contudo, em outra passagem de sua obra, ele se contradiz quanto ao emprego do acento:

Quando se põem por relativo, antes, ou despoys do verbo, como à amo, ou amo a, se asinalará cõ acento grave, como nõs exemplos se vê, porque entã tẽ a pronunciaçã breve, & remissa. Quando he preposiçã, se asinalará cõ acento agudo, porque entã he longo: & o mesmo se faz quando essa preposiçã se ajunta cõ o articulo: & debayxo desta única figura á se incluem

ambos per sincopa, & nã se escreverá dous aa, como o Licenciado Duarte Nunez, & seus sequazes dizem, ainda que Álvaro Ferreyra de Vera diz que também póde ser como nós dizemos. Quando he articulo, nã há mister acento grave, nẽ agudo. (BARRETO, 1671, p. 72)

Aqui, o ortógrafo diz que a crase deve ser indicada pelo acento agudo porque a pronúncia é longa. De qualque modo, o comentário – principalmente quando faz referência à opinião de Álvaro Ferreira de Vera, que considera a representação <aa> pertinente, já que “tambẽ póde ser como nós dizemos” – nos leva a supor que <à> possuía uma duração mais longa.

c) casos especiais:

- nos diversos usos de **brado** (17 ocorrências no SS), ocorre oscilação entre o emprego do acento agudo sobre a letra <a> na sua primeira sílaba e sua ausência:

brádando (SS C59, 1968-969)

brádos (SS C60, 1944)

brádar (SS C60, 1958)

brádauão (SS C61, 1996)

bradará (SS C63, 1101)

bradem (SS C62, 1976)

Conforme os exemplos, temos que, em brádando, brádar e brádauão, o acento gráfico não coincide com a sílaba tônica das palavras, mas recai em sílabas pré-tônicas. Porém, em bradará, nenhuma de suas sílabas pré-tônicas recebe o acento gráfico.

Em brádos, a acentuação gráfica recai na sílaba tônica da palavra. Em contrapartida, em bradem não ocorre a acentuação gráfica da sílaba tônica.

De acordo com as ocorrências, podemos concluir que o uso do acento indica, possivelmente, a qualidade aberta da vogal, pois somente em um caso (brádos) há coincidência entre a tonicidade silábica e o emprego do acento gráfico. Como a ausência da acentuação gráfica ocorre somente em duas palavras (de todas as derivadas empregadas no sermão), podemos supor, também, que, no caso de **bradem**, houve falha no momento da impressão da palavra e, em **bradará**, a acentuação da sílaba inicial átona foi desprezada em

favor da acentuação da última sílaba, tônica, indicadora do Futuro do Indicativo (não podendo, assim, uma palavra conter mais de um acento gráfico).

- quando, no SS, o verbo **tomar** é empregado na 3ª pessoa, plural, do Futuro do Indicativo

"Deyta te dahi abaxo, porque promettido está nas sagradas Escritturas, que os Anjos te **tomaráõ** nos braços, para ã te não faças mal." (SS C66, 11072)

a desinência modo-temporal -ão recebe, além do til, o acento agudo sobre o <a>. Possivelmente tal uso do acento seja para salientar a sílaba tônica, justamente para não gerar confusão com o Pretérito Perfeito. O mesmo ocorre com os verbos **fechar** e **sofrer**:

"Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não **sofreráõ** a doutrina sam [...]" (SS C73, 11179)

"**Fecharáõ** os ouvidos á verdae, & abriloshão ás fabulas." (SS C73, 11191-1192)

Em síntese, o emprego do acento agudo sobre a vogal <a> pode indicar:

1. acento da sílaba tônica ou monossílabo acentuado (má, Judá, dá),
2. qualidade vocálica (brádos, escapámos),
3. duração (casos de crase).

Cabe destacarmos também que, ao ser empregada em formas verbais, a letra acentuada, além de indicar o acento, indica o tempo verbal empregado.

<é>

Ocorrendo em sílabas finais, somente nas seguintes palavras, seu uso, semelhante ao atual, serve para indicar uma combinação entre tonicidade silábica e qualidade vocálica do segmento:

até (10 ocorrências no SS: C26, 1386 e 1 no SRSI: C14, 1199)

fé (4 ocorrências no SS: C4, 134; C15, 1246; C19, 1294; C68, 11091)

André (3 ocorrências no SS: C57, 1923; C57, 1924; C57, 125-26)

porém (única ocorrência no SRSI C19, 1327)

Moisés (4 ocorrências no SRSI: C42, 1693; C42, 1700; C42, 1705; C42, 1712)

Contudo, merecem destaque:

a) a escrita das palavras com radical **prég-** (183 ocorrências no SS). Em pouquíssimos casos, ocorre a ausência do acento agudo sobre a letra <e> (2 ocorrências no SS e 3 no SRSI).

prégação (SS C81, 11335; SS C81, 1336)

Prégador (SS C2, 110; SS C2, 117)

prégar (SS C3, 145; SS C37, 1589)

prégão (SS C65, 11062; SS C65, 1064)

pregar (SS C3, 141)

pregado (SRSI 14)

pregão (SRSI C3, 120; SRSI C3, 121)

pregarão (SS C32, 1501)

Podemos supor que tal uso indique a qualidade aberta da vogal, já que a sílaba onde ocorre o acento não coincide, na maioria dos casos, com a tônica da palavra. Contudo, em outros casos (como, por exemplo, em **pregão**), o acento serve, também, para sinalizar a 3ª pessoa, plural, do Presente do Indicativo.

b) as palavras aparentadas **condénauaõ** (SS C34, 1534), flexionada na 3ª pessoa, plural do Pretérito Imperfeito do Indicativo e **condennaõ** (SS C42, 1676), flexionada na 3ª pessoa, plural do Presente do Indicativo.

No primeiro caso, ocorre o acento agudo sobre a letra <e>, embora não pertencendo à sílaba tônica. Em **condennaõ**, embora pertencendo à sílaba tônica, a letra <e> não recebe o acento. Tal flutuação nos permite deduzir que o uso do acento na primeira palavra serve para indicar a qualidade vocálica aberta da vogal <e>, dispensada na segunda palavra devido à tonicidade da sílaba onde se encontra a mesma vogal ou equívoco do impressor.

<ó>

a) indicando a tonicidade da palavra e/ou a abertura da vogal, ocorre somente nestas formas não verbais:

só (46 ocorrências no SS e 25 no SRSI: SS C45, 1736; SS C64, 11037; SRSI C32, 1538; SRSI C39, 1674)

sómente (1 ocorrência no SS: C9, 1132 e também 1 no SRSI: C9, 1146-147)

vós (pronome pessoal reto, 5 ocorrências no SS: SS C17, 1265; SS C17, 1266, mas, no mesmo sermão, 5 ocorrências não recebem o acento: SS C9, 1148; SS C9, 150)

fóra (com valor de advérbio, apenas em duas ocorrências: SS C19, 1465; SS C63, 11015, em oposição a seis casos sem a acentuação: SS C61, 1996; SRSI C29, 1499; SRSI C29, 1509)

nós, pronome pessoal reto (12 ocorrências no SS: SS C47, 1758; SS C52, 1840). Embora haja casos em que a forma **nos** tenha o mesmo valor (4 ocorrências no SS e 1 no SRSI: SRSI C29, 1486; SS C32, 1486; SS C45, 1715; SS C80, 11282)

nó, substantivo (única ocorrência: SS C55, 1885)

pó (apenas duas ocorrências: SS C76, 11211; SRSI C42, 1708)

fórma, substantivo (única ocorrência: SRSI C16, 1241)

Faraó (4 ocorrências no SRSI: C41, 1696; C41, 1698-699; C41, 1700)

b) no verbo **poder**

- na penúltima sílaba, indica a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo: **póde** (SS C17, 1273; SS C18, 1260). Foram encontradas 13 ocorrências acentuadas e apenas 1 ocorrência sem o acento (SS C18, 1263), todas no SS. No SRSI, para a expressão desta flexão verbal, é usado o acento grave sobre a letra <o>. A ausência de acento, neste sermão, indica o Pretérito Perfeito (SRSI C47, 1807; SRSI C48, 1809).
- indicando a 3ª pessoa, plural, do Presente do Indicativo: **pódem** (apenas 2 ocorrências acentuadas: SS C61, 1982; SRSI C41, 1719) e 12 ocorrências sem o acento. Essa flutuação permite deduzir que, neste caso, o uso ou ausência do acento gráfico não prejudica a atribuição de significado da palavra, uma vez que ela não permite ambiguidade, diferentemente de póde/pode (cuja qualidade vocálica assinala um tempo verbal específico).

5.1.2 Acento Grave (`)

Ocorre sobre as vogais <a>, <e>, <i>, <o> e <u>. Praticamente, desempenha as mesmas funções que o acento agudo (indicador de tonicidade e/ou qualidade vocálica).

<à>

a) em formas verbais, pode indicar:

- na penúltima sílaba, a 3a pessoa do plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo, para distinção das formas de 3a pessoa, plural, do Futuro (21 ocorrências no SS e 2 no SRSI).

"Houue Missionarios affogados; porque hũs se **affogàraõ** na bocca do grande Rio das Amazonas: houue Missionarios comidos; porque a outros **comèraõ** os barbaros na Ilha dos Aroãs: houue Missionarios mirrados; porque taes **tornàraõ** os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome, & da doença [...]" (SS C9, 1118; SS C9, 1122; SS C9, 1125-126)

"A primeyra perdeose, porque a **affogàraõ** os espinhos: a segunda, porq̃ a **seccàraõ** as pedras: a terceyra, porq̃ a **pizàraõ** os homens, & a **comèraõ** as aues." (SS C19, 1303; SS C19, 1305; SS C19, 1306; SS C9, 1307)

"O Rio era o Jordaõ, composto de dous regatos, hum o *Jor*, outro o *Dan*, que para terem cabedal com que ir morrer no mar morto, se **ajuntàraõ**, & fizeraõ cõpanhia hum com outro." (SRSI C39, 1656)

"Aquelle soberbissimo Tejo, primeyro domador do mesmo Oceano, a quem **pagàraõ** parias em perolas o Indo, & o Ganges [...]" (SRSI C40, 1650)

- na penúltima sílaba, as 1a (3 ocorrências no SS) e 3a (3 ocorrências no SRSI e 8 no SS) pessoas, singular, do Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo, para diferenciar as

mesmas pessoas do singular do Futuro (normalmente, para a representação deste último tempo, ocorre o uso de acento gráfico na sílaba final da palavra).

"Diz Christo, que a palaura de Deos fruttifica cêto por hũ: & já eu me **cõtentàra**, com que fruttificasse hum por cento." (SS C15, 1239-240)

"Eu ao menos o **tomàra** para os nomes propios [...]" (SS C43, 1692)

"Se eu **contentàra** aos homens, não seria seruo de Deos." (SS C84, 11356)

"Menos Santa fora Isabel, se a sua santidade não **assentàra** sobre mulher, & coroa." (SRSI C15, 1262)

"Se Isabel **renunciàra** a Coroa, & **deyxàra** de ser Rainha, então disseramos justamente, ã com a coroa da terra comprou, & negociou a coroa do Ceo [...]" (SRSI C16, 1247; SRSI C16, 1247-248).

- na sílaba final, a 3a pessoa, singular, do Futuro do Indicativo (apenas 2 ocorrências no SRSI)

"Assi està reynando, & **reynarà** para sempre: assi gosa, & **gosarà** sem fim os lucros incomparaueis da sua prudente, & venturosa negociaçaõ [...]" (SRSI C52, 1873; SRSI C52, 1874)

- na última sílaba, usado nos verbos **estar** (4 ocorrências) e **dar** (uma única ocorrência), somente do SRSI (em oposição ao maior uso do <a> com acento agudo), para indicar a 3a pessoa, singular do Presente do Indicativo.

"Eisaqui como **està** a nossa Rainha Santa no Ceo, vestida, & adornada com duas galas [...]" (SRSI C29, 1502)

"Pois porque lhe não **dà** Deos titulo de Rey, senão de Deos?" (SRSI C42, 1701)

- em apenas um caso, no verbo **parar**, o acento na penúltima sílaba indica a 2a pessoa, singular, do Presente do Indicativo:

"Rio, que *pàras*, mar, que foges, que he o que viste?" (SRSI C38, 1639)

b) <à>, quando empregado isolado, indica a crase (4 ocorrências no SS e 17 no SRSI).

"[...] porque os ouuintes vem à prégação, como à comedia; & ha prégadores, ã vem ao pulpito, como comediantes." (SS C73, 11205)

"Mas notay ã não só diz, que se deraõ à mulher duas azas de Aguia, senaõ duas azas de Aguia grande [...]" (SRSI C27, 1453)

c) a palavra **tomàra** é empregada apenas duas vezes, mas cada uma delas com sentidos diferentes:

- como interjeição

"**Tomàra** ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, & verieys senão achaueys nellas muytos desenganos da vida [...]" (SS C74, 11187)

- como a 1ª pessoa, singular do verbo tomar, do Pretérito Mais que Perfeito do Indicativo

"Eu ao menos o **tomàra** para os nomes proprios; porque os cultos tem desbaptizados os Santos, & cada Author que allegaõ he hum enigma." (SS C43, 1692)

Nestes casos, a apreensão do sentido das palavras depende exclusivamente do contexto discursivo no qual se inserem, pois, graficamente, nada diferencia as duas palavras. Na verdade, podemos dizer que o uso do acento indica a tonicidade silábica.

d) alguns advérbios monossilábicos recebem acentuação. Contudo, apresentam uma pequena flutuação. Por isso, podemos deduzir que a tendência era o uso preferencial do acento agudo e os casos de flutuação podem ser fruto de erro do tipógrafo.

jà/Ìà (3 ocorrências: SRSI C26, 1411; SRSI C50, 1851; SRSI C19, 1300)

já/Iá (19 ocorrências no SS e 3 no SRSI: SS C33, 1521; SS C33, 1522; SS C33, 1523; SS C33, 1525; SRSI C7, 1109; SRSI C41, 1701)

là (1 ocorrência: SRSI C40, 1666)

lá (3 ocorrências no SS e 5 no SRSI: SS C8, 1100; SRSI C40, 1667; SRSI C40, 1669; SRSI C40, 1671)

cà (1 ocorrência: SRSI C40, 1668)

cá (2 ocorrências no SS e 4 no SRSI: SS C4, 122; SRSI C40, 1665; SRSI C40, 1666; SRSI C40, 1670).

<è>⁷⁴

Nas palavras onde ocorre, recai justamente na sílaba tônica:

porèm (3 ocorrências no SS e 6 no SRSI: SS C4, 130; SS C42, 1669; SRSI C41, 1691; SRSI C44, 1748. Em apenas um caso é utilizado o acento agudo: SRSI C19, 1327)

atè (4 ocorrências: SRSI C4, 127; SRSI C16, 133; SRSI C26, 1431; SRSI C50, 1836),

alèm (única ocorrência: SRSI C13, 1225)

Bersabè (1 ocorrência no SRSI C15, 1247),

pè/pès (8 ocorrências no SRSI: SRSI C18, 1266; SRSI C36, 1611; SRSI C40, 1668),

galè (única ocorrência no SRSI C37, 1646),

Pègo (única ocorrência no SRSI C39, 1673)

b) em formas verbais, indica:

- na penúltima sílaba, a 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo (16 ocorrências no SS e 2 no SRSI)

⁷⁴ De modo geral, todos os ortógrafos consultados afirmam que o **acento agudo** indica **vogal aberta** e o **acento grave** indica **vogal fechada**. Chegam, inclusive, a confundir duração com tonicidade silábica, quando dizem que o acento agudo indica sílaba longa (na verdade, tônica) e que o grave indica sílaba breve (na verdade, átona). Exploram exaustivamente, em suas explicações, somente o uso do acento agudo. Feijó (1734), inclusive, diz que, em Língua Portuguesa, o uso do acento grave é dispensado. Assim, pelos comentários contidos nas ortografias, é difícil garantirmos que <è> corresponde, indubitavelmente, ao som [ɛ].

"Tudo o que aqui padeceo o trigo, **padecèraõ** lá os semeadores." (SS C8, 199)

"Do trigo, que deytou á terra o semeador, hũa parte se logrou, & tres se **perdèraõ**." (SS C19, 1300)

"No texto do Evangelho, que propuz, temos a parabola de hum negociante, em quem **concorrèraõ** todas aquellas tres qualidades, ou boas partes, que poucas vezes se concordaõ: cabedal, diligencia, & ventura." (SRSI C3, 131)

"[...] porque os Aragonezes entre todas as naçoens de Hespanha foraõ os primeyros que **ennobrecèraõ**, & enriqueceraõ com despojos a sua Coroa, conquistando novas terras, novos mares, & novas gentes." (SRSI C8, 197)

- na penúltima sílaba do verbo **semear**, marcando a tonicidade, indica a 3a pessoa, singular, do Presente do Indicativo (11 ocorrências no SS)

"O prégar ha de ser como quem **semèa**, & não como quem ladrilha, ou azuleja." (SS C40, 1635)

"Quem **semèa** misturas, mal póde colher trigo." (SS C46, 1729)

- em dois casos, monossílabos verbais tônicos, a acentuação gráfica confere à palavra a qualidade vocálica fechada, caracterizadora da 3a pessoa, singular, do Presente do Indicativo:

"De nenhum homem se **lè** semelhante resolução." (SRSI C15, 1238)

"Roma o vio, & Roma o **vè**." (SRSI C16, 1262)

c) possível caso de equívoco: no trecho

"No Ceo **ninguè** ha, que não ame a Deos, nem possa deyxar de o amar." (SS C31, 1494)

a palavra **ninguém** aparece grafada com o acento grave. Como, na verdade, esta palavra é nasalizada e também pelo fato de esta ser a única ocorrência, podemos pressupor que, na hora da impressão, houve falha⁷⁵. Este tipo de erro recebe o nome de **gralha**, que, segundo Araújo (2000, p. 366-367), define-se pela "[...] presença de letras ou sinais de pontuação virados, fora do lugar e, mais comumente, trocados."

Outra possibilidade para o emprego do acento é a indicação da tonicidade silábica (à semelhança de *porèm*), mas com a ausência do <m> final. Contudo, como este é caso único, é mais provável ser erro tipográfico.



Empregado somente no SS, ocorre:

a) em formas verbais, salientando a tonicidade:

- na sílaba final, indica a 2a pessoa, plural, do Presente do Indicativo, somente em

"Assi **arguìs** com muyta razaõ; & eu tambem assi o digo." (SS C5, 155)

"(...) essas emprezas ao vosso parecer agudas, que **prosegui**s, achastelas alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apostolos (...)" (SS C68, 11101-1102)

- na penúltima sílaba, marca a tonicidade indicativa da 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo (para diferenciar-se da 3a pessoa, plural do Futuro) somente nestes casos:

"Estas testemunhas **referirã**o, que ouvirã dizer a Christo; que se os Iudeos destruissem o templo, elle o tornaria a reedificar em tres dias."(SS C71, 11141)

"[...] fallaua o Senhor do templo mystico de seo corpo, o qual os Iudeos **destruirã**o pela morte, & o Senhor o reedificou pela resurreyção (...)" (SS C71, 11166-1167)

⁷⁵ Troca do til (~), indicador de abreviação de nasais, pelo acento grave.

"Assi prégaua S. Paulo, assi prégauão aquelles Patriarcas que se **vestirão**, & nos **vestirão** destes habitos?" (SS C77, 11251)

<ò>

a) ocorrendo somente nas formas não verbais listadas abaixo, indica a tonicidade e também a abertura da vogal:

nòs, pronome pessoal reto (apenas 2 ocorrências: SS C32, 1485 e SRSI C48, 1792)

pòlos (substantivo, 1 ocorrência no SRSI C3, 127)

sò (apenas 2 ocorrências: SRSI C7, 1111; SRSI C23, 1773)

avò (substantivo feminino, única ocorrência no SRSI C15, 1233).

b) em formas verbais:

- na penúltima sílaba, indica as 3as pessoas do singular e do plural do Presente do Indicativo do verbo **poder**. A forma **pòde** totaliza 13 ocorrências (2 no SS e 11 no SRSI) e **pòdem**, 7 ocorrências (todas no SRSI).

"A vara de Moyses abrandou as pedras, & não **pòde** abrandar hũa vôtade endurecida [...]" (SS C24, 1362)

"O mayor cabedal, que **pòde** dar o Mundo, he huma coroa." (SRSI C10, 1136)

"[...] & segurar debaxo das chaues de Pedro aquelle Reyno, que só ellas **pòdem** abrir." (SRSI C17, 1269)

- na forma infinitiva do verbo **pôr**

"De maneyra, que o mais a que pòde chegar hum Rey, ainda que seja Rey de todo o Mundo, he **pòr** nomes, & dar nomes: he fazer, que vos chameis dali por diante o que elle vos chamou [...]" (SRSI C46, 1778)

Esta única ocorrência gráfica pode ser evidência do uso do acento para distinguir o verbo no infinitivo da preposição homófona⁷⁶.

<ù>

O único caso ocorre na forma verbal **continù**a, no seguinte trecho:

"Diz may's que lhe atãrão as mãos, & lhe mettêrão nellas hũa cãna por cetro: **continù**a o mesmo silencio, & a mesma suspensã nos ouuintes." (SS C32, 1506)

Seu uso, provavelmente, serve para destacar a tonicidade silábica, diferenciando, assim a 3ª pessoa, singular, do Presente do Indicativo do verbo continuar do adjetivo derivado da mesma família (contínua).

Em síntese, distribuindo em uma tabela todas as ocorrências de acentos gráficos empregados nos sermões, observamos que seu uso assinala as seguintes características fonético-fonológicas:

	ACENTO SILÁBICO	QUALIDADE VOCÁLICA	DURAÇÃO	ACENTO + QUALIDADE
á	112	16	19	—
à	51	—	21	—
é	1	173	—	33
è	39	—	—	17
ì	6	—	—	—
ó	—	2	—	110
ò	1	—	—	26
ù	1	—	—	—
TOTAL	211	191	40	186

Quadro 1 – Características fonético-fonológicas das vogais com acentuação gráfica.

Fonte: Elaboração própria.

⁷⁶ Convém notarmos, também, que, no texto, o verbo acentuado ocorre em posição de proeminência prosódica (sílabas tônicas frasais). Contudo, o fato de haver o acento grave não indica, necessariamente, essa característica (pois, como já dissemos na **subseção 5.1**, o acento grave era utilizado na indicação de sílabas mais fracas). Ver, também, **nota 72**.

Em certos casos, principalmente em formas verbais, associadas a estas questões fonético-fonológicas estão questões morfológicas (por exemplo, **póde** – 3ª pessoa do singular, do Presente do Indicativo –, em oposição a **pode** – 3ª pessoa, singular, do pretérito Perfeito).

Quanto às flutuações encontradas, temos que:

1. conforme contexto de emprego, o acento (agudo ou grave) pode indicar acento silábico e/ou qualidade vocálica,
2. no interior desses contextos, a flutuação pode ser entre a presença e ausência do uso do acento (por exemplo, **prégar** = pregar, **vós** = vos, **fóra** = fora, **nós** = nos),
3. há concorrência de acentos gráficos para a escrita de uma mesma palavra (por exemplo, dá – dà, está – està, até – atè, porém – porèm, cá – cà, só – sò, póde – pòde).

5.1.3 Trema (¨)

Há uma única ocorrência deste acento, na palavra **corrüþçaõ**:

"[...] acolà hum corpo morto, & todo **corrüþçaõ**, aqui outro corpo morto, mas incorruptiuel, & como immortal." (SRSI C50, 1825)

Provavelmente, tal caso é uma **gralha**, já que não há mais ocorrências deste acento nos textos. Até mesmo o uso como indicação de tonicidade silábica fica comprometido, já que a sílaba tônica é a final e não a que contém o acento.

5.1.4 Til (~)

Ocorre sobre as vogais <a>, <e>, <o> e <u> e sobre a consoante <q>. Indica (cada possibilidade é exemplificada por algumas palavras):

- a) ditongo nasal em final de palavras não-verbais

admiração (SS C15, 1229-230)

Christãos (SS C26, 1402)

acclamações (SS C25, 1412)

razaõ (SRSI C14, 1206)

b) ditongo nasal, como marcação de tempo verbal:

- 3a pessoa, plural, do Futuro do Indicativo

terão (SS C73, 11183)

dirão (SS C77, 11246)

seguirão (SRSI C3, 121-22)

- 3a pessoa, plural, do Pretérito Perfeito do Indicativo

perdêrão (SS C12, 1158)

affogârão (SS C19, 1303)

acabàraõ (SS C74, 11181)

ennobrecêrão (SRSI C8, 197)

concorrêraõ (SRSI C3, 131)

tiverão (SRSI C4, 146-47)

- 3a pessoa, plural, do Presente do Indicativo

deytão (SS C21, 1337)

despontão (SS C24, 1356)

dão (SS C28, 1436)

achão (SRSI C15, 1241)

fação (SRSI C36, 1584)

mandaõ (SRSI C12, 1165)

- 3a pessoa, plural, do Pretérito Imperfeito

erão (SS C27, 1438)

lançauão (SS C29, 1463-464)

dearticulauaõ (SS C58, 1932)

persuadião (SS C64, 11009)

tinhão (SRSI C35, 1606)

estavão (SRSI C35, 1614)

viaõ (SRSI C35, 1611)

Em todas estas pessoas dos respectivos tempos verbais é utilizada a forma gráfica <ão>/<aõ>, nos dois sermões. Contudo, em apenas dois casos é empregada a forma <am> para a representação da 3ª pessoa, plural, do Presente do Indicativo:

sustentam (SS C13, 1197)

desprezam (SS C14, 1216)

Assim, por meio destas ocorrências, concluímos que predomina o uso de <ão>/<aõ> para a representação da 3ª pessoa, plural, dos tempos Presente, Pretérito Perfeito, Pretérito Imperfeito e Futuro nos sermões. O estabelecimento do tempo verbal empregado, nestes casos, é possibilitado ou pelo contexto frasal ou pelo uso de outros sinais gráficos, como os acentos.

c) abreviaturas⁷⁷

5.1.5 Sinais de pontuação

A pontuação, mais do que um fenômeno gráfico, exerce funções organizadoras e separadoras no texto onde se inserem.

Nos sermões analisados, encontramos:

- () parênteses
- ! ponto de exclamação

⁷⁷ Seu uso será melhor abordado em **5.2 Abreviaturas**.

?	ponto de interrogação
-	hífen (separando sílabas em fim de linha e verbo/pronome)
.	ponto baixo
;	ponto e vírgula
:	dois pontos
,	vírgula
§	parágrafo

5.2 Abreviaturas⁷⁸

Derivada da palavra grega *brauigraphein* (*braui* – curto e *graphein* – escrever), abreviatura corresponde à forma reduzida de escrita de uma ou mais palavras ou mesmo de sintagmas. Normalmente, para indicar uma abreviação, é recorrente, na abreviatura, o uso de um sinal abreviativo, como o ponto, traços, barras ou um sinal especial, que substitue uma letra ou um agrupamento delas, tendo, assim, valor fonológico (as notas tironianas⁷⁹).

Nos sermões analisados, encontramos vários casos de abreviações (cada caso será exemplificado com algumas palavras que apresentam, também, uma forma estendida correspondente):

a) a nota tironiana & (que substitui o *et* latino), equivalente à conjunção e⁸⁰.

b) abreviação por meio do til (~):

- sobre a letra <q>, abreviando o grupo <ue> (38 ocorrências no SRSI e 45 no SS)

⁷⁸ Como o objeto central de análise deste trabalho é a escrita ortográfica portuguesa empregada nos sermões, não serão explorados os diferentes usos gráficos empregados nas passagens e citações latinas. Contudo, encontram-se, nas notas marginais, várias palavras abreviadas, normalmente pelo ponto. Na verdade, são justamente nessas notas que o uso das abreviações é mais recorrente, uma vez que elas foram escritas em um espaço de papel bem limitado (nas margens do texto).

⁷⁹ Derivaram diretamente das notas tironianas. Estas foram inventadas por Marco Túlio Tiro, escravo alforriado de M. T. Cícero (106-43 a.C.), que sistematizou o uso de formas gráficas especiais para representar sílabas, palavras ou terminações de uso muito comum. Trata-se do mais antigo sistema de taquigrafia que conhecemos. Contudo, num texto datado do século VIII, pouco claro, Isidoro de Sevilha atribui a criação das notas a Ênio, poeta siciliano. Eram usadas para uma escrita rápida dos discursos e discussões no Fórum Romano. Na Idade Média, foram grandemente aumentadas, para dar conta da linguagem daquela época em diferentes circunstâncias da vida (HIGOUNET, 2004).

⁸⁰ Nas citações latinas, esse grupo é representado de modo estilizado, conforme exposto na **seção 4**, desta dissertação.

"Mas nas Cortes, nos palacios, nos thronos, & debaixo dos doceis, **q̃** achareis?" (SRSI C12, 1182)

"E **porq̃** se perdẽrão estas tres?" (SS C19, 1300-301)

- sobre as vogais, abreviando a nasal sonora <m>

exêplo (SS C12, 1154-155; SS C34, 1527-528)

têpo (SS C12, 1182-183)

cãpo (SS C25, 1382-383)

têplo (SS C71, 11172)

hũa (SS C, 1; SRSI C3, 153)

algũa (SS C19, 1311; SRSI C50, 1837)

Nenhũa (SS C45, 1732; SRSI, C21, 1340)

Convém observarmos que somente nos três últimos exemplos a abreviação é da consoante que ocupa a posição de início silábico. Certamente, estas formas são apenas resquícios da escrita antiga e o <m> é pronunciado (não havendo, assim, nasalação de vogal). Diz Pereira (1666, p. 68-69): "Estes nomes, *huma, alguma, nenhuma*, tambem se podem escrever com til: *hũa, algũa, nenhũa*; porque o til lhes serve de *m*."

- sobre as vogais, abreviando a nasal sonora <n>:

quãdo (SS C7, 188; SS C71, 11161)

mũdo (SRSI C14, 1199; SS C80, 11275)

grãde (SS C12, 1154; SS C13, 1210-211)

segũada (SS C12, 1164)

tãto SRSI (SRSI C24, 1381; SS C59, 1965)

cõuersão (SS C18, 1281)

võtade (SS C24, 1363)

pensamẽtos (SS C23, 1362-363; SS C73, 11201)

vẽtura (SRSI C4, 136-37; SRSI C4, 148-49)

Sãta (SRSI C9, 1154; SRSI C25, 1420)

sãtidade (SRSI C22, 1354)

Testamêto (SRSI C39, 1665-666)

Sacramêto (SRSI C44, 1732-733)

diligência (SRSI C4, 137)

sentenças (SRSI C22, 1368)

circunstâncias (SRSI C26-27, 1439-440; SS C27, 1451-452)

pêsamento (SRSI C34, 1365-366)

- dois casos de uso do til merecem destaque:

Aroãs (única ocorrência no SS C9, 1123). Nesta palavra, além da presença da consoante nasal, é empregado o til. Essa acentuação do <a> da sílaba final pode indicar, além da nasalação, a tonicidade da palavra.

Grãmatica (também ocorrendo uma única vez no SS C69, 11127). O <a> acentuado pode representar ou a abreviação do <m> geminado (se Grammatica), logo, sem valor fonético ou a nasalação da vogal (em oposição à qualidade aberta da vogal).

c) abreviação por meio do ponto (.)

Junto da letra <s>, indica a abreviação de **são** ou **santa** (32 ocorrências no SS e 16 no SRSI).

"(...) Oradores Euãgelicos **S.** Ioaõ Chrysostomo, de **S.** Basilio Magno, **S.** Bernardo, **S.** Cypriano, & com as famosissimas oraçoês de **S.** Gregorio Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas." (SS C51, 1814; SS C51, 1815; SS C51, 1816; SS C51, 1818)

"O habito de **S.** Francisco, & de **S.** Clara, he hũa das mais vistosas, & mais bizarras galas, que se trajaõ no Ceo." (SRSI C30, 1500)

5.3 Estruturas silábicas: vogais e consoantes

Para a estrutura silábica da Língua Portuguesa, a vogal é o elemento essencial (daí ser denominada núcleo silábico), que pode ou não ser produzido em união com outros sons – as consoantes⁸¹.

Vogais e consoantes se combinam, podendo formar as seguintes estruturas:

V	sa.ú.va	ca.í.da	a.in.da	re.u.ni.ão
VC	or.dem	fa.ís.ca	cri.an.ça	
CV	me.sa	re.por.tar	ven.tu	pom.ba
CCV	pra.to	fra.que.za	blo.co	li.vro
CVC	por.ta	a.fir.mar	en.xer.ga	cur.tam
CVCC	pers.pi.caz		sols.ti.cio	
CCVC	fler.tar	dri.blar	plás.ti.co	pres.tar
CCVCC	trans.por.te	trans.for.mar		
VS	ou.tro	au.to.mó.vel	po.ei.ra	
VSC	eis			
CVS	coi.sa	lou.co	jei.to	noi.te
CCVS	trou.xe			
CVSC	caus.ti.co	dois	cais	paus
CCVSC	an.ces.trais	con.cluis	cons.tróis	
*CVSCC				
*CCVSC				

Quadro 2 – Estruturas silábicas que ocorrem na Língua Portuguesa.

Fonte: Netto (2001, p. 146), com adaptações⁸².

Nos textos analisados, encontram-se as seguintes estruturas silábicas:

⁸¹ Netto (2001, p. 144) salienta que os principais gramáticos, ao caracterizarem a sílaba da Língua Portuguesa, consideram esta como "[...] um fonema ou grupo de fonemas emitido num só impulso expiratório, cujo elemento essencial é a vogal."

⁸² A escrita fonológica foi substituída pela ortográfica. Considerar: V = vogal, C = consoante e S = semivogal.

V	I.sa.bel (SRSI C2, 114)	Ra.i.nha (SRSI C2, 117)	se.a.ra (SS C3, 148)
VC	ar.mem (SS C8, 189)	on.de (SRSI C8, 1120)	ul.ti.mo (SRSI C4, 150)
CV	co.mi.do (SS C8, 1103)	vi.da (SS C28, 1441)	no (SRSI C13, 1197)
CCV	pra.ti.car (SS C63, 11016)	su.bli.me (SRSI C52, 1880)	pa.la.vra (SRSI C44, 1722)
CVC	con.ver.ta (SRSI C43, 1724)	pré.ga.dor (SS C2, 110)	pe.ni.ten.cia (SS C34, 1517)
CVCC	_____	_____	_____
CCVC	es.plen.dor (SRSI C20, 1329-330)	res.plan.de.ci.a (SRSI C26, 1422)	gran.ge.ou (SRSI C5, 156)
CCVCC	_____	_____	_____
VS	ou.tro (SS C40, 1631)	au.di.to.rio (SS C1, 116)	_____
VSC	eys (SS C13, 1204)	per.do.eis (SRSI C15, 1256)	_____
CVS	di.rei.ta (SRSI C6, 183)	de.zoi.to (SRSI C13, 1228)	_____
CCVS	trou.xe (SS C2, 114)	plei.tos (SRSI C5-6, 189-55)	_____
CVSC	maos (SS C21, 1321)	dous (SS C9, 1130)	mais (SRSI C7, 194)
CCVSC	_____	_____	_____

Quadro 3 – Estruturas silábicas encontradas nos sermões.

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1 Vogais

Nos sermões, as seguintes letras representam as vogais:

A	a
E	e
I	i/y
O	o
U/V	u/v

Nas próximas subseções, serão retratados os casos de escrita com vogais que apresentam flutuações ortográficas

5.3.1.1 Uso de <I>, <i> e <y>

Graficamente, as letras <I>, <i> e <y> representam o som vocálico [i], mas cada uma em contextos específicos. O <I> maiúsculo ocorre sempre em nomes próprios (de pessoas ou entes, de nações, de localidades, de instituições), como Índia, Ilha dos Aroãs, Igreja, Isaias e em início de frases. Já na forma minúscula, temos:

	SS	SRSI
<i> núcleo silábico	acima de 250 ocorrências	acima de 250 ocorrências
<y> núcleo silábico	41 ocorrências	8 ocorrências
<i> encosta silábica ⁸³	37 ocorrências	156 ocorrências
<y> encosta silábica	356 ocorrências	265 ocorrências

Analisando os textos, encontram-se as seguintes flutuações:

- **em ditongos, no emprego de <y> e <i>**

⁸³ Neste caso, especificamente, a segunda vogal do ditongo decrescente.

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
foy	6 (C8, 194; C39, 1640)	34 (C5, 180; C14, 1223)
foi	—	2 (C8, 1102; C20, 1311)
maneyra	14 (C22, 1332; C28, 1428)	1 (C46, 1774-775)
maneira	—	4 (C36, 1606-607; C21, 1345)
mays	46 (C4, 123; C25, 1248)	—
mais	1 (C60, 1944)	55 (C7, 194; C8, 193)
muytas	10 (C7, 1109; C30, 1455)	1 (C11, 1189)
muitas	—	3 (C10, 1143; C13, 1224)
muyto	38 (C10, 1135-136; C12, 1167)	6 (C11, 1185; C13, 1215)
muito	—	11 (C13, 1206-207; C50, 1852))
muytos	11 (C45, 1729-730; C46, 1743-744)	2 (C4, 129, C43, 1730)
muitos	—	2 (C13, 1220; 1221)
notay	—	1 (C27, 1452)
notai	1 (C54, 1861)	—
primeyra	5 (C11, 1170-171; C12, 1163)	—
primeira	—	2 (C10, 1130-131; C22, 1341)
Primeyramête	1 (C19, 1291)	—
Primeiramente	—	1 (C17, 1277)
primeyro	1 (C46, 1716)	3 (C8, 1115; C10, 1132)
primeiro	—	3 (C21, 1369; C25, 1435)
grosseyro	1 (C63, 11035)	—
grosseiro	—	1 (C32, 1512)
oytauo	1 (C66, 11055)	—
oitauo	—	1 (C26, 1405)

effeytos	4 (C16, 1222; C32, 1487)	—
effeitos	—	1 (C49, 1893)
demays	1 (C11, 1178-179)	—
demais	—	1 (C45, 1778)
deyxa	1 (C21, 1331-332)	—
deixate	—	1 (C47, 1816)
deyxou	3 (C25, 1382; C35, 1548-549)	—
deixou	—	12 (C17, 1278; C21, 1345)
pleyto	1 (C44, 1692)	—
pleitos	—	1 (C5-6, 189-55)
verdadeyro	3 (C60, 1953-954; C67, 11088)	1 (C37, 1631)
verdadeiro	—	2 (C34, 1555-556; C50, 1840-841)

Quadro 4 – Ocorrências de palavras com flutuação no emprego de <y> e <i>.

Fonte: Elaboração própria.

Nos pares de palavras acima, ocorrem flutuações no uso de <i> e <y> em contexto de ditongo: <ai>/<ay>, <ei>/<ey>, <oi>/<oy>, <ui>/<uy>. Observando o número das ocorrências das flutuações, percebemos que, embora haja o emprego das duas grafias em ambos os sermões, para a escrita de ditongo, a preferência era a escrita do grupo vocálico com <y>. O uso de <i> é mais freqüente no SRSI.

Alguns ortógrafos chegaram a propor distinções quanto ao emprego das formas <i> e <y>. Bento Pereira (1666, p. 73-74), diz que

Todas as vezes q̃ a letra, *i*, se põem antes, ou depoy de vogal, &lla em si nam he consoante, nem sufficiente a fazer syllaba, se escreve *y*, & he o nosso ypsilon Portuguez: v. g. *Rey, Ley, Pay*; & o mesmo se deve guardar nos pluraes: v. g. *Reys, Leys, Pays*. O mesmo no meyo das palavras: como, *Mayo, Payo, cayado, Pereyra*. O mesmo nas ultimas: v. g. *mortays, andays, sereys*.

Ou seja, o ortógrafo estabelece uma distinção quando se tem o som [i] em contexto isolado ou acompanhado por uma consoante, sendo, pois, núcleo silábico, e quando

acompanhado pelo som de outra vogal, sendo pronunciados em uma única sílaba, no caso dos ditongos.

A mesma ideia partilha Franco Barreto (1671, p. 85-86), ao falar do <y>:

Nós a temos por vogal, porê nã suficiente a fazer per si so silaba, poys sempre lhe precede outra vogal, cõ a qual compoem uma so silaba, como em pay, mãy, & assi se destingue do i, que he vogal completa. E a diferença, que entre estas duas y. i, & esta j, ha , se mostra claramente ã as palavras seguintes; cayado, caido, cajado, as quaes se diversificam pela diversidade dos y, i, j.

Deste y, poys usaremos ã todas as silabas, ã que ouver de entrar i, & nã se ouvir o tal i, & cõ elle se pronunciarem as vogaes a, e o, u, de ù flato, como pay, ley, boy, ruyvo, & assi escreveremos gayta, feyto, foyte, muyto, & outras taes [...] màs adõde se sentir o soido do i, se escreverá cõ elle, como gemido, suspiro, &c.

Por sua vez, Madureira Feijó (1734), ao tratar dos ditongos em *Língua Portuguesa*, considera possíveis as combinações: <ai>, <ay>, <ey>, <ei>, <io>, <oi> e <oy>. E, ao comentar as formas <i> e <y> em ditongos, confessa:

Eu porem formando um dithongo de *ai*; ou de *ay*, confesso que não percebo a diferença da pronũciação em *Pai, Lei, Dei*, e em *Amei, Ensinei, Chorei, Dei, Fallei* etc. *Amai, Ensinai, Chorai, Fallai* etc. E estas linguagens dos verbos andam na nossa Arte com *I* vogal; e não ha homem douto, qua assim não escreva. Pois se *I* vogal formado em dithongo com as outras vogaes tem o mesmo som, que o *Y*; com que necessidade se introduz esta letra Portuguesa? Ou para que he necessario nas palavras Portuguezas o *Y*, dos Gregos? (FEIJÓ, 1734, p. 103)

Percebemos, nesse trecho, que, para o ortógrafo, independentemente de o som [i] ocorrer em contexto de ditongo ou de núcleo silábico, graficamente, ele permanece o mesmo. Assim, o "Y Grego", de certa forma, deixa saturado o alfabeto português, já que a função que ele exerce no sistema ortográfico pode perfeitamente ser desempenhado pela letra <i>⁸⁴. Mesmo não desprezando o uso do <y>, pois o "costume" e a "tradição" o impedem de fazê-lo, faz a seguinte observação:

Porém não deve ser taõ frequente, nem he taõ necessario o uso do *Y*, que nos lance fora totalmente o uso do *I* vogal nos dithongos de *Ai, ei, oi, ui*: como querem os Typógrafos, que não ha dithongo de *I* vogal, que não mudem para *Y*: E eu dezejara saber em que orthografia, ou em que Auctor acharaõ este

⁸⁴ Nunes de Leão (1536) destina o uso de <y> exclusivamente para a escrita de palavras de origem grega. Assim, os ditongos devem ser formados pela soma das vogais mais o <i> (geito, Rei, noite, coiro, cuidado, ruiuo, gaita, bailo).

inviolavel uso do Y; e que me disseraõ, que differença fazem na pronunciaõ de *Pereira, Eira, Primeiro, Foi* etc. ou *Pereyra, Eyra, Primeyro, Foy*? Porque os dithongos, ou se escrevaõ com hum, ou outro I, sempre tem o mesmo som. E se na primeira orthografia ha erro, devem dize em que; e se o naõ ha, naõ devem emendar. (FEIJÓ, 1734, p.103-104)

Então, após estas ponderações, Feijó (1734) considera como acertado manter <y> nas palavras já cristalizadas pelo uso (elaborando, para facilitar a consulta de seu leitor, uma lista com as principais palavras utilizadas pelos doutos da época), como também as palavras de origem latina ou grecolatina.

- **uso do <y> como núcleo silábico**

Apenas nas palavras abaixo ocorre o uso gráfico de <y>, representando o som [i], como núcleo de sílaba, não havendo flutuação:

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
tyrannico	1 (C38, 1590-591)	—
estyllo	23 (C27, 1423 ; C36, 1576)	—
martyrio	1 (SS C38, 1594)	—
tyrannia	1 (C38, 1600)	—
S. Ieronymo	1 (C44, 1680-681)	—
S. Chrysostomo	3 (C44, 1682; C51, 1814-815)	—
Chrysologo	1 (C44, 1706)	—
S. Cypriano	1 (C51, 1817)	—
mysterio	1 (C56, 1905)	—
mysterioso	1 (C58, 1914)	—
Apocalypse	2 (C58, 1928; C69, 11111-11112)	1 (C25, 1427-428)
Euthymio	1 (C59, 1959)	—
Cyro	—	2 (C10, 1152; C11, 1166)

mystico	2 (C71, 11165; C71, 11170-1171)	—
crystaes	1 (C76, 11226)	—
Dionysio	—	1 (C6, 156-57)
Symiramis	—	1 (C15, 1232)
Egypto	—	2 (C42, 1694; C42, 1699)
S. Hieronymo	—	1 (C48, 1813)
lagrymas	1 (C33, 1515)	—

Quadro 5 – Ocorrências de palavras com <y> como núcleo silábico.

Fonte: Elaboração própria.

Contudo, no SRSI há 5 ocorrências de **sy**, como pronome oblíquo (SRSI C18, 1290; SRSI C19, 1313; SRSI C19, 1316; SRSI C19, 1317; SRSI C48, 1795), variando com **si** (2 ocorrências: SRSI C17, 1275; SRSI C18, 1298).

Como já discutido no item anterior, o <y>, grande parte das vezes, era empregado quando ocorria ditongo. Nos demais casos, optava-se pelo uso gráfico de <i>. Contudo, em algumas situações era tolerado tal uso: quando as palavras eram gregas ou grecolatinas. Pereira (1666, p. 75) afirma:

Bem póde tambem a letra y, ser perfeyta vogal, & fazer syllaba, quando se puzer nas palavras tomadas dos Latinos, & Gregos: v.g. *Syllaba*, *Sylva*, *estylo*. Mas este ypsilon he propriamente o que chamamos Grego, diverso do Portuguez; porque o Portuguez sempre se junta à letra vogal, com a qual faz syllaba perfeyta, o ã não tem o Grego.

Para ele, havia, para a representação do som [i], três possibilidades gráficas:

- o <i>, vogal capaz de formar sílaba,
- o "ypsilon Portuguez", utilizado nos ditongos e, finalmente,
- o "ypsilon Grego", capaz de formar sílaba perfeita, visto que deriva de palavras cujo radical já apresentava tal forma gráfica (palavras gregas e latinas).

Feijó (1734, p. 102), guiando-se pelo costume, explica que

A letra Y, pronunciase do mesmo modo que o I vogal. He letra Grega, e os Latinos so usão della nas palavras puramente Gregas, ou Grecolatinas. Não sabemos o verdadeiro som, com que os Gregos a pronunciavaõ; porque sem duvida devia ser diverso do seu *iota*, ou I, do qual nós o não differencamos na sua pronunciaçaõ, dizendo: *Syllaba*, *Sylla*, *Styras* etc.

Nunes de Leão (1576), também evidencia o uso do <y> para as palavras de origem grega que tenham tal letra na sua escrita, estabelecendo as seguintes regras para seu correto uso: escreverão com <y> 1. as palavras compostas pela preposição *syn* (syllaba, syllogismo), 2. derivados de *chrysos* (Chrysostomo), 3. derivados de *pyr* (Pyreneo, pyramis), 4. derivados de *lyco* (Lycomedes), 5. derivados de *poly* (polypus), 6. derivados de *hydor* (hydria, hydropesia), 7. derivados de *physis* (physico, metaphysico), 8. compostos por *hyper* (hyperbatõ, hyperbole), 9. compostos por *hypo* (hypocrita).

De opinião contrária à dos demais ortógrafos, aponta Barreto (1671, p. 86) que

[...] nã temos necessidade de escrever cõ y, as dições Gregas, que os Latinos escrevem cõ elle, como syllaba, sylva, hydropico, hydropisia, hypocrita, & outros taes, porque nã estamos obrigados ã tudo à ortografia dos Latinos; quanto mays, que elles escreviam os taes vocabulos cõ y, porque entre os Gregos soava como u, como diz o Brocense [...] Nós como nã sentimos ã a orelha, aquella melodia Grega, escrevemos os taes vocabulos per i Latino, como silaba, silva, idropico, idropesia, ipocrita, ipocresia, &c.

Através dos comentários, podemos deduzir que vários ortógrafos acreditavam que tanto <i> quanto <y> poderiam ser empregados nos mesmos contextos, uma vez que, na pronúncia, não havia diferenciação. Contudo, o uso tradicional de certas grafias superava a possível facilidade de simplificação de formas ortográficas para uma mesma função.⁸⁵

Em síntese, temos:

1. a distinção das formas <I>, <i> e <y>, em núcleo silábico, não possui base fonético-fonológica. Inclusive, nos casos em que <y> ocorre como núcleo silábico, há busca de analogia com as línguas clássicas,
2. a distinção <i>/<y>, geralmente, apresenta uma explicação fonético-fonológica: a flutuação é influenciada pela posição em que a letra ocorre na sílaba.

5.3.1.2 Uso de <U>/<V> e <u>/<v>

⁸⁵ Cabe ser ressaltado, também, que algumas das palavras expostas na lista não apresentam, em sua etimologia, a letra <y>: *estylo*, do latim *stīlu* e não *styly*, como ressalta Machado (1952), *mystico*, do turco *mistiko*, *lagrymas*, do latim *lācrima*

Nos textos, ocorre, em algumas palavras, a representação do som vocálico [u] pelas formas gráficas <v>, <V>, <u> e <U>.

No Latim, as vogais [i] e [u] também desempenhavam uma função consonântica, quando ocupavam o início de palavra (*iustum, uacca*). Na formação da Língua Portuguesa, tal função foi eliminada, uma vez que ambas as vogais transformaram-se em consoantes plenas, respectivamente [ʒ] (justo) e [v] (vaca). Graficamente, na Língua Latina, tanto os sons vocálicos [i] e [u] quanto os consonânticos eram representados, nas formas maiúscula e minúscula, respectivamente, por <I>, <i>, <V> e <u>. Em Português, a representação do som vocálico [u] e da fricativa [v] confundiam-se com as grafias <v> e <u>, e suas respectivas formas maiúsculas, em determinados contextos, devido à influência latina, já que os primeiros ortógrafos e gramáticos buscavam amparo no Latim para tentar sistematizar a nova língua.

Leão (1576), ao apresentar as letras que compõem o alfabeto português, inclui somente a forma gráfica <u>, e, ao classificá-las como vogais e consoantes, diz que as vogais <i> e <u> podiam atuar também como consoantes. Mas, ao tratar, particularmente de cada letra, ao invés de empregar a forma <u>, vale-se da forma maiúscula <V> e também <v>. Ou seja, na própria Orthographia havia confusão no emprego das formas <u> e <v> para a representação dos sons [u] e [v]. Explica ainda que a forma <v> desempenha "dois ofícios": um "próprio", representando o som vocálico e outro "emprestado", quando juntado-se à uma vogal, atua como consoante, que, segundo ele, tem semelhança sonora com o <f>. Dadas as duas funções, Leão (1576, p. 22) as diferencia "[...] quãdo he consoante, de quando he vogal, desta meneira .v. ao menos no princípio das dições. Porque no meo dellas, vsão do .u. indistinctamente, quer seja vogal, quer consoante." Ou seja, embora sempre no início de palavras o som fricativo [v] devesse ser representado por <v>, quando no início de sílabas interiores de palavras, variava com a forma <u>.

Pereira (1666, p. 69), por sua vez, declara que "Nam obstante dizerse vulgarmente que qualquer destas letras, *i*, *u*, hũas vezes he vogal, & outras consoantes, eu tenho por melhor dizer, que não sam só duas, senam quatro as tays letras, poys cada hũa dellas tem diversa natureza, & sempre se deve escrever com diversa figura." Notamos, pois, que o autor relaciona claramente as formas gráficas com suas funções no sistema linguístico. Assim, distingue o <i> do <j> (chamado, por ele, de "je") e o <u> do <v>. Destes últimos, diz

Quanto às outras letras, *u* vogal, & *v* consoante, à qual podemos chamar *ve*, [...] sam como duas letras realmente distinctas, nam só na natureza; poys

huma he vogal, que per si voga, & faz soido a modo de bramido de lobo, *u*, & outra consoante, que varia o soido junta às vogays, *vas, ves, viste, vou, vulto*, senam tambem na figura: poys a vogal sempre se deve escrever assim, *u* & a consoante assim, *v*. (PEREIRA, 1666, p. 71-72)

Ressaltando a distinção gráfica relacionada aos valores fonológico e fonético, continua Pereira (1666, p. 72)

Digo (sempre) porque alguns só a escrevem no principio, & nam no meyo: *v*. g. nestas palavras, *viuer, valverde*: sendo que para se guardar perfeyta distincçam assim no principio, como no meyo, se deve pôr nesta figura, *v*, porq̃ se em ambos os lugares he consoante, em ambos deve ter figura de consoante, qual he a que puzemos: pelo que se escreverà, *viver, valverde, &c.*

Além dessas considerações, o ortógrafo salienta outra importância da distinção gráfica dos sons: ela evita certas confusões. Por exemplo, a diferença entre as palavras *uivo* e *vivo* seria favorecida pelo uso distinto das letras <u> e <v>.

Franco Barreto (1671, p.82) partilha ideia semelhante à de Pereira: <u> e <v> são letras representantes de sons distintos entre si, além de favorecerem a distinção de palavras (lavra – laura):

He o *u*, vogal, que se pronuncia lançãdo os beyços para fóra, màs menos abertos, que no *o*. He letra muyto diversa do *v* consoante, assi na figura, como no officio, ainda que os Antigos uzaram de ambas indistintamente: màs poys nós podemos representar estas duas letras, vogal, & consoante, cõ diferentes figuras, he mũy acertado que o façamos.

Feijó (1734) inclui, na apresentação das letras que compõem o alfabeto, as letras <U> e <V>, com seus respectivos valores de vogal e consoante. E, sobre o uso indiscriminado das duas grafias, diz:

Muitos no meyo das palavras usaõ indistinctamente, ou de hum, ou de outro *U*; isto he, ou vogal *U*, ou consoante *V*; porque dizem, que tanto se póde pronunciar o vogal como consoante, quanto se póde pronunciar o consoante como vogal: *v. g. Uuada, Uuas, Savdades, Savde* etc. Mas não usaremos desta orthografia, por ser esusada, quando temos a differença de hum, e outro *U*; que assim como saõ diversos na pronunciação, tambem tem diferente figura. (FEIJÓ, 1734, p. 101)

Observa-se, pois, que, embora houvesse confusão entre as grafias para a representação dos sons vocálico e consonantal, os ortógrafos percebiam, sim, a diferença de seus valores e

funções e, de certa forma, para a maioria deles, a padronização do uso das letras <u> e <v> favoreceria a clareza da escrita.

Nos sermões, em casos específicos, ocorre flutuação de emprego entre as formas <u> e <v> para a representação do som vocálico [u]:

- **uso de <V>**

Embora ocorra o uso da forma maiúscula <U>⁸⁶, <V> é empregado em dois casos: na palavra **usa-se**

"**Vsase** hoje o modo, que chamão de apostillar o Euangelho, em que tomão muytas materias, leuantão muytos assumptos [...]" (SS C45, 1725)

e na palavra **universidade**

"Altercouse entre alguns Doutores da **Vniuersidade**, qual dos dous fosse mayor prégador?" (SS C82, 11335-1336)

- **no início de certas palavras, o <u> é substituído por <v>**

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
vltima	4 (C11, 1176; C12, 1166)	—
vltimas	—	1 (C23, 1377)
vltimos	2 (C12, 1160; C13, 1200)	—
vltimo	1 (C12, 1176-177)	—
vnião	1 (C30, 1476)	—
vsa	4 (C36, 1575; C38, 1591)	—
vsaõ	1 (74, 11187)	—

⁸⁶ Utilizado apenas em: **Universo** (2 ocorrências: SRSI C39, 1679 e SRSI C46, 1771) e **Urracas** (1 ocorrência: SRSI C41, 1688)

vnhas	1 (C79, 11289)	—
vsaua	—	1 (C18, 1269)
vnindo	—	1 (C18, 1270)
vnio	—	3 (C18, 290; C19, 1327)
vnir	—	1 (C19, 1332)
vnico	—	1 (C21, 1362)
vniuerso	—	1 (C27, 1464)

Quadro 6 – Ocorrências de palavras onde o <u> é substituído por <v>.

Fonte: Elaboração própria.

Nestas palavras, ou o <v> ocorre isolado na sílaba ou seguido da lateral [l].

5.3.1.3 Uso de vogais dobradas

Em algumas palavras, foram utilizadas vogais dobradas. Agrupando estas palavras conforme a finalidade do redobro da vogal, temos:

- **Forma composta de prefixo terminado em vogal + palavra iniciada por vogal**

reedificar (2 ocorrências no SS: C71, 11145; C71, 11152)

reedificaria (1 ocorrência no SS: C71, 11163)

reedificou (1 ocorrência no SS: C71, 11168)

cooperação (1 ocorrência no SRSI: C4, 141)

- **Verbos com radical terminado em vogal + sufixo flexional iniciado por vogal**

refree (1 ocorrência no SRSI: C40, 1676)

arrazoou (1 ocorrência no SS: C60, 1960)

povoou (1 ocorrência no SRSI: C45, 1785)

Para Pereira (1666, p. 29), como a escrita, de certa forma, representa a fala⁸⁷, ela deve manter-se o mais fiel possível da pronúncia. Assim, comenta que, na escrita, "[...] nunca se devem acrescentar letras, que se não pronunciaõ, como alguns mal acrescentaõ, e, no nome Fee, avendo de escrever Fé, &c. no nome poo, avendo de escrever pó." De fato, esta regra coloca-se contra o preceito mantido por alguns ortógrafos⁸⁸ segundo o qual certas palavras deviam ter sua vogal dobrada (geralmente, toda sílaba tônica devia ser marcada pelo redobro de sua vogal). De modo geral, estipula que nenhuma vogal deve ser dobrada, exceto nos casos em que as vogais não forem do mesmo gênero e qualidade e não pertencerem ao mesmo vocábulo (caso da junção de verbo mais seu complemento, quando pronome átono oblíquo)⁸⁹.

Franco Barreto (1671, p.71) descarta o uso de vogais dobradas. Ao começar a falar sobre as vogais, afirma que "[a vogal A] Nã se dobra ja mays ã diçã alguma Portugueza, nẽ no principio, nẽ no meyo, nẽ no fim, como também nenhuma das outras vogaes, contra o parecer de nossos Ortografos, como logo direy." Ao retratar as possibilidades de ditongos consideradas por outros ortógrafos de sua época, Barreto descarta todos os que envolvem o redobro da mesma vogal. Faz, então, o seguinte comentário sobre as variedades existentes:

Menos razã ha para que as vogaes se dobrem; màs ha omẽs amigos de antigualhas, & querem antes fallar como seus avós, que como os seus contemporaneos, nã conhecendo, que das moedas, & das palavras as mays correntes são as melhores. (BARRETO, 1671, p. 186)

Ou seja, para o ortógrafo, a ocorrência de vogais dobradas deve-se à manutenção ou tentativa de manutenção de formas arcaicas. O autor chega mesmo a comentar o preceito de Bento Pereira sobre a possibilidade de dobrar vogais quando estas forem de qualidade e gênero diversos: para Barreto, tal possibilidade é inexistente. Finalmente, ao comentar a prática de Nunes de Leão, que, segundo ele, dobra todas as vogais, diz:

O licenciado Duarte Nunes costuma dobrar todas as vogaes; & assi diz maa, paa, jaa, paadar, aar, irmaan, & outras taes, que certo me pareceu ã fino

⁸⁷ "Para que guardemos certeza, ou verdade em nossa escritura, assim devemos escrever, como pronunciamos & pronunciar como escrevemos. D'outra maneyra será nosso escrever mentiroso [...]" (PEREIRA, 1666, p. 28-29)

⁸⁸ Por exemplo, para Leão (1576), entre os vários motivos que justificavam as vogais dobradas, considerava a queda de consoantes, na passagem das palavras latinas para o Português (nodo > noo, solo > soo, fedes > fee, pedes > pee) e a marcação da última sílaba longa de palavras terminadas em <o>. O acento, para este ortógrafo, deveria ser empregado somente nos casos em que houvesse possibilidade de ambiguidade.

⁸⁹ "Digo, (do mesmo genero, & qualidade) porque na palavra, *mentyis*, he diversa qualidade o *i*, do *y*. Digo, (pertencendo ao mesmo vocabulo) porq̃ quando dizemos: *vendoo*, id est, *vendo a elle*, *eu amavaa*, id est, *amava a ella*, nam se dobram as tays vogays, mas juntam se os artigos, os quays não pertencem aos vocabulos, compõdo com elles huma dicçam." (PEREIRA, 1666, p. 43)

desproposito; polo que escreveremos ma, pa, já, pádar, ar, irman, & nunca dobraremos a, nẽ outra alguma vogal pertencendo ao mesmo vocabulo. Assi diremos Fe, Se, & nã Fee, See, como se ve escrito ẽ muytas cazas, que saõ foreyras á Metrepoli: pèga, pela ave, & péga por pegar, como aqui estão escritos, ainda que o verbo queyra diversos acentos, conforme pronunciaçã dos tempos, ora grave, ora agudo, que para isto foram inventados os acentos, & nã tẽ outro uso. (BARRETO, 1671, p. 186-187)

Ou seja, para Barreto, nunca se devem dobrar as vogais e, para diferenciações, serão utilizados os acentos.

Feijó (1734, p. 30) também não admite vogais dobradas nas palavras, pois

A razã para nã se dobrarem as vogaes he, porque cada vogal por si tem voz, ou som taõ claro, e distincto, que nã necessita de outra vogal para soar com tom agudo, ou circumflexo, ou grave, nas palavras em que for necessario. E por isso erraõ os que escrevem *Saa, See, Soo, Fee, Tuu*; dizendo que dobraõ as vogaes, para se diferençarem de outras, que saõ semelhantes; e escrevendo estas com huma so vogal, se equivocã no som da pronunciaçã; e esta razã nasce da ignorancia dos accentos [...]

Como Pereira, Feijó observa a junção de duas vogais nos casos de verbos mais seu complemento oblíquo. Contudo, ao referir-se aos ditongos, o ortógrafo admite o formado por <aa>, em palavras com nasalidade: "[...] ha dithongos de dous *Aa*, que se pronunciaõ juntos, como nestas palavras: *Irmaã, Maçaã, Irmaãs, Maçaãs* etc. nas quaes se percebe o som de dous *Aa* inseparaveis; porque nã dizemos: *Irma-ã Maça-ã* etc." (Feijó, 1734, p. 23)

- **Redobro da vogal <e> na palavra Teeologos (1 ocorrência no SRSI: C19, I302)**

Nesta palavra, a vogal aparece dobrada numa sílaba átona pretônica. Etimologicamente, não há processo fonológico⁹⁰ que justifique o redobro da vogal, já que ela provém do Latim *thēōlōgu*. Conforme Souza (2009), a possível finalidade de se encontrar vogal dobrada em uma sílaba átona é para a sinalização de timbre aberto da vogal, em oposição a um timbre fechado. Contudo, não devemos desconsiderar, também, possível erro do impressor.

- **Redobro da vogal <a> na palavra vaã (1 ocorrência no SRSI: C15, I234)**

⁹⁰ Por exemplo, a síncope de consoantes intervocálicas: *solos > soos > sós*.

Nesta palavra, ocorre o uso gráfico de <a> mais <ã>. Pode ser que, para essa palavra, ainda era mantida sua forma antiga de escrita, com a manutenção do hiato em vogais de mesmo timbre. Assim, *vana* > *vaã*, com a marcação da nasalidade na sua segunda sílaba. Mas, com os comentários dos ortógrafos, percebemos que tal função não se aplica. Segundo eles, na verdade, a grafia servia apenas para indicar o gênero feminino da palavra.

Leão (1576, p. 27), ao comentar o ditongo <ãa>, diz:

O primeiro diphthongo he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum til, em que se acabão muitos nomes femininos, que se não podẽ screuer com as letras directas dos Latinos, que são as do nosso alphabeto, de maneira que fiquem escriptas, como as nos pronũciamos. Porque se screuerem, irmam, romam, lam, vão dar em outro soido mui differente. Porque ficão soando, quasi como irmão, romão, lão. E não faz dizer, que com hum .a. & com hum til, representarão o som, ã nos pronunciamos, & que se escusará o inconueniente, de formar hum diphthongo de duas vogaes semelhantes.

Ou seja, se a palavra *vaã* deriva do Latim *vana*, a manutenção das devidas letras não corresponderia à real pronúncia portuguesa. E, levando em conta a analogia, pondera ainda que "Assi que irmã, hauendo de guardar a mesma analogia, deuese screuer mudada soo a terminação do .o. em .a. E desta maneira fica o .a. dobrado." (LEÃO, 1576, p. 28) Observemos, ainda, que no próprio texto de Leão, ocorre, também, a inversão do til: ao invés de ser colocado sobre o primeiro <a>, aparece sobre o segundo (irmã).

Bento Pereira (1666, p. 67-68) também concorda com formas dobradas de <aa>, embora analise, particularmente, o emprego do til. Diz ele:

Usaremos mais do til aonde for precisamente necessario, como em varios nomes, que tendo toada de *a*, & de *m*, em nenhuma destas letras acabaõ: como, *irmãa* femea, para distinçam de *irmam* macho, *maçãa*, *avelãa*, *lãa*, *manhãa*, *Christãa*, para distinçam de *Christam*, os quays tambem no plural recebem til [...]

Ou seja, para Pereira, o uso da forma <ãa> implica na distinção entre forma masculina e forma feminina. Inclusive, salienta que, embora na sua época, algumas pessoas escrevessem os referidos nomes apenas com <ã>, tal escrita não seria clara, já que ele nota que "[...] til tem força de *m*, donde quem puzer sobre hum só *a* til, v.g. *Irmã*, nam a fica distinguindo de *irmam*." (PEREIRA, 1666, p. 68)

Franco Barreto (1671), contrário ao uso de vogais dobradas, chama de "falsos ditongos" as formas <ãa>, <õe>, <ĩy>, <õo>, <ũu>. E, comentando, sobretudo, as ideias de

Leão, diz que "[...] porque nenhũa cousa pudera parecer mays redicula, que pronunciarmos irma-an, la-an, va-an, sa-an, & assi demays; cujos pluraes fazẽ elles, irmaãs, laãs, vaãs, saãs; havendo de ser, irmans, lans, vans, sans, & soam como ẽ Latim esta preposiçã trãs, ou trans." (BARRETO, 1671, p. 108-109)

Através do modo pelo qual Barreto segmenta as sílabas das palavras para questionar o preceito de Leão, dividindo as vogais idênticas, percebemos que, de fato, era improvável a pronúncia como hiato de vogais dobradas. Além disso, para este ortógrafo, a marcação de nasal não se empregava entre as vogais, na possibilidade de formação de sílaba com a vogal posterior à nasal (va-na), mas, sim, no final de todo o segmento (va-an). Ademais, por exemplificar suas ideias com a palavra *vaãs*, podemos supor que tal uso era muito corrente na época.

Feijó (1734), opondo-se às ideias de Barreto, considera válido, sim, o uso de <aã> em certas palavras, principalmente para a diferenciação entre masculino e feminino. Também salienta que a pronúncia como hiato não ocorre⁹¹.

Souza (2009, p. 175-176), ao comentar o mesmo uso ortográfico para a palavra *vã*, diz que tal uso

[...] revela um modo de assinalar uma tonicidade nesta palavra, juntamente com a nasalidade. A escrita com vogal dupla não era necessária neste caso, mas destaca o fato de se tratar de um monossílabo tônico (que, na verdade, não precisava de uma grafia com vogal duplicada, como, de fato, aparece, em outros contextos. O fato de o til aparecer na segunda vogal e não na primeira lembra a discussão a esse respeito que os ortógrafos, às vezes, faziam: o til era usado para representar a nasalidade vocálica, mas também tinha uma longa tradição de ser marca de abreviatura. Nestes casos, o til podia representar a abreviatura de ‘m’ ou de ‘n’ em final de sílaba. Em ‘vã’, assinalando o primeiro ‘a’ com o til, alguém poderia ser levado a usar a velha regra e ler ‘vana’ e não vã’”.

⁹¹ "Mais: Os mesmos Orthógrafos, que reprovaõ o dithongo aõ, reprovaõ tambem este *aã* nos nomes femininos, como *Irmaã*, *Christaã*, *Maçaã* etc. E daõ por fundamento, que hum *A* he superfluo; porque não pronunciamos *Irma-ã*, *Maça-ã* etc. E que para differençarmos *Irmaõ* de *Irmaã* na orthografia, e pronunciaçãõ basta, que os femininos se escrevaõ com til por cima: *Irmã*, *Maçã* etc. Respondo, que he pouca intelligencia dos dithongos, dizer, que sendo dithongos soaõ separadamente na pronunciaçãõ: como *Maça-ã*, *Irma-ã* etc. Porque toda a natureza dos dithongos consiste so, em que sendo huma so a pronunciaçãõ, o som he quasi de duas letras [...]

Donde se desfizessemos o dithongo em *Maçãa*, *Irmãa* etc. ficaria, *Maçam-a*, *Irmam-a*; porque o til aqui não suppre *M* final, mas intermedio. E a razãõ he evidente; porque o som final da pronunciaçãõ em *Maçaã*, *Irmaã*, ou *Maçã*, *Irmã* (como elles dizem) acaba em *A*, assim como o som de *Irmaõ*, e *Christaõ*, acaba em *O*: logo para escrevermos como pronunciamos, necessariamente havemos de fazer o dithongo de dous *ãa*. Quanto á differença que elles fazem dos nomes femininos, he engano manifesto; porque se dizem, que o *Irmaõ* se escreva *Irmam*, e que a *Irmãa* se escreva *Irmã*: aonde vay aqui a differença na pronunciaçãõ? Quando todos sabem, que o til, assim como suppre o *M*, tambem sôa como *M* na pronunciaçãõ, e em lugar do til se pôde escrever o *M*? E quem duvida que ou se escreva, ou se pronuncie, sempre ficaõ com o mesmo som, *Irmam*, e *Irmã*, *Christam*, e *Christã*: pois aonde vay a differença?" (FEIJÓ, 1734, p. 114-115)

De fato, embora tal equívoco lembrado por Souza pudesse ocorrer, percebemos, pelos comentários dos ortógrafos, que havia uma forte preocupação em se definir a diferença dos usos ortográficos do til, <m> e <n> e seus respectivos valores.

5.3.1.4 Uso de <am>, <ão> e <aõ>

Algumas palavras com sons vocálicos nasalizados na sílaba final apresentam flutuação gráfica para sua representação: ora com uso do til, ora com o uso da consoante nasal <m>.

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
sermaõ/sermão	29 (C36, 1563; C45, 735-736)	1 (C9, 1131-132)
sermam	1 (11)	1 (11)
saõ/são	76 (C73, 11199; C73, 11200)	23 (C4, 139; C10, 1138)
sam	1 (C29, 1455)	1 (C31, 1529)
taõ/tão	31 (C3, 151; C17, 1260)	26 (C12, 1171; C13, 1205)
tam	9 (C2, 114; C15, 1233)	4 (C9, 1125; C9, 1149)
Adaõ/Adão	1 (C52, 1817)	2 (C45, 1789; C46, 1760)
Adam	—	2 (C45, 1786; C46, 1766)
desprezão	2 (C79, 11277-1278; C79, 11303-1304)	—
desprezam	1 (C14, 1216)	—

Quadro 7 – Ocorrências de palavras com flutuação gráfica na escrita do som nasal.

Fonte: Elaboração própria.

Câmara Jr. (1975), ao falar da nasalização portuguesa lembra que, em Latim, as sílabas podiam ser travadas por consoantes nasais. Lembra, também, que

Com todas as outras consoantes em segmento, a consoante nasal de travamento reduziu-se, complementando-se o travamento fonológico com

uma forte nasalização da vogal. Este processo foi privativo do romance lusitânico, em contraste com o castelhano, onde persistiu o mero travamento pela consoante nasal, como em latim. (CÂMARA JR, 1975, p. 64)

Assim, em posição final átona, a consoante nasal foi eliminada (*lupum* > *lobo*). Já em posição intervocálica, com a redução da consoante nasal, a nasalização decorreu ou da fusão das vogais (*bonu* > *bõo* > *bom*, *lana* > *lãa* > *lã*) ou da sua ditongação (*orphanu* > *órfão*)⁹². Para a escrita, então, salienta Câmara Jr. (1975, p. 65):

A escrita portuguesa adotou dois meios de indicar a vogal nasal. O primeiro foi manter a letra consoante, que se usava em latim para indicar a pura consoante nasal pós-vocálica, e era *m* diante de consoante labial na sílaba seguinte (*campus*, *ambo*) e *n* diante de consoante de outro tipo (*legenda*, *sanguis*). O segundo foi aproveitar o diacrítico chamado "til" (~), sobreposto à letra vogal, que era de início uma abreviação do *n* de que lançavam mão os copistas medievais. Afinal fixou-se a praxe de escrever *m* ou *n* (pelo critério latino) em sílaba interna ou sílaba final com *a*, *i*, *o*, *u*, reservando-se o "til" para *a* final ou ditongo.

Dados estes fatos, não é improvável a flutuação no emprego e respectivo valor de formas gráficas que representam vogais nasais, já que os ortógrafos pautavam-se no modelo latino para explicarem fatos da Língua Portuguesa.

Para a maioria dos ortógrafos, a nasalidade só era possível devido ao emprego exclusivo da consoante nasal <m> ([m]), não com toda a sua força, mas "líquida". Contudo, os ortógrafos percebiam que, para a representação da nasalidade em final de palavra, o emprego dos segmentos <am> ou <ão> veiculavam valores fonéticos distintos.

Duarte Nunes de Leão (1576), ao comentar o uso do til, afirma que ele, além de servir como marca de abreviatura, também indica a supressão de <m> em final de sílaba, ao formar ditongo. Diz ele, ainda:

E por assi ser liquido este .m. & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaes, em que elle interuem, se ajütem sempre em diphthongos, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero. Polo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamête para a

⁹² Lembra, também, Netto (2001, p. 113-114): "A origem da nasalidade vocálica em português é bastante esclarecedora, uma vez que, sejam vogais nasais ou sejam nasalizadas, têm origem na consoante oclusiva nasal coronal [n]. [...] as consoantes sonoras, de maneira geral, mantiveram-se apenas após sílaba travada ou em posição inicial de palavra. Quando ocorriam em posição intervocálica eram suprimidas [...] [...] quando de sua elisão, a consoante nasal promovia o nasalamento da vogal que a precedia. Tal nasalamento, quando ocorria em interior de palavras, terminava por suprimir-se, como nos casos em que o cognato latino era *moneta* ou *fenestra*, que resultaram em *moeda* e *fresta*. Em posição final, a nasalidade permanecia, ora formando um ditongo nasal ora formando um novo segmento consonantal [ɲ] [...]"

dicta abbreviatura, por não termos outra letra, cõ que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões, beleguijs. E a causa d'esta pronunçiação he, por a propriedade da nossa lingoa Portuguesa, que sempre põem .m. no fim das dições, onde os Castelhanos põem .n. Polo q̃ dizendo elles, hermano, hermana, lana, era necessario, q̃ dicessemos, hermamo, hermama, lama, que ficaua em outra forma, & mui desuiado da razão, & analogia Latina, & Hespanhola, a que a nossa lingoa sempre teem respecto. E por tanto fazendo aquelle .m. liquido, ficamos imitando a pronunçiação, & analogia da lingoa Castelhana, & não fogindo da Latina, & guardãdo a propriedade de nossa lingoa, de fugir o .n. & dizemos irmão, irmã, lãa. (LEÃO, 1576, p. 25)

Ou seja, para o ortógrafo, o ditongo nasal é fruto da junção de um som nasal entre duas vogais e justamente este som nasal deve ser representado pelo til, uma vez que ele não se junta à vogal da sílaba seguinte (como em a-mo ou Ro-ma)⁹³. De fato, ao comentar alguns dos ditongos possíveis em Português, expõe algumas questões:

O primeiro diphthongo he .ãa. que he hũa composição de dous .aa. com hum til, em que se acabão muitos nomes femininos, que se não podẽ screuer com as letras directas dos Latinos, que são as do nosso alphabeto, de maneira que fiquem scriptas, como as nos pronũciamos. Porque se screuerem, irram, romam, lam, vão dar em outro soido mui differente. Porque ficão soando, quasi como irmão, romão, lão. (LEÃO, 1576, p. 27)

Novamente aqui, notamos o equívoco de Leão ao associar à grafia <m> o som [m], que, segundo ele, lembra o som da grafia <ão> que, por sua vez, representa o gênero masculino das palavras, não se vindo, assim, para a representação do feminino, pronunciado de forma distinta.

O .IIII. diphthongo he .ão. o qual he o mais frequentado da nossa lingoa, & sobre que ha mais opiniões, & duuida, em que lugares se ha de vsar. Porque hũus indistinctamente o vsão, & o confundem com esta terminação .am. não fazendo de hum a outro differença algũa. O que he erro manifesto. Porque no fim das palauras, que acabamos com esta pronunçiação, achamos hum sabor de .o. que não achamos no fim da primeira syllaba desta palaura, campo. E he manifesto (como diz Prisciano, referindo a Plinio) que o .m. no principio da dição da hum som claro, & no meo mediocre, & no fim mui obscuro, & apagado. De maneira que se nossas dições acabassemos em .am. soarião mui mais apagadamente, do que soa a primeira syllaba de cam-po. E nos pelo contrario, nas dictas dições sentimos hũ som muito descuberto, & mui desuiado de .m. que o não podemos exprimir, & representar, senão com o nosso diphthongo .ão." (LEÃO, 1576, p. 28)

⁹³ Observar, contudo, que, no exemplo do castelhano dado pelo ortógrafo, a nasal encontra-se em posição intervocálica. Lembrando Mattoso (1975), neste contexto, em Português, a consoante nasal se reduz e as vogais, neste caso, formam um ditongo nasalizado.

Neste trecho, Leão aborda o som de fato realizado nas terminações de palavras: não soa o [m], mas, possivelmente, o ditongo [ẽũ].

Finalmente, com o dicto diphthõgo se hão de screuer, na final terminação, todos os nomes, ã vulgarmête se screuem per .am. dizêdo, capitão, Alemão, galeão, taballião, se queremos screuer, como pronũciamos. De maneira que nenhum nome, nem verbo se screua no fim per .am. que he pronunciação alhea, da ã nos damos aos dictos vocabulos. E quẽ quiser veer a pronunciação propria de .am. & quam diferente he, da que damos aos dictos vocabulos assi acabados, coteje a primeira syllaba desta palaura cam-po, com a final desta palaura, falcam. A qual pronunciação, de nenhũa outra maneira podemos representar, senão assi, falcão. (LEÃO, 1576, p. 29)

Para o ortógrafo, de fato, os segmentos <ão> e <am> têm, foneticamente, traços distintos (talvez, respectivamente, [ẽũ] e [ẽm]). Assim, em alguns fins de palavras, o emprego do segmento <ão> é o que melhor representa a pronúncia do vocábulo (por exemplo, [alemẽũ] X [alemẽm]).

Bento Pereira (1666, p. 64-65), ao tratar da confusão entre as escritas <ão> e <am> em final de palavra, diz:

Grande he a contenda entre os peritos, se hemos de usar de *aõ*, se de *am*, ou seja os nomes, *Perdigaõ*, *Perdigam*, ou nos verbos, *amaraõ*, *amaram*. Nam me atrevo a condenar o vulgar modo de escrever *aõ*, usado de muytos; mas sou de parecer que usemos de *am*; porque além de *aõ* demandar diversas pronuncias, por razam de *ao* junto com til, que tem força de *m*, & fica soando *aom*. Se usarmos de *am*, nos assemelharemos aos Latinos, os quays assim nos nomes, como nos verbos, põem, *am: musam, legebam*, & na particula, *nam*, que significa, *por que*. E ja que delles tomãmos as palavras, he bem que tomemos o escrevellas, principalmente que os que escrevem com *ao*, til, *aõ*, estam expostos, como já dissemos, a grande confusam [...]

Para Pereira, em <aõ>, pelo fato de o til representar <m> na escrita, há possibilidade de confusões de pronúncia (já que, também para ele, o <m> deve ser pronunciado), extinta se feita a substituição do segmento por <am> no fim de palavras. O fato é que, por este comentário, depreendemos que há distinção fonética entre as formas gráficas <am> e <ão>.

Franco Barreto (1671), ao comentar o ditongo <aõ>, informa que ele substituiu a antiga terminação <om>, que, na época, ainda era mantida por portugueses da região de Douro e Minho e também pelos galegos. Para ele, a melhor forma de empregar a terminação <ão> era guiar-se pela língua castelhana, pois, nas palavras em que, em castelhano,

terminassem em <ano>, <anos>, seriam empregados <ão> e <ãos>⁹⁴. Diz, além disso, que sempre se empregará esta terminação nas formas verbais de 3ª pessoa do plural do tempo Futuro (ou seja, neste ponto, a distinção gráfica indica uma função morfológica). Já ao falar dos usos do til, diz que ele serve, além de indicação de abreviatura, para representar <am>, , <im>, <om> e <um>, sempre quando a sílaba em que ocorrer for a tônica, porque "[...] quando nessas vogaes soa o acento, deyxaremos o m fóra, & poremos o til, encima dessa tal vogal, como ã razã, vintẽ, jasmĩ, bõ, atũ: porque entã o m. final pede a sua pronunciaçã, que nós lhe nã damos [...]" (BARRETO, 1671, p. 179)

Mais uma vez é registrado que a letra <m>, se empregada em fim de sílaba, exigia sua pronúncia. Ao comentar as possibilidades de sons nas quais podem acabar uma palavra, o ortógrafo diz mais sobre <am>, <ã> e <ão>:

[...] ã m. como amam, virgem, & os que nã tiverem acento ã a vogal final, sejam nomes, ou verbos, porque entam os verbos nã acabam ã m, mas ã aõ, & os nomes ã ã, para diferença; porque ã esta pronunciaçã, quer o m. seo inteyro soido, que he fechando os beyços: o que nã he entre nós usado; & quando os verbos, ou nomes tẽ acento na penultima, pronunciamos como os Latinos musam, amaveram, sermonem, &c. & assi diremos, amam, amáram, virgem, &c. (BARRETO, 1671, p. 189-190)

Ou seja, o <am> é empregado somente nos casos em que a sílaba final não é a tônica.

Feijó (1734, p. 82), ao falar das formas <am> e <aõ>, diz:

Duvidaõ muitos se as nossas palavras Portuguezas, que acabaõ em *am*, se haõ de escrever sempre com *am*, ou com este dithongo *aõ*. E a razãõ de duvidar he; porque no fim de similhantes palavras sempre sã hum *O* levemente tocado na pronunciaçãõ; o que nã succede na pronunciaçãõ de *am*, quando se escreve no principio, ou no meyo das palavras: v. g. *Amparo*, *Amplo*, *Campo* etc. aonde o *am* nã sã com *O* final, como nestas: *Caõ*, *Falcaõ*, *Paõ*, etc.

Assim, para o ortógrafo, <am> apresenta particularidade fonética somente no interior de palavras, não no fim, já que, como nota, neste caso específico, ocorre um "o final" (possivelmente [ẽũ]), representado, então, por <ão>. Depois, comentando as alternativas de Leão (que, como já citado acima, diz que não há a forma <am>, mas sempre, em fim de palavra, <ão>) e de Bluteau, em seu vocabulário (destinando o uso do segmento <ão> às terminações verbais de 3ª pessoa do plural), Feijó discorda deles, pois, para ele, há casos em

⁹⁴ De fato, opção condizente com a estrutura fonológica portuguesa.

que as duas formas <am> e <ão> possuem valores diferentes, ligados à tonicidade (no caso dos verbos, possuindo função morfológica, ao atuar como marcação temporal). Diz ele:

Nem estes Auctores podem negar, que nós pronunciamos muitas palavras em *aõ*, ou *am*, com som diverso de outras; porque de muito diferente modo pronunciamos *Elles eraõ* no imperfeito; e *Elles seraõ* no futuro: *Elles amáraõ* no plusquam perfeito, e *Elles amaraõ* no futuro &c. Porque nas primeiras o som final he debil, e submisso; e nas segundas he forte, e agudo. E para sabermos quaes se pronunciaõ do primeiro modo, e quaes do segundo, necessariamente ha de haver differença na orthografia. Huns ja disseraõ, que a differença devia ser, escrevermos com *am* as palavras, que acabaõ com som breve, ou debil, como: *Elles amam*, *Ensinam*, *Liam*, *Ouviam* etc. E que escreveriamos com *aõ* as que acabaõ com som forte, como: *Elles amaraõ*, *Ensinaraõ*, *Leraõ*, *Ouviraõ* do futuro. Outros dizem, que todas se escreveraõ com *aõ*, e que a differença seraõ os accentos. Eu porem respondo com distincãõ, e digo: que todos os nomes, que acabaõ com som forte, ou em que carregamos mais na pronunciaçaõ, se escrevaõ com *aõ*, como *Alemaõ*, *Christaõ*, *Joaõ*, *Sebastiaõ* etc. E os que forem breves, teraõ accento na penultima, ou na vogal antecedente: como *Christóvaõ Estêvaõ* etc. Nas linguagens dos verbos, as que acabarem breves, teraõ os mesmos accentos nas vogaes penultimas ao ditongo [...] E as que forem longas, naõ teraõ os taes accentos. E se me disserem, que ainda fica duvida no tempo donde fallaõ, naõ tendo accento; porque poucos o usaõ; respondo, que se escrevaõ as linguagens do futuro com *am*, e accento agudo sobre o A [...] (FEIJÓ, 1734, p. 82-83)

Assim, para Feijó, em fim de palavra sempre se deve grafar <ão>, e, ao indicar as variações de pronúncia, na verdade, frutos da acentuação tônica da palavra, ressalta que, embora em alguns casos (quando a última sílaba é a postônica) o som seja 'mais débil', ele não deixa de ser pronunciado como [ẽũ]. Assim, conclui que, quando houver deslocamento de tonicidade, este deve ser indicado pela acentuação gráfica, já que a tonicidade, nos verbos, acarreta mudança do tempo verbal.

Em outro momento, comenta:

Aqui so advirto, que he indigno da orthografia, o fundamento dos que reprovaõ as palavras acabadas em *aõ*; e so approvaõ as em *am*, como *Joam*, *Sebastiam*, *Christam* etc. Porque dizem elles, que se o til suppre o *M*, fica escusado o *O*; porque se escrevermos o *M* em lugar do til, ficará *Joaom*, *Sebastiaom* etc. Digo, que este fundamento he indigno; porque toda a causa, porque escrevemos *Joaõ*, *Sebastiaõ*, *Christaõ*, *Irmaõ*, *Amaraõ*, *Leraõ* etc. he porque no fim da nossa pronunciaçaõ nestas palavras sôa hum *O*; e por isso se escrevessemos o *M* em lugar do til, ficaria *Joam-o*: *Sebastiam-o*: *Christam-o* etc. e por naõ escrevermos com esta divisaõ, fazemos o dithongo de *aõ* ligado com o til por cima: logo he ridiculo dizer, que se desfizemos o dithongo, ficará *Joaom*; quando o *O*, naõ sôa antes, mas depois do *M*. (FEIJÓ, 1734, p. 114)

Ou seja, mais uma vez o ortógrafo afirma que, em fim de palavra, sempre se pronuncia [ẽũ] e, discordando de Pereira (citado parágrafos acima), salienta que o fato de o til representar <m> não interfere na interpretação e pronúncia do segmento <ão> uma vez que esse <m> recai junto à primeira vogal, nasalizando-a e o <o> sucede a esse conjunto.

Por meio destes comentários, podemos deduzir que, embora não haja consenso entre os próprios ortógrafos quanto ao emprego das formas gráficas <ão> e <am> e seus reais valores fonéticos, a variação de pronúncia, inevitavelmente, ocorria ainda no século XVII. Assim, as palavras com flutuações encontradas nos sermões possivelmente retratem essas possibilidades de pronúncia (por exemplo, para Sermão: [sermẽũ] e [sermɐm]; para tão: [tẽũ] e [tɐm]).

5.3.1.5 Flutuação no emprego do til (~) no segmento

Um número considerável de palavras apresenta flutuação ao representar, possivelmente, o som [ẽũ]: algumas vezes, são escritas com o til sobre a letra <a>, outras, com o sinal sobre o <o>.

Bento Pereira (1666) não comenta nada sobre a letra sobre a qual o acento deve recair. Inclusive, na escrita de sua ortografia, há também flutuação. A única observação que traz é que, para verbos, o ideal seria grafá-los, sempre, por <am>, de forma que a distinção do tempo em que é empregado ficaria facilitado pelo uso do acento:

[...] os que escrevem com *ao*, til, *aõ*, estão expostos [...] a grande confusão; porque, ou seja, v. g. *entráram*, de preterito, ou *entraráram*, de futuro, tudo escrevem com *ao*, til, *aõ*; mas os que usam de *am* no preterito, põem acento na penúltima, *entráram*, no futuro põem o acento na última, *entraráram*; como já temos advertido. (PEREIRA, 1666, p. 65)

Nunes de Leão (1576, p. 25) adverte que o til, no segmento <ão>, deve recair sempre sobre o <a>, já que ele representa um <m> entre as vogais, mas associado à primeira vogal:

E por assi ser liquido este .m. & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaes, em que elle interuem, se ajũtem sempre em diphthongos, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero. Polo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamẽte para a dicta abbrevuiatura, por não teermos outra letra, cõ que o representemos. E assi dizemos, Alemão, capitão, falcões, belegũjs.

Assim, "[...] porque o til, que se põe em irmão, não he sobre o .o. que he derradeira letra, senão sobre o .a. que he a penultima [...]. O qual mettendose no meo, faz aquelle vinculo de duas letras, que he o diphthongo." (LEÃO, 1576, p. 27-28)

Franco Barreto (1671) não estabelece nenhuma regra específica quanto à posição do til. Inclusive, na escrita de sua *Ortografia*, há vários casos de flutuação.

Feijó (1734) usa, predominantemente, o til sobre a letra <o>. A única observação que o ortógrafo faz refere-se à diferenciação da 3ª pessoa, plural, do Futuro e do Pretérito. Para ele, o Passado será marcado com a terminação <aõ> mais acento na penúltima sílaba, já o Futuro será marcado com <am> mais acento no <a> final. Pondera ele: "[...] e se for futuro, será *Partirâm* com o mesmo accento no A; e não *Partiraõ*, porque o til occupa o lugar do accento." (FEIJÓ, 1734, p. 83)

Esta oscilação do til, no caso de encontro vocálico, pode indicar, além da nasalização da vogal sobre a qual o acento gráfico recai, o fato de haver uma ditongação envolvendo a nasalidade. Dos sermões, seguem alguns exemplos:

PALAVRAS	OCORRÊNCIAS	
	SS	SRSI
sermaõ	17 (C48, 1759; C82, 11313-1314)	—
sermão	12 (C16, 1243; C17, 1262)	1 (C9, 1131-132)
comèraõ	1 (C9, 1122)	—
comèrão	1 (C19, 1307)	—
coraçãõ	1 (C82, 11311-1312)	2 (C17, 1296; C37, 1625)
coração	3 (C15, 1219; C29, 1479; C62, 1987)	—
haõ	31 (C7, 1102; C38, 1585)	1 (C23, 1373)
hãõ	3 (C78, 11256; C79, 11288)	—

hauiaõ	5 (C7, 1110; C7, 1116)	—
hauião	2 (C54, 1873; C56, 1889)	—
Naõ	99 (C3, 121; C61, 11004)	81 (C4, 134; C21, 1350)
nãõ	140 (C13, 1202; C45, 1732)	29 (C2, 115; C11, 1182)
perdêraõ	1 (C12, 1168)	—
perdêraõ	3 (C19, 1300; C12, 1158)	—
prégaçaõ	6 (C41, 1671; C81, 11335)	—
prégação	6 (C16, 1222; C27, 1415-416)	—
razaõ	9 (C3, 146; C35, 1575)	4 (C14, 1206; C22, 1344-345)
razão	16 (C27, 1442; C31, 1486)	1 (C35, 1583)
senaõ	6 (C36, 1567; C46, 1742)	11 (C20, 1312; C42, 1702)
senão	19 (C18, 1268; C28, 1415)	5 (C9, 1130; C10, 1157)
taõ	20 (C1, 114; C36, 1577)	26 (C12, 1171; C13, 1205)
tãõ	11 (C17, 1260; C22, 1338)	—
entaõ	5 (C33, 1527; C38, 1601)	2 (C13, 1221-222; C51, 1880)
então	3 (C67, 11104; C70, 11113)	1 (C16, 1248)
Salamaõ	—	3 (C6, 180-81; C7, 192)
Salamão	1 (C63, 11036)	2 (C7, 1112; C8, 1120-121)
maõ	—	1 (C6, 183)
mãõ	3 (C29, 1469; C29, 1477)	1 (C24, 1389)
foraõ	—	6 (C8, 1107; C24, 1377)
forão	3 (C43, 1707; C56, 1891)	1 (C8, 1107)
daõ	—	1 (C15, 1242)
dãõ	1 (C28, 1436)	1 (C10, 1138)
achaõ	1 (C51, 1825)	—
achão	—	1 (C15, 1241)

paõ	—	9 (C17, 1288; C42, 1718)
pão	2 (C52, 1820; C66, 11049)	—
jurisdição	—	4 (C33, 1571; C33, 1577)
jurisdição	—	3 (C37, 1629; C45, 1782-783)
Adaõ	1 (C52, 1817)	1 (C45, 1789)
Adão	—	1 (C46, 760)

Quadro 8 – Ocorrências de palavras que apresentam flutuação no emprego do til.

Fonte: Elaboração própria.

5.3.1.6 Flutuação no emprego de <eo>/<eos> e <eu>/<eus> e <ua> e <oa>

Os pronomes possessivos de 3ª pessoa, singular e plural (seu, seus) apresentam, para a escrita do ditongo <eu>, flutuação de escrita da semivogal <u> por <o>:

seo (16 ocorrências no SS: C21, 1320; C52, 1820)

seu (17 ocorrências no SRSI: C6, 155; C8, 1106 e 5 no SS: C13, 1185; C30, 1461)

seos (2 ocorrências no SRSI: C23, 1404; C24, 1392 e 7 no SS: C42, 1657; C77, 11255)

seus (2 ocorrências no SS: C10, 1129; C36, 1559 e 7 no SRSI: C3, 122; C22, 1366)

O mesmo ocorre com a 3ª pessoa, singular do verbo **dar**, do Pretérito Perfeito do Indicativo:

deo (1 ocorrência no SRSI: C47, 1793 e 2 no SS: C60, 1953; C71, 11159)

deu (2 ocorrências no SRSI: C35, 1592; C42, 1695)

Já em **agoa** (1 ocorrência no SRSI: C17, 1288) e **agua** (1 ocorrência no SS: C55, 1895 e 2 no SRSI: C39, 1675; C42, 1707), há a troca do primeiro elemento do ditongo <ua> por <o>.

Estas flutuações provavelmente refletem o que ocorria na pronúncia. Por serem sons foneticamente semelhantes⁹⁵ ([u] – [o]), a troca de um som pelo outro é plausível. Inclusive, observando as indicações dos ortógrafos, notamos que, de fato, a flutuação era muito recorrente e, em certos casos, tolerada.

O fato é que, nestes casos, ocorrem, sempre, ditongos.

Leão (1576), ao explicar os ditongos existentes em Português, especificamente os formados por <eu> e <oa>, exemplifica cada tipo, respectivamente com as palavras **seu** e **agoa**. Sobre o último tipo, explica que "[...] vem depois do .g. em lugar do .u. liquido, que vinha em vocabulos Latinos depois do .q. como de aqua, agoa. equa, egoa. lingua, lingoa. & em outros meros Portuguses [...]" (LEÃO, 1576, p. 31) Ou a pronúncia inicial fosse com [o] e, depois, devido à semelhança com o som [u], passou a haver variação ou, havendo uma gradiência⁹⁶ [o] – [u], ela se estabilizou em função de [u] ou se categorizou como [u].

Pereira (1666), ao tratar dos ditongos, aborda os formados pela vogal <u>, denominando-o de "segundo gênero de ditongos". Ao abordar as várias espécies de ditongos deste gênero, considera:

a) sobre o segmento <ua>: "Quando se junta *u*, com *a* ou se põem antes, *ua*, como na palavra, *igual*, ou se põem depois, *au*, como na palavra *causa*. (PEREIRA, 1666, p. 41)

b) sobre o segmento <eu>: "Quando se junta com *e*, ou se põem antes, *ue*, como na palavra *baque*; ou se põem depois *eu*, como na palavra, *deu*, posto que muytos doutos escrevem, *deo*, id est, *dedito*." (PEREIRA, 1666, p. 41) Neste caso, o ortógrafo aborda, inclusive, a questão da flutuação deu-deo existente na época.

Já no final de sua obra, ao expor listas de palavras para serem "melhoradas" na escrita e na fala, Pereira tem por "tolerada" a forma **agoa**, mas sugere a forma "melhorada" **agua**. Claramente, tal flutuação era muito recorrente também, a ponto de merecer a atenção do ortógrafo.

Para Barreto (1671), escreve-se com o ditongo <eo>, além das 3as pessoas, singular, dos verbos de 2a conjugação no Pretérito Perfeito do Indicativo, o verbo **dar**. Já com o

⁹⁵ "Dois ou mais sons são foneticamente semelhantes quando compartilham um número maior de propriedades fonéticas do que se opõem por elas." (CAGLIARI, 2002, p. 34) Assim, "Os sons que são foneticamente mais semelhantes têm maior chance de se realizarem como variantes e, por isso, constituem os sons mais suspeitos de não serem fonemas em uma língua." (CAGLIARI, 2002, p. 33) Podem ser, pois, alofones.

⁹⁶ Enfraquecimento gradual e contínuo de gestos articulatórios de determinado som.

ditongo <eu>, é escrito o pronome **seu**. O próprio ortógrafo chega a comentar a semelhança entre os dois sons [u] e [o]: "He grande a semelhança, que [o] tẽ cõ o u, que se nã se tẽ conta cõ a pronunciaçã facilmente se ouve ã por outro [...]" (BARRETO, 1671, p. 81) Ao falar do ditongo <ua>, considera que:

Delle usamos ã alguns nomes, como agua, egua, fragua, legua, lingua, mingua, &c: ainda que nossos ortografos escrevem estes nomes per oa, agoa, egoa, fragoa, legoa, lingoa, &c. Porem nã consideram (ao menos ã os dous primeyros) que sómente mudamos o q, ã g, conservando sempre o u, companheyro inseparavel do q, & tambẽ companheyro, que ainda quando o q, desaparece fica elle immovel ã o proprio lugar, & que assi de aqua, equa, dizemos agua, egua. (BARRETO, 1671, p. 106)

Ou seja, para o ortógrafo, a única letra que se transforma é o <q> em <g>. E, no final de sua obra, ao sugerir correções que "a inorancia do vulgo tẽ corrutas", tem por errada a forma **agoa** e correta **agua**.

Feijó (1734), ao final de sua *Ortografia*, elabora uma extensa lista de "erros communs da pronunciaçã do vulgo, com as suas emendas em cada letra". Ao retratar a palavra água, tem por emenda **agoa**, mas, explica:

Agoa, dizem huns do Latim *Aqua*; e tem razã para mudarem o *u* em *o*, assim como mudaõ o *q* em *g*; porque todos dizem *Egoa* de *Equa*; e nã ha mais razã para huma versaõ, que para outra. Outros dizem *Agua*, fazendo o *u* liquido, porque nã se carrega nelle com o *g*; assim como em *Aqua*, se nã carrega nelle depois do *q*. De hum, e outro usaõ os nossos *Auctores*: *Agoa* he mais usado. O vulgo erradamente diz *Auga*, e *Augoa*. (FEIJÓ, 1734, p. 172-173)

De acordo com o escrito, em *agoa*, há um hiato, já que o ortógrafo não admite ditongo formado por <oa>. No segundo caso também corrente, o <u> não apresenta propriedade fonética, pois, segundo Feijó, ele é usado na forma líquida, além disso, o ditongo também não ocorre, pois

Alguns dizem, que tambem ha dithongos de *Ua*, *ue*, *ui*, e *uo*, e allegaõ por exemplos as palavras *Guarda*, *Guerra*, *Quebra*, *Guincho*, *Quotidiano* etc. E eu digo, que nã se devem chamar dithongos; porque estes sempre tem o som de duas vogaes; e em nenhuma das palavras referidas sã o *U* com a vogal seguinte; e a razã he, porque o *U* depois de *G*, e depois de *Q* sempre se faz liquido, e perde toda a força de vogal; e por isto senã percebe o seu som na pronunciaçã das palavras referidas. (FEIJÓ, 1734, p. 26)

Sobre as pronúncias de **seu**, diz Feijó (1734, p. 24): "Ha dithongos de *Eu*, como *Meu*, *Teu*, *Seu*: *Meus*, *Teus*, *Seus*, *Deus*. Mas como estas palavras na nosssa pronunciaçãõ, mais parecem ter som de *O*, que de *U*; porque este se exprime com mais difficuldade, alguns as escrevem com dithongo de *Eo*: *Mêos*, *Têos*, *Sêos*, *Dêos*, o que não reprovõ."⁹⁷ Nas emendas, **seo** é a forma a ser corrigida.

5.3.1.7 Uso de <e> e <i>/<y>

É frequente a flutuação entre <e> e <i>/<y>, que são, também, sons foneticamente semelhantes: [i] – [e].

- **Quando em sílaba tônica, formando ditongo**

depoes (7 ocorrências no SS: C7, 1105; C15, 1231)

depois (7 ocorrências no SRSI: C8, 1116-117; C21, 1356)

notae (4 ocorrências no SS: C6, 179; C19, 1309)

notai (1 ocorrência no SS: C54, 1861)/notay (1 ocorrência no SRSI: C27, 1452)

Poes (24 ocorrências no SS: C16, 1239; C21, 1330)

pois (9 ocorrências no SRSI: C4, 153; C42, 1701)

Mãe (1 ocorrência no SS: C52, 1836)

mãy (6 ocorrências no SRSI: C5, 181; C15, 1233)

Pereira (1666), ao falar da diferença entre <i> "vogal completa" e <y> "vogal não suficiente a fazer síllaba", explica que com o segundo se formam as palavras *pay* e *mãy*.

Barreto (1671), ao tratar do ditongo <ae>, explica que ele é usado na segunda pessoa singular do modo imperativo. Daí *notae*. Já ao falar do ditongo <ãÿ>, diz que ele serve unicamente para o nome **mãy**.

Feijó (1734, p. 107), sobre **mãy**, diz:

⁹⁷ Vale, aqui, a mesma observação feita ao comentário de Leão (1576), na página 104 desta dissertação.

Este nome *Mã̃y*, escrevem muitos so com *ay*; e não advertem, que na pronunciaçãõ sòã mais alguma cousa; porque he diverso o som na pronunciaçãõ da palavra *Pay*; do que na pronunciaçãõ da palavra *Mã̃y*; porque o som na primeira he agudo, e na segunda naõ. Por isso alguns escrevem *Mae*, dizendo, que no fim da pronunciaçãõ se percebe hum som de *E*. E eu digo que se ligue o dithongo com hum til por cima, e logo ficará a orthografia uniforme com o som *Mã̃y*. E este he o uso de todos os Auctores, e os mais cultos na nossa lingua [...]

E, na sua lista contendo os erros e as correções, escreve:

Mã̃y. com esta orthografia achei sempre escripta esta palavra nos mais gráves Auctores. Alguns modernos escrevem *Maẽ*; naõ sei donde tiraõ este *e*; porque na pronunciaçãõ naõ se percebe; e para dizer que he de *Mater* no Latim, tambem *Párens* significa a *Mã̃y*, e nenhũa similhança tem. Os que escrevem *May* sem til, erraõ a pronunciaçãõ de *Mã̃y*." (FEIJÓ, 1734, p. 393-394)

Ainda em sua lista, sugere **depois a depois**.

- **Quando em sílaba átona pretônica**

definição (2 ocorrências no SS: C27, 1443; C60, 1972)

definilla (1 ocorrência no SS: C47, 1769)

definio (2 ocorrências no SS: C60, 1971; C61, 1976)

difinida (1 ocorrência no SS: C19, 1294)

testemunho (1 ocorrência no SRSI: C50, 1849)

testimunho (4 ocorrências no SS: C70, 11124-1225, C72, 11151)

testemunhas (1 ocorrência no SRSI: C34, 1549-550 e 1 ocorrência no SS: C71, 11155)

testimunhas (5 ocorrências no SS: C70, 11138; C71, 11157)

negoceaçãõ (1 ocorrência no SRSI: C21, 1358)

negociaçãõ (4 ocorrências no SRSI: C4, 134; C52, 1861; C52, 1877)

Pereira (1666), na lista contendo erros e correções, tem **Testemunho** como forma errada e **Testimunha** como melhorada. Barreto (1671) também propõe a mesma correção.

Feijó (1734, p. 512), em sua lista, diz que "*Testemunha, Testemunho, e Testemunhar.* são universalmente usadas: melhor diremos *Testimunha, Testimunhar* etc." Quanto à **negocear**, diz: "*Negociar*, e não *Negocear*, porque no Latim he *Negotiari*, e por isso devia dizer: Eu negociô, tu negociâs, elle negociâ, negociâmos, negociais, negociaõ. Mas ouço dizer cõmummente. *Negocêo, negociêas, negociêa* etc. A primeira conjugação he mais propria." (FEIJÓ, 1734, p. 410) Finalmente, considera **Definição** e **Definidor** formas erradas, propondo, respectivamente, **Difinição** e **Difinir**.

5.3.1.8 Flutuação no emprego de <i>/<y> e nulo em certos contextos

Em alguns casos, há flutuação no emprego de <y> ou <i> em contextos de palavras, formando ditongo ou a ausência de ditongação:

abayxo (1 ocorrência no SS: C11, 1152)

abaxo (1 ocorrência no SS: C66, 11068-1069)

debaixo (1 ocorrência no SRSI: C12, 1181-182)

debaxo (5 ocorrências no SRSI: C17, 1267; C17, 1284)

A alternância entre a ditongação e a não ditongação também decorre do fato de haver semelhança entre os sons envolvidos, no caso: [ai] – [a]⁹⁸. Assim, a variação de pronúncia é possível, como bem demonstram os ortógrafos.

Nas reformulações propostas por Pereira (1666), o ortógrafo propõe **baxo** para a forma **bayxo**, tirando, pois, a ditongação. Leão (1576) também propõe a palavra sem a ditongação. Barreto (1671), em suas "Advertencias em ordem a emmendar, & melhorar as palavras, que a inorancia do vulgo tẽ corrutas.", têm por erradas as formas **abayxar** e **bayxo**, sugerindo **abaxar** e **baxo**. Feijó (1734, p. 163) diz, nos "Erros communs da pronunciaçam do vulgo, com as suas emendas em cada letra" que "*Abaxar.* o uso cõmum diz *Abaixar.* e a este seguiremos, porque não tem analogia para o contrario."

⁹⁸ Segundo Netto (2001, p. 135), "A possibilidade de supressão do segmento vocálico [i] em *caixa* ou *paixão*, por exemplo, está diretamente relacionada com a qualidade do segmento consonantal que se lhe segue, o que parece definir que as articulações coronais pré-palatais contínuas propiciam a ocorrência e a incorporação de um segmento vocálico igualmente coronal pré-palatal com mínimo grau de abertura."

5.3.1.9 Flutuação na escrita da palavra *assim*

Provavelmente, a palavra *assim* aceitava a pronúncia com ou sem nasalação de sua vogal final.

assi: 35 ocorrências no SS (C3, 132, C5, 154) e 17 no SRSI (C4, 122, C18, 1296)

assim: 10 ocorrências no SRSI (C11, 1188; C13, 1218)

Pereira (1666, p. 28) aproveita para comentar essa variação quando explica uma regra de escrita da Língua Latina:

Ha muyta distincam entre, si, sim; *porque, si*, na lingua Portugueza he o mesmo *q̃ sui, sibi, se*, no Latim: & *sim*, he o mesmo que, *ita maximè*. Vé se esta distincam neste exemplo: Pedro diz *q̃ sim quer isto para si*, &c. Tambem se ha de escrever *assim*, & nam *assi*, pela mesma razam.

Para ele, talvez por pensar mais na pronúncia, a nasalação ou não da vogal final da palavra seria a reveladora do sentido empregado: **assim** corresponderia à função de conjunção e **assi** estaria associado ao conjunto preposição + pronome átono (a si). Feijó (1734), por sua vez, aceita as duas formas.

Em síntese, as flutuações ortográficas envolvendo vogais revelam:

1. nenhuma alteração fonética/fonológica, mas com o valor vocálico definido em contextos fixos de emprego (caso da flutuação <u>/<v>, sempre no início de sílaba),
2. variação fonética/fonológica (por exemplo, caso das flutuações <am>/<ão>, <eo>/<eu>. Especificamente em *definio/difinida* e em *testemunho/testimunha*, temos processo de alçamento vocálico).

5.3.2 Consoantes

São os sons que acompanham as vogais, formando sílabas. Podem ocupar a posição de ataque⁹⁹ (quando, no interior da sílaba, antecedem a vogal) ou coda (quando, no interior da sílaba, a sucedem). Foneticamente, são classificadas quanto ao lugar e modo de sua articulação, bem como quanto à vibração ou não das cordas vocais¹⁰⁰ e aos mecanismos aerodinâmicos.

Nos sermões, são empregadas, graficamente, as seguintes letras como consoantes:

B	b
C	c
	ç
D	d
F	f
G	g
H	h
J/I	j
L	l
M	m
N	n
P	p
Q	q
R	r
S	s
T	t
V	v/u
X	x
Z	z

Nas próximas subseções, serão apresentados comentários sobre palavras que, segundo Coutinho (1974), Castro (1991) e Williams (1975), eram comuns no século XVII (por exemplo, grafia com grupos consonantais gregos e latinos) e também sobre palavras que, na sua escrita, apresentam flutuação ortográfica.

⁹⁹ Ou também *onset*.

¹⁰⁰ Sendo, assim, sonoras ou surdas.

5.3.2.1 Uso de <J>, <I> e <j>¹⁰¹

O som fricativo [ʒ], nos sermões, é representado:

- na forma maiúscula, por <J> (somente no SRSI, sendo 17 ocorrências), mas concorrendo com <I> (que, por sua vez, foi empregada representando os sons vocálico [i] e consonantal [ʒ] no SS).

Judith (SRSI C6, 182)

Jael (SRSI C6, 185)

Já (SRSI C7, 1109)

Jayme (SRSI C8, 1104)

Jerusalem (SRSI C8, 1120)

Joaõ (SRSI C29, 1489)

Judiciosamente (SRSI C46, 1760-761)

Ià (SRSI C19, 1300)

Ioaõ (SRSI C25, 1426; SS, C59, 1959)

Iapaõ (SS C3, 142)

Iuizo (SS C4, 121)

Iacob (SS C35, 1554)

Ionas (SS C35, 1579)

Iudea (SS C46, 1744)

Ieremias (SS C65, 11071-1072)

Iudeos (SS C71, 11143)

Iesu (SS C78, 11246)

- na forma minúscula, o som [ʒ] é representado exclusivamente pela letra <j>.

¹⁰¹ Esta flutuação é possível porque, como sabemos, em Latim, tais letras não existiam. Os sons consonantal e vocálico eram representados por <i>.

Bento Pereira (1666) admite, em sua obra, usos gráficos diversos para o som vocálico [i] e para o consonantal [ʒ]. Diz o ortógrafo:

Quanto às primeyras, digo que sam duas diversas letras; *i*, vogal, & *j*, consoante, a qual podemos chamar *je*; porque *i*, vogal além de ter figura diversa, faz syllaba, como nestas palavras, *ira*, *imagem*: & *j*, consoante além de ter diversa figura, poys he rasgado, tem diversa natureza, que he ferir a vogal seguinte: como se vé nestas palavras; *jasmim*, *jejuar*, *jarro*. (PEREIRA, 1666, p. 69-70)

Contudo, quanto ao seu emprego na forma maiúscula, considera a indistinção entre a representação da consoante ou da vogal: "Note se que quando he em principio de algum nome proprio, he *I* grande, & não tem ponto, como tem, quando he rasgado, ou quando he *i*, pequeno." (PEREIRA, 1666, p. 70).

Para salientar ainda mais a função da forma <j>, compara seu valor com os das letras <i> e <y>:

E daqui entenderemos tambem a distincão, que ambas estas letras, a saber, *j* rasgado, & *i* vogal tem do ypsilon Portuguez *y*, porque, conforme a regra que demos, como o nosso ypsilon seja hum modo de vogal não sufficiente a fazer syllaba, poys sempre se ajunta com vogal, com a qual compõem huma so syllaba (...) claramente se fica distinguindo do *i*. que he vogal completa; o que se mostra nas palavras, *cayado*, *caido*: & tambem se fica distinguindo do *j* rasgado, que he consoante (...) e este exemplo mostra ao olho esta nossa doutrina, poys sendo tão diversa cousa, *cajado*, *cayado*, & *caido*, só se diversificam pela diversidade dos *j*, *y*, *i*. (PEREIRA, 1666, p. 70-71)

Leão (1576) fala do uso de <j> ao retratar as propriedades da letra <i>. Diz ele que o som vocálico é "próprio e natural", enquanto o som consonantal é "impróprio" ao emprego da letra. Depois, fala da semelhança entre <j> e <g> quando seguidas de <e> e <i>:

Outro soido lhe damos improprio, quando he consoante, que he falso, & alheo da natureza desta letra [i], o qual he cômum a .g. da maneira que o nos pronúnciamos com .e. i. ã he hũa pronunciação Mourisca, tam alhea da propriedade do .g. como do .i. Porque dizemos: janella, jejum, joanne, justiça. Em as quaes palauras, não sentimos na pronúnciação algũa semelhança do .i. consoante dos Latinos [...] (LEÃO, 1576, p. 8v)

Para saber se a escrita da palavra deve ser feita com a letra <j> ou <g>, Leão afirma que duas coisas devem ser respeitadas: a origem latina da palavra em questão e o costume. Considera, ainda, a forma gráfica das letras, "Polo que pola differença que assi faz, quando he

vogal, de quando he consoante, costumamos de o screuer, quando he vogal, de corpo pequeno, & quãdo he cõsoante, fazêdoo mais cõprido, & rasgado para baxo assi .j." (LEÃO, 1576, p. 9) Como para Pereira, Leão não faz distinção gráfica para a representação do som consonantal na escrita com letra maiúscula, ocorrendo somente <I>.

Barreto (1671), como os dois ortógrafos anteriores, enquadra a representação do som fricativo [ʒ] na letra <i>. Aborda, como Leão, a semelhança sonora entre <g> e <j> quando seguidos de <e>. Mas, propõe que, quando seguidos de <i>, a escrita deve ser feita sempre com <g>, uma vez que <j> tem "parentesco e semelhança" com o <i>.

Feijó (1734, p. 73) diz que

O *J* consoante he aquelle, que sempre fere vogal, que vay adiante. E chamase consoante, porque na pronunçiação sôa juntamente com a vogal: v. g. *JESUS, Jacintho, Jeronymo, Jogo, Judas etc.* Nas palavras, que não são nomes proprios, sempre se escreve rasgado para baixo, e com ponto em cima, deste modo: *janella, jarro, jogar, jurar etc.*

Assim, ele é o único ortógrafo que distingue, para a representação da fricativa, uma forma maiúscula <J> e outra minúscula <j>.

5.3.2.2 Uso de <V>, <v> e <u>

Na forma maiúscula, a letra <V> representa, exclusivamente, o som fricativo [v]. Na forma minúscula, em contexto de início de sílaba (posição de ataque), exceto na sílaba inicial da palavra, o som [v] pode ser representado por <u>.

No SS, apenas as seguintes palavras mantém a letra <v> na posição de ataque, no interior de palavra:

novas (única ocorrência: SS 17-8)

prova (única ocorrência: SS C10, 1144)

Evangelho (única ocorrência: SS C11, 1169)

No SRSI, ocorre o contrário: poucas são as palavras escritas com a letra <u> representando som consonantal¹⁰².

Euangelho (7 ocorrências: C6, 170; C17, 1276)
 jejuaua (1 ocorrência: C17, 1287)
 representauaõ (1 ocorrência: C17, 1289-290)
 estauaõ (1 ocorrência: C17, 1294-295)
 estaua (3 ocorrências: C17, 1291; C29, 1495; C29, 1495)
 lauaua (1 ocorrência: C18, 1266)
 curaua (1 ocorrência: C18, 1267)
 beijaua (1 ocorrência: C18, 1267-268)
 vsaua (1 ocorrência: C18, 1269)
 proua (1 ocorrência: C18, 1275)
 conseruando (1 ocorrência: C20, 1315)
 conseruar (2 ocorrências: C21, 1359; C24, 1372-373)
 conseruada (1 ocorrência: C22, 1365)
 esmaltauaõ (1 ocorrência: C26, 1429)
 prerogatiuas (1 ocorrência: C27, 1450)
 leuantada (1 ocorrência: C28, 1467)
 trauados (1 ocorrência: C31, 1541)
 desejaua (1 ocorrência: C32, 1544)
 procuraua (1 ocorrência: C32, 1544)
 chaues (1 ocorrência: C17, 1268)
 atrauessando (1 ocorrência: C17, 1295)
 impassiuuel (3 ocorrências: C19, 1309-310; C19, 1311; C20, 1304)
 altiueza (1 ocorrência: C21, 1335)
 admirauel (1 ocorrência: C21, 1343)
 notauéis (1 ocorrência: C22, 1368)
 indiuisiuel (1 ocorrência: C23, 1389)
 teue (2 ocorrências: C25, 1414; C50, 1850)
 conueniencia (1 ocorrência: C25, 1415)
 viuêdo (1 ocorrência: C26, 1410)

¹⁰² Ao todo, temos 84 ocorrências de letra <u>, em início de sílaba, como som consonantal, e 163 ocorrências de letra <v>, em início de sílaba, também como som consonantal.

Aues (1 ocorrência: C27, 1448)
 vniuerso (1 ocorrência: C27, 1464)
 reuestida (1 ocorrência: C31, 1525-526)
 admirauelmente (1 ocorrência: C31, 1539)
 sobreuestidos (1 ocorrência: C32, 1511)
 houesse (1 ocorrência: C32, 1537)
 leuemos (1 ocorrência: C49, 1833)
 cadauer (1 ocorrência: C49, 1846)
 incorruptiuel (1 ocorrência: C50, 1826-827)
 escreueo (1 ocorrência: C50, 832)
 notauel (1 ocorrência: C50, 1853-854)
 hauerà (1 ocorrência: C50, 1859)
 conuencido (1 ocorrência: C51, 1867-868)
 incomparaueis (1 ocorrência: C52, 1875)
 seruo (1 ocorrência: C20, 1307)
 cõseruou (1 ocorrência: C23, 1381)
 oitauo (1 ocorrência: C26, 1405)
 lauor (2 ocorrências: C31, 1517; C31, 1526)
 seruida (1 ocorrência: C17, 1298)
 seruia (1 ocorrência: C18, 1265)
 servir (1 ocorrência: C20, 1307)
 Diuino (1 ocorrência: C20, 1311)
 Daid (12 ocorrências: C21, 1368; C22, 1335)
 Ouui (1 ocorrência: C22, 1367)
 ouuiraõ (1 ocorrência: C23, 1372)
 ouuir (1 ocorrência: C23, 1373)
 indiuisiuel (1 ocorrência: C23, 1389)
 duuida (2 ocorrências: C27, 1461-462; C27, 1467)
 diuisão (1 ocorrência: C27, 1470)
 diuidem (1 ocorrência: C27, 1472-473)

Para Bento Pereira (1666), não há possibilidade de flutuação entre as grafias <u> e <v> para a representação do som consonantal, já que ele afirma haver grafias específicas para

os sons consonantal (<v>) e vocálico (<u>)¹⁰³. E, sobre o uso de uma ou outra letra conforme o contexto silábico em que se encontrar, acrescenta:

Digo (sempre) porque alguns só a escrevem no principio, & nam no meyo: v. g. nestas palavras, *viuer, valverde*: sendo que para se guardar perfeyta distincçam assim no principio, como no meyo, se deve pôr nesta figura, v; porq̃ se em ambos os lugares he consoante, em ambos deve ter figura de consoante, qual he a que puzemos: pelo que se escreverà, *viver, valverde*, &c. (PEREIRA, 1666, p. 72)

Leão (1576) escreve que, pelo menos no início de palavra, o som fricativo deve ser escrito com <v>. Contudo, salienta que, no interior das palavras, seu uso é trocado pelo de <u>¹⁰⁴.

Barreto (1671), como Pereira, distingue as letras <v> e <u> e seus respectivos valores de consoante e de vogal. Diz ele:

He muyto importante para a lingua Latina, & para as mays, que della se dirivam, particularmente para a nossa, qua mays que as outras della participa; porque diferente sentido terá uivo, de vivo, lavra de laura; & outros semelhantes: & na Lingua Latina se deyma bẽ ver esta diferença nos exemplos siguientes, que na impressã de certo Orthografo moderno saíram todos errados; solui, & solvi; calui, calvi; parui, parvi; volucrim, volverim; deserui, deservi; cõ outros muytos adonde evidentemente se conhece a necessidade que do v, consoante tê; polo que vay muyto a dizer escrever cõ ã, ou cõ outro. (BARRETO, 1671, p. 170)

Feijó (1734) também condena a flutuação no emprego de <u> e <v>, já que cada uma das letras está associada a um valor sonoro específico. Inclusive, ele vai distinguir, na forma maiúscula, <U> vocálico do <V> consonantal:

Muitos no meyo das palavras usaõ indistinctamente, ou de hum, ou de outro *U*; isto he, ou vogal *U*, ou consoante *V*; porque dizem, que tanto se póde pronunciar o vogal como consoante, quanto se póde pronunciar o consoante como vogal: v. g. *Uuada, Uuas, Savdades, Savde* etc. Mas não usaremos desta orthografia, por ser esusada, quando temos a differença de hum, e outro *U*; que assim como saõ diversos na pronunciação, tambem tem diferente figura. O consoante he agudo em baixo, e aberto em cima; sempre fere a vogal seguinte, e nunca se escreve antes de consoantes. Pronunciase

¹⁰³ Para mais informações sobre a confusão entre uma mesma grafia para sons consonantal e vocálico, ver, nesta dissertação, o item 5.3.1.2.

¹⁰⁴ "O qual differenceamos agora, quãdo he consoante, de quando he vogal, desta maneira .v. ao menos no principio das dições. Porque no meo dellas, vsão do .u. indistinctamente, quer seja vogal, quer consoante" (LEÃO, 1536, p. 20).

quasi como o *F*, apartando os dentes de cima do beijo debaixo: v. g. *Uva*, *Uvada*, *Vida* [...] (FEIJÓ, 1734, p. 101)

Através, pois, dos comentários e dos exemplos, verificamos que há uma tendência de se restringir o uso de <u> com valor consonantal. E, nos sermões analisados, é exatamente isto o que ocorre, uma vez que no SRSI são poucas as palavras escritas com <u>, se comparadas com as do SS.

5.3.2.3 Uso de <ç>

Nos sermões, há o uso da letra <ç>. Em grande parte dos casos, ela ocorre sempre em início de sílaba, mas nunca iniciando palavra.

menção (SS C3, 121)

lanço (SRSI C32, 1531)

força (SS C24, 1372)

acção (SS C28, 1435)

Valença (SRSI C8, 1109)

Há apenas um caso, o da palavra **çarça** (SRSI C25, 1410) em que <ç> ocorre no início da palavra. Contudo, neste caso e nos demais, seu valor fonético é, provavelmente, da fricativa surda [s].

Bento Pereira (1666) dedica uma regra ao tratamento de como se usar o <ç> ("Regra 13: Para se usar do ç, que tem plica por baixo"). Inicia a regra definindo o valor sonoro da letra:

Ainda que a letra ç, com plica, como a que puzemos, faz muy diferente som do que de *c*, sem plica, quando se junta as vogays, *a*, *o*, *u*, que tem entam força de *q*, com tudo o mesmo som faz com plica, & sem ella, quando se junta com *e*, *i*, & entam nam se lhe deve por plica, poys he escusada. A primeyra parte se deyxá bem ver na diversidade destas palavras, *Barca*, & *barça*, *forca*, & *força*; *capa*, & *çapa*, *copa*, & *çopa*; *cuba*, & *çuba*. A segunda parte do que dissemos, se conhece nestes vocabulos, *ceyra cingir*, os quays do mesmo modo soam, como se lhe puzessem ç, cõ plica, *ceyra cingir*, pelo que nam só he escusado porselhe, mas he erro. (PEREIRA, 1666, p. 76)

Depois, estabelece alguns parâmetros sobre seu uso. O primeiro foca a origem latina: basta observar se a palavra, em Latim, era escrita com <s> seguido de <a>, <o> ou <u>, então, não se usaria o <ç>, mas <s>. Mas se a palavra fosse "totalmente portuguesa", "[...] no principio se escreverám com ç, v. g. *çapa*, *çotam* & tambem no meyo, *caçapa*, *caçote*; ou nas ultimas dos nomes acabados em *aça*, *eça*, *iça*, *oça*, *uçu*: como sam *ameaça*, *cabeça*, *cortiça*, *carroça*, *carapuça*." (PEREIRA, 1666, p. 77-78), como também se terminadas por -ança, -ença, -arça, -urça etc.

Leão (1576), ao explicar sobre a letra <c>, também fala das diferenças sonoras quando seguida das vogais. Para ele, o <c> tem som "próprio" quando é seguido por <a>, <o> e <u>, como em comédia, por exemplo. Contudo, destaca outra pronúncia:

Mas agora damos a esta letra differente pronunçiação, exprimindoa com .e. & .i. como a pronunciamos, quando lhe acrescentamos a cifra, ou cercilho, ajuntâdo a estas vogais, a. o. u. Porque para exprimirmos as cinco vogaes todas de hũa mesma pronũciação, dizemos, ca, que, qui, co, cu, como se vee nestas palauras de hũa mesma substãcia, & parêtesco: vacca, vacqueiro, vacquinha, vaccona, vaccum. E para pronunciarmos, a. o. u. junto ao c. como e. i. poemoslhe hũa cifra, ou cercilho de baxo, que fica fazêdo hũa specie de .z. & dizemos: çapato, çoçobrar, çurrador. A qual cifra nõ poeremos, quãdo depois do .c. se segue e. i. como fazẽ os idiotas. Porque o .c. junto aas dictas letras, não póde dar outro soido, segundo a pronunçiação destes tẽpos. (LEÃO, 1576, p. 5-6)

Assim, essa outra pronúncia (possivelmente da fricativa [s]), representada pela letra <ç>, podia ocorrer em início de palavra, se seguida das vogais <a>, <o> e <u>.

Para Barreto (1671), o <c> não apresenta diferentes ofícios. Ele apenas adquire um valor diferente conforme o contexto onde se insere:

Digo poys que o C, he ã so, & nã ha dous ces; màs que assi como as vogaes se notam ser breves, ou lãgas cõ os acentos grave, agudo, ou circumflexo, assi quando o c, sobre a, o, u, ouver de soar como s, lhe poremos por bayxo uma risquinha, que chamamos cedilho, nesta forma ç, & escusaremos multiplicar letras. Sobre e, i, nã ha mister essa risquinha; & assi ferirà sobre todaç as vogaes, como diz Quintiliano, cõ aquella brandura, que esta letra de si tẽ; como se ve nestes exemplos; maçan, açucena, çifra, poço, açúcar. Serve tãbẽ este sinal para distinçã de algũs nomes, que cõ o cedilho tẽ uma significaçã, & sã elle outra, como se ve nestes exemplos; caca, caça; moca, moça; capa, çapa; roca, roça; faca, faça; cota, çota; Franca, França, & semelhantes. (BARRETO, 1671, p. 118)

Assim, palavras podem começar com esta letra se a letra seguinte for uma das vogais <a>, <o> ou <u>, de modo que o <ç> tem valor de [s]: "Certo ortografo nosso diz que se podẽ escrever cõ cedilho, cinco, cinto, cisne, cifra, cesto, certo, cento, màs he erro, porque o cedilho so tẽ lugar quando o c, sobre a, o, u tẽ o soido de s." (BARRETO, 1671, p. 118)

Feijó (1734) como os demais autores, distingue os valores de <c> quando empregado com as cinco vogais. Inclusive, faz o seguinte comentário sobre o ensino desses usos:

E por isso de dous modos se deve escrever a regra do *Ca* para ensinar esta diferença aos meninos da escola: o primeiro he: *Ca, Ce, Ci, Co, Cu*: pronunciando o *Ca, Co, Cu* com som de *Q*. o segundo he: *C,a, Ce, Ci, C,o, C,u*, pronunciando o *C,a, C,o, C,u*, com som de *C*; e com este som se pronuncia sempre o *Ce, Ci*, em ambos os modos. (FEIJÓ, 1734, p. 44)

Então, pondera que a maior dificuldade que há, para a escrita, é a de se saber se determinada palavra deve ser escrita com <c>/<ç> ou <s>. Por isso, explica que entre <c> e <s> há diversidade de pronúncia¹⁰⁵, logo, diversidade de representação gráfica. Mas, como ocorria de haver quem não soubesse a correta pronúnciação, Feijó estabelece algumas regras, como a da analogia com a Língua Latina das palavras e também reúne, em listas, palavras escritas iniciadas com <ç>. Na lista da forma <ça>, está inclusa a palavra **çarça**.

5.3.2.4 Uso de consoantes duplicadas

Herança da ideia de escrita análoga à latina, encontramos, nos sermões, flutuações de duplicação ou não das consoantes <c>, <f>, <g>, <l>, <m>, <n>, <p>, <r>, <s> e <t>. Em todos os casos, a ausência ou não das consoantes duplicadas não altera a pronúncia nem a significação das palavras. Geralmente, as palavras que ocorrem com a duplicação das

¹⁰⁵ "Já dissemos, que o *C* como *C* se pronuncia com a extremidade anterior da lingua tocando nos dentes quasi fechados, em quanto sahe o seu som, que he suavemente brando. O *S* pronunciasse com a ponta da lingua moderadamente applicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, em quanto sahe hum som quasi assobiando do meyo da bocca: como se percebe nestas palavras *Sancto, Sá, Sé* etc. Pois se esta he a rigorosa, e propria pronunciação do *S*, como se equivoca com a do *C*, que he taõ diversa?" (FEIJÓ, 1734, p. 44) Vale ser observado que essa diferenciação de pronúncias já era, na época de Feijó, um traço dialetal, como bem destaca Gonçalves (1992, p. 77): "Atendendo a que Madureira Feijó é natural da região de Trás-os-Montes e que aí viveu até aos quinze anos, é de crer que possuísse aquele traço conservador, uma vez que o ortografista descreve perfeitamente as duas realizações [...]"

O ortografista generaliza uma pronúncia que tem carácter dialectal mas que, efectivamente, já não pertencia ao português padrão. A distinção deveria parecer-lhe, contudo, lógica, uma vez que Feijó discorre, ao longo das lições IV, V e VI, sobre os erros ortográficos fruto da não observância da distinção entre <Ç> e <S>."

consoantes partilham um mesmo radical. Assim, embora a duplicação ocorra, ela não é maioria.

Leão (1536), ao falar das consoantes dobradas, tenta justificar seu uso pela sutileza dos sons e, principalmente, pela fidelidade à origem latina das palavras portuguesas. Diz o ortógrafo:

Teem para si algũus curiosos da lingua Hespanhol, que o dobrar das letras, he escusado acerca de nos. Porque não sentimos, quando se dobrão, senão o .r. ou s. & que tiradas estas, as outras todas se deuem screuer singellas. O que he grãde erro. Porque a razão, que ha, para se dobrarem essas, há para se dobrarem essoutras: ainda que nem toda a orelha sinta a differença, q̃ há de singellas a dobradas. [...] Qua assi como o som de hum atambor, & de hũa trombetta, até os caualllos, & bois o entendẽ, & os aluoroça, mas nem por isso os mouerá hum instrumẽto de cordas (porq̃ isso fica resguardado para os homẽs, que teẽ razão) assi nas letras há hũa musica occulta, & não menos delicada, que a das cordas, que (como diz Quintiliano) se não deixa sentir de todos. E ainda que na verdade, as nossas orelhas não cõprehenderão a differença das letras dobredas, para conseruação da origẽ & etymologia dos vocabulos, era necessario dobrarẽse, tomando os nos dos Latinos, ou Gregos, assi como elles nos dão. (LEÃO, 1576, p. 41)¹⁰⁶

O ortógrafo propõe alguns motivos para o duplicação das letras:

a) devido à natureza das palavras:

Das que se dobrão per natureza, não se pode dar regra: nem he cousa que consiste em arte, senão em vso. Porque os vocabulos primitiuos, forão compostos aa vontade, de quem os inuentou. Polo que não se pode dar rezão, porque este nome, gotta, teem dous .tt. ou cauallo, dous .ll. Mas com o vso, & conhecimẽto da lingua Latina, se pode saber, quaes dobrão as letras, & os que Latim não souberem, com imitar a scriptura de homẽs doctos. (LEÃO, 1576, p. 38v)

b) derivação: "[...] são os nomes, ou verbos, q̃ se tirão d'outros, os quaes guardão a scriptura de seus primitiuos, como de terra, terreno, terrestre, enterrar, soterrar [...] E de cauallo, caualleiro, caualleria." (LEÃO, 1576, p. 38v-39)

c) devido à significação:

¹⁰⁶ Na sequência, o ortógrafo dispõe uma relação de palavras que apresentam letras dobradas.

[...] são os diminutiuos, que em nossa lingoa acabão em, te, que parece, não podemos screuer bem, sem dobrar o .t. segũdo nos a orelha pede, como, verdette, pequenette, scudette [...] que para significar diminuição, acabamos nestas terminações, como os Latinos acabão os seus diminutiuos em ellus, ou illus. Como os Italianos tãbem dobrão a dicta letra, nas terminações de, etto, ou otto, por denotarẽ significação diminutiua. [...] Polo ã pedindonolo a orelha, não deuemos ser mais couardes, em dobrar hũa letra, maiormẽte teendo exẽplo de outras nações. E assi dobrão .s. por causa da significação os superlatiuos [...] (LEÃO, 1576, p. 39)

d) devido à corrupção: "[...] são as ã stando na lingoa Latina de hũa maneira, & pronunciação, as mudamos, & fazemos nossas, dobrãdolhe algũas letras, querendoas accomodar a nos, como por noster, vester, nosso, vosso: & por ipse, & ipsum, esse, & isso: & por persona, pessoa [...]" (LEÃO, 1576, p. 39-39v)

e) devido à variação:

[...] são as que per variação de conjugação, ou declinação, accrescentão algũa letra, para mostrarem differença de tempos, & numeros, & significação, como nos verbos de todalas cõjugações, em algũus tẽpos dos modos, optatiuo, & conjunctiuo, quando dizemos .amasse, leesse, ouisse. (LEÃO, 1576, p. 39v)

f) devido à composição¹⁰⁷:

O que se faz, mudandose a derradeira letra da preposição compositiua, em outra tal como a primeira do verbo, ou nome composto. E porã estas cõposições, se fazem cõ as preposições Latinas, ã se ajuntão aos verbos, para lhe alterar a significação, ou lha accrescẽtar, ou diminuir [...] (LEÃO, 1576, p. 39v)

Bento Pereira (1666), em suas *Regras Gerays*, fala das consoantes dobradas na regra 6, "Para o dobrar das letras, ou sejam vogays, ou consoantes". Especificamente, para as letras <z> e <x>, diz não haver necessidade de duplicação porque elas têm "força e equipotência" de dobradas. Já para as letras <r> e <s>, a regra pode ser dada pelo ouvido, pois

¹⁰⁷ Nas páginas 40 e 40v, Leão (1536) mostra uma lista com as principais preposições latinas utilizadas, exemplificando-as (por exemplo, com ad, as palavras iniciadas por , <c>, <f>, <g>, <l>, <n>, <p>, <r>, <r> e <t> convertem o <d> da preposição na letra inicial correspondente da palavra: abbreviar, accorer, affecto, attribuir).

[...] cada huma das tays letras dobrada faz diverso som do que singela. Dobrada pronunciase com som forte, singela com som fraco. O que bem se conhece ouvindo: *amàra*, do verbo amar, & *amarra*, do verbo amarrar. O mesmo he no s, porque diversamente soa: *caso*, id est, acontecimento, do ã *casso*, vaso de cobre. (PEREIRA, 1666, p. 44)

Adverte, porém, que em apenas dois casos o redobro dessas letras é evitado: quando iniciam uma palavra (por exemplo, rapaz, saúde) e quando, no interior da palavra, não se encontram entre vogais (tenro, defesa).

Ao tratar das demais consoantes, declara que há "Mayor difficultade de dar regra para se dobrarem as mays consoantes, particularmente quando a mesma pronuncia, & som corresponde assim às dobradas, como às singelas, o que se vé na palavra, fallar; porque do mesmo modo soa com dous, ll, do que com hum só: falar." (PEREIRA, 1666, p. 44)

Inicialmente, o ortógrafo retoma a regra de diferença de pronúncia que, por consequência, leva à diferença de significado: "(...) Digo poys he força dobraremse as consoantes, quando ellas padecem divisaõ no som, como na palavra; *accento*, onde a syllaba *ac*, no som se aparta do *accento*; porque de outro modo essa palavra, *accento*, se não pronuncia diversa do nome, *assento*." (PEREIRA, 1666, p. 45) Depois, diz que, quando há composição de palavras portuguesas com a letra <a>, não há necessidade de duplicação da consoante que a segue (assim: manso – amansar, noyte – anoytecer, puro – apurar). Contudo, quando ocorre a letra <f> (mais outra vogal) depois da <a>, o uso "ensina" que a consoante deve ser dobrada (afforar, affinar, affagar). Finalmente, expõe a regra que norteará grande parte das ocorrências de consoantes dobradas: a analogia com as palavras latinas (por isso, afinidade ← *affinitas*, agravar ← *aggravare*, elle, delle ← *ille*, lesse ← *legisset*).

Por sua vez, Franco Barreto (1671, p. 182) retoma o comentário de Leão sobre a duplicação das letras, pautado nos seis principais motivos (natureza, derivação, significação, corrupção, variação e composição), e, ao abordar a composição, explica seu ponto de vista:

E fazemse estas composições cõ as preposições Latinas, que aos verbos se ajuntam, para lhes alterar, acrescentar, ou diminuir a sinificação, o que nossos Ortografos querem imitar á risca ã as vozes Portuguezas, cõ as preposições Latinas, a, ab, abs, ad, an, em, de, des, dis, en, ex, in, inter, ob, per, pro, pos, re, se, sub, trans, sobre, as quaes todos ã nosso vulgar saõ bẽ escusadas; & he razã porque os verbos, ou dições vulgares aque as ajuntam, sã ellas nã tẽ sinificaçã alguma, salvo muyto poucas, o que nã ha ã a lingua Latina, que os verbos, & dições a que se ajuntam, tẽ sua propria sinificação, como aos Latinos he manifesto [...]

Ou seja, para o ortógrafo, tal diferenciação não é válida para as palavras portuguesas, pois o valor que elas assumiam na Língua Latina não correspondia, necessariamente, ao dado na Língua Portuguesa. Então, apoiando-se na autoridade de outros estudiosos, afirma:

O que acerca disto sinto he (cõ o parecer de Pedro Bembo, (Cardeal da S. Igreja Romana, & Varã insine ã as letras umanas) que entã dobraremos a consoãte, quando quizermos dobrarlhe també o soido: & he també parecer de Benedito Buõmattei, ã a introduçã á lingua Toscana; aonde por exemplo traz pala, & palla; & diz nã ha outra diferença ã a pronũciaã, mays, que mandar aquelle l, cõ mays força, ã palla, que ã pala. Assi, que quando a pronũciaã, & o soido responder tanto á letra singella, quanto à dobrada, por nenhum módo dobraremos a letra, màs sempre a escreveremos singella; especialmente b. d. f. g. que nunca se dobram, porque do mesmo módo soam ã a orelha, abbade, que abade, afirmar, que afirmar, aggravar, que agravar, & outros taes [...] (BARRETO, 1671, p. 182-183)

E, retomando a colocação de Leão, segundo a qual cada letra possui uma música, pondera não achar satisfatória a ideia de analogia,

[...] polo que confeço que nã posso sentir essa musica oculta & dilicada, que nas letras consideram alguns Ortografos nossos; sinto somente o do atambor, & da trõbeta, como elles dizem, nã o instrumento de cordas: porque ainda que alguns vocabulos, que dos Gregos ou Latinos tomamos, dobram acerca delles algumas consoantes, como nossas orelhas nã compreendem a diferença, que vay das singellas ás dobradas, nã samos obrigados a conservar a analogia desses taes vocabulos, que cada idioma tẽ sua ortografia & dialetos proprios. (BARRETO, 1671, p. 183)

Então, termina seu pensamento com o seguinte exemplo:

E assi torno a dizer, que ã nossos vocabulos nã dobraremos letra alguma senã quando a orelha o pedir; como ã acçã, dicçã, occidẽte occidental, accidente aonde, & noutros taes, quãdo os pronunciamos parece que o primeyro c. fica apegado, ou retardado ã a garganta, & que o outro vay caindo sobre a vogal que se lhe segue: sã a qual pronũciaã nã ficã tã cheyos os taes vocabulos. (BARRETO, 1671, p. 184)

Indica, então, o redobro das consoantes <l>, <m>, <n>, <p>, <r> e <s>, em certas palavras, contudo, sem um motivo aparente (diz, por exemplo, que o <m> dobrado em algumas palavras é necessário para "encher mais o som"). Diz, ainda, que nem no início de palavras (RRey, ssaude), nem no fim (Portugall, Manoell), consoantes devem ser dobradas, como também é desnecessário o redobro delas no interior da palavra, se precedidas de outra consoante (Henriques, Elrrey).

Feijó (1734, p. 31) também condena o uso de consoantes dobradas no início ou no fim de palavras, já que elas, nessas posições, "soaõ com toda á sua consonancia, ou tom, que não necessitaõ de outra, para soarem como ellas saõ." Contudo, considera mais complexo o estabelecimento de regras para o uso do redobro das consoantes no interior das palavras, já que, segundo ele, não há diferença de pronúnciação: "Toda a difficuldade, e não pequena, he assignar regra certa para dobrar as consoantes no meyo das palavras: e nasce esta difficuldade do som da pronúnciação; porque algumas, ou se escrevaõ com huma so consoante, ou com ella dobrada, sempre na pronúnciação tem o mesmo som [...]" (FEIJÓ, 1734, p. 32)

Recordando as várias e, muitas vezes, confusas regras que outros ortógrafos deram, Feijó (1734, p. 32) julga

[...] ser regra geral, observarmos as palavras latinas; e veremos quaes saõ as Portuguezas, que dellas se derivaõ, para as escrevermos com similhantes letras. E póde servirnos de razaõ na nossa lingua, porque assim se escrevem na Latina; e na Latina, se as palavras forem simples, foi uso dos Auctores: e se as palavras forem compostas, dobraõ por causa das preposiçoens, de que se compõem [...]

Assim, mais uma vez, o ortógrafo recorre à etimologia e à analogia latina para justificar grafias que em nada refletem na pronúncia. Por isso, além de uma lista com palavras compostas pelas preposições latinas (que, por isso, levariam à duplicação de certas consoantes), Feijó, expondo as letras conforme a ordem alfabética, comenta as possibilidades de duplicação das letras.

De modo geral, notamos que não há consenso entre os autores sobre o uso correto das consoantes duplicadas. Na verdade, não há uma justificativa certa sobre o porquê do uso das consoantes duplicadas. Seja por causa da retomada da fonte latina ou da expressão de sutilezas fônicas, os ortógrafos guiavam-se pelo uso, pela tradição. E, inevitavelmente, o uso também levou a inovações, que, por sua vez, possibilitaram a coexistência de mais formas gráficas.

<CC>

Representando o som oclusivo velar [k] e também o fricativo alveolar [s]. Exemplos:

som [k]

bocca (14 ocorrências no SS: C9, 1118; C29, 1467) (mas: boca – 1 ocorrência no SRSI C43, 1748)

seccaõ e variações¹⁰⁸ (ocorrências no SS C13, 187; C5, 179-80)

Ecclesiasticas (1 ocorrência no SS C16, 219-220)

peccado e variações (SS C16, 1224; SS C84, 11343-1344; SRSI C48, 1794)

acclamar e variações (SRSI C34, 1556-557; SS C25, 1406)

occasioes (1 ocorrência no SS C34, 1545)

occupaçam (1 ocorrência no SRSI C12, 1170)

som [s]

successo (1 ocorrência no SRSI C47, 1819)

succede e variações (SS C23, 1369; SRSI C4, 154; SRSI C13, 1202)

<FF>

Em todas as ocorrências, acontece depois de vogal, em início de sílaba, seguido de outra vogal. Exemplos:

difficultoso e variações (SS C48, 1751; SS C36, 1578; SRSI C13, 1205-206; SRSI C19, 1301)

affogado e variações (SS C5, 174-75; SS C8, 1102-103)

effeytos (SS C16, 1222; SRSI C49, 1853)

diferença (SS C28, 1422-423; SRSI C46, 1769)

efficacia (SS C30, 1479; SS C65, 11044)

offendem (1 ocorrência no SS C31, 1498)

officio (SS C77, 11248; SRSI C6, 168)

affamado (1 ocorrência no SS C80, 11292)

offerece e variações (SS C53, 1869; SRSI C21, 1355; SRSI C4, 136)

Affonso (1 ocorrência no SRSI C6, 158)

<GG>

¹⁰⁸ Entenda-se, por *variações*, palavras com o mesmo radical. Assim, por exemplo, para a palavra *seccaõ*, temos: *seccou*, *seccando* etc.

Ocorre em apenas uma palavra: **aggravo** (no SS C6, 182)

<LL>

Quando ocorre, encontra-se em contexto de início de sílaba, sempre seguido de vogal, mas nunca no início de palavra. Em alguns casos, o redobro ocorre em formas verbais devido à junção de seu complemento.

elle e seus derivados (SS C3, 129; SS C13, 1210; SRSI C34, 1569; SRSI C18, 1280)

illustre (1 ocorrência no SS C1, 114)

allumiar e variações (SS C20, 113; SRSI C26, 1419-420)

falla e variações (SS C27, 1427; SRSI C8, 1123)

allegoria (1 ocorrência no SS C38, 1606)

estrellas e variações (SRSI C29, 1488-489; SS C40, 1624)

definilla (1 ocorrência no SS C47, 1769)

diuidilla (1 ocorrência no SS C47, 1770)

proualla (1 ocorrência no SS C47, 1772)

capellas (1 ocorrência no SRSI C40, 1655)

<MM>

Ocorre somente nas seguintes palavras, do SRSI, respeitando o princípio de não se iniciar palavras com consoantes dobradas:

immenso (5 ocorrências: C19, 1309; C39, 1673-674)

immortal (5 ocorrências: C20, 1308; C50, 1827)

immortalidade (1 ocorrência: C49, 1832)

<NN>

Sempre no início de sílaba, entre vogais. Ocorre somente nas seguintes palavras:

anno e variações, sendo 5 ocorrências no SS (C12, 1182) e 5 no SRSI (C14, 1201)

danna (1 ocorrência no SS C24, 1352)
 innocentes (1 ocorrência no SS C36, 1561)
 tyrannico (1 ocorrência no SS C38, 1590-591)
 tyrannia (1 ocorrência no SS C38, 1600 e 1 ocorrência no SRSI C37, 1624)
 condennaõ (1 ocorrência no SS C42, 1676)
 pennas (1 ocorrência no SS C57, 1939)
 pinnaculo (2 ocorrências no SS: C68, 11075; C68, 11076)
 ennobrecerão (1 ocorrências no SRSI C8, 197)
 innumeravel (1 ocorrência no SRSI C14, 1196)

<PP>

Sempre no início de sílaba, antecedido de vogal e seguido pelas consoantes <r> ou <l> ou vogal. Ocorre nas seguintes palavras:

aproueytou e variações (SS C12, 1165; SS C13, 1196)
 aprender e variações (SS C17, 1265-266; SS C17, 1267)
 supposto e variações (SS C18, 1280; SS C26, 1393; SRSI C9, 1128; SRSI C9, 1128-129)
 aparece (1 ocorrência no SS C32, 1510-511)
 apareceu (1 ocorrência no SS C33, 1518)
 Felipe (3 ocorrências no SS: C57, 1926; C57, 1927-928; C57, 1929)
 applausos (1 ocorrência no SRSI C3, 124 e 2 ocorrências no SS: C70, 11121; C80, 11283-1284)
 appetite (1 ocorrência no SS C73, 11183)
 opprimirá (1 ocorrência no SRSI C10, 1159)

<RR>

Usado em início de sílaba (mas nunca em início de palavra), seguido de vogal, para representação do som fricativo [x].

carro (SS C4, 139)
 mirrado (SS C8, 1104-105)
 carroça (SS C10, 1147)

enterrou (SRSI C4, 151)

bizaras (SRSI C30, 1502)

corromper (SRSI C48, 1797)

Contudo, em apenas um caso, **prerogatiuas** (no SRSI C27, 1450), não ocorre a duplicação da consoante que hoje, ortograficamente, existe (talvez porque a palavra seja formada por prefixo).

<SS>

Representando o som fricativo [s], ocorre nos mesmos contextos de hoje: sempre entre vogais, no início de sílaba:

quizesse (SS C1, 112)

assi (SS C50, 1803)

assombra (SS C62, 1989)

disse (SRSI C28, 1448)

isso (SRSI C29, 1477)

grosseiro (SRSI C32, 1512)

As únicas exceções são **resurreycão** (no SS C71, 11168-1169), **resuscitou** (no SRSI C35, 1595-596), **resuscitavão** (no SRSI C36, 1580), **sobresair** (no SRSI C31, 1536) e **proseguìs** (no SS C68, 11101-1102), talvez porque, ortograficamente, não fosse necessário o redobro da letra quando houvesse a junção de prefixos.

<TT>

Sempre no início de sílaba, entre vogais. Exemplos:

frutto e variações (SS C3, 136; SS C13, 1184; SS C15, 1226)

matta e variações (SS C9, 1131; SS C62, 1989-990) (mas, mata e variações: SRSI C47, 1806; SRSI C47, 1809; SRSI C48, 1805)

settas (1 ocorrência no SS C24, 1354)

attento e variações (SS C32, 1498-499; SS C32, 1503)

ditto e variações (SS C33, 1521; SS C72, 11150) (mas, dito: 1 ocorrência no SS C50, 1806-807)

retrato (1 ocorrência no SS C34, 1522) (mas, retrato e variações: SRSI C26, 1409; SRSI C49, 1855)

Escrittura e variações (SS C38, 1593; SS C57, 1935-936) (mas, Escrittura: 1 ocorrência no SS C47, 1772-773 e 1 no SRSI: C8, 190)

dimittir e variações (SRSI C17, 1280; SRSI C17, 1274-275)

attonito (1 ocorrência no SS C82, 11315)

atonito (2 ocorrências no SRSI: C38, 1619; C49, 1890)

5.3.2.5 Uso de grupos consonantais gregos (ch, ph, th, rh) e latinos (ct, gm, mn, pt)

Porque remetem às palavras latinas ou gregas das quais são derivadas, certas palavras dos sermões foram escritas com grupos consonantais que, na verdade, ou são falsos dígrafos (já que existem, em Língua Portuguesa, representações gráficas próprias para estes sons específicos) ou não são, de fato, pronunciados.

Grupo grego

- <PH> com valor fonético da fricativa [f]

triumphal (1 ocorrência no SS C4, 139)

triumpha (1 ocorrência no SS C26, 1384)

triumphar (1 ocorrência no SS C26, 1387)

mas: triunfo (1 ocorrência no SS C58, 1922)

Leão (1536) considera como acertado o uso de <ph>, que ele afirma ser uma das "letras que se aspirão"¹⁰⁹.

Pereira (1666, p. 34), ao contrário, diz que

¹⁰⁹ Para ele, podem ser aspiradas: <c>, <p>, <r> e <t>.

Podese duvidar se hemos de escrever *Philosophia*, ou *Filosofia*; *Ortographia*, ou *Ortografia*? Estas palavras sam Gregas, & assim o Latim, porque as tomou do Grego, as escreve com ph; mas nam estranharey, antes me accommodarey a quem portuguezando-as as escrever chãmente, *Filosofia*, *Ortografia*: como tambem, *Felippe*, & naõ *Phelippe*: porq̃ ja vem de longe, & nam sam Latinas, senaõ alatinadas.

Franco Barreto (1671, p. 188) também acha próprio o uso de <f>, já que "[...] o ph, que os Gregos notam cõ esta figura Φ: mudaram os Latinos ã f, pola qual razã, nós, que menos sentimos a pronunciaçã Grega, també poderemos escrever cõ f, simplez, os nomes que os Latinos escrevem por ph [...]".

Por sua vez, Feijó (1734, p. 61) propõe a manutenção do <ph> grego, para que "[...] os meninos, que aprendem a ler, soubessem logo, que tambem havia esta letra, e se pronunciava como o nosso F: *Pha, phe, phi, pho, phu; Fa, fe, fi, fo, fu.*" Então, diz que, para os nomes próprios, se de origem grega, era melhor manter o <ph>, para as demais, era optativo a manutenção ou não (caso, então, de aportuguesamento) das letras gregas.

Os exemplos dos sermões pautam-se na etimologia. Contudo, em **triumfo** (lat. *triumphu*), a troca da letra <n> pela <m> pode ser devido à influência das outras formas, grafadas com <ph>, pois todos os ortógrafos concordam que <m> deve ser escrita somente antes de <p> e , e <n> diante das demais consoantes.

- <TH> com valor da oclusiva [t]

Ocorre, principalmente, na escrita de alguns nomes próprios e em algumas poucas palavras, listadas abaixo:

Author (3 ocorrências no SS I5; C43, 1695; C68, 11106)

autores (1 ocorrência no SS C45, 1714) (mas, 1 ocorrência de Autor: SRSI C20, 1324)

autoridade (2 ocorrências no SS: C15, 1247; C83, 11342-1343)

authorisar (1 ocorrência no SRSI C11, 1185)

Arithmetica (1 ocorrência no SS C37, 1597)

mathematico (2 ocorrências no SS: C42, 1655; C42, 1661-662)

Bartholo (1 ocorrência no SS C44, 1690)

Bartholameo (1 ocorrência no SS C57, 1930)

Mattheos (2 ocorrências no SS: C58, 1913; C70, 11136-1137 e 1 no SRSI C22, 1336)

Thadeo (1 ocorrência no SS C58, 1916)

Theofilacto (1 ocorrência no SS C59, 1958)
 Euthymio (1 ocorrência no SS C59, 1959)
 Thema (1 ocorrência no SS C64, 11024 e 1 no SRSI C9, 1131)
 Theatro (2 ocorrências no SS: C74, 11182; C77, 11243 e 1 no SRSI C38, 1643)
 Judith (1 ocorrência no SRSI C6, 182)
 Balthasar (2 ocorrências no SRSI: C10, 1153; C11, 1164)
 thronos (1 ocorrência no SRSI C12, 1181) (mas, 2 ocorrências de trono no SRSI: C24, 1390; C52, 1881)
 Esther (1 ocorrência no SRSI C14, 1205)
 Vasthi (2 ocorrências no SRSI C14, 1224; C15, 1246)
 Athalia (2 ocorrências no SRSI: C15, 1230; C15, 1245)
 Thomas (1 ocorrência no SRSI C22, 1345)
 thesouros (2 ocorrências no SRSI: C28, 1458; C41, 1717)
 Therezas (1 ocorrência no SRSI C41, 1685-686)
 Catharinas (1 ocorrência no SRSI C41, 1689)

Leão (1576), nas páginas 50 e 50v de sua *Orthographia*, dispõe algumas palavras que se escreviam com <th> e algumas regras de composição para assinalar quando usar o <th> grego. Feijó (1734, p. 99) estabelece, também, uma lista de palavras que se escrevem com <th> "[...] tiradas das palavras Latinas, ou Grecolatinas, que traduzimos para o nosso uso quasi com as mesmas letras; e para a perfeita imitação as observamos."

- **<CH>, assumindo o valor da oclusiva [k]:**

Christo (47 ocorrências no SS: C60, 1955 e 24 no SRSI: C4, 122-23)
 Ezechiel (2 ocorrências no SS: C4, 137-38; C10, 1143)
 Christãos (2 ocorrências no SS: C26, 1402; C64, 11026)
 christão (2 ocorrências no SS: C74,11205; C74, 11206)
 Christaõ (1 ocorrência no SRSI C49, 1854)
 charitatiuo (1 ocorrência no SS C36, 1551-552)
 Architectura (1 ocorrência no SS C37, 1595-596)
 Chrysostomo (3 ocorrência no SS: C44, 1682; C51, 1814-815; C59, 1960)
 Chrysologo (1 ocorrência no SS C44, 1706)
 Achilles (1 ocorrência no SS C53, 1866)

Monarchas (2 ocorrências no SRSI: C6, 160; C50, 1838)

Christandade (1 ocorrência no SRSI C6, 161)

Ezechias (1 ocorrência no SRSI C13, 1199)

Michol (3 ocorrência no SRSI: C14, 1216-217; C14, 1217; C15,1246-247)

Ochosias (1 ocorrência no SRSI C15, 1237)

Monarchia (1 ocorrência no SRSI C27, 1463)

christal (1 ocorrência no SRSI C38, 1620) (mas, 1 ocorrência de *crystaes*: no SS C76, 11226)

Leão (1576) diz que com <ch> se escrevem os nomes gregos e latinos. Contudo, diz também que o mesmo grupo consonantal possui um outro ofício, quando "[...] o c. emprestado, quando depois d'elle se segue h. & lhe damos differête pronúnciação do .c. aspirado dos Gregos, como nestas dições, chamar, cheirar, chiar, chorar, chupar." (LEÃO, 1576, p. 5-5v) O ortógrafo retrata, assim, a representação gráfica para o som fricativo [ʃ], inexistente nas línguas clássicas, e que ele, em outra parte de sua obra, chama de "vulgar".

Pereira (1666, p.32), atento a essa mudança de pronúncia, considera pouco produtivo o uso de <ch>, logo, da manutenção da grafia grega, em palavras que

[...] no nosso pronunciar mudarem o som: como, *coro*, no Latim *chorus*, não se ha de escrever com, h, *choro*; porque entam significa pranto, & nasce do verbo, *chorar*: nem, *Parocho*, senam, *Paroco*: nem *charidade*, senaõ, *caridade*: como nem, *Cherubim*, senam *Querubim*. Do mesmo modo nam *Monarcha*, nem *Monarchia*, senam, *Monarca*, *Monarquia*; porque o *cha*, *cho*, *che*, *chi*, tem no Portuguez diverso som do *ca*, *co*, *que*, *qui*.

Barreto (1671) chama o uso de <ch> para a representação do som [ʃ] de "impróprio".

E, como Pereira, acha desnecessário o uso de <ch> para a representnação da oclusiva [k], indicando, então, o uso de letras simples.

Madureira Feijó (1734, p. 55), por sua vez, entende que, embora em alguns casos a troca de <ch> por <c> seja aceitável, a manutenção das letras é a melhor opção:

Em nenhuma palavra Portuguesa pôde haver *C*, aspirado com *H* no som de *Q*; mas ou haõ de ser tiradas dos Latinos, ou dos Gregos; e ou sejaõ de huns, ou de outros, se as traduzimos ao nosso uso, não necessitaõ de *H*, para a sua orthografia, e pronunciação Portugueza; porque o nosso *C* tem a consonancia de *Q*. antes das vogaes *a*, *o*, *u*, quando senaõ escreve plicado: como v. g. *Coro*, *Corôa*, *Cura* etc. Mas se as traduzimos ao uso Latino, ou alatinado, sem as extrair da sua pronunciação, e signficação Latina, entaõ precisamente se haõ de escrever como os Latinos as escrevem; por não

fazermos humas palavras, que nem seraõ Latinas, nem Portuguezas; e por não lhe tirarmos as letras, que nos mostraõ a sua origem, para sabermos o que significaõ.

E, ao retomar a ideia de alguns ortógrafos (como Franco Barreto), segundo a qual acomodações gráficas de <ch> para <qu> são necessárias para que as pessoas não errassem na pronúncia das palavras (por exemplo, Monarquia, por Monarchia), afirma:

E quem duvida que *Chi*, e *Chia* soaõ so como *Qi*, e *Qia*, e não como *Qui*, e *Quia*? Pronunciem como devem pronunciar *Monarchia*, e *Monarquia*, *Parochia*, e *Paroquia*, *Chiméra*, e *Quiméra*, vejam, ou percebam a differença, e digaõ a razaõ; porque havemos de faltar ás leys da pronunciaçaõ, e introduzirmos nas palavras duas letras, que não tem, sendo palavras, que na nossa lingua não são compostas. Digaõ porque havemos de fazer de huma palavra outra muito diversa, que não fica significativa, nem originaria, so pelo escrupulo de que algum ignorante não erre a pronunciaçaõ do *C*, aspirado com *H*, como no latim? (FEIJÓ, 1734, p. 56)

Grupo latino

- <MN>

solemnidade (1 ocorrência no SRSI C2, 112)

calumnia (1 ocorrência no SRSI C34, 1548)

Omnipotencia (1 ocorrência no SRSI C44, 1731)

Omnipotente (1 ocorrência no SS C17, 1250)

Leão (1576), embora perceba e esclareça a diferença de articulação entre os sons nasais [m] e [n] e, em função disso, o emprego de uma ou outra grafia (respectivamente, <m> e <n>), quando antecedendo determinadas consoantes oclusivas (ficando, assim, evidente, o valor fonético de cada um dos segmentos¹¹⁰), por costume, admite o emprego de <m> antes de <n>, já que

¹¹⁰ "Mas seguindose outro .m. ou .b. ou .p. sempre prepoemos o .m. & dizemos, ambos, & não anbos, & tempo, & não tenpo, & immenso, & não inmenso. E a causa he, porq̃ d'onde se forma o .n. que he ferindo a ponta da lingoa, na parte diãteira do paadar, até onde se formão aquellas tres letras .b. m. p. há tanta distancia, que foi necessario, mudar o .n. em .m. quando se seguẽ, por o .m. star perto dellas na pronunciaçaõ." (LEÃO, 1576, p.12v)

[...] ha se de aduertir, que algũs nomes há, que admittem o .m. ante do .n. os quaes ainda que sejam Latinos, & Gregos, não deixarei de os poer, porque d'algũs delles, & de seus deriuados, podemos usar na nossa lingoa, como: amnis, contemno, damno, damnum, damnas, gymnasium, hymnus, somnus, & algũs nomes proprios, como Agamemnon, Clytemnestra, Clytumnus, Lemnos, Memnon, Mnestheus, Polymneia. (LEÃO, 1576, p. 12v)

Barreto (1671) escreve que o <m> deve ser escrito, em Português, somente antes de , <p> e <m> e diz que, nas línguas clássicas, tal regra não se applicava ao todo. Então, discute a manutenção ou não de <m> antes de outras letras, justificando, conforme seu entendimento, as prováveis pronúncias:

[...] algũs ortografos nossos [...] ensinam, que se hão de escrever assi como os tomaram [vocábulos grecolatinos], como são condemno, damno, solemne, somno, màs estes, & outros semelhantes que o Licenciado Duarte Nunes refere se hão de escrever ao nosso módo, condeno, dano, solene, sono, porque assi os pronunciamos; & quando pronunciamos os Latinos fechamos os beyços ã o m, que he o seu proprio natural, como se pronunciamos, condem no, dam no, solem-ne, som-no, que ã a nossa lingoagẽ fora uma redicula cousa. (BARRETO, 1671, p. 148)

Tolera, somente, a manutenção do grupo <mn> em nomes próprios latinos e gregos.

Feijó (1734, p. 8), com outro ponto de vista, acredita que aquele que imita a ortografia latina, de fato, pronuncia o que escreve:

[...] porque os que sabem pronunciar, não exprimem tanto as consoantes, de que as vogaes; mas la as tocaõ taõ levemente que juntas com as vogaes fazem hum som muyto proprio, e indicativo da palavra, que pronunciaõ [...] E quem diz o contrario he porque so sabe pronunciar material, e rusticamente sem arte, nem sciencia. E por isso não deixa de escrever como pronuncia, quem sabe pronunciar para escrever.

Assim, defende que, para os grupos <mn>, <pt> e <ct>, não há problema de leitura:

O mesmo que digo da pronunciação do *ct*, se observa na pronunciação do *mn*, e do *pt*, nas palavras, em que se escrevem; porque na palavra *Damno*, não pronunciamos o *m* separado do *n*, exprimindo o som total do *m*: não dizemos *Dam-no*, que sôa como *Dameno*, mas dizemos *Damno*, ferindo levissimamente o *m* junto com o *n*, que sôa como *Da-mno*. Na palavra *Prompto*, *Promptidaõ*, não pronunciamos o *p* com som separado do *t*, e carregando nelle, não dizemos *Prom-p-to*, que sôa como *Prompteto*: mas dizemos *Prompto*, ferindo taõ levemente o *p*, que sôa juntamente com o *t*, como se desseramos *Prom-pto*. (FEIJÓ, 1734, p. 8)

- <PT>

prōpto (1 ocorrência no SS C 20, 1309)

Baptista (11 ocorrências no SS: C34, 1524; C46, 1743)

desbaptizados (1 ocorrência no SS C43, 1694)

assumptos (4 ocorrências no SS: C45, 1730; C68, 11097)

assumpto (5 ocorrências no SS: C45, 1735-736 e 1 ocorrência no SRSI C9, 1132)

Egypto (2 ocorrências no SRSI: C42, 1694; C42, 1699)

in corrupta (1 ocorrência no SRSI C23, 1390-391)

in corrupto (1 ocorrência no SRSI C47, 1813)

in corruptiuel (1 ocorrência no SRSI C50, 1826-827)

Neste grupo de palavras, mantemos, ainda hoje, a escrita e pronúncia do grupo <pt> apenas nas 3 últimas palavras.

Dos ortógrafos, apenas Barreto (1671) comenta essa junção de consoantes: não admite o emprego de <pt>, pois, para ele, o <p> só pode juntar-se à <l> e <r>.

- <CT>

affectado (1 ocorrência no SS C36, 1579)

desaffectada (1 ocorrência no SS C39, 1629-630)

affectada (1 ocorrência no SS C76, 11218)

Architectura (1 ocorrência no SS C37, 1595-596)

objecto (1 ocorrência no SS C47, 1764)

practica (1 ocorrência no SS C51, 1812)

victoria (1 ocorrência no SS C53, 1867)

Theofilacto (1 ocorrência no SS C59, 1958)

expectação (1 ocorrência no SS C75, 11125-1126)

affectação (1 ocorrência no SRSI C38, 1625)

Sobre esse grupo consonantal, Barreto (1671, p. 165) diz que "Em Portuguez nã se ha de por c. antes de t. como nossos Ortografos fazem & ensinam, escrevendo sancto, doctrina, doctor, & semelhantes, porque nã fallamos asi; màs santo, doutrina, doutor; & quẽ de outro módo escrever, ou fallar, o fará como nã deve [...]".

Contudo, considera como necessário o uso de <ct> em certas palavras, para efeito de desambiguação (como em pacto/pato) e, também, quando a pronúncia, de fato, ocorre (como em circumspecto, aspecto). E, no caso das palavras acima, apenas em **expectação** ocorre a pronúncia, hoje, de <ct>.

- <PS>

Apocalypse (2 ocorrências no SS: C58, 1928; C69, 11111-1112 e 1 ocorrência no SRSI C25, 1427-428)

Psalmos (1 ocorrência no SS C66, 11061)

Destas palavras, mantemos a pronúncia da letra <p> apenas na primeira palavra. Entre os ortógrafos, apenas Leão (1576) e Feijó (1734) comentam tais palavras em suas ortografias, indicando que deveriam ser escritas com <ps>.

- <GM>

enigma (1 ocorrência no SS C43, 1696-697)

augmento (1 ocorrência no SRSI C23, 1395)

augmentou (1 ocorrência no SRSI C23, 1400)

Leão (1576) valida o uso deste grupo em **aumento**. Feijó (1734) tem por corretas todas estas palavras escritas com <gm>. De opinião contrária, Barreto (1671, p. 199), afirma que <g> não se junta a "[...] m. n, porque nós dizemos aumento, dino; ã augmento, digno." Com este último comentário, somos levados a supor que, embora a pronúncia do <g>, para este grupo consonantal, não fosse aceita, ela, certamente, ocorria. Contudo, hoje, pronunciamos apenas o grupo <gm> em **enigma**.

5.3.2.6 Uso de <h>: visão geral

Leão (1576, p. 7v) diz que <h> é uma "aspiração" ou "assopro", mas que "[...] os Portugueses não vsamos em pronunciação, posto ã a vsemos na scriptura. Porque assi

pronunciamos homẽ, como, omẽ, & hõra, como, onra, & hoje, como, oje, & hoganno, como, ogãno, & hatora, como, agora, & haver, como, auer." Contudo, constata a realização sonora da letra no caso de duas interjeições: "E soomẽte parece, ã a sentimos na pronunçiação de duas interjeições .s. de ha ha, significatiua de riso, & de ah, significatiua de temor, ou indignação." (LEÃO, 1576, p.7v)

Por fim, admite que o uso desta letra, necessariamente, deve-se à etimologia: "Porem ainda que pareça esta aspiração ociosa, pola não pronunçiaros, he porem necessaria, para guardar a orthographia dos nomes Latinos, & Gregos, para per ella se conhecer origem, & etymologia dos vocabulos, & para differença delles [...]" (LEÃO, 1576, p. 7v). Acaba destacando, também, os usos singulares da letra <h>, quando seguindo <c>, <n> e <l>, próprios da Língua Portuguesa. Diz ele:

Mas os Portugueses, por teermos tres pronunçiações proprias, & peculiares nossas, que os Latinos não tinhão, para que nos faltão as figuras, supprimolas com a aspiração, dizendo: ch. lh. nh. Porque sem aspiração, não achamos letras cõ que as formar: por teerem muito differente pronunçiação, da que dão as dictas letras, sendo tenues, & não aspiradas. De maneira que aspiramos o l. & o .n. o ã nenhũas outras nações fazem, & aspiramos o.c. em vocabulos nossos peculiares, soando a dicta letra aspirada de differente maneira, do que soa nos vocabulos Latinos, ou Gregos, ã outros si se aspirão. Porã doutra maneira soa o .c. em esta palauara, tacha, do que soa em a palaura, mechanico. (LEÃO, 1576, p. 8-8v)

Pereira (1666) também fala da aspiração da letra <h> sentida nas interjeições "hã, hã", de alegria, "ah, ah", de temor ou "oh, oh", de espanto. Ao comentar as pronúncias próprias do Português, não existentes na Língua Latina, afirma o ortógrafo que

Usamos tambem de *h* , sem vermos força alguma de aspiraçam, em tres termos differentes, quays sam: *ch*, *lh*, *nh*; onde experimentamos tres diversas pronunçiaçoens proprias da nossa lingua, ã os Latinos nam conheceraõ: pelo que venho a crer ã o *h*, para com os Portuguezes, hũas vezes he aspiraçam, como a dos Latinos; outras he verdadeyra letra cõ a qual sem aspirarmos, distinguimos as tres referidas pronunçiações, sentindo bem diversa toada no *cha*, *lha*, *nha*. (PEREIRA, 1666, p. 55)

E, a partir desta colocação, fala sobre o grupo <ch>:

Donde advirtimos ã se o Latim põem aspiraçam depois do *c*: como em *charitas*, *chorus*, & outras semelhantes; nõs a não ponhamos, porã assim fugiremos a toada diversa do Latim, ã no Portuguez faz, *charidade*, *choro*. Pois bem se vé a diversidade, ã entre nossas palavras ha, de *caco*, a *cacho*; de *marca*, a *marcha*, & assim digamos, *caridade coro*.

Pelo que para conformarmos nossa toada, com a Latina, *cha, cho, & chu* dos Latinos, tiraremos o *h*, & em lugar do seu *che, & chi*, poremos, *que, & qui*; & assim dizendo elles, *chelidanium*, diremos nós, *quelidonio*; dizendo elles; *Monarchia*, diremos, *Monarquia*. (PEREIRA, 1666, p. 55-56)

Franco Barreto (1671, p. 132) distingue três funções para a letra <h>: "[...] realmente serve de letra, de aspiração, & distinção." Considera <h> letra quando possibilita a formação dos dígrafos <ch>, <lh> e <nh>. Adverte, apenas, que, nas palavras em que os latinos escreviam <ch>, em Português, será escrita sem o <h> (por exemplo, Anchora – Ancora), e caso sejam nomes próprios, deverá ser mantido apenas se o sentido do nome, com a ausência do <h>, for alterado. É aspiração nas interjeições e é de distinção quando serve para esclarecer possíveis ambiguidades entre verbos e conjunções (por exemplo, **he**, do verbo ser e **e** conjunção). Feijó (1734) praticamente têm as mesmas ideias sobre o uso da letra, mas indicando a manutenção dela, principalmente para marcar a origem gracolatina da palavra.

Nos sermões, muitas palavras são escritas com <h>. De modo geral, temos:

- em junção com outras consoantes, formando os dígrafos <ch> (para o som [ʃ]), <lh> (para [ʎ]) e <nh> (para o som [ɲ]).

achou (SS C6, 182; SRSI C33, 1549)

China (SS C3, 142)

Euangelho (SS C4, 141-42; SRSI C6, 170)

mulher (SRSI C6, 174)

Maranhaõ (SS 14)

nenhum (SRSI C15, 1238; SS C17, 1258)

Senhor (SS C60, 1958; SRSI C20 1306)

- na formação dos falsos dígrafos: ph (= [f]), th (= [t]) e ch = [k])
- em início de palavra

todas as ocorrências do verbo ser na 3ª pessoa, singular do Presente do Indicativo (96 ocorrências no SRSI e 172 no SS: SRSI C2, 111; SS C78, 11254)

verbo haver e variações (SS C56, 1889; SRSI C13, 1197) (mas, 1 ocorrência do verbo haver sem o <h> inicial: SRSI C13, 1199-200)

hoje (SRSI C49, 1833; SS C63, 11025-1026)

hum (SS C70, 11124; SRSI C49, 1853)

hiaõ (SS C4, 145)

Hebreo (SRSI C15, 1233)

- entre vogais, separando hiato

Abraham (SRSI C21, 1369)

sahem e variações (SS C3, 138)

cahẽ (SS C13, 1187)

reprehensãõ (SS C49, 1794)

comprehẽde (SRSI C28, 1444)

concluhio (SS C83, 11343)

restituhia (SRSI C36, 1611)

Mas também são escritos hiatos sem <h> mediador:

sair (SRSI C31, 1536)

rainha (SRSI C32, 1520-521)

ainda (SS C51, 1837; SRSI C33, 1555)

raizes (SS C14, 1206)

reedificar (SS C71, 11145)

refree (SRSI C40, 1676)

5.3.2.7 <x> com valor fonético de [is]

exaqui (1 ocorrência no SRSI C12, 1186)

eisaqui (1 ocorrência no SRSI C29, 1501)

eys aqui (11 ocorrências no SS: C13, 1204; C34, 1529)

Neste grupo de palavras, ocorre flutuação entre as sequências <is>/<ys> e <x>. Coutinho (1974) diz que, no período fonético e, por influência latina, <x>, sempre no fim de palavra, representava [is]. Assim, a flutuação encontrada no sermão pode ser resquício dessa escrita. Nunes de Leão (1576) e Franco Barreto (1671) apontam o <x> apenas como representação do som [ʃ]. Diz Leão (1576, p. 20v):

He letra dobrada, que consta de .c. & .s. em algũus vocabulos, & em outros de .g. & .s. (...) Mas isto he quanto aa pronunciação das palauras Latinas. Porque a pronunciação que agora damos a esta letra, he Arabica, da menria que os Mouros pronunciaõ o seu, xin (...) per que denotamos a dicta pronunciação Arabica, como nestas palauras: paixão, caxa, enxada, coxim.

Franco Barreto (1671, p. 173-174) afirma que "Nenhũ nome nosso acaba ã x, & assi nos, que dos Latinos procedem, nos a mudamos ã z [...] ainda que alguns por se mostrarem Latinos, escrevem estes, & outros taes cõ x."

Feijó (1734, p. 102) também diz que "[...] Os Portuguezes sempre pronunciamos o X nas nossas palavras com diverso som, carregando nelle com força, como *Caixa*, *Coxim*, *Payxaõ*, *Queixada*, *Queixûme* etc." Mas, no final de sua obra, ao comentar as palavras pronunciadas errado, fala sobre a palavra eis/eys, deixando transparecer que seria possível, para a pronúncia do <x>, semelhança com o segmento <is>:

Dizem os nosso Vocabularios, que he hum adverbio demonstrativo, que serve para mostrarmos algũa cousa, e nasce do Latim *En*, ou *Ecce*. Eu so repáro na escripta das letras *Eis*, porque se o devemos escrever assim, porque assim sôa na pronunciaçaõ; v. g. *Eis aqui* : *Eis ahi* etc porque não devemos de escrever *Eisâme* : *Eishausto* : mas *Exâme*, e *Exhausto*? Se me responderem que estes assim se escrevem no Latim: direi eu: Logo no Portuguez do mesmo modo que pronunciamos *Eis*, pronunciamos tambem *Ex!* que não ha duvida. Logo porque não havemos de escrever, e dizer. *Exaqui* : *Exahi*. Entãõ *Eis*, ou *Eys*? Respondem, que no som da pronunciaçaõ estaõ iguaes; mas os que escrevem *Eisaqui* : *Eisahi* etc tem mais fundamento; porque quando queremos mostrar hum homem, dizemos *Eilo aqui* : e a hũa mulher *Eila aqui* etc. O erro de *Eis*, ou *Ex*, he *veis*. O P. Bento Pereira diz *Eys*, e *Ey*. Mas ou se escreva com *i*, ou *y*, sempre faz dithongo de *ei*, ou *ey*. (FEIJÓ, 1734, p. 286-287)

Então, se o ortógrafo faz esse comentário é porque a sequência <ex> já era pronunciada também com ditongação [eIs].

5.3.2.8 Flutuação entre <l> e <r>

prantada (1 ocorrências no SRSI C6, 188)

plantas (1 ocorrência no SS C6, 168-69)

Neste par de palavras, há troca de <l> por <r> (caso de rotacismo). Feijó (1734) considera as formas pranta (para planta) e prantar (plantar) erradas.

5.3.2.9 Flutuação entre <c> e <qu>

calidade (1 ocorrência no SS C27-27, 1414-415)

qualidades (1 ocorrências no SRSI C3, 132)

Neste par de palavras, ocorre flutuação, para a representação do som inicial da palavra **qualidade**, entre as formas <c> e <qu>. Tal flutuação pode levantar a questão se a pronúncia da palavra era [ka]lidade ou [kva]lidade. Leão (1576, p. 28) diz que "[...] sempre depois do .q. se segue hum .u. liquido, & sem força. O qual não se pode negar fazer algũa differença na pronuniação do .c. Porque de hũa maneira nos soa, aqua, & d'outra, aca, por causa d'aquelle .u. que sempre se sente." E, na lista de palavras reformadas, que dispõe no final de sua obra, considera calidade como errada e propõe a forma correta qualidade.

Pereira (1666), por sua vez, ao comentar os tipos de ditongos portugueses, fala dos formados por <u>. Assim, quando "[...] se junta u, com a ou se põem antes, ua, como na palavra, *igual*, ou se põem depoy, au, como na palavra *causa*." (PEREIRA, 1666, p. 47) Também lista calidade como erro, propondo qualidade como a forma correta.

Feijó (1734) diz que o <q> precisa sempre de um <u> para a composição das palavras. Afirma que, embora essa vogal pareça supérflua, ela "[...] serve para diversificarmos o som das palavras, que se escrevem com Q, daquellas, que se escrevem com C: como *Qual*, e *Cal*; porque em *Qual* sôa mais alguma cousa do que em *Cal*; e este mais nasce do U depois do Q, e

antes do A." (FEIJÓ, 1734, p. 89) E, na página 91 de sua *Orthographia*, ao listar algumas palavras que começam com <qua> e <quo>, encontra-se qualidade.

Franco Barreto (1671), contrário aos demais ortógrafos, dispõe, na lista "Advertências em ordem a emendar, & melhorar as palavras, que a ignorância do vulgo tem corruptas", a forma qualidade como errada e, como forma a "emendar", calidade. Assim, podemos supor que, para o autor, o grupo <qu> equivale a <c> (logo, [k]).

5.3.2.10 Flutuação entre <c> e <sc>

naceo (9 ocorrências no SS: C11, 1179; C22, 1321-322)

nasceo (1 ocorrência no SRSI C20, 1302)

nacer (5 ocorrências no SS: C26, 1389; C38, 1586)

nascimêto/nascimento (2 ocorrências no SRSI: C7, 1113; C28, 1464)

nacêraõ (2 ocorrências no SS: C30, 1452; C30, 1455)

nascida (2 ocorrências no SRSI: C8, 1102; C8, 1123-124)

nace (11 ocorrências no SS: C14, 1205; C53, 1851)

Apesar da flutuação entre presença de <s> e ausência antes de <c>, provavelmente, nestas palavras, o som representado seja o da fricativa [s], na posição de ataque silábico. A ausência ocorre nas palavras do SS. Já a presença de <s> ocorre somente nas palavras do SRSI.

Entre os ortógrafos, Barreto (1671) é o único que acha desnecessário o uso do <s> antes de <c>. Diz: "[...] ainda torno a advertir que se nã escreva, screver, scritura, sforço, smeralda, specie, spirito, star, stilo [...] nẽ tã pouco nascer, acrescentar, conhescer, senã nacer, acrecentar, conhecer [...]" (Barreto, 1671, p. 198). Já Pereira (1666) considera a forma nacer como tolerada e nascer como melhorada. Feijó (1734), por sua vez, tem como certas as formas com <sc>.

5.3.2.11 Flutuação entre <s> e <z>

fermosura (3 ocorrências no SRSI: C30, 1493; C30, 1497; C30, 1509)

fermosa (1 ocorrência no SRSI C30, 1508)

fermozura (1 ocorrência no SRSI C32, 1514)

accusações (1 ocorrência no SS C61, 1988)

accusado (1 ocorrência no SS C70, 11134-1135)

accuzaçoens (1 ocorrência no SRSI C33, 1573)

accuzado (2 ocorrências no SRSI: C34, 1564; C35, 1591)

Ocorre, nas palavras acima, o uso de <s> e <z>, no mesmo contexto (em posição intervocálica, iniciando sílaba), com valor sonoro da fricativa [z].

Feijó (1734) diz que pode ser feita uma regra geral segundo a qual se escreve com <s>, mas com valor sonoro de <z>, as palavras que terminam, entre outras possibilidades, em <oso> e <osa>. E, ao comentar os erros do vulgo, questiona a escrita da palavra *formosa* com a letra <e>, inclusive citando um Vieira (talvez o P. Antônio Vieira) como descuidado por tal equívoco:

Confesso, que fiz bastante observação, para saber o fundamento, com que homens doutissimos escrevem, e pronunciaõ: *Fermoso*, *Fermosura* etc. E não achei nem analogia, nem etymologia para tal orthografia; porque os Latinos dizem *Forma*, e *Formosus* [...] Que inconveniente achaõ no *o*, para o mudarem em *e*? Ou donde vem este *e*? O certo he, que veyo de nôvo, porque o grande Vieyra não lho achou no seu tempo. (FEIJÓ, 1734, p. 328)

Franco Barreto (1671, p. 161-162), seguindo a analogia latina, diz que se escrevem com <s> "singelo", entre vogais, mas com som de <z> "(...) os nomes, que nacam dos participios ã sus, dos quaes diremos, raso, & arrasado, rasoura, lesõ, & lesã; riso [...] & escreveremos cõ s, como os Latinos fermoso, amoroso, glorioso, vitorioso, & outros taes."

5.3.2.12 Flutuação entre <ç> e <cç>

jurisdicção (1 ocorrência no SRSI C42, 1692)

jurisdição/jurisdicção (7 ocorrências no SRSI: C33, 1571; C37, 1629)

Como predomina a escrita da palavra sem o uso de <c> antes de <ç>, podemos considerar que, na época, a pronúncia do <c> não ocorria. Assim, a forma registrada com <cç> deve ser por motivo de analogia à forma latina (*jurisdictione*). Entre os ortógrafos, apenas Feijó (1734) comenta a palavra, considerando como correta a forma jurisdição.

Em síntese, da escrita com consoantes:

1. há casos de flutuações sem valor fonético/fonológico (como a flutuação <c>/<sc> ou <s>/<z>. Já as flutuações <I>/<J> e <u>/<v> exigem contexto específico de emprego: no primeiro caso, sempre na forma maiúscula, em início de palavra e, no segundo, em início de sílaba);
2. os casos de consoantes duplicadas e dos grupos consonantais gregos e latinos também não indicam alteração fonética/fonológica;
3. há ocorrências de flutuações que indicam, sim, alterações fonético/fonológicas (como o uso de <h>, entre vogais, para assinalar hiato ou o caso de rotacismo).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos na introdução deste trabalho, as flutuações ortográficas não podem ser consideradas apenas erros ortográficos. Na verdade, elas são tentativas de adequação da fala pela escrita. Consequentemente, estas flutuações podem indicar marcas fonéticas e fonológicas da língua, em muitos casos relacionadas à variação linguística.

Percorrendo a história da Língua Portuguesa escrita, nos deparamos com várias tentativas de adequação de sua ortografia. Por isso, são de extrema importância os primeiros ortógrafos que, na busca de sistematização da língua, registraram fatos e modos de pronúncias que, então, ocorriam. Contudo, mesmo com um objetivo comum – o de normalizar a Língua Portuguesa – não há consenso entre eles de usos e formas ortográficas. Ora eles se fundamentam em analogias e etimologias, ora se guiam pela fonética.

Em função de todo este quadro, nos propusemos a estudar e descrever a ortografia utilizada nos sermões "Sermão da Sexagésima" e "Sermão da Rainha Santa Isabel", do Padre Antônio Vieira. Para isso, focamos, principalmente, as flutuações ortográficas encontradas nos dois sermões.

Como o estudo de documentos antigos nos oferece apenas o material escrito como fonte de dados, recorreremos aos ortógrafos, para questionar e legitimar hipóteses sobre as possibilidades de pronúncia sugeridas pelas flutuações ortográficas encontradas.

Do confronto, então, entre os dados coletados e os comentários dos ortógrafos, percebemos que:

- em relação aos acentos e demais diacríticos: em certos casos, assinalam a qualidade da vogal sobre a qual recaem, mas, na maioria das palavras, além de indicar a tonicidade, desempenham função morfológica (principalmente ao sinalizar os diferentes tempos verbais);
- em relação às vogais, há dois tipos de flutuações: as que não têm valor fonético e as que têm.

No primeiro caso, enquadram-se, por exemplo, as palavras escritas com <y>/<i> para representação do som vocálico [i], em núcleo silábico ou <v>/<u> para representação de [u]. Os usos de <y> e <v> remetem a uma escrita mais antiga e, entre os dois sermões, ficou claro que estes usos foram mais recorrentes no SS.

No segundo caso, estão as palavras que, por exemplo, ora registram ditongo em <eu>, ora em <eo> ou trocam <e> por <i> ou as palavras grafadas ora com <am>, ora com <aõ>/<ão>.

- em relação às consoantes: de certa forma, elas foram as que tiveram menos casos de flutuações de pronúncia. A grande maioria dos casos registrados remete apenas a formas gráficas distintas para a representação de um mesmo som, por exemplo, <ç> representando a fricativa [s] em início de sílaba ou <s> concorrendo com <z> para a representação de [z].

Notamos, também, tendências observáveis somente a partir do SRSI, como o uso de <J> para a representação de [ʒ] em início de palavra (embora ainda concorrendo com <I>) ou o uso de <v> para a representação de [v].

Observamos, ainda, o uso de consoantes duplicadas ou de grupos consonantais insonoros. Não alterando nem o significado nem a pronúncia das palavras em que ocorrem, têm, até mesmo entre os ortógrafos, seu uso questionado.

Por meio destas particularidades, procuramos mostrar como se comporta o sistema ortográfico de Vieira e, ancorados, principalmente, na Fonética e na Fonologia, procuramos argumentar em favor da *variação linguística*. Ao comentar cada ocorrência com os preceitos e opiniões dos ortógrafos, buscamos ressaltar que, de fato, as flutuações eram comuns, já que não havia consenso entre as pessoas, inclusive entre os doutos da época, sobre a melhor forma de se representar a escrita portuguesa. Desta forma, as flutuações, nos sermões, são justificáveis e podem refletir, sim, o que ocorria também na língua falada.

Contudo, dentro de uma obra ou texto (no nosso caso, dos sermões) os usos ortográficos são coerentes e desempenham, todos, uma função específica, conforme o contexto de palavra onde ocorrem. Embora sejam registradas as flutuações ortográficas, elas não prejudicam a compreensão do todo textual e apontam para as prováveis dúvidas de seu autor. Assim, o texto, em si, é um sistema harmônico e calcado na inteligibilidade (caso contrário, seria improdutivo, já que exigiria de seus leitores grande esforço para sua leitura e compreensão).

Estabelecidas as preferências ortográficas nestes dois sermões do século XVII, esperamos contribuir, também, com o estudo e construção da História da Língua Portuguesa, na medida em que os dados apurados nesta pesquisa revelam-se opções ortográficas viáveis e

produtivas na época de produção dos textos. O estudo de obras e textos específicos favorece a caracterização mais precisa de tendências gráficas e ortográficas e, por extensão, fonéticas e fonológicas de uma determinada época.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, V. L. C. **A escrita no Brasil colônia**: um guia para leitura de documentos manuscritos. Recife: Massangana, 1994.
- ARAÚJO, E. **A construção do livro**: princípio da técnica de editoração. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.
- ARRUDA, J. de A.; PILETTI, N. **Toda a história**: história geral e história do Brasil. 4. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- AZEVEDO, J. L. de. **História de António Vieira**. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931.
- BARRETO, J. F. **Ortografia da lingua portugueza**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1671.
- CAGLIARI, L. C. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, M. (Org.). **Ortografia da língua portuguesa**: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009a. p. 17-52.
- _____. A ortografia nos Sermões do Padre Antônio Vieira. In: DUARTE, L. P., ALVES, M. T. A. **Padre Antônio Vieira**: 400 anos depois. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2009b. p. 162-168.
- _____. **Alfabetização e lingüística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2007.
- _____. **Aspectos teóricos lingüísticos da ortografia**. Livro inédito, 2006.
- _____. **Análise fonológica**: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para os modelos fonêmicos. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. Algumas reflexões sobre o início da ortografia da língua portuguesa. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 27, p. 103-111, 1994.
- CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CASTRO, I. **Curso de história da língua portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1991.

CATACH, N. **L'orthographe**. Paris: PUF, 1978.

CATACH, N. (org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FEIJÓ, J. M. M. **Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portuguesa**. Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1734.

GONÇALVES, M. F. **Madureira Feijó, ortografista do século XVIII**: Para uma História da Ortografia Portuguesa. Lisboa: Ministério da Educação, 1992.

HEITLINGER, P. **História da tipografia**. Apresenta informações especializadas sobre as origens da tipografia e formas e uso das letras. Disponível em: <<http://tipografos.net/historia/index.html>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEÃO, D. N. **Orthographia da lingua portuguesa**. Lisboa: João de Barreira, 1576.

LISBOA, J. F. **Vida do Padre António Vieira**. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1960. v. 19.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**: com a mais antiga documentação escrita e reconhecida de muitos dos vocábulos estudados. 1. ed. Lisboa: Editorial Confluência. 1952. v. 1.

MARTIN, H-J; FEBVRE, L. **O aparecimento do livro**. Tradução de H. Tavares e Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. **Diante das letras: a escrita na alfabetização**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

MEGALE, H. et al. A leitura de manuscritos em Português: documentação do século XVII. In: MURAKAWA, C. de A. A.; GONÇALVES, M. F. (Orgs.). **Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa**. 1. ed. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007. v. 11, p. 127-158.

NETTO, W. F. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

NEVES, O. **Padre António Vieira: escritor, pregador (1608-1697)**. Lisboa: Vidas lusófonas, [199-]. Disponível em: <http://www.vidaslusofonas.pt/padre_antonio_vieira.htm>. Acesso em: 10 jun. 2009.

PEREIRA, B. **Regras gerays, breves, & comprehensivas da melhor ortografia, que se podem evitar erros no escrever da lingua latina & portugueza, para se juntar à Prosódia**. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666.

SARAIVA, J. H. **História concisa de Portugal**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1978.

SOUZA, N. de. **Um estudo da ortografia da obra *Os Lusíadas* (1572) de Luís de Camões**. 2009. 431p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2009.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. Tradução de C. Cunha. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1994.

TREVOR-ROPER, H. **A crise do século XVII: Religião, a Reforma e mudança social**. Tradução de J. C. Guimarães. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

VIEIRA, A. Sermam da Sexagesima. In: _____. **Sermoens do P. Antonio Vieira**. Lisboa: Officina de Ioam da Costa, 1679. v. 1, paginação irregular. Disponível em: <<http://purl.pt/297>>. Acesso em 30 nov. 2008.

_____. Sermam da Rainha Santa Isabel. In: _____. **Sermoens do P. Antonio Vieira**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1682. v. 2, p. 1-26. Disponível em: <<http://purl.pt/292>>. Acesso em 30 nov. 2008.

_____. Sermam da Sexagesima. In: _____. **Sermões do Padre António Vieira**. Reprodução facsimilada da edição de 1679. São Paulo: Anchieta, 1943. v. 1, paginação irregular.

_____. Sermam da Rainha Santa Isabel. In: _____. **Sermões do Padre António Vieira**. Reprodução facsimilada da edição de 1682. São Paulo: Anchieta, 1944. v. 2. p. 1-26.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ASSALIM, C. **A conservação de marcas gramaticais arcaicas em manuscritos impressos do Português do século XVII**: ortografia e nexos de coordenação nos textos seiscentistas brasileiros. 2007. v. 1, 194p. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2007.

CALMON, P. **História do Brasil**: séculos XVI-XVII. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963. v. 2.

CÂMARA JR, J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CARDEIRA, E. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Caminho, 2006.

CATACH, N. (Org.). **Para uma teoria da língua escrita**. São Paulo: Ática, 1996.

CIDADE, H. P.^e **António Vieira**. Lisboa: Arcádia, [19--].

HOUAISS, A. **Elementos de bibliologia**. São Paulo: HUCITEC, 1983. v. 1.

_____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Acento e ritmo**. São Paulo: Contexto, 1992.

MIRA MATEUS, M. H. **O essencial sobre linguística**. Lisboa: Caminho, 2006.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, [19--].

SARAIVA, A. J. **História e utopia**: estudos sobre Vieira. Tradução de M. de Santa Cruz. Lisboa: Ministério da Educação/ Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SPINA, S. **História da língua portuguesa**: segunda metade do século XVI e século XVII. São Paulo: Ática, 1987. v. 3.

TARALLO, F. **Tempos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

ANEXOS

ANEXO A – Sermão da Sexagésima (1679).

C1

C2



SERMÃO

DA

SEXAGESIMA

Pregado na Capella Real.

Este Sermão pregou o Author no anno de 1655, vindo da Missão do Maranhão, onde achou as difficuldades, que nelle se apontão: as quaes vencidas, com novas ordens Reaes voltou logo para a mesma Missão.

Semen est Verbum Dei. Luc. 8.

§. I.



SE quizesse Deos, que este tão illustre, & tão numeroso auditorio sahisse hoje tão desenganado da pregaçãõ, como vem enganado

com o Pregador. Ouçamos o Evangelho, & ouçamolo todo: que todo he do caso, que me leuou, & trouxe de tam longé.

Ecce exijt, qui seminat, seminare. Diz Christo, que sahio o Pregador Evangelico a semear a pa-

lavra

10

S E R M A M

laura diuina. Bem parece este texto dos liuros de Deos. Naõ só faz menção do semear, mas faz tambem caso do fahir. *Exijt*; porque no dia da messe haõnos de medir a semeadura, & haõnos de contar os passos. O mundo, aos que laurais com elle, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deos naõ he affi. Para quem laura cõ Deos até o fahir he semear, porque tambem das passadas colhe fructo. Entre os semeadores do Euangelho ha hũs q̄ sahem a semear, ha outros q̄ semeaõ se fahir. Os q̄ sahem a semear, saõ os que vaõ pregar á India, á China, ao Iapão: os que semeaõ sem fahir, saõ os que se contentaõ com pregar na patria. Todos teraõ sua razaõ, mas tudo tem sua conta. Aos que tem a seara em casa, pagarlhes haõ a semeadura: aos que vaõ buscar a seara taõ longe, haõlhes

de medir a semeadura, & haõlhes de contar os passos. Ah dia do Iuizo! Ah Pregadores! os de cá, acharuosheys com mays Paço: os de lá, com mays passos: *Exijt seminare.*

Mas daqui mesmo vejo que notais, (& me notais) que diz Christo que o semeador do Euangelho fahio, porẽm naõ diz que tomou; porque os Pregadores Euangelicos, os homẽs que professãõ pregar, & propagar a Fé, he bem que sayãõ, mas naõ he bem que tornem. Aquelles Animaes de Ezechiel, que tirauãõ pelo *S. Gre-* carro triumphal da gloria *ger. lvi.* de Deos, & significauãõ os Pregadores do Euangelho, que propriedades tinhaõ? *Nec reuertebantur, cum ambularent:* *Ez. xlv. 1. 12.* Hũa vez que hiaõ, naõ tornaõ. As redeas porque se governauãõ, era o impeto do espirito, como diz o mesmo texto; mas esse espirito tinha impulsos para os leuar, naõ tinha *regres.*

20

30

40

50

C5

C6

5 DA SEXAGESIMA. 6
 regresso para os trazer ;
 por q̄ sair para tornar,
 melhor he não sair. Assi
 arguis com muyta razaõ;
 & eu tambem assi o di-
 go. Mas pergunto. E se ef-
 le fêmeador Euangelico,
 quando sahio, achasse o
 campo tomado: se se at-
 massen contra elle os es-
 pinhos: se se levantassẽ
 contra elle as pedras, & se
 lhe fechassẽ os cami-
 nhos, que hauia de fazer?
 Todos estes contrarios,
 que digo, & todas estas
 contradicoes experimen-
 tou o fêmeador do nosso
 Euangelho. Começou el-
 le a fêmear (diz Christo)
 mas com pouca ventura.
 Hũa parte do trigo cahio
 entre espinhos, & affoga-
 raõno os espinhos: *Aliud
 cecidit inter spinas, & si-
 mul exort a spina suffoca-
 uerunt illud.* Outra parte
 cahio sobre pedras, & sec-
 coule nas pedras por fal-
 ta de humidade: *Aliud
 cecidit super petram, &
 natum aruit, quia non ha-
 bebat humorem.* Ou tra-
 parte cahio no caminho,
 & pizaraõno os homẽs, &
 comeraõno as aues: *Aliud
 cecidit secus viam, &
 conculcatum est, & volu-
 cres cali comederunt illud.*
 Ora vede, como todas as
 creaturas do mundo se
 armãraõ contra esta se-
 menteyra. Todas as crea-
 turas, quantas ha no mun-
 do, se reduzem a quatro
 generos: creaturas racio-
 naes, como os homens:
 creaturas sensitiuas, como
 os animaes: creaturas ve-
 getatiuas, como as plan-
 tas: creaturas insensiuẽs,
 como as pedras: & não
 ha mays. Faltoualgũa de-
 stas, que se não armasse
 contra o fêmeador? Ne-
 nhũa. A natureza insensiu-
 uel o perseguiu nas pe-
 dras: a vegetatiua nos es-
 pinhos: a sensitiua, nas
 aues: a racional nos ho-
 mẽs. E notae a delgraça
 do trigo, que onde sô po-
 dia esperar razaõ, alli
 achou mayor aggrauo. As
 pedras seccaraõno, os es-
 pinhos affogaraõno, as
 A ij aues

60

70

80

SERMAE 2 18

8

aves comeraõõ, & os
homẽs? Pizaraõõ: *Con-*
culeatumeft. Ab homini-
bus (diza Glossa.) Quando
Christo mandou prégar
os Apostolos pelo mun-
do, disse lhes desta maney-
ra. *Euntes in mundum*
uniuersum, predicato om-
ni creaturæ. Ide, & prégae
a toda a creatura. Como
alli, Senhor? os animaes
naõ saõ creaturas? as ar-
vores naõ saõ creaturas?
as pedras naõ saõ creatu-
ras? Poes haõ os Aposto-
los de prégar ás pedras?
haõ de prégar aos tron-
cos? haõ de prégar aos
animaes? si: diz S. Gre-
gorio depoes de S. Ago-
stinho. Porque como os
Apostolos hiaõ prégar
a todas as naçoẽs do mû-
do, muytas dellas barba-
ras, & incultas, hauriaõ de
achar os homẽs degenera-
dos em todas as espe-
cies de creaturas: hauriaõ
de achar homẽs homẽs;
hauriaõ de achar homẽs
brutos; hauriaõ de achar
homẽs troncos; hauriaõ de

Marc.
16.15

S. Gre-
gor.
S. Au-
g. 2.

achar homens pedras. E
quando os Prégadores
Euangelicos vaõ prégar a
toda a creatura, que se
armem contra elles todas
as creaturas? grande des-
graça!
Mas ainda a do semea-
dor do nesto Euangelho
naõ foy a mayor. A mayor
he a que se tem experi-
mentado na seara aonde
eu fuy, & para onde ve-
nho. Tudo o que aqui pa-
decco o trigo, padeceraõ
lá os semeadores. Se bé
aduerti rdes, houue aqui
trigo mirrado, trigo af-
fogado, trigo comido, &
trigo pizado. Trigo mir-
rado: *Natum aruit, quia*
non habebat humorem:
trigo affogado: *Exortæ*
spina suffocauerunt illud:
trigo comido: *Vulures*
celi comederunt illud:
trigo pizado, *Conculeati*
est. Tudo isto padeceraõ
os semeadores Euangeli-
cos da Missaõ do Mara-
naõ de doze annos a esta
parte. Houue Missionari-
os affogados; porque hã
se

90

100

110

9.

DA SEXAGESIMA.

10.

se affogaraõ na bocca do grande Rio das Amazonas: houue Missionarios comidos, porque a outros comeraõ os barbaros na Ilha dos Aroãns: houue Missionarios mirrados, porque taes tornaraõ os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome, & da doença: onde tal houue, que andando vinte & dous dias perdido nas brenhas, mattou somente a sede com o orvalho, que lambia das folhas. Vede, se lhe quadra bem o *Natum aruit, quia non habebat humorem?* E que sobre mirrados, sobre affogados, sobre comidos, ainda se vejaõ pizados, & perseguidos dos homẽs: *Conculcatum est?* Naõ me queyxo, nem o digo, Senhor, pelos semeadores: sõ pela seara o digo, sõ pela seara o finto. Para os semeadores, isto siõ glorias: mirrados si, mas por amor de vos mirrados: affogados si, mas por amor de vos af-

fogados: comidos si, mas por amor de vos comidos: pizados, & perseguidos si, mas por amor de vos perseguidos, & pizados.

Agora torna a minha pergunta. E que faria neste caso, ou que deuia fazer o sementeador Evangelico vendo taõ mal logrados seus primeyros trabalhos? Deyxaria a lauou-
 120
 130
 140
 150
 160
 170
 180
 190
 200
 210
 220
 230
 240
 250
 260
 270
 280
 290
 300
 310
 320
 330
 340
 350
 360
 370
 380
 390
 400
 410
 420
 430
 440
 450
 460
 470
 480
 490
 500
 510
 520
 530
 540
 550
 560
 570
 580
 590
 600
 610
 620
 630
 640
 650
 660
 670
 680
 690
 700
 710
 720
 730
 740
 750
 760
 770
 780
 790
 800
 810
 820
 830
 840
 850
 860
 870
 880
 890
 900
 910
 920
 930
 940
 950
 960
 970
 980
 990
 1000
 1010
 1020
 1030
 1040
 1050
 1060
 1070
 1080
 1090
 1100
 1110
 1120
 1130
 1140
 1150
 1160
 1170
 1180
 1190
 1200
 1210
 1220
 1230
 1240
 1250
 1260
 1270
 1280
 1290
 1300
 1310
 1320
 1330
 1340
 1350
 1360
 1370
 1380
 1390
 1400
 1410
 1420
 1430
 1440
 1450
 1460
 1470
 1480
 1490
 1500
 1510
 1520
 1530
 1540
 1550
 1560
 1570
 1580
 1590
 1600
 1610
 1620
 1630
 1640
 1650
 1660
 1670
 1680
 1690
 1700
 1710
 1720
 1730
 1740
 1750
 1760
 1770
 1780
 1790
 1800
 1810
 1820
 1830
 1840
 1850
 1860
 1870
 1880
 1890
 1900
 1910
 1920
 1930
 1940
 1950
 1960
 1970
 1980
 1990
 2000
 2010
 2020
 2030
 2040
 2050
 2060
 2070
 2080
 2090
 2100
 2110
 2120
 2130
 2140
 2150
 2160
 2170
 2180
 2190
 2200
 2210
 2220
 2230
 2240
 2250
 2260
 2270
 2280
 2290
 2300
 2310
 2320
 2330
 2340
 2350
 2360
 2370
 2380
 2390
 2400
 2410
 2420
 2430
 2440
 2450
 2460
 2470
 2480
 2490
 2500
 2510
 2520
 2530
 2540
 2550
 2560
 2570
 2580
 2590
 2600
 2610
 2620
 2630
 2640
 2650
 2660
 2670
 2680
 2690
 2700
 2710
 2720
 2730
 2740
 2750
 2760
 2770
 2780
 2790
 2800
 2810
 2820
 2830
 2840
 2850
 2860
 2870
 2880
 2890
 2900
 2910
 2920
 2930
 2940
 2950
 2960
 2970
 2980
 2990
 3000
 3010
 3020
 3030
 3040
 3050
 3060
 3070
 3080
 3090
 3100
 3110
 3120
 3130
 3140
 3150
 3160
 3170
 3180
 3190
 3200
 3210
 3220
 3230
 3240
 3250
 3260
 3270
 3280
 3290
 3300
 3310
 3320
 3330
 3340
 3350
 3360
 3370
 3380
 3390
 3400
 3410
 3420
 3430
 3440
 3450
 3460
 3470
 3480
 3490
 3500
 3510
 3520
 3530
 3540
 3550
 3560
 3570
 3580
 3590
 3600
 3610
 3620
 3630
 3640
 3650
 3660
 3670
 3680
 3690
 3700
 3710
 3720
 3730
 3740
 3750
 3760
 3770
 3780
 3790
 3800
 3810
 3820
 3830
 3840
 3850
 3860
 3870
 3880
 3890
 3900
 3910
 3920
 3930
 3940
 3950
 3960
 3970
 3980
 3990
 4000
 4010
 4020
 4030
 4040
 4050
 4060
 4070
 4080
 4090
 4100
 4110
 4120
 4130
 4140
 4150
 4160
 4170
 4180
 4190
 4200
 4210
 4220
 4230
 4240
 4250
 4260
 4270
 4280
 4290
 4300
 4310
 4320
 4330
 4340
 4350
 4360
 4370
 4380
 4390
 4400
 4410
 4420
 4430
 4440
 4450
 4460
 4470
 4480
 4490
 4500
 4510
 4520
 4530
 4540
 4550
 4560
 4570
 4580
 4590
 4600
 4610
 4620
 4630
 4640
 4650
 4660
 4670
 4680
 4690
 4700
 4710
 4720
 4730
 4740
 4750
 4760
 4770
 4780
 4790
 4800
 4810
 4820
 4830
 4840
 4850
 4860
 4870
 4880
 4890
 4900
 4910
 4920
 4930
 4940
 4950
 4960
 4970
 4980
 4990
 5000
 5010
 5020
 5030
 5040
 5050
 5060
 5070
 5080
 5090
 5100
 5110
 5120
 5130
 5140
 5150
 5160
 5170
 5180
 5190
 5200
 5210
 5220
 5230
 5240
 5250
 5260
 5270
 5280
 5290
 5300
 5310
 5320
 5330
 5340
 5350
 5360
 5370
 5380
 5390
 5400
 5410
 5420
 5430
 5440
 5450
 5460
 5470
 5480
 5490
 5500
 5510
 5520
 5530
 5540
 5550
 5560
 5570
 5580
 5590
 5600
 5610
 5620
 5630
 5640
 5650
 5660
 5670
 5680
 5690
 5700
 5710
 5720
 5730
 5740
 5750
 5760
 5770
 5780
 5790
 5800
 5810
 5820
 5830
 5840
 5850
 5860
 5870
 5880
 5890
 5900
 5910
 5920
 5930
 5940
 5950
 5960
 5970
 5980
 5990
 6000
 6010
 6020
 6030
 6040
 6050
 6060
 6070
 6080
 6090
 6100
 6110
 6120
 6130
 6140
 6150
 6160
 6170
 6180
 6190
 6200
 6210
 6220
 6230
 6240
 6250
 6260
 6270
 6280
 6290
 6300
 6310
 6320
 6330
 6340
 6350
 6360
 6370
 6380
 6390
 6400
 6410
 6420
 6430
 6440
 6450
 6460
 6470
 6480
 6490
 6500
 6510
 6520
 6530
 6540
 6550
 6560
 6570
 6580
 6590
 6600
 6610
 6620
 6630
 6640
 6650
 6660
 6670
 6680
 6690
 6700
 6710
 6720
 6730
 6740
 6750
 6760
 6770
 6780
 6790
 6800
 6810
 6820
 6830
 6840
 6850
 6860
 6870
 6880
 6890
 6900
 6910
 6920
 6930
 6940
 6950
 6960
 6970
 6980
 6990
 7000
 7010
 7020
 7030
 7040
 7050
 7060
 7070
 7080
 7090
 7100
 7110
 7120
 7130
 7140
 7150
 7160
 7170
 7180
 7190
 7200
 7210
 7220
 7230
 7240
 7250
 7260
 7270
 7280
 7290
 7300
 7310
 7320
 7330
 7340
 7350
 7360
 7370
 7380
 7390
 7400
 7410
 7420
 7430
 7440
 7450
 7460
 7470
 7480
 7490
 7500
 7510
 7520
 7530
 7540
 7550
 7560
 7570
 7580
 7590
 7600
 7610
 7620
 7630
 7640
 7650
 7660
 7670
 7680
 7690
 7700
 7710
 7720
 7730
 7740
 7750
 7760
 7770
 7780
 7790
 7800
 7810
 7820
 7830
 7840
 7850
 7860
 7870
 7880
 7890
 7900
 7910
 7920
 7930
 7940
 7950
 7960
 7970
 7980
 7990
 8000
 8010
 8020
 8030
 8040
 8050
 8060
 8070
 8080
 8090
 8100
 8110
 8120
 8130
 8140
 8150
 8160
 8170
 8180
 8190
 8200
 8210
 8220
 8230
 8240
 8250
 8260
 8270
 8280
 8290
 8300
 8310
 8320
 8330
 8340
 8350
 8360
 8370
 8380
 8390
 8400
 8410
 8420
 8430
 8440
 8450
 8460
 8470
 8480
 8490
 8500
 8510
 8520
 8530
 8540
 8550
 8560
 8570
 8580
 8590
 8600
 8610
 8620
 8630
 8640
 8650
 8660
 8670
 8680
 8690
 8700
 8710
 8720
 8730
 8740
 8750
 8760
 8770
 8780
 8790
 8800
 8810
 8820
 8830
 8840
 8850
 8860
 8870
 8880
 8890
 8900
 8910
 8920
 8930
 8940
 8950
 8960
 8970
 8980
 8990
 9000
 9010
 9020
 9030
 9040
 9050
 9060
 9070
 9080
 9090
 9100
 9110
 9120
 9130
 9140
 9150
 9160
 9170
 9180
 9190
 9200
 9210
 9220
 9230
 9240
 9250
 9260
 9270
 9280
 9290
 9300
 9310
 9320
 9330
 9340
 9350
 9360
 9370
 9380
 9390
 9400
 9410
 9420
 9430
 9440
 9450
 9460
 9470
 9480
 9490
 9500
 9510
 9520
 9530
 9540
 9550
 9560
 9570
 9580
 9590
 9600
 9610
 9620
 9630
 9640
 9650
 9660
 9670
 9680
 9690
 9700
 9710
 9720
 9730
 9740
 9750
 9760
 9770
 9780
 9790
 9800
 9810
 9820
 9830
 9840
 9850
 9860
 9870
 9880
 9890
 9900
 9910
 9920
 9930
 9940
 9950
 9960
 9970
 9980
 9990
 10000

A iij agora

agora dous versos mays
abayxo, & vereys que diz
o mesmo texto, q̄ aquel-
les Animaes tornauão á
semelhança de hum rayo,

Exech.
1. 14. *Ibant, & re-
uertebantur in similitudi-
nem fulguris coruscantis.*

Pocs se os Animaes hiaõ,
& tornauão á semelhança
de hum rayo, como diz o
texto, que quando hiaõ,
naõ tornauão? Porque
quem vay, & volta como
hum rayo, naõ torna. Ir, &
voltar como rayo, naõ he
tornar, he ir por diante.
Assi o fez o semeador
do nosso Evangelho. Naõ
o desanimou, nem a pri-
meyra, nem a segunda,
nem a terceyra perda: cõ-
tinhou por diante no se-
mear, & foy com tanta fe-
licidade, que nesta quar-
ta, & vltima parte do tri-
go se restauraõ com vñ-
tagem as perdas do de-
mays: nasceo, creceo, es-
pigou, amadureceo, co-
lheose, mediose, achouse
que por hum graõ multi-
plicara ceto, *Et fecit fru-*

ctum centuplum.

Oh que grandes espe-
ranças me dá esta semen-
teyra! oh que grãde exẽ-
plo me dá este semeador!
Dame grandes esperan-
ças a sementeyra, porque
ainda que se perdẽrão os
primeyros trabalhos, lo-
grarsehã os vltimos: da-
me grande exemplo o se-
meador, porque depoes
de perder a primeyra, a
segũda, & aterceyra parte
do trigo, approueytou a
quarta, & vltima, & co-
lheo della muyto fructo.
Iã q̄ se perdẽrã as tres
partes da vida, já que hũa
parte da idade a leuãrã
os espinhos, já que outra
parte a leuãrã as pedras,
já que outra parte a leuã-
rã os caminhos, & tan-
tos caminhos, esta quar-
ta, & vltima parte, este vl-
timo quartel da vida, por-
que se perderã tambem?
porque naõ Jarã fructo?
porque naõ terã tam-
bem os annos o que tem
o anno? O anno tem tẽ-
po para as flores, & tem-
po

160

170

180

po para os fruttos. Por q̄
 maõ terá tambem o seu
 outono a vida? As flores
 hũas cahẽ, outras seccaõ ,
 outras murchaõ , outras
 leua o vento : aquellas
 poucas, que se pegaõ ao
 tronco, & se conuertem
 em fructo, só ellas saõ as
 venturosas, só ellas saõ
 as discretas, só ellas saõ as
 que duraõ, só ellas saõ as
 que approueytaõ, só ellas
 saõ as que sustentam o
 mundo. Será bem que o
 mundo morra á fome? Será
 bem que os vltimos dias se
 passẽ em flores? Não será
 bem, nem Deos quer que seja,
 nem ha de ser. Eys aqui porque
 eu dizia ao principio, que
 vindes enganados com o
 Prégador. Mas para que
 possais ir defenganados
 com o Sermão, tratarey
 nelle hũa materia de grã-
 de pezo, & importancia.
 Seruirá como de prolo-
 go aos Sermoẽs, que vos
 hey de prégar, & aos
 may que ouirdes esta
 Quarta.

§. II.

Semen est Verbum Dei.

O trigo, que semeou o
 Prégador Euãgelico, diz
 Christo, que he a palavra
 de Deos. Os espinhos, as
 pedras, o caminho, & a
 terra boa, em que o trigo
 cahio, saõ os diuersos co-
 raçoens dos homẽs. Os
 espinhos saõ os coraçoẽs
 embaraçados cõ cuyda-
 dos, com riquezas, com
 delicias, & nestes affoga
 se a palavra de Deos. As
 pedras saõ os coraçoens
 duros, & obstinados, &
 nestes ferease a palavra de
 Deos, & se nasce, naõ eria
 raizes. Os caminhos saõ
 os coraçoẽs inquietos, &
 perturbados com a passa-
 gem, & tropel das cousas
 do mundo, hũas que vaõ,
 outras que vem, outras
 que atrauestaõ, & todas
 passaõ; & nestes he piza-
 da a palavra de Deos, por-
 que ou a defattendem, ou
 a desprezam. Finalmente
 a terra

190

200

210

15

a terra boa são os cora-
goés bons, ou os homens
de bom coração; & ne-
lles preende, & fructifica a
palaura diuina com tanta
secundidade, & abundan-
cia, que se colhe cento
por hum: *Et fructum fe-
cit centuplum.*

Este grande fructificar
da palaura de Deos, he o
em que reparo hoje: &
he hũa duuida, ou admi-
ração, que me traz sus-
penso, & confuso depoes
que subo ao pulpito. Se a
palaura de Deos he tam
efficaz, & tam poderosa;
como vemos tam pouco
fructoda palaura de Deos?
Diz Christo, que a pala-
ura de Deos fructifica ce-
to por hũ: & já eu me cõ-
tentara, com que fructifi-
casse hum por cento. Se
com cada cem Sermoens
se conuertera, & emendã-
ra hum homem, já o mũ-
do fora santo. Este argu-
mento de Fé, fundado
na authoridade de Chri-
sto, se aperta ainda mays
na experiencia, compa-

SERMAM

16

rando os tempos passa-
dos com os presentes. Le-
de as Historias Ecclesia-
sticas, & achallasheys to-
das cheas de admirauẽs
effeytos da prégacao da
palaura de Deos. Tantes
peccadores conuertidos,
tanta mudança de vida,
tanta reformaçã de co-
stumes: os grandes des-
prezando as riquezas, &
 vaidades do mundo: os
Reys renunciando os ce-
tros, & as coroas: as mo-
cidades, & as gentilezas
mettendose pelos deser-
tos, & pelas couas; & ho-
je? nada disto. Nunca na
Igreja de Deos houue tã-
tas prégacoens, nem tan-
tos Pregadores como ho-
je. Poes se tanto se semea
a palaura de Deos, como
he tam pouco o fructo?
Naõ ha hum homem, que
em hum Sermão entre
em si, & se resoluã: naõ
ha hum moço, que se ar-
rependa: naõ ha hum
velho, que se desfengane:
que he isto? Assim como
Deos naõ he hoje menos
Om.

220

230

240

17
 Omnipotente ; alli a
 sua palaura não he hoje
 menos poderosa, do que
 dantes era. Pois se a pala-
 ura de Deos he tam po-
 derosa, se a palaura de
 Deos tem hoje tantos pré-
 gadores ; porque não ve-
 mos hoje nenhum fructo
 da palaura de Deos ? Esta
 tão grande, & tão impor-
 tante diuida será a mate-
 ria do Sermão. Quero co-
 meçar prégado-me a mi.
 A mi será, & tambem a
 vós : a mi, para appren-
 der a prégar : a vós, para
 que apprendais a ouuir.

§. I I I.

Fazer pouco fructo a
 palaura de Deos no mun-
 do, póde proceder de
 hum de tres principios :
 ou da parte do prégador,
 ou da parte do ouuinte,
 ou da parte de Deos. Para
 húa alma se conueter
 por meyo de hum Ser-
 mão, ha de hauer tres có-
 curfos : ha de concorrer o
 prégador com a doutri-

18
 na, persuadindo : ha de
 concorrer o ouuinte com
 o entendimento, perce-
 bendo : ha de concorrer
 Deos com a graça, allumi-
 ando. Para hum homem
 se ver a si mesmo, são ne-
 cessarias tres cousas :
 olhos, espelho, & luz. Se
 tem espelho, & he cego ;
 não se póde ver por falta
 de olhos : se tem espelho,
 & olhos, & he de noyre ;
 não se póde ver por falta
 de luz. Logo ha mister
 luz, ha mister espelho, &
 ha mister olhos. Que cou-
 sa he a conuersão de húa
 alma, senão entrar hum
 homem dentro em si, &
 ver-se a si mesmo ? Para
 esta vista são necessarios
 olhos, he necessaria luz, &
 he necessario espelho. O
 prégador concorre com
 o espelho, que he a dou-
 trina: Deos concorre com
 a luz, que he a graça: o
 homem concorre com os
 olhos, que he o conheci-
 mento. Ora supposto que
 a cõuersão das almas por
 meyo da prégação de-
 pende

250

260

270

280

B pende

19

S E R M A M

20

pende destes tres concursos: de Deos, do prégador, & do ouuinte, por qual delles liuemos de entender que falta? por parte do ouuinte, ou por parte do prégador, ou por parte de Deos?

Primeyraméte por parte de Deos não falta, nem pôde faltar. Esta proposição he de Fé, definida no Concilio Tridentino, & no nosso Euangelho a temos. Do trigo, que deytou á terra o semeador, húa parte se logrou, & tres se perdêrão. E porq̃ se perdêrão estas tres? A primeyra perdeose, porque a affogârão os espinhos: a segunda, porq̃ a seccârão as pedras: a terceyra, porq̃ a pizârão os homens, & a comêrão as aues. Isto he o que diz Christo, mas nota e o que não diz. Não diz, que parte algúa daquelle trigo se perdesse por causa do Sol, ou da chuua. A causa, porque ordinariamente se perdem as se-

menteyras, he pela desigualdade, & pela intemperança dos tempos: ou porque falta, ou sobeja a chuua, ou porque falta, ou sobeja o Sol. Poes porque não introduz Christo na Parabola do Euangelho algum trigo, que se perdesse por causa do Sol, ou da chuua? Porque o Sol, & a chuua são as influencias da parte do Ceo, & deyxar de fructificar a semente da palavra de Deos, nunca he por falta do Ceo, sempre he por culpa nossa. Deyxará de fructificar a semeteyra ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos decaminhos dos caminhos, mas por falta das influencias do Ceo, isto nunca he, nem pôde ser. Sempre Deos está prôpto de sua parte, com o Sol para

290

300

310

rem:

*Math. rem: Qui solem suum oriri
facit super bonos, & malos,
& pluit super justos, & injustos.* Se Deos dá o
seu Sol, & a sua chuua aos
bons, & aos maos; aos
maos, que se quizerem fa-
zer bons, como a negará?
Este ponto he tam claro,
que não ha para q̄ nos de-
termos em mays proua.
*Isai. 5. Quid debui facere vineae
meae, & non feci?* disse o
mesmo Deos por Isaias.

Sendo pues certo que
a palaura diuina não de-
xa de fruttificar por parte
de Deos; segue-se, que ou
he por falta do prégador,
ou por falta dos ouuintes.
Por qual será? Os
prégadores deytão a cul-
pa aos ouuintes, mas não
he assi. Se fora por par-
te dos ouuintes, não fi-
zera a palaura de Deos
muyto grãde frutto, mas
não fazer nenhum frutto,
& nenhum effeyto, não
he por parte dos ouuin-
tes. Prouo. Os ouuintes,
ou são maos, ou são bons:
se são bons, faz nelles

grãde frutto a palaura de
Deos: se são maos, ainda
q̄ não faça nelles frutto,
faz effeyto. No Euange-
lho o temos. O trigo, que
cahio nos espinhos, na-
ceo, mas affogaráno: *Si-
mul exortae spinae suffoca-
uerunt illud.* O trigo, que
cahio nas pedras, naceo
tambem; mas seccouse:
Et natum aruit. O trigo,
que cahio na terra boa,
naceo, & fruttificou com
grande multiplicação: *Et
natum fecit fructum cen-
tuplum.* De maneyra que
o trigo, que cahio na boa
terra, naceo, & fruttificou;
o trigo, que cahio na má
terra, não fruttificou, mas
naceo; porque a palaura
de Deos he tão fecunda,
que nos bons faz muyto
frutto; & he tão efficaz,
q̄ nos maos, ainda q̄ não
taça frutto, faz effeyto:
lançada nos espinhos não
fruttificou, mas naceo até
nos espinhos: lançada nas
pedras, não fruttificou;
mas naceo até nas pedras.
Os peores ouuintes, que

320

330

340

Bij ha

23

S E R M ã M

24

ha na Igreja de Deos são as pedras, & os espinhos. E porque? Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouuintes de entendimentos agudos, & ouuintes de vontades endurecidas, são os peores que ha. Os ouuintes de entendimentos agudos são maos ouuintes, porque vem só a ouuir futilidades, a esperar galantarias, a aualiar pensâmentos, & ás vezes tambem a picar a quem os não pica. *Aliud cecidit inter spinas.* O trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picarão a elle: o mesmo succede cá. Cuidais que o Sermão vos picou a vós, & não he assí; vós sois o que picais o Sermão. Por isto são maos ouuintes os de entendimêtos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são peores; porque hum entendimêto agudo pode se ferir pelos mesmos fios, & venirse húa agudeza com

outra mayor, mas contra vontades endurecidas nenhuma couza approueyta a agudeza, antes danna mays, porque quanto as fectas são mays agudas, tanto mays facilmente se despontão na pedra. Oh Deos nos liure de vontades endurecidas, que ainda são peores que as pedras. A vara de Moyles abrandou as pedras, & não pôde abrandar húa vótade endurecida: *Percutiens virga bis silicem, Exod. & egressæ sunt aquæ largissimæ. Induratum est cor Pharaonis.* E com os ouuintes de entendimentos agudos, & os ouuintes de vontades endurecidas ferem os mays rebeldes, he tanta a força da diuina palavra, que a pezar da agudeza nace nos espinhos, & a pezar da dureza nace nas pedras. Pudemos arguir ao laurador do Euangelho, de não cortar os espinhos, & de não arrancar as pedras antes de semear, mas de industria

350

360

370

380

25

DA SEXAGESIMA.

26

industria deyxou no câ-
po as pedras, & os espi-
nhos, para que se vísse a
força do que semeava.
He tanta a força da diui-
na palavra, que sem cor-
tar, nem despontar espi-
nhos, nasce entre espinhos.
He tanta a força da diui-
na palavra, que sem arrá-
car, nem abrandar pedras,
nace nas pedras. Coraçõ-
ens embaraçados como
espinhos, coraçõs sec-
cos, & duros como pe-
dras, ouui a palavra de
Deos, & tende confiança:
tomae exemplo nessas
mesmas pedras, & nesses
espinhos. Esses espinhos,
& essas pedras agora resi-

Matth.
27. 51
& Pe-
tr. e.
scissu
sunt ib.
29. Co-
rinam
de spi-
ris pa-
saerut
super
caput
ejus.

stem ao semeador do
Ceo; mas virá tempo, em
que essas mesmas pedras
o acclamem, & esses mes-
mos espinhos o coroem.
Quando o semeador do
Ceo deyxou o campo, fa-
hindo deste mudo, as pe-
dras se quebrarão para
lhe fazerem acclamações;
& os espinhos se tecerão
para lhe fazerem coroa. E

se a palavra de Deos até
dos espinhos, & das pe-
dras triumphar: se a pala-
ura de Deos até nas pe-
dras, até nos espinhos na-
ce; não triumphar dos
aluedrios hoje a palavra
de Deos, nem nacer nos
coraçõens, não he por
culpa, nem por indisposi-
ção dos ouuintes.

390

Supostas estas duas de-
monstrações: supposto
que o fructo, & effeyto da
palavra de Deos, não fica,
nem por parte de Deos,
nem por parte dos ou-
uintes; segue se por con-
sequencia clara, que fica
por parte do prégador. E
assí he. Sabeis Christãos
porque não faz fructo a
palavra de Deos? por cul-
pa dos prégadores. Sa-
beis Prégadores, porque
não faz fructo a palavra
de Deos? Por culpa nos-
sa.

400

410

§. I V.

Mas como em hum
prégador ha tantas ca-
Bij lida-

lidades, & em hũa prégão tantas leys, & os prégadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No prégador podem se considerar cinco circumstancias: a Pessoa, a Ciencia, a Materia, o Estylo, a Voz. A pessoa que he: a ciência que tem: a materia que tratta: o estylo q segue: a voz com que falla. Todas estas circumstancias temos no Euangelho. Vamolas examinando hũa por hũa, & buscando esta causa.

Será por ventura o não fazer fructo hoje a palavra de Deos, pela circumstancia da pessoa? Será, porq antigamente os prégadores erão fantas, erão Varoës Apostolicos, & exemplares; & hoje os prégadores são eu, & outros como eu? Boa razão he esta. A definição do prégador he a vida, & o exemplo. Por isso Christo no Euangelho não o comparou ao semeador,

senão ao que semêa. Reparae. Não diz Christo: Sahio a semear o semeador, senão, sahio a semear o que semêa: *Ecce exiit, qui seminat seminare.* Entre o semeador, & o que semêa ha muyta differença: Hũa coufa he o soldado, & outra coufa o que peleja: hũa coufa he o governador, & outra o que governa. Da mesma maneyra, hũa coufa he o semeador, & outra o que semêa: hũa coufa he o prégador, & outra o que préga. O semeador, & o prégador he nome; o que semêa, & o que préga he acção: & as acções são as que dão o ser ao prégador. Ter nome de prégador, ou ser prégador de nome, não importa nada: as acções, a vida, o exemplo, as obras, são as que conuertem o mundo. O melhor conceyto, que o prégador leua ao pulpito, qual cuydais que he? He o côceyto, que de sua vida tem os ouintes. Antiga

420

430

440

tiga

tigamente conuertia se o mundo, hoje porque se não conuerte ninguem? Porque hoje prégãose palauras, & pensamentos: antigamente prégauãose palauras, & obras. Palauras sem obras, são tiro sem bala; atroão, mas não ferem. A funda de Dauid 1. Reg. 17.49 derrubou ao Gigante; mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus.* As vozes da arpa de Dauid lançãõ fóra os Demonios do corpo de Saul; mas não crãõ vozes pronunciadas com a bocca, erãõ vozes formadas com a mão: *Dauid tollebat citharam, & percutiebat manu sua.* Por isso Christo comparou o prégador ao semeador. O prégador, que he fallar, faz se com a bocca: o prégador que he semear, faz se com a mão. Para fallar ao vento, bastão palauras: para fallar ao coração, são necessarias obras: Diz o

Evangelho, que a palaura de Deos fruttificou cento por hum. Que quer isto dizer? Quer dizer, que de hũa palaura nacêraõ cem palauras? Não. Quer dizer, que de poucas palauras nacêraõ muytas obras. Poes palauras, que fruttificão obras, vede, se podem ser só palauras? Quiz Deos conueter o mundo, & que fez? mandou ao mundo seu Filho feyto homem. Nota. O Filho de Deos em quanto Deos, he palaura de Deos, não he obra de Deos: *Genitum, non factum.* O Filho de Deos em quanto Deos, & Homem, he palaura de Deos, & obra de Deos juntamente: *Verbum caro factum Ioan. 1. 14.* De mancyra que até de sua palaura defacompanhada de obras, não fiou Deos a conuersão dos homês. Na união da Palaura de Deos com a maior obra de Deos confitio a efficacia da saluação do mundo. Verbo Diuino

450

460

470

480

no

31
 no he palavra Diuina ;
 mas importa pouco que
 as nossas palavras sejam
 diuinas , se forem defa-
 acompanhadas de obras. A
 razão disto he ; porque as
 palavras ouñese , as obras
 vemse : as palavras en-
 trão pelos ouvidos , as
 obras entrão pelos olhos :
 & a nossa alma rende-se
 muyto mays pelos olhos ,
 que pelos ouvidos. No
 Ceo ninguê ha , que não
 ame a Deos , nem possa
 deyxar de o amar. Na ter-
 ra ha tam poucos que o
 amem , todos o offendem.
 Deos não he o mesmo , &
 tão digno de ser amado
 no Ceo , como na terra ?
 Poes como no Ceo obri-
 ga , & necessita a todos ao
 amarem , & na terra , não ?
 A razão he , porque Deos
 no Ceo he Deos visto ;
 Deos na terra he Deos
 ouuido. No Ceo entra o
 conhecimento de Deos á
 alma pelos olhos: *Videbi-*
 3. 2. *mus eum sicuti est* : na ter-
 ra entra he o conhecimê-
 to de Deos pelos ouui-

32
 dos: *Fides ex auditu*, & o *Rom.*
 que entra pelos ouvidos *10. 16*
 crese : o que entra pelos
 olhos , necessita. Virão os
 ouuintes em nós , o que
 nos ouuem a nós , & o
 abalo , & os effeytos do
 Sermão ferião muyto ou-
 tros.

Vay hum prégador
 prégando a Paxão , ché-
 ga ao Pretorio de Pilatos,
 conta como a Christo o
 fizerão Rey de zomba-
 ria ; diz que tomãrão húa
 purpura , & lha puserão
 aos hóbros : ouue aquillo
 o auditorio muyto atten-
 to. Diz que recêrão húa
 coroa de espinhos , & que
 lha pregãrão na cabeça :
 ouuem todos com a mes-
 ma attenção. Diz mays
 que lhe atãrão as mãos , &
 lhe mettêrão nellas húa
 cãna por cetro : continua
 o mesmo silencio , & a
 mesma suspensão nos
 ouuintes. Corre-se neste
 passo húa cortina , appare-
 ce a imagem do *Ecce*
 homo : eys todos prostra-
 dos por terra , eys todos a
 bater

490

500

510

bater nos peytos, eys as lagrymas, eys os gritos, eys os alaridos, eys as bofetadas: q̄ he isto? Que apparecco de nouo nesta Igreja? Tudo o que descubrio aquella cortina, tinha já ditto o prégador. Já tinha ditto daquella purpura, já tinha ditto daquella coroa, & daquelles espinhos, já tinha ditto daquelle cetro, & daquella cãna. Poes se isto entãõ não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque entãõ era Ecce Homo ouuido, & agora he Ecce Homo visto: a relação do prégador entraua pelos ouuidos: a representação daquella figura entra pelos olhos. Sabem Padres Prégadores porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouuidos. Porque conuertia o Baptista tantos peccadores? porque allí como as suas palauras prégauão aos ouui-

dos, o seu exemplo prégaua aos olhos. As palauras do Baptista prégauão penitencia: *Agite Math. penitentiam*: Homens fazi penitencia: & o exemplo clamaua: Ecce homo: eys aqui está o homem que he o retratto da penitencia, & da aspereza. As palauras do Baptista prégauão jejum, & rephendião os regalos, & demasias da gula; & o exemplo clamaua: Ecce homo: eys aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos, & mel syluestre. As palauras do Baptista prégauão composição, & modestia, & condénauão a soberba, & a vaidade das galas; & o exemplo clamaua: Ecce homo: eys aqui está o homem vestido de pelles de camelo, com as cerdas, & cilicio á raiz da carne. As palauras do Baptista prégauão despegos, & retirros do mundo, & fugir das occasiões, & dos homens; & o exemplo clama:

C mava:

520

530

540

35

SERMAM

36

maua : Ecce homo: eys aqui o homem, que deyxou as cortes, & as cidades, & viuue num deserto, & nũa coua. Se os ouuintes ouuem hũa coufa, & vem outra, como se haõ de conuerter? Iacob punha as varas manchadas diante das ouelhas, quando concebiaõ, & daque que estã qui procedia, que os cordeyros naciaõ manchados. Se quando os ouuintes percebem os nossos cõceyros, tem diante dos olhos as nossas manchas; como haõ de conceber virtudes? se a minha vida he apologia contra a minha doutrina: se as minhas paluras vaõ já refütadas nas minhas obras: se hũa coufa he o semeador, & outra o que femẽa, como se ha de fazer fructo?

Muyto boa, & muyto forte razaõ era esta de naõ fazer fructo a palaura de Deos, mastem contra si o exemplo, & experiencia de Ionas. Ionas fu-

gitiuo de Deos, desobe. *Ion. e* diete, contumaz, & ainda ^{1.2.3.} depoes de engulido, & vomitado, iracundo, impaciente, pouco charitativo, pouco misericordioso, & mays zeloso, & amigo da propria estimacão que da hõra de Deos, & saluação das almas, deseioso de ver fouertida a Niniue, & de a ver fouerter com seus olhos, ha- uendo nella tantos mil innocentes: com tudo este mesmo homem com hum fermaõ conuerteo o mayor Rey, a mayor Corte, & o mayor Reyno do mundo, & naõ de homens fieys, senaõ de gentios idolatras. Outra he logo a causa, que buscamos. Qual será?

§. V.

Será por ventura o estylo, que hoje se vfa nos pulpitos? Hum estylo taõ empeçado, hũ estylo taõ difficultoso, hũ estylo taõ affectado, hum estylo

Genes.
30.39
Factu
que est
ut oues
intue-
rentur
virgas
& pa-
terent
manu-
lisa.

560

570

580

tãõ

taõ encontrado a toda à arte, & a toda à natureza? Boa razaõ he tãbem esta. O estylo ha de ser muyto facil, & muyto natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear: *Exijt, qui seminatur, seminare.* Compara Christo o prégar ao semear, porque o semear he húa arte, que tem mays de natureza, que de arte. Nas outras artes tudo he arte: na Musica tudo se faz por compasso: na Architectura tudo se faz por regra: na Arithmetica tudo se faz por conta: na Geometria tudo se faz por medida. O semear naõ he assi. He húa arte sem arte: caya onde cahir. Vede como semeava o nosso latorador do Euangelho. Cahia o trigo nos espinhos, & nacia: *Aliud cecidit inter spinas, & simul exort a spine.* Cahia o trigo nas pedras, & nacia: *Aliud cecidit super petra, & natum.* Cahia o trigo na terra boa, & nacia:

Aliud cecidit in terram bonam, & natum. Hia o trigo cahindo, & hia nascendo.

Assi ha de ser o prégar. Haõ de cahir as coufas, & haõ de nacer: taõ naturaes, que vaõ cahindo, taõ proprias, que venhaõ nascendo. Que diferente he o estylo violento, & tyrannico, que hoje se vfa? Ver vir os tristes Passos da Escriitura, como que vem ao martyrio: huns vem acarretados, outros vem arrastados, outros vem estirados, outros vẽ torcidos, outros vem despedaçados, só atados naõ vem. Ha tal tyrannia? Entaõ no meyo disto: Que bem levantado está aquillo! Naõ está a coufa no levantar: está no cahir: *Cecidit.* Notac húa allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que cahio quatro vezes, só de tres naceo: para o Sermão viciado, ha de ter tres modos de cahir. Ha de ca-

Cij hir

590

600

610

39

SERMAM

40

hir com queda, ha de cahir com cadencia, ha de cahir com caso. A queda he para as cousas, a cadencia para as palauras, o caso para a disposiçãõ. A queda he para as cousas; porque haõ de vir bem trazidas, & em seu lugar; haõ de ter queda: a cadencia he para as palauras; porque naõ haõ de ser ecabrosas, nem dissonantes, haõ de ter cadencia: o caso he para a disposiçãõ; porque ha de ser taõ natural, & taõ de affectada, que pareça caso, & naõ estudo. *Cecidit, cecidit, cecidit.*

Já que fallo contra os estylos modernos, quero allegar por mi o estylo do mays antigo prégador, que houue no mundo. E qual foy elle? O mays antigo prégador, q̄ houue no mundo, foy o Ceo. *Celi enarrant gloriam Dei, & opera manuum eius annuntiat firmamentum,* diz Dauid. Supposto que o Ceo he prégador,

*Pf. 18.
v. 1.*

deue de ter sermoes, & deue de ter palauras. Si tem, diz o mesmo Dauid: tem palauras, & tem sermoes, & mays muyto bẽ ouuidos. *Non sunt loquela, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.* E quacs faõ estes sermoes, & estas palauras do Ceo? As palauras faõ as estrellas: os sermoes sãõ a composiçãõ, a ordem, a harmonia, & o curso dellas. Vede, como diz o estylo de prégador do Ceo, com o estylo, que Christo ensinou na terra? Hum, & outro he semear: a terra semeada de trigo: o Ceo semeado de estrellas. O prégador ha de ser como quem semea, & naõ como quem ladrilha, ou azuleja. Ordenado, mas como as estrellas: *Stellae manentes in ordine suo.* Todas as estrellas estaõ por sua ordem; mas he ordem que faz influẽcia, naõ he ordem que faça lauor. Naõ fez Deos o Ceo em xadrez de estrellas,

630

*Iudic.
5.7.
10.*

40. DA SEXAGESIMA. 42.
 estrelas, como os prégadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de hũa parte está, Branco, da outra ha de estar, Negro: se de hũa parte está, Dia, da outra ha de estar, Noyte: se de hũa parte dizem, Luz, da outra haõ de dizer, Sombra: se de hũa parte dizem, Decco, da outra haõ de dizer, Subio. Basta q̃ não hauemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas haõ de estar sempre em fronteyra com o seu contrario? Apprendamos do Ceo o estylo da disposição, & tambem o das palavras. Como haõ de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muyto distintas, & muyto claras. Assim ha de ser o estylo da prégacao, muyto distinto, & muyto claro. E nem por isso temais que pareça o estylo baixo: as estrelas são muyto distintas, & muyto claras, & altissimas. O estylo póde ser muyto claro, &

muyto alto: taõ claro, q̃ o entendão os que não sabem, & taõ alto, que tenham muyto que entender nelle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lauoura, & o marcante para a sua nauegação, & o mathematico para as suas obseruaçoens, & para os seus juizos. De maneyra, que o rustico, & o marcante, que não sabem ler, nem escreuer, entendemas estrellas, & o mathematico, que tem lido quantos escreuêraõ, não alcança a entender quanto nellas ha. Tal póde ser o sermão: estrelas: que todas as vem, & muyto poucos as medem.

Si Padre: porẽm esse estylo de prégar, não he prégar culto. Mas fosse! Este desuenturado estylo, que hoje se vfa, os que o querem honrar, chamaõlhe culto; os que o condemnão, chamaõlhe escuro, mas ainda lhe fazem muyta hõra. O estylo

43
 lo culto não he escuro, he negro, & negro boçal, & muyto cerrado. He possivel que fomos Portuguezes, & hauemos de ouir hum prégador em Portuguez, & não hauemos de entender o que diz? Assi como ha Lexicon para o Grego, & Calepino para o Latim, assi he necessario hauer hum vocabulario do pulpito. Eu ao menos o tomara para os nomes proprios, porque os cultos tem desbaptizados os Santos, & cada Author que allegaõ he hum enigma. Assi o disse o Cetro penitente: assi o disse o Euangelista Apelles: assi o disse a Aguia de Africa, o Fauo de Claraual, a Purpura de Belé, a Bocca de ouro. Ha tal modo de allegar! O Cetro penitente dizem que he Dauid, como se todos os Cetros não forão penitencia: O Euangelista Apelles, que he S. Lucas: O Fauo de Claraual, S. Bernardo: a Aguia de Africa

SER M A M 44
 ea, Santo Agostinho: a Purpura de Belem, S. Ieronymo: a Bocca de ouro, S. Chryfostomo. E quem quitaria ao outro, cuydar que a Purpura de Belem he Herodes: que a Aguia de Africa he Cipião: & que a Bocca de ouro he Midas? Se houuesse hum auogado, que allegasse assi a Bartholo, & Baldo, haueys de fiar delle o vosso pleyto? Se houuesse hum homem, q̄ assi fallasse na conuersação, não o haueys de ter por necio? Poes o que na conuersação seria necidade, como ha de ser dicricião no pulpito?

Boa me parecia tambem esta razão; mas como os cultos pelo polido, & estudado, se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrosio, com Chryfologo, com Leão, & pelo escuro, & duro, cõ Clemente Alexandrino, com Tertulliano, com Basilio de Seleucia, com Zeno Veronense, & outros,

680

690

700

710

45

DA SEXAGESIMA.

46

tros, não podemos negar a reuerencia a tamanhos Authores: posto que desejamos nos que se prezão de beber destes rios, a sua profundidade. Quil será logo a causa de nossa queyxa?

§. VI.

Será pela materia, ou materias, que tomão os prégadores? Vsahe hoje o modo, que chamão de apostillar o Euangelho, em que tomão muytas materias, leuantão muytos assumptos: & quem leuanta muyta caça, & não segue nenhũa, não he muyto que se recolla: e as mãos vazias. Boa razão he tambem esta. O Sermão hade ter hum só assumpto, & hũa só materia. Por isso Christo disse, que o laurador do Euangelho, não semeára muytos generos de sementes; seão hũa só: *Esist, qui seminat, seminare semen.* Semeou hũa semente só;

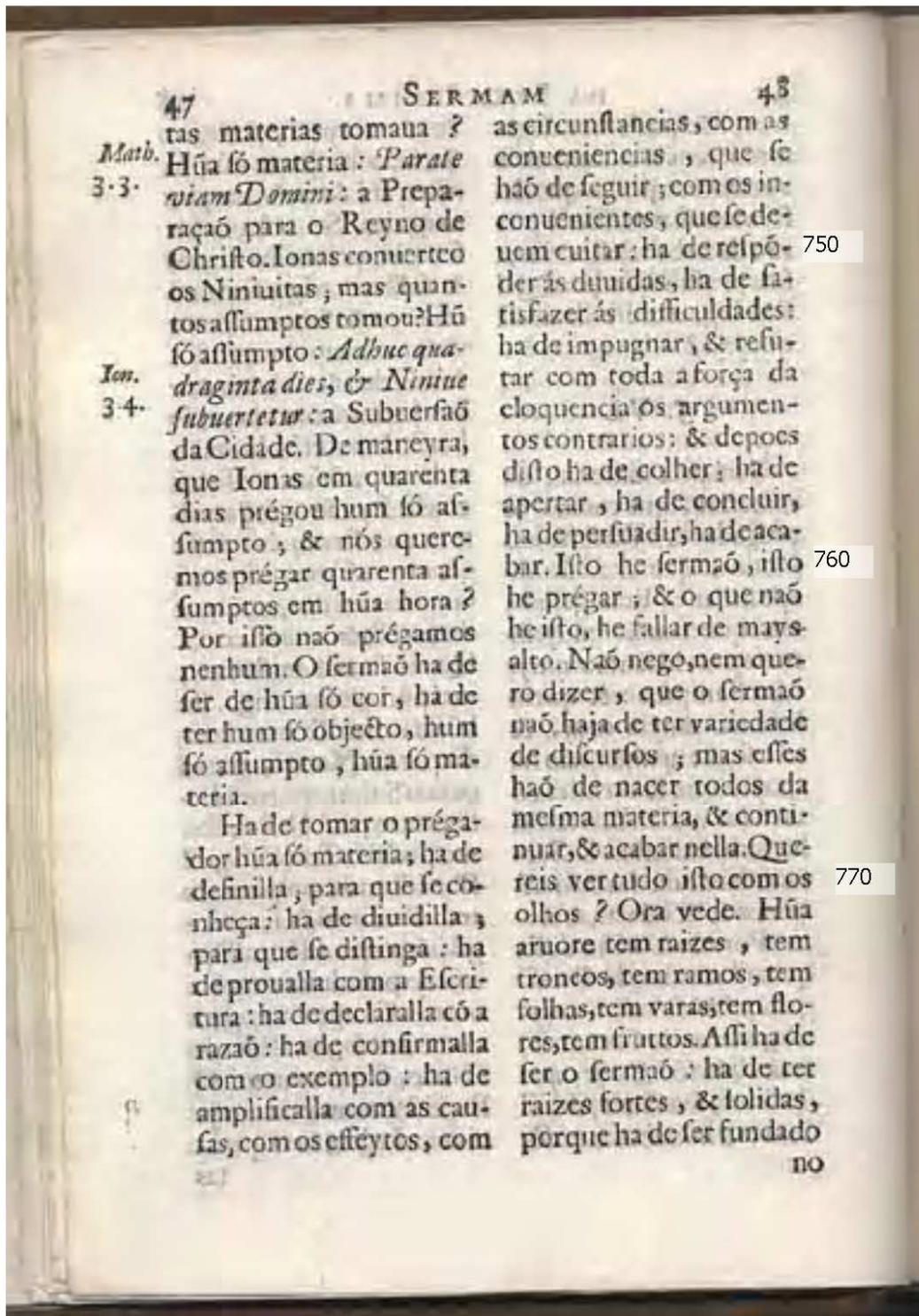
& não muytas; porque o Sermão ha de ter hũa só materia, & não muytas materias. Se o laurador semeára primeyro trigo, & sobre o trigo semeára centeyo, & sobre o centeyo semeára milho grosso, & miudo, & sobre o milho semeára ccuada, que haui de nacer? Hũa mata braua, hũa confusão verde. Eys aqui o q̄ acontece aos Sermcões deste genero. Como semeaõ tanta variedade; não podem colher cousa certa. Quem semea misturas, mal póde colher trigo. Se hũa nao fizesse hum bordo para o Norte, outro para o Sul, outro para Leste, outro para Oeste, como poderia fazer viage? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto, & se nauerga tão pouco. Hum assumpto vay para hum vento: outro assumpto vay para outro vento, que se ha de colher, semão vento? O Baptista conuertia muytos em Judea; mas quan-

720

730

740

139



47

tas materias tomava ?
 Matb. 3.3. Hũa só materia : *Parate-
 roiam Domini* : a Prepa-
 ração para o Reyno de
 Christo. Ionas conuerteo
 os Niniuitas ; mas quan-
 tos assumptos tomou ? Hũa
 só assumpto : *Adhuc qua-
 draginta dies, & Ninive
 subuertetur* : a Subuerção
 da Cidade. De maneyra,
 que Ionas em quarenta
 dias prégo hum só as-
 sumpto ; & nós quere-
 mos prégar quarenta as-
 sumptos em hũa hora ?
 Por isso não prégamos
 nenhum. O sermaõ ha de
 ser de hũa só cor, ha de
 ter hum só objecto, hum
 só assumpto, hũa só ma-
 teria.

Ha de tomar o préga-
 dor hũa só materia ; ha de
 definilla ; para que se co-
 nheça ; ha de diuidilla ;
 para que se distinga ; ha
 de proualla com a Eseri-
 tura : ha de declaralla có a
 razão : ha de confirmalla
 com o exemplo ; ha de
 amplificalla com as cau-
 sas, com os effeytos, com

SERMAM

48

as circunstancias, com as
 conveniencias ; que se
 haõ de seguir ; com os in-
 convenientes, que se de-
 uem cuitar ; ha de respõ-
 der ás duuidas, ha de sa-
 tisfazer ás difficuldades ;
 ha de impugnar, & resu-
 tar com toda a força da
 eloquencia os argumen-
 tos contrarios ; & depoes
 disto ha de colher ; ha de
 apertar ; ha de concluir,
 ha de persuadir, ha de aca-
 bar. Isto he sermaõ, isto
 he prégar ; & o que não
 he isto, he fallar de mays-
 alto. Não nego, nem que-
 ro dizer ; que o sermaõ
 não haja de ter variedade
 de discursos ; mas esses
 haõ de nacer todos da
 mesma materia, & conti-
 nuar, & acabar nella. Que-
 reis ver tudo isto com os
 olhos ? Ora vede. Hũa
 arvore tem raizes ; tem
 troncos, tem ramos, tem
 folhas, tem varas, tem flo-
 res, tem fruttos. Assi ha de
 ser o sermaõ ; ha de ter
 raizes fortes, & solidas,
 porque ha de ser fundado

750

760

770

no

49 no Evangelho: ha de ter hum tronco: porque ha de ter hum só assúpto, & tratar húa só materia: Deste tronco haõ de nacer diuersos ramos, que são diuersos discursos, mas nacidos da mesma materia, & continuados nella: Estes ramos naõ haõ de ser seccos, senaõ cubertos de folhas; porque os discursos haõ de ser vestidos, & ornados de palauras: Ha de ter esta aruore varas, que são a reprehensãõ dos vicios: ha de ter flores, que são as sentenças: & por rematte de tudo ha de ter fruttos, que he o frutto, & o fim a que se ha de ordenar o sermão. De maneyra q̄ ha de hauer fruttos, ha de hauer flores, ha de hauer varas, ha de hauer folhas, ha de hauer ramos, mas tudo nacido, & fundado em hum só tronco, que he húa só materia. Se tudo são troncos; naõ he sermão, he madeyra: Se tudo são ramos;

DA SENAGESIMA.

50 naõ he sermão, são marauilhas: Se tudo são folhas; naõ he sermão, são verbas: Se tudo são varas, naõ he sermão, he feyx: Se tudo são flores; naõ he sermão, he ramallete: Serem tudo fruttos; naõ póde ser, porque naõ ha fruttos sem aruore. Assi que nesta aruore, a que podemos chamar Aruore da vida, ha de hauer o proueyto do frutto, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o entendido dos ramos; mas tudo isto nacido, & formado de hui só tronco, & esse naõ levantado no ar, senaõ fundado nas raizes do Evangelho: *Seminare semen.* Eys aqui como haõ de ser os sermoes: eys aqui como naõ são. E assi naõ he muyto que senaõ faça frutto com elles.

Tudo o que tenho dito pudera demóstrar largamente, naõ só com os preceytos dos Aristoteles, dos Tullios, dos

D Quin-

780

790

800

810

Quintilianos, mas com a practica obseruada do principe dos Oradores Euágelicos S. Ioão Chryfostomo, de S. Basilio Migno, S. Bernardo, S. Cypriano, & com as famosissimas oraçoés de S. Gregorio Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregorio, & muytos outros, se achão os Evangelhos apostillados com nomes de sermões, & homilias; húa cousa he expor, & outra prégar: húa ensinar, & outra persuadir: E desta vltima he que eu fallo, com a qual tanto fructo fizerão no mundo Santo Antonio de Padua, & S. Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendendo que seja ainda esta a verdadeyra causa, que busco.

§. VII.

Será por ventura a fal-

ta de ciencia, que ha em muytos prégadores? Muytos prégadores ha, que viuem do que não colherão, & semeão o que não trabalharão. Depoes da sentença de Adão, a terra não costuma dar fructo, senão a quem come o feo pão com o suor do feo rosto. Boa razão parece tambem esta. O prégador ha de prégar o feo, & não o alheyo. Por isso diz Christo que semeou o lavourador do Evangelho o trigo feo: *Semen suum*. Semeou o feo, & não o alheyo, porque o alheyo, & o furtado não he bom para semear, ainda que o furto seja de ciencia. Comeo Eua o pomo da ciencia, & queyxa name eu antigamente desta nossa Mãe, já que comeo o pomo, porque lhe não guardou as pevides. Não seria bem que chegasse a nós a aruore, já que nos chegarão os encargos della? Poes porque o não fez alli Eua? Porque o po-

820

830

840

53

DA SEXAGESIMA.

54

pomo era furtado, & o alheyo he bom para comer; mas não he bom para semear: he bom para comer, porque dizem que he saboroso: não he bom para semear, porque não nasce. Alguem teia experimentado que o alheyo lhe nasce em casa; mas esteja certo, que se nasce, não ha de deytar raizes: & o que não tem raizes, não pôde dar fructo. Eys aqui porque muytos prégadores não fazem fructo, porque prégão o alheyo, & não o seio: *Semens suum*. O prégar he entrar em batalha com os vicios; & armas alheyas, ainda q seião as

Parro-de Achilles, a ninguem derão victoria. Quando David sahio a campo cõ o Gigante, offereceolhe Saul as suas armas, mas elle não as quiz acytrar. Com armas alheyas ninguem pôde vencer, ainda que teja David. As armas de Saul só feruem a Saul, & as de David a David:

Parro-de Achilles, a ninguem derão victoria. Quando David sahio a campo cõ o Gigante, offereceolhe Saul as suas armas, mas elle não as quiz acytrar. Com armas alheyas ninguem pôde vencer, ainda que teja David. As armas de Saul só feruem a Saul, & as de David a David:

& mays approueyta hum cajado, & húa funda propria, que a espada, & a lança alheya. Prégador q peleja com as armas alheyas, não hajais medo, que derrube gigante.

Fez Christo aos Apostolos pescadores de homens, que foy ordenados de prégadores: & que fazião os Apostolos? Diz o Texto, que estauão *Reficientes retia sua: Refazendo as redes suas:* erão as redes dos Apostolos, & não erão alheyas: Notai: *Retia sua*: não diz q erão suas, porque as comprãõ, senão que erão suas, porque as fazião: não erão suas porque lhes custãõ o seio dinheyro, senão porque lhes custãõ o seio trabalho. Desta maneyra erão as redes suas: & porque desta maneyra erão suas, por isso erão redes de pescadores, que havião de pescar homens. Com redes alheyas, ou feytas por mão alheya, podem se pescar

850

Facid vos fieri piscatores hominum. Matth 4. 21.

870

Dij car

55

SERMAM

56

car peyxes; homens não se podem pescar. A razão disto he; porque nesta pesca de entendimentos, só quem sabe fazer a rede, sabe fazer o lanço. Como se faz húa rede? Do fio, & do nó se compoem a malha: quem não ensia, nem ata; como ha de fazer rede? E quem não sabe ensiar, nem sabe atar; como ha de pescar homens? A rede tem chumbada que vay ao fundo, & tem cortiça que nada em cima da agua. A prégção tem humas coufas de mays pezo, & de mays fundo; & tem outras mays superficiaes, & mays leues: & governar o leue, & o pezado, só o sabe fazer quem faz a rede. Na bocca de quem não faz a prégção, até o chumbo he cortiça. As razões não haõ de ser enxertadas, hão de ser naciadas. O prégar não he

recitar. As razões proprias nadem do entendimento: as alheyas vão pegadas á memoria: & os homens não se conuencem pela memoria, senão pelo entendimento.

Veyo o Espirito Santo sobre os Apostolos: & quando as linguas deciaõ do Ceo, cuydava eu que se lhes havião de por na bocca: mas ellas forão se por na cabeça. Poes porque na cabeça, & não na bocca, que he o lugar da lingua? Porque o que ha de dizer o prégar, não lhe ha de sair só da bocca, halhe de sair pela bocca, mas da cabeça. O que sabe só da bocca, pára nos ouvidos: o que nace do juizo penetra, & conuence o entendimento. Ainda tem mays mysterio estas linguas do Espirito Santo. Diz o Texto, que não se puserão todas as linguas sobre todos os Apostolos, senão

880

890

900

910

57

DA SEXAGESIMA.

58

At. 2.3.

senão cada hũa sobre cada hum : *Apparuerunt dispersitæ linguæ tanquam ignis , seditque supra singulos eorum.* E porque cada hũa sobre cada hum , & não todas sobre todos? Porque não seruem todas as linguas a todos , senão a cada hum a sua. Hũa lingua só sobre Pedro , porque a lingua de Pedro não serue a André : outra lingua só sobre André , porque a lingua de André não serue a Felippe : outra lingua só sobre Felippe , porque a lingua de Felippe não serue a Bartholameo , & assi dos may. E senão vede o no estylo de cada hum dos Apostolos, sobre que de ceo o Espirito Santo. Só de cinco temos Escrituras ; mas a differença com que escreuerão , como sabem os Doutos, he admiravel. As pennas todas erão tiradas das azas daquela Pomba Diuina ; mas o estylo , tão

diuerso , tam particular, & tão proprio de cada hum , que bem mostra que era seo. Mattheos facil , Ioão mysterioso , Pedro graue , Iacobo forte , Thadeo sublime: & todos com tal valentia no dizer , que cada palavra era hum trouão, cada clausula hum raião, cada clausula hum raião, & cada razão hum triumpho. Ajuntai a estes cinco, S. Lucas, & S. Marcos que tambem alli estauão ; & achareys o numero daquelles sette trouoens , que ouuiu S. Ioão no Apocalypse : *Loquuti sunt septem tonitrua voces suas.* Erão trouoens que fallauão , & dearticulauão as vozes , mas essas vozes erão suas : *Voces suas* : Ansberto : *Non alienas , sed suas.* Em fim prégar o alheyo he prégar o alheyo , & com o alheyo nunca se fez cousa boa.

Com tudo eu não me

D iij sit.

920

940

firmino de todo nesta razão; porque do grande Baptista sabemos q̄ pregou, o que tinha pregado Isaias, como notou S. Lucas, & não com outro nome senão de sermoēs: *Prædicans baptismū penitentiae in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonum Isaie Prophetæ.* Deyxo o que tomou S. Ambrosio de S. Basilio, S. Prospero, & Beda de Santo Agostinho; Theofilacto, & Euthymio de S. Iozõ Chrystostomo.

LUC. 3.
3.

§. VIII.

Será finalmente acausa, que tão ha buscamos, a voz com que hoje fillão os pregadores? Antigamente pregauão brádando, hoje pregão conuercendo. Antigamente a primeyra parte do pregador era boa voz, & bom peyto. E verdadeyramente, como o mundo se gouerna tanto pelos

sentidos; podem ás vezes mais os brádos, que a razão. Boa era tambem esta; mas não a podemos prouar com o semeador, porque já dissemos que não era officio de bocca. Porẽm o que nos negou o Euangelho no semeador metaforico, nos deo no semeador verdadeyro, que he Christo. Tanto que Christo acabou a Parabola, diz o Euangelho que começou o Senhor a brádar: *Hæc dicens clamabat.* Brádou o Senhor, & não arrazoou sobre a Parabola; porque era tal o auditorio; que fiou mays dos brádos, que da razão.

950

LUC. 8.

960

Perguntarão ao Baptista, quem era? respondeo elle: *Ego vox clamantis Ioan. 1 in deserto.* Eu tou hũa voz, que anda brádando neste deserto. Desta maneyra se definio o Baptista. A definição do pregador, cuydaua eu, que era: Voz que arrazoou: & não; Voz que bráda. Poes por-

970

61

DA SEXAGESIMA.

62

porque se definiu o Baptista pelo brádar, & não pelo arrazoar: não pela razão, senão pelos brádos? Porque ha muyta gente neste mundo com quem pôdem mays os brádos, que a razão; & taes erão aquelles a quem o Baptista prégaua. Vede o claramente em Christo. Depoes que Pilatos examinou as accusações, que contra elle se dauão, lauou as mãos, & disse:

Lat. Ego nullam causam inuenio in homine isto:

Eu nenhũa causa acho neste homem. Neste tempo todo o Pouo, & os Escribas brádaão de fora, q̄ fosse crucificado:

At illi magis clamabant, crucifigatur.

De maneyra que Christo tinha por si a razão, & tinha contra si os brádos. E qual pôde mays? Poderão mays os brádos, que a razão. A razão não valeo para o liurar, os brádos bastarão para o por na Cruz. E como os brádos no mundo podem tanto,

bem he que bradem aigũa vez os prégadores; bem he que gritem. Por isso Isaias chamou aos prégadores nuuens: *Qui sunt isti, qui ut nubes uolant?* A nuuem tem relampago, tem trouão, & tem rayo: relampago para os olhos, trouão para os ouvidos, rayo para o coração: com o relampago allumia, com o trouão assombra, có o rayo mata. Mas o rayo fere a hũ, o relampago a muytos, o trouão a todos. Assi ha de ser a voz do prégador, hũ trouão do Ceo, q̄ assombre, & faça tremet o mundo.

980

Isai. 60. 8.

990

Mis q̄ diremos á Oração de Moyses? *Concresecat ut pluuia doctrina mea: 32. 2. e fluat ut ros eloquium meum.* Deça minha doutrina como chuua do Ceo, & a minha voz, & as minhas palauras como orvalho, que se destilla brandamente, & sem ruido? Que diremos ao exemplo ordinario de Christo, tão ce-

lebra

63
 Isai. lebrado por Isaias: *Non*
 42. 2. *clamabit neque audietur*
vox eius foris? não clamará; não bradará, mas fallará com hũa voz tão moderada, q̄ se não possa ouuir fóra. E não ha duuida que o praticar familiarmente, & o fallar mayão ouuido que aos ouuidos, não só concilia mayor attenção, mas naturalmente, & sem força se infinua, entra, penetra, & se mette na alma.

Em conclusão que a causa de não fazerem hoje fructo os prégadores com a palavra de Deos, nem he a circumstancia da Pessoa. *Qui seminat*: nem a do Estylo, *Seminare*: nem a da Materia, *Semen*: nem a da Ciencia, *Suum*: nem a da Voz, *Clamabat*.

Exod. Moyses tinha fraca voz:
 4. 10. Amos tinha grosseyro estylo: Salamão multiplicaua, & variaua os assup-
gracili tos: Balaó não tinha
juxta exemplo de vida: o seo
 LXX animal não tinha ciencia,
 Anos & com tudo todos estes

SERMAM

64
 fallando, persuadião, & *Eccle-*
 conuencião. Poes se ne- *siastes*
 nhũa destas razoés que 1. &
 discorrentos, nem todas *dein-*
 ellas juntas são a causa *cept*
 principal, nem bastante, 22. &
 do pouco fructo, que ho- 23.
 je faz a palavra de Deos;
 qual diremos finalmente
 que he a verdadeyra cau-
 sa?

§. IX.

As palavras que tomei por Thema o dizem: *Semen est Verbum Dei*. Sabeis (Christãos) a causa, porque se faz hoje tão pouco fructo com tantas prégaoés? He porque as palavras dos prégadores são palavras, mas não são palavras de Deos. Fallo do que ordinariamente se ouue. A palavra de Deos (como dizia) he tão poderosa, & tão efficaz, que não só na boa terra faz fructo, mas até nas pedras, & nos espinhos nasce. Mas se as palavras dos prégadores não são
 palavras

1020

1030

1040

65

DA SENAGESIMA.

66

palavra de Deos; que muyto que não tenham a ctiliacia, & os effeytos de palavra de Deos? *Ventum seminabunt, & turbinem colligent*, diz o Espirito Santo, quem semêa ventos, colhe tempestades. Se os prégadores semeão vento, se o que se préga he vaidade, se não se préga a palavra de Deos; como não ha a Igreja de Deos de correr tormenta em vez de colher fructo?

Mas dirmeheys. Padre; os prégadores de hoje não prégaõ do Evangelho, não prégaõ das sagradas Escriitturas? Poes como não prégaõ a palavra de Deos? Este he o mal. Prégão palavras de Deos; mas não prégaõ a palavra de Deos. *Qui habet sermonem meum, loquatur sermonem meum vere*, disse Deos por Ieremias. As palavras de Deos prégadas no sentido, em que Deos as dif-

se, são palavra de Deos; mas prégadas no sentido, que nós queremos, não são palavra de Deos, antes pôde ser palavra do Demonio. Tentou o Demonio a Christo, a que fizesse das pedras pão. 1050

Respondecolhe o Senhor: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* *Matth 4*

Esta sentença era tirada do capitulo oytavo do Deuteronomio. Vendo o Demonio, que o Senhor se defendia da tentação com a Escriittura, leu o 1060

ao Templo, & allegando o lugar do Psalmo nouenta, dizlhe desta maneira. *Mitte te deorsum; scriptum est enim;*

quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus vis tuis. Deyta te dahi a-

baxo, porque prometido está nas sagradas Escriitturas, que os Anjos te tomarão nos braços, para q̄ te não faças mal. Delorte que Christo de-

E sen-

67
 fendeose do Diabo com
 a Escriitura, & o Diabo
 tentou a Christo com a
 Escriitura. Todas as Es-
 critturas são palavra de
 Deos, pois se Christo
 toma a Escriitura para se
 defender do Diabo, co-
 mo toma o Diabo a Es-
 crittura para tétar a Chri-
 sto? A razão he, porque
 Christo tomava as pala-
 uras da Escriitura em seu
 verdadeyro sentido, & o
 Diabo tomava as pala-
 uras da Escriitura em
 sentido alheyo, & torci-
 do: E as mesmas pala-
 uras, que tomadas em
 verdadeyro sentido são
 palavras de Deos, toma-
 das em sentido alheyo,
 são armas do Diabo. As
 mesmas palavras, que to-
 madas no sentido em que
 Deos as disse, são defesa;
 tomadas no sentido em que
 Deos as não disse, são ten-
 tação. Eys aqui a tenta-
 ção, com que então quiz
 o Diabo derrubar a Chri-
 sto, & com que hoje lhe
 faz a mesma guerra do

68
 pinnaculo do templo. O
 pinnaculo do templo he
 o pulpito, porque he o
 lugar mays alto delle. O
 Diabo tentou a Christo
 no deserto, tentou o no
 monte, tentou o no tem-
 plo: no deserto tentou o
 com a gula, no monte tẽ-
 tou o com a ambição, no
 templo tentou o cõ as Es-
 critturas mal interpreta-
 das, & essa he a tentação
 de que mays padece hoje a
 Igreja, & que em muytas
 partes tẽ derrubado della,
 senão a Christo, a sua fé.
 Dizeime Prégadores
 (aquelles com quem eu
 fallo indignos verdadeyra-
 mente de tão sagrado
 nome) dizeime: elles
 assumptos inuteis, que
 tantas vezes leuantaes,
 ellas emprezas ao vosso
 parecer agudas, que pro-
 seguis, achastelas alguma
 vez nos Profetas do
 Testamento Velho, ou
 nos Apostolos, & Euan-
 gelistas do Testamento
 Nouo, ou no Author de
 ambos os Testamentos,
 Chri-

1080

1090

1100

69 *De Hic* Christo? He certo que *romy- miu in Prole- go Ga- leato. Sola scriptu rarum ars est quid sit in pas- sim om- nes ve- ditam, & cum auas peguili formo- me co- pofito mulse- rint, hoc le- ge Dei putant: nec sci- re dig- nantur, quid Prophe- ta quid A- pofoli sen- tiant; sed ad semu-* não, porque desde a pri- meyra palavra do Gene- sis até a ultima do Apo- calypse, não ha tal cousa em todas as Escrituras. Poes se nas Escrituras não ha o que dizeis; & o que prégais; como cuy- dais que prégais a palavra de Deos? Mays. Nesses lugares, nesses Textos que allegais para proua do que dizeis, he esse o sentido, em que Deos os disse? He esse o sentido em que os entendem os Padres da Igreja? He esse o sentido da mesma Gramatica das palavras? Não por certo: porque muytas vezes as tomais pelo que tozô, & não pelo que significô, & tal vez nem pelo que tozô. Poes se não he esse o senti- do das palavras de Deos; seguol: que não são pa- lavras de Deos. E se não são palavras de Deos, que nos queyxamos de que não fação fructo as pré- gaçoas? Basta que ha-

DA SEXAGESIMA.

70 uemos de trazer as pala- *suam* uras de Deos a que digão *incon-* o que nós queremos, & *grua* não haemos de querer *aptant* dizer, o que ellas dizem *testi-* *monia:* E então vor cabecear *quasi* o auditorio a estas coufas, *grande* quando deuiamos de dar *sit, &* com a cabeça pelas pare- *non vi-* des de as ouuir! Verda- *tiolissi-* deyramente não sey de q̃ *mi di-* mays me espante, se dos *e. nã* *genus,* nossos conceytos, se dos *depra-* vossos applausos? Oh q̃ *uore* bem levantou o préga- *stien-* dor! Assi he: mas que le- *tias,* vantou? Hum falso testi- *& ad* munho ao Texto, outro *velan-* falso testemunho ao San- *tatem* to, outro ao entendimen- *suam* to, & ao sentido de am- *scrip-* bos. Então q̃ se côuerta o *turave* mundo cõ falsos testimu- *re re-* nhos da palavra de Deos? *pugnã-* se a alguê parecer dema- *tem.* ziada a censura, ouçame. Estaua Christo accu- *Layda* sado diante de Pilatos, & *6* diz o Euangelista S Mat- theos, que por fim vierão duas testemunhas falsas: *Mar. b.* *26.60* *Novissimè venerunt duo falsi testes.* Estas testimu- *1* *nas*

71
 nhãs referirão, que ouu-
 rão dizer a Christo; que
 se os Iudeos destruissem
 o templo, elle o tornaria
 a reedificar em tres dias.
 Se lermos o Euangelista
 S. Ioão, acharemos, que
 Christo verdadeyramen-
 te tinha ditto as palauras
 referidas. Poes se Christo
 tinha ditto, que hãua de
 reedificar o templo den-
 tro em tres dias; & isto
 mesmo he o que referi-
 rão as testemunhas; co-
 mo lhes chama o Euan-
 gelista testemunhas fal-
 tas: *Duo falsi testes?* O
 mesmo S. Ioão deo a ra-
 zão. *Loquebatur de tēplo*
corporis sui. Quando Chri-
 sto disse, que em tres dias
 reedificaria o templo, fal-
 lãua o Senhor do templo
 mystico de seo corpo, o
 qual os Iudeos destrui-
 rão pela morte, & o Se-
 nhor o reedificou pela re-
 surreyção; & como Chri-
 sto fallãua do templo my-
 stico, & as testemunhas
 o referirão ao tēplo ma-
 terial de Ierusalem, ain-

Ioan.
2. 21.

72
 da que as palauras erãõ
 verdadeyras, as testimu-
 nhãs erãõ falsãs. Erãõ fal-
 sas, porque Christo as
 dissera em hum sentido,
 & elles as referirão em
 outro; & referir as pala-
 uras de Deos em differen-
 te sentido do que forão
 dittas, he levantar falso
 testemunho a Deos, he
 levantar falso testimu-
 nho às Escritturas. Ah
 Senhor, quantos falsos
 testemunhos vos leuan-
 tãõ! Quantas vezes ouço
 dizer, que dizeis o que
 nunca dissestes! Quantas
 vezes ouço dizer, que
 sãõ palauras vossãs, o que
 sãõ imaginações minhas:
 que me não quero exclu-
 ir deste numero! Que
 muyto logo que as nossãs
 imaginações, & as nos-
 sas vaidades, & as nos-
 sas fabulas não tenham
 a efficacia de palaura de
 Deos!

Miseraueis de nós, &
 miseraueis dos nostros
 tempos! pues nelles se
 veyo a cumprir a profec-
 cia

1150

1160

1170

73
 2.Tim.
 43. cia de S. Paulo: *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt: Viciá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não sofrerão a doutrina sam: Sed ad sua desideria coaceruabunt sibi magistros prurientes auribus:* mas para seo appetite terão grande numero de pré-gadores feytos a montão, & sem escolha, os quaes não fação mays que adu-larhes as orelhas: *A veritate quidem auditum auertent, ad fabulas autem conuertentur:* Fecharão os ouvidos á verdade, & abriloshão ás fabulas. Fabula tem duas significaçõens: quer dizer fingimento, & quer dizer comedia; & tudo são muyras prézaçoens deste tempo. São fingimento, porque são sutilezas, & pensamêtos aereos sem fundamento de verdade: são comedia, porque os ouintes vem á prézação, como á comedia; & ha pré-gadores, q

DA SEXAGESIMA.

74
 vem ao pulpito, como comediantes. Hũa das felicidades que se contaua entre as do tempo presente, era acabaremse as comedias em Portugal; 1080
 mas não foy alli. Não se acabarão, mudaraõse: pasaraõse do theatro ao pulpito. Não cuydeisq encareço em chamar comedias a muytas prézaçoens das que hoje se vñão. Tomárate aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, & verieys senão achareys nelias muytos desenganos da vida, & vaidade do mundo, muytos pontos de doutrina moral, muyto mays verdadeyros, & muyto mays solidos, do que hoje se ouuem nos pulpitos. Grande 1190
 de miseria por certo, que se achem mayores documentos para a vida nos versos de hum poeta profano, & gentio, que nas prézaçoens de hum orador christão, & muytas vezes, sobre christão, religioso! 1200
 E iij Pouco

75 Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia; porque muyros sermoes ha, que não são comedia, são farsa. Sobre tal vez ao pulpito hum pregador dos que professão ser mortos ao mundo, vestido, ou amortalhado em hum habito de penitencia (que todos, mais ou menos asperos, são de penitencia; & todos, desde o dia que os professamos, mortallas) a vista he de horror, o nome de reuerencia, a materia de compunção, a dignidade de oraculo, o lugar, & a expectação de silencio: & quando este se rompeo, que he o que se ouue? Se neste auditorio estiuessê hum estrangeyro, que nos não conhecesse, & visse entrar este homem a falar em publico naquelles trajos, & em tal lugar, cuydaria que hũa trombeta do Ceo, que cada palavra sua hũa de ser hum rayo para os coraçens, que ha-

SERMAM

76
 niade prégar com o zelo, & com o feruor de hum Elias, que com a voz, có o gesto, & com as acçoens hũa de fazer em pó, & em cinza os vicios. Isto hũa de cuydar o estrangeyro. E nos, que he o q vemos? Vemos fahir da bocca daquelle homem, alli naquelles trajos, hũa voz muyto affectada, & muyto polida, & logo começar com muyto desgarrado; a que? a motiuar desuelos: a acreditar empenhos: a requintar finezas: a lisongear precipicios: a brilhar auroras: a derreter crystacs: a defmayar jasmíns, a toucar primaueras; & outras mil indignidades destas. Não he isto farsa a mays digna de riso, senão fora tanto para chorar? Na comedia o rey veste como rey, & falla como rey: o lacayo veste como lacayo, & falla como lacayo: o rustico veste como rustico, & falla como rustico: mas hũ pregador, vestir como religio-

77

DA SEXAGESIMA.

78

ligofo, & fallar, como :
 não o quero dizer por re-
 uerencia do lugar. Já que
 o pulpito he theatro, & o
 fermão comedia, se quer,
 não faremos bem a figu-
 ra? Não dirão as palauras
 como vestido, & com o
 officio? Assi prégaua S.
 Paulo, assi prégauão a-
 quelles Patriarcas que
 se vestirão, & nos vestirão
 destes habitos? Não lou-
 uamos, & não admira-
 mos o seo prégar: não
 nos prezamos de seos fi-
 lhos? Poes porque os
 não imitamos? porque
 não prégamos como elles
 prégauão? Neste mesmo
 pulpito prégou S. Fran-
 cisco Xavier, neste mes-
 mo pulpito prégou S.
 Francisco de Borja, &
 eu, que tenho o mesmo
 habito, porque não pré-
 garcy a sua doutrina, já
 que me falta o seo espíri-
 to.

§. X.

Dirmeheys o que a mi

me dizem, & o que já te-
 nho experimentado, que
 se prégamos assi, zom-
 bão de nós os ouuintes, &
 não gostão de ouvir. Oh
 boa razão para hum ser-
 uo de Iesu Christo! zom-
 bem, & não gostem em-
 bora, & façamos nós nos-
 so officio. A doutrina de
 que elles zombão, a dou-
 trina q' elles defestimão,
 essa he a que lhes deue-
 mos prégar, & por isso
 mesmo: porq' he a mays
 proueytosa, & a que mays
 hão mister. O trigo que
 cahio no caminho come-
 rão as aues. Estas aues,
 como explicou o mesmo
 Christo, são os Demo-
 nios, que tirão a palavra
 de Deos dos coraçoes
 dos homens: *Venit Dia-
 bolus, & tollit verbum de
 corde ipsorum.* Poes por-
 que não comeo o Diabo
 o trigo, que cahio entre
 os cipinhos? ou o trigo,
 que cahio nas pedras, le-
 não o trigo que cahio no
 caminho? Porque o tri-
 go que cahio no cami-
 nho:

1250

1260

170

79
 nho: *Conculcatum est ab hominibus*: Pizarão os homens: & a doutrina; que os homens pizão, a doutrina que os homens desprezão, essa he a de que o Diabo se teme. Desfou-tros conceytos; desfou-tros pensamentos, desfou-tras sutilezas que os ho-mens estimão, & prezão, dessas não se teme, nem se acautela o Diabo; porque sabe que não são essas as pregaçoens que lhe hão de tirar as almas das vnhas. Mas da-quella doutrina, que ca-he, *Secus viam*: daquella doutrina, que parece cõ-mua: *Secus viam*: da-quella doutrina, que pa-rece triuial: *Secus viam*: daquella doutrina, que parece trilhada: *Secus vi-am*: daquella doutrina, que nos poem em cami-nho, & em via da nossa saluação (que he a que os homens pizão, & a que os homens despre-zão) essa he a de que o Demonio se receya, & te-

veru

S E R M A M

80

acautela: essa he a que procura comer, & tirar do mudo. E por isso mes-mo essa he, a que deuião prégar os prégaros, & a que deuião buscar os ouuintes. Mas se elles não o fizerem alli, & zomba-rem de nós, zombemos nos tanto de suas zomba-rias, como dos seus ap-plausos. *Per infamiam, & bonam famam*, diz S. Pau-lo. O prégaro ha de fa-ber prégar com fama, & sem fama. Mays diz o A-postolo. Ha de prégar cõ fama, & com infamia. Prégar o prégaro para ser affamado, isso he mudo: mas infamado, & prégar o que conuem, ainda que seja cõ dif-credito de sua fama? isso he ser prégaro de Iesu Christo.

Poes o gostarem, ou não gostarem os ouuintes! Ou que aduertencia tão digna! Que medico ha, que repare no gollo do enfermo, quando trata de lhe dar saúde? fa-rem,

1280

2. Co-
rint.
14. 27

1290

1300

81
 rem, & não gostem: sal-
 uem se, & amarguelhes;
 que para isso fomos me-
 dicos das almas. Quaes
 vos parece que são as pe-
 dras, sobre que cahio
 parte do trigo do Euan-
 gelho? Explicação Chri-
 sto a Parábola diz, que as
 pedras são aquelles, que
 ouuem a prégagaõ com
 gosto: *Hæ sunt, qui cum*
gaudio suscipiunt uerbum.
 Poes será bem que os ou-
 uintes gostem, & que no
 cabo fique pedras? Não
 gostem, & abrandem se:
 não gostem, & quebrem
 se: não gostem, & frutti-
 fiquem. Este he o modo
 com que fruttificou o tri-
 go, que cahio na boa ter-
 ra: *Et fructum afferunt*
in patientia, cõclue Chri-
 sto. De maneyra que o
 fruttificar não se ajunta
 com o gostar, senão com
 o padecer: fruttifique-
 mos nós, & tenhaõ elles
 paciencia. A prégagaõ q̄
 fruttifica, a prégagaõ que
 approueyta, não he aquel-
 la que dá gosto ao ouuine

82
 te, he aquella que lhe dá
 pena. Quando o ouuinte
 acada palaura do prégador
 treme, quando cada
 palaura do prégador he
 hum torcedor para o co-
 raçaõ do ouuinte, quan-
 do o ouuinte vay do ser-
 maõ para casa confuso, &
 attonito, sem saber parte
 de si, entãõ he a prégagaõ
 qual conuem, entãõ se pó-
 de esperar que faça frute-
 to: *Et fructum afferunt*
in patientia.

Em fim para que os
 prégadores saybaõ, como
 haõ de prégar? & os ou-
 uintes, a quem haõ de
 ouuir? acabo com hum
 exemplo do nosso Rey-
 no, & quasi dos nossos
 tempos. Prégauõ em
 Coimbra dous famosos
 prégadores, ambos bem
 conhecidos por seus es-
 crittos: não os nomeyo,
 porque os hey de desig-
 gualar. Altercouse entre
 alguns Doutores da Uni-
 uersidade, qual dos dous
 fosse mayor prégador?
 & como não ha juizo sem

F in.

83
 inclinação, huns diziaõ, este: outros, aquelle. Mas hum lente, que entre os mayns tinha mayor authoridade, concluhio desta maneyra. Entre dous sujeytos taõ grandes naõ me atreuo a interpor juizo: sò direy hũa differença, que sempre experimento. Quando ouço hum; sayo do sermaõ muyto contente do prégador: quando ouço outro; sayo muyto descontente de mi. Com isto tenho acabado. Algum dia vos engañastes tanto comigo, que sahieys do sermaõ muyto contentes do prégador: agora quizera eu desengañaros tanto; que sahieys muyto descontentes de vós. Semeadores do Euangelho cys aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, naõ que os homens sayão contentes de nós, senão que sayão muyto descontentes de si: naõ que lhes pareçaõ bem os nossos conceytos; mas

SERMAM

84
 que lhes pareçaõ mal os seus costumes; as suas vidas, os seus passatempõs, as suas ambiçoens, & em fim todos os seus peccados. Com tanto que se descontentem de si, descontentem se embora de nós. *Si hominibus place-* Gal. 1. 10.
rem, Christi seruus non es-
sem, dizia o mayor de todos os prégadores, S. Paulo. Se eu contentara aos homens, naõ seria seruo de Deos. Oh contentemos a Deos, & acabemos de naõ fazer caso dos homens! Aduirtamos, que nesta mesma Igreja ha tribunas mayns altas, que as que vemos: 1360
Spectaculum facti sumus 1. Co.
Deo, Angelis, & homini- 1. 10.
bus. Acima das tribunas dos Reys, estaõ as tribunas dos Anjos, estaõ a tribuna, & o tribunal de Deos, que nos ouue, & nos ha de julgar. Que cõta ha de dar a Deos hum prégador no dia do luizo? O ouuinte dirá: naõ mo disseraõ, mas o prégador? 1370

Isai.
6.5.

85
 gador? *Veni mihi, qui taci-*
cui. Ay de mi, q̄ não disse
 o que conuinha! Não se-
 ja mays assi por amor de
 Deos, & de nós. Estamos
 ás portas da Quaresma,
 que he o tempo em que
 principalmente se semèa
 a palaura de Deos na
 Igreja, & em que ella se
 arma contra os vicios.
 Prêguemos, & armemo-
 nos todos contra os pec-
 cados, contra as soberbas,
 contra os odios, contra

DA SEXAGESIMA.

86
 as ambiçoens, contra as
 enuejas, contra as cobi-
 ças, contra as sensualida-
 des. Veja o Ceo, que ain-
 da tem na terra quem se
 poem da sua parte. Sayba
 o Inferno, que ainda ha
 na terra quem lhe faça
 guerra com a palaura de
 Deos: & sayba a mesma
 terra, que ainda está em
 estado de reuerdecer, &
 dar muyto fructo; *Et fe-*
cit fructum centuplum.

1380



Fij SER.

ANEXO B – Sermão da Rainha Santa Isabel (1682).

C1

C2



2
-
Sermão da

nizou em vida o pregação de suas obras; a este pregação se figurão as vozes de seus vassallos: a estas vozes a adoração, os altares, os applausos do Mundo, Rainha, & Santa. Este será o argumento, & estes os dous pôlos do meu discurso.

2 No texto do Evangelho, que propuz, temos a parábola de hum negociante, em quem concorrerão todas aquellas tres qualidades, ou boas partes, que poucas vezes se concedeão: cabedal, diligencia, & ventura. Cabedal: *Omnia quæ habuit*: diligencia: *Querenti bonas margaritas*: ventura: *Inventa una pretiosa*. Rico, diligente, venturoso. E que negociante he este? He todo aquelle, que com os bens da terra sabe negociar o Reyno do Ceo: *Simile est Regnum Cælorum homini negotiatori*.

3 Este Mundo, Senhores, composto de tanta variedade de Estados, officios, & exercicios publicos, & particulares, politicos, & economicos, sagrados, & profanos: nenhuma outra cousa he senão hũa praça, ou feyra universal, instituida, & franqueada por

Deos a todos os homens para negociarmos nella o Reyno do Ceo. Assi o ensinou Christo na parábola daquelle Rey, que repartio diferentes talentos, ou cabedades a seus criados, para que negociassem com elles até sua vinda: *Negotia-*

Luc. 19. 13
mini dum venio. Para as negociações da terra a muytos falta o cabedal: outros tem cabedal, & faltalhe a diligencia: outros têm cabedal, & diligencia; mas faltalhe a ventura. Na negociação do Ceo não he assi. A todos dá Deos o cabedal, a todos offerece a ventura, & a todos pede a diligencia.

O cabedal são os talentos da natureza, a ventura são os auxilios da graça, a diligencia he a cooperação das obras.

Quando o Rey disse: *Negotiamini dum venio*: os criados, a quem entregou a sua fazenda, para que negociassem com ella, eraõ tres: todos tres tiverão cabedal, dous tiverão diligencia; hum não teve ventura. E porque não teve ventura este ultimo? Porque não teve diligencia: enterrou o talento. Bem o conhecia o Rey, pois fiou delle o menos. E que succedeo aos outros dous?

C5

C6

Rainha Santa Isabel.

3

dous? O que tinha cinco talentos, negociou, & grangeou outros cinco. O que tinha dous talentos, negociou, & grangeou outros dous. Ambos tiverão igual ventura, porque fizeraõ igual diligencia: mas o que entrou com mayor cabedal, sahio tambem com mayor ganancia.

4 Ninguem entrou na praça deste mundo com mayor cabedal, que a nossa Rainha Santa: huma coroa, & outra coroa: a de Aragaõ, & a de Portugal. O mercante do Evangelho tratava em perolas. Santa Isabel em coroas. Grande cabedal! De hũa grande Rainha de Lacedemonia disse Plinio no livro de Summa felicitate este Elogio: *Una san-*
lib. de narum in omni ævo Laceda-
summ. monia reperitur, quæ Regis fi-
tel. *lia, Regis uxor, Regis mater*
 fuit. Isabel não só foy filha de Rey, mulher de Rey, & mãy de Rey: mas que filha? que mulher? que mãy? Filha de hum Rey, em quem estavaõ unidos os Braçoens de todos os Reys da Europa, Pedro Segundo de Aragaõ: mulher de hum Rey, que foy arbitro dos Reys em todos os plei-

tos, que tiverão em seu tempo as Coroas de Hespanha, Dionysio de Portugal. Mãy de hum Rey, Afonso Quarto, de quem descendem todos os Monarchas, & Príncipes da Christiandade, não vivende hoje nenhum, que o melhor sangue, que tem nas veas, não seja de Isabel. Grande fortuna de mulher, grande cabedal. Mas parece que não havia de ser mulher, porque o negociar he officio de homẽ: *Homini negotiatori.* O reparo he do Evangelho, a soluçãõ será da Epistola.

5 *Mulierem fortem quis inveniet?* Quem achará no mundo hũa mulher forte, huma mulher varonil, huma mulher como homem? Tudo isto quer dizer o texto: *Fortem, virilem, viri agnem.* Quando eu li as bravezas desta proposta, & pergunta de Salamaõ, estava esperando, ou por huma Judith com a espada na mão direita, & a cabeça de Olofernes na esquerda: ou por huma Jael com o cravo, & com o martello atravessando as fontes a Sisara: por huma Debora prantada na testa de hum exercito, capitaneando

60

70

Prov.
 31.10
 11.15
 18.
 66.

80

A ij cf.

Sermão da

esquadroens, & vencendo batalhas. Mas não he isto o que responde Salamaõ: diz que a mulher forte, a mulher varonil, a mulher mais que mulher, era huma mulher negociante: *Agrum emit: syndonem vendidit: & vidit, quia bona est negotiatio ejus.* E como negociava esta mulher? Como o homem do Evangelho: com cabedal, com diligencia, com ventura: com cabedal: *Dedit prædam domesticis suis:* com diligencia: *Non extinguetur in nocte lucerna ejus:* com ventura, & ventura sobre todas: *Multæ filie congregaverunt divitias, tu supergressa es universas.* Já temos hũa mulher negociante, como homem. Sõ nos faltava para S. Isabel, que nos disse Salamaõ o nascimento, a patria, & o estado desta notavel mulher. Tambem isso disse. Disse, que era Rainha, & Hespanhola, & Aragoneza. Rainha: *Purpura, & byssus indumentum ejus:* porque naquelle tempo só ás pessoas Reaes era licito vestir purpura. Hespanhola: *Prosul, & de ultimis finibus pretium ejus:* porque na antiga cosinografia, & na frasi da

Escritura o fim da terra he Hespanha. Finalmente Aragoneza, & tal Aragoneza, que he mais: *Et spolijs non indigebit:* porque os Aragonезes entre todas as naçoens de Hespanha foraõ os primeyros que ennobrecerão, & enriquecerão com despojos a sua Coroa, conquistando novas terras, novos mares, & novas gentes. E Santa Isabel em particular foi nascida, & criada nos braços delRey Dom Jayme de Aragão, por sobrenome o Conquistador: o qual & seu filho ElRey Dom Pedro pay de Isabel, foraõ os que conquistarão, em Hespanha o Reyno da Valença, em Italia o Reyno de Sicilia, no Mediterraneo as Ilhas de Evisa, & Malhorca. E não pararão aqui os despojos. A estes se seguirão successivamente primeyro, os Reynos de Corsica, & Sardenha, depois o florentissimo, & bellicosissimo Reyno de Napolles, & ultimamente que? A mesma Jerusalem, onde Salamaõ escrevia, & onde estava vendo a mulher forte, de que fallava, entre despojos nascida, entre despojos criada, & de

90

100

110

120

Rainha Santa Isabel.

de tam gloriosos despojos herdeyra: *Et spolijs non indigebit.*

6 Isto supposito, & supposito que tu não sey dizer senão o que me diz o Evangelho; o thema será o Sermão, & o assumpto delle, a melhor negociante do Reyno do Ceo: *Simile est Regnum Cælorum homini negotiatori.* Negociou Isabel de hum Reyno para outro Reyno, & de hũa Coroa para outra Coroa: não do Reyno, & Coroa de Aragoão para o Reyno, & Coroa de Portugal, se não do Reyno, & Coroa da terra para o Reyno, & Coroa do Ceo: que vem a ser em menos palayras: Rainha, & Santa. Esses dous nomes lómente havemos de complicar hũ com o outro: & veremos a nossa Rainha tam industriosa negociante no manejo dessas duas coroas, que com a coroa de Rainha negociou ser mayor Santa, & com a coroa de Santa negociou ser mayor Rainha. Mayor Rainha, porque Santa; & mayor Santa, porque Rainha. A Rainha de todos os Santos nos alcançará a graça. *Ave Maria.*

§. II.

Simile est Regnum Cælorum homini negotiatori. Rainha, & Santa: & porque Santa, mayor Rainha. Esta he a primeira parte do nosso discurso, & este foy o primeyro lanço da melhor negociante do Reyno do Ceo.

7 O mayor cabedal, que pôde dar o Mundo, he huma coroa. Mas ainda que as coroas são as que dão as Leys, não são mercadoria de ley. Ao menos eu não havia de assegurar esta mercadoria, de fogo, mar, & cofario; porque as mesmas Coroas muitas vezes, ellas são o reubo, ellas o incendio, ellas o naufragio. Para conquistar Reynos da terra, o melhor cabedal he huma Coroa: mas para negociar o Reyno do Ceo, he genero que quasi não tem valor. Ponde huma coroa na cabeça de Cyro, conquistará os Reynos de Balthasar; ponde hũa coroa na cabeça de Alexandre, conquistará os Reynos de Dario; ponde huma coroa, não na cabeça, senão no pesfamento de Cesar, & opprimirá a liberdade da patria,

A iij tria,

130

140

150

C11

C12

6 *Sermão da*
 tria, & da mais florente Republica, fará o mais soberbo, & violento Imperio. Mas para negociar o Reyno do Ceo, nem a Balthasar, nem a Dario, nem a Alexandre, nem a Cesar, nem ao mesmo Cyro, a quem Deos chamava o seu Rey, & o seu ungião, *Christo meo Cyro*, valerao nada as coroas.

8. Ora eu andey buscando no nosso Evangelho algũa coroa, & ainda que Christo nunca multiplicou tantas semelhanças, & tantos modos de adquirir o Reyno do Ceo em diversos Estados, & officios; o de Rey não se acha; alli. Achareis hum lavrador, hum mercante, hum pescador, hum Letrado; mas Rey não. E porque? Não são personagês os Reys, que puderem entrar tambem em huma parabola, & authorisar muyto a Seena com a pompa, & Magestade da purpura? Claro está que si. E assim o fez Christo muytas vezes. Mas vede o que dizem as parabolâs des Reys: *Reis, qui fecit nuptias filio suo: Intravit Rex, ut videret discumbentes: qui Rex usuras committere bellum*

adversus aliam Regem: abiit in regionem longinquam accipere sibi Regnum. Reys que fazem bodas, que fazem banquetes, que fazem guerras, q mandão exercitos, que conquistão Reynos da terra, isso achareis no Evangelho; mas Reys, que se empreguem em adquirir o Reyno do Ceo, parece que não he occupaçam de personagens tão grandes. Ao menos Christo disse, que o Reyno do Ceo era dos pequenos: *Sinite parvulos ad me venire, talium est enim Regnum Caelorum.* Taes são o lavrador no campo, o mercador na praça, o pescador no mar, o Letrado na banca, & sobre o livro. Mas nas Cortes, nos palacios, nos thronos, & debaixo dos doccis, q achareis? Bodas, banquetes, festas, comedias: & por coliza, ou ambição; exercitos, guerras, conquistas. Exaqui porque as coroas não são boa mercaderia, ao menos muyto arriscada para negociar o Reyno do Ceo. Reys, & bellicosos, Reys, & politicos, Reys, & deliciosos, quantos quizerdes: mas Reys, & Santos, muyto poucos. Vede-o nas Letras di-

Isai.
45.4.

Luc.
14.31
Luc.
19.12

170

Marc.
10.14

180

190

Matt.
22.2.
Matt.
22.11

Rainha Santa Isabel.

divinas, onde só se pôde ver com certeza. De tantos Reys quantos houve no Povo de Deos, só tres achareis Santos: David, Ezechias, Jozias. Ouve naquelle tempo grande quantidade de Santos, grande successão de Reys; mas Reys, & Santos, santidade, & coroa? tres.

9 E se he cousa tão difficullosa ser Rey, & São, muito mais difficuloso he ser Rainha, & Santa. No mesmo exemplo o temos. De todos os Reys de Israel, & Judá, tres Santos: de todas as Rainhas, nenhuma. Ainda nam está ponderado. O numero das Rainhas naquelle tempo era muyto mayor, sem comparação que o dos Reys, porque era permittida, & usada a poligamia; & assim como hoje he grandeza, & Magestade terẽ os Reys muitos criados, & muitos ministros, assim então era parte da mesma Magestade, & da mesma grandeza terem muitas Rainhas. Das Rainhas que teve David, além de outras muitas, sabemos o nome a sete: Jeroboam teve dezoito, & só Salamaõ setecentas: *Faciuntque ei uxores*

quasi Regine septingenta. E 3. Reg. 11. 3. sendo tão innumeravel o numero de Rainhas; Santa nenhuma. Finalmente desde o principio do mundo até Christo, em que passaram quando menos quatro mil annos, em todos os Reynos, & todas as naçoens não achareis Rainha Santa mais que unicamente Esther.

10 E qual he a razão disto? Porque he mais difficuloso ser Rainha Santa, q̃ Rey Santo? Porque ainda que no Rey, & na Rainha he igual a fortuna, na mulher he mayor a vaidade. Os famos da Coroa não sobem para o Céo, deçem para a cabeça. Ponde a mesma coroa na cabeça de David, & na cabeça de Michol; na de Michol tantas fumaradas, na de David nenhum fumo. E se me differdes que David era humilde, & Santo, tomemos outras parellhas. O mais veõ Rey que houve no Mundo foy El Rey Assuero; mas a Rainha Vasthi muito mais fumosa q̃ Assuero. O mais soberbo Rey que houve em Israel, foy El Rey Acab; mas a Rainha Gezabel muito mais fumosa que Acab.

Lcm.

8

Sermão da

Lembrayvos de Athalia, que
 foy a segunda Medea, ou a
 segunda Symiramis do Povo
 Hebreo. Era mãy, & avô (q
 he mais) & por muyto vaã, &
 muyto fumosa não duvidou
 tirar a vida a todos os filhos
 de seu filho ElRey Ochofias.
 De nenhum homem se lê se-
 melhante resolução. E bus-
 cando a causa os Padres, &
 Expositores, não achão outra,
 nem dão outra, senão o ser
 mulher: *Quia femina erat*:
 diz com todos Abulense. Mu-
 lher Athalia, mulher Gestabel,
 mulher Vasthi, mulher Mi-
 chol, mulher Bersabê, mulher
 finalmente Eva. E em todas
 estas sempre pode mais a vai-
 dade, que a virtude.

§. III.

11 Perdoayme Rainha San-
 ta este discurfo; mas não mo
 perdociis; porque todo elle
 foy ordenado a avaliar o pre-
 ço, a encarecer a singularida-
 de, & a sublimar a grandeza
 de vossas glorias. Menos San-
 ta fora Ifabel, se a sua santida-
 de não assentara sobre mu-
 lher, & coroa. Destes dous
 metaes, hum tão fragil, outro
 tam precioso, deste vidro,
 & deste ouro se formou, se
 fabricou a peanha que levan-
 tou a Estatua de Ifabel até
 as Estrellas. Mas antes que
 mais nos empenhemos na
 ponderação desta verdade,
 acudamos às vozes do Evan-
 gelho, que parece estaõ bra-
 dando contra ella. O modo
 de negociar o Reyno do Ceo,
 & a fórma, ou contrato desta
 negociação, diz Christo, que
 ha de ser dando, deyxando, &
 renunciando o negociante tu-
 do quanto tiver: *Dedit om-
 nia sua, & emit eam*. Se Ifabel
 renunciara a Coroa, & deyx-
 xara de ser Rainha, então
 differamos justamente, q com
 a coroa da terra comprou, &
 negociou a coroa do Ceo;
 mas ella viveo Rainha, &
 morreo Rainha, & não renun-
 ciou a Coroa. Eu bem sey, q
 renunciar hũa Coroa, assi co-
 mo he a mayor toula do Mũ-
 do, assim he tambem a mais
 difficultosa; mas não por isso
 impossivel. Exemplo temos
 no nosso seculo, posto que o
 não vissem os passados. Ro-
 ma o vio, & Roma o vê. Huma
 das mayores Coroas da Eu-
 ropa, renunciada com tanto
 valor,

Rainha Santa Isabel.

valor, & deixada com tanta gloria só por seguir a fe do Euangelho, & legurar debaxo das chaves de Pedro aquelle Reyno, que só ellas podem abrir. Pois porque não deixou Isabel este tudo, que verdadeiramente he o tudo do mundo: *Omnia que habuit?* Porque não renunciou, & dimittio de si a coroa, para se cõ-formar com o Euangelho?

12 Primeiramente digo, que si deixou Isabel a coroa; mas deixou-a sem a deixar, dimittioa sem a dimittir, & renuncioua sem a renunciar. Era Isabel Rainha, mas que Rainha? Huma Rainha, que debaxo da purpura trazia perpetuamente o cilicio: huma Rainha que assentada à mesa Real, jejuava quasi todo o anno a pão, & agoa: huma Rainha, que quando se reprezentauão as comedias, os saraos, os festins, ella estava arrebatada no Ceo, orado, & cõtemplando: huma Rainha, que por dentro da sua coroa lhe estauão atravesando a cabeça, & o coração os espinhos da Coroa de Christo: huma Rainha que adorada, & seruida dos Grandes de seu Reyno, ella

9
seruia de iuelhõs aos pobres, & lhes lauua os pès com suas mãos, & lhe curaua, & beijaua as chagas. Desta maneira vsaua Isabel da Coroa, ajuntando, & vnindo na Pessoa da Rainha dous extremos tão distantes, & dous exercicios tão contrarios; & isto digo q̃ foy deixar a coroa sem a deixar. Tenho para proua hum texto de S. Paulo muito vulgar, & sabido, mas de tão difficulosa intelligencia, que tẽ-dole empregado variamente nelle todos os Expositores lagrados, ainda se lhe deseja mais propria, & adequada exposiçam.

13 *Qui cum in forma Dei esset, exinaniuit semetipsum, formam serui accipiens.* Quer dizer: Sendo o Verbo Eterno por essencia, & igualdade ao Padre, Deos, quando tomou, & vnio a sy a natureza humana, despiõle, & despojõle de tudo quanto era, & quanto tinha. Ainda o diz com mayor energia o Apostolo: *Exinaniuit semetipsum:* assi como hum vaso quando se enborca, & se esgota, lança de si quanto tem, & fica vazio, assi o fez, & ficou Deos

B fa-

270

280

Philip.
2.7.

290

10
fazendose homem. Lá estaes
vendo a difficuldade, não só
os Theologos, mas todos.
Deos, fazendose homem não
perdeo nada do que tinha, né
deixou nada do que era. Era
Deos, & ficou Deos: era infi-
nito, & ficou infinito: Era
eterno, & immenso, & ficou
Eterno, & immenso: era im-
passiuel, & immortal, & ficou
immortal, & impassiuel. Pois
se Deos não deixou, nem re-
nunciou, nem dimittio de sy
nada do que era, nem do que
tinha, como diz S. Paulo que
se despojou, & se esgotou a sy
mesmo, & de sy mesmo: *Exinaniuit semetipsum* ? Assim o
disse profundamente o Apo-
stolo, & tambem diz o como
isto podia ser, & como foy:
*Formam serui accipiens, cum
in forma Dei esset.* He verda-
de que Deos fazendose ho-
mem, não perdeo nada do que
era, nem deixou nada do que
tinha; porém tomou, & unio
ao que era tudo o contrario
do que era: tomou, & unio
ao que tinha tudo o contra-
rio do que tinha; & tomar, &
unir na mesma Pessoa extre-
mos tão contrarios, & tão di-
stantes, foy despojarle de tu-

Sermão da

do o que era sem se deojar?
Era Deos, & fezse homem:
era Eterno, & nasceo em tem-
po: era immenso, & determi-
noue a lugar: era impassiuel,
& padecia: era immortal, &
morreo: era supremo Senhor,
& fezse seruo: & servir o Se-
nhor, morrer o immortal, pa-
decer o impassiuel, limitar-se
o immenso, & humanar-se o
Diuino, não só foi tomar o q̄
não era, senão deixar o q̄ era.
Não deixar, deixando, q̄ isto
não podia ser; mas deixar re-
tendo, deixar conseruando,
deixar sem deixar: *Exinaniuit semetipsum formam serui accipiens, cum in forma Dei esset.* Isto he o que fez o Verbo: & isto he o que fez Isabel, conformandose altissimamēte com o Euangelho ao modo do mesmo Autor do Euangelho. Rainha com Magestade, & coroa: mas que coroa, que Magestade, que Rainha? Coroa si, mas coroa sem a deixar deixada; porque deixou toda a pompa, & esplendor do mūdo, com que se engrandecem as coroas. Magestade si; mas Magestade sem a renunciar renunciada: porque renunciou toda a ostentação,

300

310

320

330

Rainha Santa Isabel.

11

tação, toda à altiveza, & toda a idolatria, com que se adoraõ as Magestades. Rainha si; mas Rainha não Rainha: porque tirada a soberania do titulo, nenhuma outra conta se via em Isabel das que se admiraõ nas Rainhas, sendo por isso mesmo a mais admiravel de todas.

14 Desta maneira deixou a nossa Rainha a coroa, & o tudo que pedira o Evangelho: *Omnia que habuit*. Mas affi como a deixou sem a deixar, porque a não deixou deixando? Porque não abdicou a Magestade, porque não deixou de ser Rainha, ou não aceitando a coroa, quando se lhe offerreceo, ou renunciando depois de aceita? Respondendo, que esta foy a mayor industria de sua negociação: conservar o cabedal de Rainha para grangear ter mayor Santa. O mayor bem, ou o unico bem, que tem as supremas dignidades do mudo, he serem hum degrao, sobre o qual se levãta mais a virtude: he serem hum cunho Real, cõ que sobe a mayor valor a santidade. Santo foy David, & Santo Abraham, & primeiro

Abraham que David. Contudo S. Mattheos referindo a genealogia de Christo, antepoem David a Abraham: *Filius David, filij Abrahami*. Pois se Abraham tambem era Santo, & Santo da primeira classe como David, & precedia na antiguidade, porque se lhe antepoem David? Dá a razão Santo Thomas angelicamente. Porque ainda q̄ Abraham era Santo, & tão Santo como David, David era Santo, & Rey juntamente, o que não concorria em Abraham. A santidade de Abraham, posto que grande, era santidade sem coroa: a santidade de David, era sãtidade coroada; & santidade assentada sobre coroa, ainda em grao igual, he mayor santidade.

15 E porque? Porque na Magestade, na grandeza, no poder, na adoração, & em todas as outras circunstancias, q̄ acompanhaõ as coroas, concorrem todos os contrarios, q̄ pôde ter a virtude, & a santidade: & a virtude conservada entre os seus contrarios, he dobrada virtude. Ouvi humas das mais notaveis sentenças de Santo Agostinho: *Audiat*

B ij

Matth.
1. 1.Div.
Thom.

350

360

Aug.

omnis aetas, quod nunquam audiuit. Ouçãõ todas as idades, o q̃ nũca ouuiraõ, diz Agostinho. E que haõ de ouuir? Falla do parto virginal, & diz assi: *Virgo partu suo creuit, virginitatem, dum pareret, duplicauit.* Nestas vltimas palauras reparo. Diz Santo Agostinho, que Maria Santissima concebẽdo, parindo, & ficando Virgem, naõ só cõseruou, mas dobrou a virgindade: *Virginitatem, dum pareret, duplicauit.* Se fallãra de qualquer outra virtude, naõ tinha difficuldade esta doutrina. Mas da virgindade, parece que naõ põde ser, porque a virgindade consiste em indiuisuel. He hũa inteireza perfeita, incorrupta, intemerata, que naõ põde crecer, nem minguar, nem admite mais, ou menos. Pois se esta virtude soberana, & angelica naõ admite diminiuçãõ, nem augmento, se quando he, sempre he igual, & sempre a mesma, como diz S. Agostinho, que creceo, que se augmentou, & que se dobrou, & foy dobrada no parto da Virgem? Porque foy virtude, que se conseruou inteira entre os seus contrarios.

A conceiçãõ, o parto, o ter filho, o ser Mãy, saõ os contrarios da virgindade: & conseruar-se Maria Virgem sendo juntamente Mãy, foy ser dobradamente Virgẽ: *Virginitatem, dum pareret, duplicauit.* Taes foraõ as virtudes de Isabel. O mayor contrario, & o mayor inimigo da virtude he huma grande fortuna, & quanto mayor fortuna, rãto mayor inimigo. A humildade, o desprezo do mundo, a moderaçãõ, a abstinencia, a pobreza voluntaria na outra gente, saõ simples virtudes; mas estas mesmas com hũa coroa na cabeça, com hum cetro na mão, debaxo de hum docel, & assentadas em hum trono, saõ dobradas virtudes, porque saõ virtudes jũtas com os seus contrarios. A humildade junta com a Magestade, he dobrada humildade: a moderaçãõ junta com o supremo poder, he dobrada moderaçãõ: o desprezo do mundo junto com o mesmo mũdo aos pès, he dobrado desprezo do mũdo: a pobreza com a riqueza, a abstinencia com a abundancia, a mortificaçãõ com o regalo, a modestia com a lizon-

Rainha Santa Isabel.

ja, he dobrada pobreza, he dobrada abstinencia, he dobrada mortificação, he dobrada modestia; porque he cada hũa dellas não hũa rosa entre as espinhas, mas hũa çarga verde entre as chamas. E porque a nossa negociante do Ceo sabia que debaxo do risco està a ganancia, por isso teue por mayor conveniencia não deixar, senão ajuntar a corça cõ a virtude; não deixar, senão ajuntar a Magestade com a Santidade, para que sendo Rainha, & juntamente Sãta, fosse tambem mayor Santa, porque Rainha.

16 E se quereis ver tudo isto com os olhos em hũa admiravel figura, pondeos comigo, ou com S. Ioaõ no Ceo. No capitulo doze do Apocalypse, diz S. Ioaõ, que appareceo no Ceo hũ grande prodigio: *Signum magnum apparuit in Cælo*: & declarando logo qual fosse este prodigio, & sua grandeza, diz que era hũa mulher, que tinha os pès no primeiro Ceo, que he o Ceo da Lua: *Luna sub pedibus ejus*: o corpo no quarto Ceo, que he o Ceo do Sol: *Amicta Sole*: & a cabeça no

oitavo Ceo, que he o Ceo das Estrellas: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim*. Grande mulher, grande prodigio, & grande retrato de Isabel! Mulher, que vivêdo na terra, já seus merecimêtos a tinhaõ canonizado, & collocado no Ceo: *Signum magnum apparuit in Cælo*: mulher tão desprezadora das grandezas do mundo, que todas as cousas sublunares as pizou, & meteo debaxo dos pès: *Luna sub pedibus ejus*: mulher tão allumiada, & illustrada das luzes da graça, que aos olhos de Deos, & dos homens resplandecia como hum Sol: *Amicta Sole*: mulher tão adornada de todas as perfeiçoens, & dotes sobrenaturaes, que todo o corio das virtudes, como outras tantas Estrellas, lhe teciaõ, & emaltavaõ a coroa: *Et in capite ejus corona Stellarum duodecim*. Atéqui Isabel Santa! E sendo esta prodigiosa mulher tão grande, poderá ser mayor? Estando tão alta, poderá subir mais? Estando no Ceo, poderá ser mais celeste? Si: & como? Se ao celeste se ajuntar o Real, & às suposiçoens de Santa, as circumstâncias

410

420

430

14

cias de Rainha. Assi foy, & assi o vio o mesmo Profeta.

17 *Et date sunt mulieri alic duae Aquila magna, ut volaret: & a esta mulher, diz S. João, foraõlhe dadas duas azas da Aguia grande, para q̄ voasse com ellas. A Aguia he a Rainha das Aues: & mulher com azas de Aguia, he mulher cõ prerogatiuas Reaes, he mulher com circunstâncias de Rainha. Mas notay q̄ naõ só diz, que se deraõ à mulher duas azas de Aguia, senaõ duas azas de Aguia grande: *Date sunt mulieri duae**

Apoç.

12. 14.

alic Aquila magna. Agora pergunto: qual he neste mundo a Aguia grande, & quaes saõ as duas azas desta Aguia? A Aguia grande naõ ha duuida que he Hespanha, a mais dilatada Monarchia de todo o vniuerso: Aguia Real coroada de tantas coroas. As duas azas desta Aguia tãbem naõ ha duuida que saõ o Reyno de Aragaõ de hũa parte, o Reyno de Portugal da outra, Naõ he diuisaõ, ou distincaõ minha, senaõ de todos os Cosmografos, os quaes diuidem a Hespanha em tres partes, ou tres Hespanhas: *His-*

Sermão da

pania Betica; Hispania Tarraconensis Hispania Lusitana. O corpo, & a cabeça desta grande Aguia he a Hespanha Betica, que comprehêde as duas Castellas. Huma das azas he a Hespanha Tarraconense, isto he, Aragaõ, que de Tarragona se disse Aragona: a outra aza he a Hespanha Lusitana, isto he Portugal, que de Luso se disse Lusitania. Ao ponto agora. Tendo o Ceo engrandecido tanto a Ifabel, tenõa sublimado a hũ lugar taõ alto de perfeiçãõ, tendo depositado nella tudo o precioso, & lustroso de seus thesouros, & graças, que fez Deos? *Date sunt mulieri duae alic Aquila magna:* ajuntou, & acrecêtou a esta prodigiosa mulher as duas azas Reaes da grande Aguia de Hespanha, por nascimêto a de Aragaõ, & por calamento a de Portugal. E para que *ut volaret:* para que leuantada sobre estas duas azas a santidade de Ifabel, o grande della crecesse à mayor grandeza, o alto subisse à mayor altura, o luminoso à mayor luz, o celeste à mais celeste, & a mesma santidade a mais Santa. Santa Ifa-

440

450

460

470

Ifa-

Rainha Santa Ifabel.

15

Ifabel, porque Sãta, & mayor Santa, porque Rainha. Santa, porque Santa: por isso collocada no Ceo: *Signum magnū apparuit in Cælo*: & mayor Santa, porque Rainha: por isso depois de collocada no Ceo acrecétada com azas de Aguia, & com circumstancias Reaes: *Datæ sunt mulieri due alæ Aquilæ magnæ.*

18. E senão, voemos nos tambem com as mesmas azas, & subamos do Ceo estrellado, onde a vio S. João, ao Ceo Empirio, onde a vio David:

Psal. *Assitit Regina à dextris tuis*
44. 10. *in vestitu deaurato circumdata*
varietate. Vi, diz David, huma Rainha collocada à dextra de Deos, a qual estaua vestida cõ duas galas diferentes: por dentro, com huma roupa bordada de ouro: *In vestitu deaurato*: por fora, com outra roupa de cor varia: *circumamicta varietate.* Eis aqui como está a nossa Rainha Santa no Ceo, vestida, & adornada com duas galas, hũa por baxo, & por dentro, que he o vestido de Rainha que vestio primeiro, & por isto bordado de ouro: *In vestitu deaurato*: outra por cima, & por fora, q̃

he o habito de S. Clara, que vestio depois, & por isso de cor varia (pardo, & branco) *circumamicta varietate.* E qual destas duas galas a faz mais magestosa, & mais gloriosa no Ceo: a de dentro, ou a de fora, a de brocado, ou a de burel, a de Rainha, ou a de Religiosa? Digo que ambas, mas porque hũa assentou sobre a outra. Porque o habito de Religiosa assentou sobre o de Rainha, porque o burel assétou sobre o brocado, porque o vestido de fora assentou sobre o de dentro: dahi he que lhe vem toda a graça, & toda a fermosura. O mesmo David o disse: *Omnis gloria ejus ab intus in fimbrijs*
auris circumamicta varietate: a graça, & a fermosura do vestido de fora, toda lhe vem do vestido de dentro. O habito de S. Francisco, & de S. Clara, he hũa das mais vistosas, & mais bizarras galas, que se trajaõ no Ceo. Mas esta mesma gala em Ifabel assentada sobre vestiduras Reaes, he muito mais vistosa, muito mais bizarra, & muito mais fermosa; porque toda a graça, & fermosura lhe vem das

480

490

Psal.
44. 14.

500

guar-

16

Sermão da

guarniçoens, & bordaduras de ouro, que por baxo da orla estaõ reluzindo: *Omnia gloria ejus ab intus, in fimbrijs aureis.*

19 E se perguntarmos mais curiolamente a Dauid qual era o lauor dessas guarniçoens, & dessa bordadura da orla; tambem o disse ni-lagrosamente: *In fimbrijs aureis*: le o Hebreo: *In scutulatis*. A guarniçaõ, & bordadura, que aparecia na orla do vestido Real por baxo do burel, de que a Rainha estaua re-vestida, era hum lauor, & re-camo de ouro, formado, & enlaçado de escudos: *In scutulatis*. E que escudos lam estes? Saõ aquelles dous es-cudos, que vedes pintados ao lado de Isabel: o escudo das armas de Aragoã, & o escudo das armas de Portugal. De maneira, que a bordadura da orla, que faz sair, & sobrefair a gala, com que Isabel se osteta gloriosa à dextra de Deos, he composta admiravelmente, & tecida destes dous escudos, traçados, & alternados hum com o outro, as barras entre as quas, & as quas entre as barras: *In scutulatis*: E ne-

stes escudos Reaes, cubertos, & sobrevestidos de burel as-pero, & grosseiro, diz Dauid, que consiste todo o realce da gala, & toda a fermozura, & gloria da filha do Rey: *Omnia gloria ejus filia Regis ab intus*: porque se Isabel he gloriosa, & exaltada no Ceo por Santa; muito mais exal-tada he por Santa sobre Rai-nha: *Assitit Regina à dextris tuis in vestitu deaurato cir-cumdada varietate.*

§. IV.

20 Temos visto a Isabel mayor Santa, porque Rainha; segue se, que a vejamos agora mayor Rainha, porque Santa. Este foy o segundo lanço da melhor negociãte do Reyno do Ceo: & nisso mesmo pa-recida ao negociante do Euã-gelho. A fortuna nunca igua-la os desejos dos homens, mas se houesse huma fortuna tam grande, que não só igualasse, mas vencesse, & excedesse os desejos; esta seria a mayor fortuna, que se pôde imagi-nar. Tal foy a fortuna do ne-gociante do Euangelho. Elle desejava, & procurava perolas boas;

Rainha Santa Isabel

17

boas: *Querentibus margaritas*: E quando só desejava perolas boas, & de preço, & estimação ordinaria, foy tal a fua fortuna, que achou huma perola tão preciosa, que excedia o valor de quãto buscava, & de quanto tinha. *Inventa una pretiosa margarita, dedit omnia sua, & comparavit eam.* Ainda foy mayor fortuna a de Isabel. Isabel não buscava coroas, antes as coroas a buscavaõ a ella: & porque buscada das coroas, ella buscou a santidade, por isso essa mesma santidade lhe acrefcentou a coroa, & a fez muito mayor Rainha. A dignidade de Rainha he tão alta, & tão soberana, que parece não admite mayoria. Mas Isabel pelos privilegios de Sãta, foy Rainha mayor que Rainha, porque foy Rainha cõ mayor poder, Rainha com mayor jurisdicãõ, Rainha cõ mayor imperio.

21 Hũa das accuzaçoens, que se deraõ contra Christo, & a que venceo a causa, foy dizerem, que se fazia Rey, & que tomava a jurisdicãõ de Cesar: *Si hunc dimiseris, non es*
19.12 amicus Cæsaris; omnia enim

qui se Regem facit, contradicit Cæsari. Todos os Padres, & Expositores sagrados impugnãõ esta calumnia, & a provaõ com cinco mil testemunhas contestes. Estes forãõ aquelles cinco mil homens, que depois de Christo lhes matar a fome no milagroso banquete do Deserto, o reconhecerãõ pelo verdadeiro Messias, & o quizerãõ acclamar por Rey, quando o Senhor, para mostrar que não era Rey dos que fazem, ou põdem fazer os homens, os deixou, & se retirou para o monte. Grande prova de Christo se não fazer Rey, como era accuzado. Mas São Leão Papa, com mais alto pẽfamento, presentase entre os mesmos accuzadores diante de Pilatos, & argumenta assim por parte delles: *Ne in totum videatur manus Judæorum obiectio, discute diligenter Præses.* Examine Pilatos diligentemente a causa, & achará, q̃ não he totalmente falsa a accuzação. Em dizerem os Judeos que Christo se fez Rey, fallaõ verdade: em dizerem que se fez Rey como Cesar, aqui he que mentiraõ. Ha-
 C viaõ

550

560

D. Leão

570

viação de dizer, que se fez Rey mayor que Cesar, & mayor que todos os Reys. E porque? Ouvi a razão do eloquentissimo Pontifice, que he divina: *Cæcis visum, surdis auditum, claudis gressum, mutis donavit eloquium: Febres abegit, dolores resoluit, mortuus suscitavit: magnum prorsus Regē ista demonstrant.* Este homem accusado de se fazer Rey, deu olhos a cegos, ouvidos a surdos, pès a mancos, falla a mudos: sarou febres, resolveo dores, resuscitou mortos, & em todas estas cousas, ainda que não provou que era Rey como Cesar, & como os outros Reys, q̄ não tem tal poder, mostrou poder, & demonstrou, que era mayor Rey que todos elles.

22 O mesmo digo de Isabel. Entrava Isabel nos hospitaes, que ella, & seus antecessores tinham edificado, concorriaõ a Isabel os enfermos de todas as enfermidades: E que succedia? Hia Isabel fazendo o sinal da Cruz sobre elles, os cegos viaõ, os mudos fallavão, os surdos ouviaõ, os mancos, & aleijados saltavão, os mortos, os que estavão pa-

ra morrer, resuscitavão: *Magnum prorsus Regem ista demonstrant.* Dizey ás outras Rainhas, & aos outros Reys, que fação isto com todo seu poder. Fazer mancos, fazer aleijados, fazer cegos, fazer estropeados, isso fazem os Reys, & isso podem. E senão ide a essas campanhas, a estes exercitos, & a essas Cortes: huns em moletas, outros arrastando, huns sem pernas, outros sem braços, huns sem olhos, outros, sem orelhas, outros pedindo esmola com os dedos, porque não tem lingua, outros sem casco na cabeça meyo attontados, outros sem queyxadas no rosto, horriveis, & disformes. Homens miseraveis, homens que não sois homens, senão parte de homens, quem vos poz nesse estado? Padre, o serviço del Rey. Fomos á guerra, & della escapámos desta maneira. Isto he o que podem fazer os Reys, & tanto mais, quanto mais poderosos. Não assim Isabel: Era Rainha, que restituia braços, & pès, & olhos, & ouvidos. Ver a Magestade, & pompa, com que se diz dos Reys, que são senhores

580

590

600

610

Rainha Santa Isabel.

19

Matt.
10.28

nhores da vida? Senhores da vida? Leão á margem destes titulos a glossa de Christo: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus.* São senhores da vida, para a tirar, para a dar não. Se sois delinquente, podem-vos matar por justiça: se sois innocente, podem vos matar por tyrannia: se tendes pouco juizo, & pouco coraçãõ, podem-vos matar com huma carranca, ou com hum voltar de olhos; mas dar vida, ou faude, não he da jurisdicção dos Reys. Assim o confessou hũ Rey mais verdadeyro que

Psal. todos: *N. lue confidere in Prim- 145.3. cipibus, in quibus non est salus.* Isabel si, que era senhora da faude, & da vida: & por isso mayor Rainha que todas as Rainhas: *Magnam prorsus Reginam ista demonstrant.*

§. V.

23 Outra demonstração em mayores corpos. Chega S. Isabel a Santarem, para atravessar o Tejo: Estava prevenida huma galè Real para a pessoa, gondolas, & bargantins toldados para a Corte: mas em aparecendo Isabel na

praya, abre-se o Rio de repente, levantaõ-se deus muros de chrystal de lãa, & outra parte: os peyxes como ás janelas, em cardun es, & atonitos pasmando da maravilha: & Isabel caminhado sobre o seu bordão por aquella rua nova, juncada de limos verdes, mas sobre areas de ouro. Não he affectação minha, que já o disse o Espirito Santo em caso semelhante: *Campus gemmans de profundo nimio,* *Psal.* 119.7: semos agora de Portugal a Palestina, & do Tejo ao Jordão. Pára o Rio Jordão á vista da Arca do Testamento (cabeça tambem coroada: *Faciesque supra coronam aureum per circuitum*) pinto o caso David, & exclama: *Quid est tibi mare quod fugisti, & tu Jordanis quia conversus es retrorsum?* Rio, que páras, mar, que foges, que he o que viste? Bizarra, & elegante profopopeya de David, mas em pequeno theatro; mayor he o nosso. Que Rio, & que mar eraõ aquelles, com quem fallava David: O mar era o Mar morto, chamado por outro nome, Vallis Salivarum, porq̃ era huma saliva do Oceano-

620

630

Psal.

113.5

C ij.

Cul.

20

Sermão da

Cuspio o Oceano, & fez aquella mar. O Rio era o Jordão, composto de dous regatos, hum o *Jor*, outro o *Dan*, que para terem cabedal com que ir morrer no mar morto, se ajuntarão, & fizeraõ cõpanhia hum com outro. Esta era a grandeza do Rio, a quẽ aquelle pequeno lago engolia de hum bocado, como diz o Profeta: *Et fiduciam habet quod influat Jordanus in os ejus.*

Job 40
18.

24 Comparayme agora rio com rio, & mar com mar. Assim como a Arca do Testamento passou por aquella parte, onde as aguas do Jordão se misturão com as do mar morto, assi passou Isabel por aquella parte, onde as aguas do Tejo se confundem com as do Oceano. O Oceano he aquelle Pêgo vastissimo, & imenso, que elle só he todo o Elemento da agua: & estendendo infinitos braços, está recebendo como nas pontas dos dedos o tributo de todos os rios do Universo. Este foy o mar, que se retirou, & fez pê atrás á vista de Isabel: & o rio qual era? Aquelle soberbissimo Tejo, primeyro domador do mesmo Oceano, a

quem pagãraõ parias em perolas o Indo, & o Ganges, não coroados de juncos, & espadanãs, como o Padre Tibre, mas com grinaldas de rubis, & capellas de diamantes. Este soberbo mar, este soberbo rio, saõ os que fizeraõ praça a Isabel, & lhe descubriãõ nova terra, para que a pizasse. David, respondendo á sua pergunta, disse: *A facie Domini mota est terra à facie Dei Jacob.* E aqui está o mayor excesso da maravilha. Lá o Jordão parado, cá o Tejo parado lá a Arca coroada, cá Isabel coroada: lá a Arca caminhãdo a pê enxuto: cá Isabel a pê enxuto: mas lá porque o rio vio a face de Deos, cá porque vio a face de Isabel: lá porque vio a face do Senhor de Israel, cá porque vio a face da Rainha de Portugal: *A facie Domini, à facie Dei Jacob.* Que Deos visto refree a corrente dos rios, isso he ser Deos: mas que á presença de Isabel lhe façãõ os rios a mesma reverencia: vede se he ter Rainha mais q̃ Rainha? E senãõ perguntay ao mesmo Tejo, quantas vezes passaraõ por elle as outras Rainhas, quacs craõ as suas

650

660

Psal.
113 7

670

680

COR 2

Rainha Santa Isabel.

21

cortezias. Passavaõ as The-
rezas, passavaõ as Dulces, pas-
savaõ as Mafaldas, passavaõ
as Urracas, as Leonoras, as
Luizas, as Catharinas, & o
Tejo que fazia? Corria como
dantes. Porém a Isabel (fal-
lemos em frasi de Roma) a
Isabel firmava-se o Tejo, às
outras não se firmava: porque
as outras eraõ Rainhas, Isabel
era Rainha, & Santa, & por
isso mayor Rainha.

§. VI.

25 Eu já quizera acabar,
mas estãme chamando a nova
Primavera, que vemos, a que
repare naquellas rosas. Leva-
va Isabel na aba do vestido
grande copia de moedas de
ouro, & prata, para repartir
aos Pobres, & era Inverno.
Perguntoulhe ElRey, que le-
vava: & respondeo, que rosas.
Rosas neste tempo, como pô-
de ser? diz ElRey. Abrio a
Santa; & eraõ rosas. Ha Rai-
nha, ha Rey no Mundo, que
tenha taes poderes? Galtar
muito dinheiro, & grandes
thesouros em flores, em jar-
dins, & ainda em sombras, que
he menos, isto pôdem fazer,

& fazem os Reys: mas fazer
de hum dobraõ huma rosa,
converter huma sustancia em
outra, ainda que seja hum
graõ de ouro em hum graõ de
area; nem todos os Reys do
mundo juntos o podem fa-
zer, he outra jurisdicção mais
alta. Manda Deos a Moysés
sobre o Egypto, & o titulo,
que lhe deu, foy de Deos de
Faraó: *Constitui te Deum Pha-*
raonis. Parece demasiado ti-
tulo, & não necessario. Fa-
raó era Rey de Egypto, seja
Moysés Rey de Faraó, & ba-
sta. Pois porque lhe não dà
Deos titulo de Rey, senão de
Deos? Porque era razaõ, que
o titulo se conformasse com
os poderes. Moysés havia de
converter a vara em serpente,
o Nilo em sangue, a agua em
rans, o pó em mosquitos: &
converter humas sustancias
em outras, he poder, & jurif-
dicção mais alta q̃ a dos Reys.
Chamase logo Moysés, não
Rey de Faraó, senão Deos.
Esta foy a discrição do De-
monio no formulario das suas
tentaçoes. Quando disse a
Chrilto, que convertesse as
pedras em pão, accrescentou:
Si Filium Dei es: quando lhe
C iij offe. 4. 3.

690

Exod.
7. 1.

700

710

Matt.
4. 3.

22

Sermão da

offerreco todos os Reynos do Mundo, não fallou em ser Filho de Deos. Pois se lhe chama Filho de Deos, quando lhe diz, que converta as pedras em pão, porque lhe não chama també Filho de Deos, quando lhe offerreco os Reynos de tolo o Mundo? Porque o dominio de hū Reyno, & de muytos Reynos, & de todos os Reynos cabe na jurisdicão de hū homem Rey; mas converter hūa sustancia em outra, he poder mais que humano, he poder mais que Real, he poder divino. Taes foraõ neste caso os poderes daquella Rainha sobre todos os Reys, & Rainhas do Mundo. Mas ainda não está ponderado o fioo da maravilha.

26 Não esteve a maravilha em converter as moedas em rofas, senão em que? Em dizer, são rofas, & serem rofas. Serem rofas, só porque Ifabel lhe chamou rofas, he maravilha só da boca de Deos.

Ro- Ponderação admiravel de São
man. 4 Paulo: *Qui vocat ea, que non
17. sunt, tanquam ea que sunt.*
Deos chama com tanta verdade as coufas, que não são, como aquellas, que são, E esta

he a mayor gloria do seu poder, & o mayor poder da sua palavra; porque basta q̄ elle mude os nomes ás coufas, para que ellas mudem a natureza, & o que era, deyxte de ser, & o que não era, seja. Mas quantas vezes fez Deos esta maravilha? Hūa só vez, & no mayor milagre dos seus milagres, & na mayor obra de sua Omnipotencia. Na instituição do Divinissimo Sacramento quiz Christo, que o pão se convertesse, & transustanciasse em seu Corpo, & q̄ fez para isso? Disse, que o pão, q̄ tinha nas mãos, era seu Corpo: *Hoc est Corpus meum: & Luc. 22. 19* bastou, que chamasse seu Corpo ao pão, para que o que era pão, deixasse de ser pão, & o que não era seu Corpo, fosse seu Corpo. Na criação do Mundo não fez Deos semelhante maravilha: mandou, q̄ se fizessem as coufas, & fize- *Psal. 32. 9* raõ-se: *Ipsè dixit, & facta sunt:* porèm no Divinissimo Sacramento, para o qual tinha reservado os mayores poderes do seu poder, fez que fosse seu Corpo o que era pão, só com lhe chamar seu Corpo: *Vocat ea, que non sunt, tanquã*

720

730

740

790

10

Raimba Santa Isabel.

23

ea quæ sunt. O mesmo fez Isabel. Não levantou as mãos, não orou, não pediu, não mandou: só disse, que eraõ rolas as moedas, & foraõ rolas. O chamar foy produzir, & o dizer que eraõ, foy fazer q̄ fossem, o que não eraõ: *Vocat ea, quæ non sunt, tanquam ea quæ sunt.* Em Christo foy poder ordinario, em Isabel poder delegado; mas infinitamente mayor que todos os poderes Reaes.

27 Os Reys tambem arremedaõ, ou querem arremedar a Deos na soberania deste poder. Cubrivos Marquez, assentaivos Duque. Sõ com o Rey vos chamar Marquez, fois Marquez só cõ vos chamar Duque, fois Duque: mas tudo isso que vem a ser? Hum nome: nõ demais fois o mesmo que dantes ereis. Põdem os Reys dar nomes, si, mas dar ser, ou tirar ser, ou mudar ser, não chega lá a sua jurisdicção, por mais poderosos que sejaõ. Depois que Deos criou o Mundo, & o povoou, & fez a Adam Rey, & Senhor de todo elle, mandou que todos os animaes viessem á presença do mesmo Adão, para que

elle lhe puzesse os nomes:

Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea. E por-
Genes. 2. 19.

que não poz Deos os nomes aos animaes, & quiz que lhos puzesse Adão? Judiciosamente S. Basilio de Seleucia: *Par-*

Basil. Scl.

tiamur hujus fictivæ solertiæ gratiam: me cognoscant artificem naturæ lege, te Dominum intelligunt appellatione nominis. Quiz Deos que Adam

puzesse os nomes aos animaes, para partir com elle o imperio, & mostrar a differença que havia de hum a outro. Eu

770

Deos, & tu Rey do Universo: Eu Deos, porque dey o ser aos animaes: tu Rey, porque lhe puzeste os nomes. De maneyra, que o mais a que pôde chegar hum Rey, ainda que seja Rey de todo o Mundo, he pôr nomes, & dar nomes: he

780

fazer, que vos chamcis dali por diante o que elle vos chamou: *Omne quod vocavit Adam animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* P. rêm fazer

com esse nome, que o que não era, seja, & que esse mesmo chamar seja dar ser; he jurisdicção incõparavelmente mais soberana: por natureza só de Deos, por delegaçãõ só de

Isabel.

24

Isabel. Em quanto Rainha, podia dar nomes, mas nomes que não eraõ mais q̄ nomes: em quanto Santa, deo nomes que davaõ ser, & mudavaõ ser, & por isso mayor Rainha que todas as Rainhas.

28 Por fim dos poderes de Isabel, quero acabar com aquelle poder, que tudo acaba, & que pôde mais que os q̄ tudo pôdem, a morte. A morte pôde mais que todas as Rainhas, & todos os Reys; mas tambem este poder todo poderoso foy foygeito à nossa Rainha. A morte matou a Isabel, mas Isabel pode mais, porque matou a morte. E como a matou? Não podendo a morte desfazer o corpo, em que vivia aquella Alma, o qual ha trezentos annos se conserva incorrupto. Ameaçava Christo pelo Profeta Oseas a morte, & dizialhe assim: *Ero mors tua, ò mors*: Deixate estar morte, que eu te matarey, eu lerey a tua morte. Esta era a profecia: mas o successo parece que foy o contrario, porq̄ a morte matou a Christo. Pois se Christo morreo, & a morte o matou, como diz o mesmo Christo, que havia

Osee
13.14

Sermão da

de ser morte da morte? Assim foy em dous sentidos. Foy morte da morte em nós, porq̄ matou a morte da Alma, que he o peccado: & foy morte da morte em sy, porque matou a morte do corpo, não podendo a morte corromper, nem desfazer o corpo morto de Christo. *Quoniam non dabis sanctum tuum videre corruptionem.* Quando a morte mata, & fica viva depois de matar o homem, desfazlhe o corpo: porém quando a morte morre matando, quando a morte mata, & fica morta, não pôde desfazer o corpo do mesmo, a quem matou; & assi não pode desfazer o de Christo, mais poderoso que ella. *Tam potentem adversarium nostrum, dum occideres, occidisti*: disse S. Hieronymo com elegancia de palavras, q̄ não cabe nas nossas. E isto que se vio no Corpo de Christo em tres dias, he o mesmo que está vendo o mundo no corpo de Isabel ha trezentos annos. Mas donde lhe veyo a Isabel a soberania deste privilegio? Não da coroa, senão da santidade: não por Rainha, mas por Santa: *Non dabis*

790

Psal.
15.14

810

Hieronym.

820

bis

Rainha Santa Isabel.

25

vis sanctum tuum videre corruptionem.

§. VII.

29 Esta Imagem, Senhores, de Isabel morta, mas com dotes de immortalidade, he a que eu hoje de sejo leuemos todos retratados na alma. E para que fique nella mais altamente impressa; ponhamos à vista deste retrato o retrato de outra Isabel tambem de Portugal, tambem coroada, & tambem morta. Quando S. Frâncisco de Borja abriu a arca, em que hia a depositar o corpo da nossa Imperatriz Dona Isabel, mulher de Carlos Quinto, vendo a corrupção daquelle cadaver, & daquelle rosto, que poucos antes era hum milagre da natureza, ficou tão penetrado, & tão atonito daquelle vista, q̄ ella bastou para o fazer Santo. Se hum só destes retratos obroutaes effeitos em hum juizo racional, & Christão, que farão ambos os retratos juntos, & hum defronte do outro? Acolá Isabel, aqui Isabel: acolá hũa coroa, aqui outra coroa: acolá hum corpo morto,

& todo corrupção, aqui outro corpo morto, mas incorruptiuel, & como immortal. Oh que mudança! Oh q̄ differença! Oh que delengano! Allí se morre, Senhores, & allí se pôde morrer.

830

30 Com razão escreueo Roma sobre aquella imagem, & retrato de Isabel: *Et nunc Reges intelligite, erudimini qui iudicatis terram.* Atêgora parece que tinhaõ algũa desculpa os Monarchas da terra, em não entêder a differença, que ha do aparente ao verdadeiro, do Real, ou Imperial ao Santo, de hũa coroa a outra coroa, & de reynar a reynar. Porém agora, & nunc: à vista de hum prodigio, & testemunho do Ceo tão manifesto, & tão constante, à vista do respeito que guardou a morte, ou do poder q̄ não teve sobre os despojos mortaes, & já mortos, de Isabel: & muito mais se a esta vista ajuntarmos o paralelo tão notauel de huma, & outra Magestade, ambas do mesmo nome, ambas do mesmo sangue, & ambas da mesma dignidade soberana, & suprema; que Rey hauerá, que não

Psal.
2. 19.

840

850

D acabe

C51

C52

26

Sermão da

acabe de entender, o que tão mal se entende; que Principe que não queira aprender, o q̄ tão pouco se estuda? *Intelligite, & erudimini.* Não digo (pois nem Deos o manda) q̄ as cabeças, ou testas coroadas fação o que fez Carlos conuencido de hua só parte deste exemplo, nem que renunciê, & se despojem, como elle se despojou, das coroas: o que só digo, & diz Deos a todos os Reys, he que aprendaõ a não as perder, & se perder, mas a negociar com ellas: & que com o exemplo canonizado de Isabel Rainha, & Santa, entendaõ, que tambem podem ser Santos, sem deixar de ser Reys, & que entãõ se- rão maiores Reys, quando

forem Santos. Não consiste a negociaçõ do reynar em acrecetar o circulo às coroas da terra, que maiores, ou menores, todas acabaõ; mas em grangear, & assegurar, & amplificar com ellas a que ha de durar para sempre. Assi negociou com as suas duas coroas a nossa negociante do Reyno do Ceo, agora mayor, mais poderosa, & mais verdadeira Rainha: Assi està reynando, & reynará para sempre: assi goza, & gozará sem fim os lucros incomparaueis da sua prudente, & venturosa negociaçõ: na terra, em quanto durar o mundo, sobre os Altares, & no Ceo, por toda a Eternidade em sublime trono de Gloria.

860

870

880



SRE-